☞ **Observação 2.** As formas arcaicas sobrevivem em alguns falares especialmente de Portugal. Mas entre as formas arcaicas do artigo estava *el* (= o), o qual se fossilizou no título *el-rei*, que permanece especialmente em topônimos: *São João del-Rei*, por exemplo.

☞ **Observação 3.** Por seu lado, o artigo indefinidor tem origem numeral: o lat. *ūnus, a, um* ("um, uma"), e, com efeito, nem sempre é fácil ou imediata a distinção entre o artigo *um* e o numeral *um*.

5.4. Contrações entre algumas preposições e os artigos.

5.4.1. Quando o substantivo exerce a FUNÇÃO DE COMPLEMENTO OU DE ADJUNTO e inclui uma das preposições *a, de, em* ou *per* (= *por*), esta se contrai com o **artigo definidor** que antecede àquele:

- *ao* (= a + o), *à* (= a + a), *aos* (= a + os), *às* (= a + as);
- *do* (= de + o), *da* (= de + a), *dos* (= de + os), *das* (= de + as);
- *no* (= em + o), *na* (= em + a), *nos* (= em + os), *nas* (= em + as);
- *pelo* (= per + o), *pela* (= per + a), *pelos* (= per + os), *pelas* (= per + a).[48]

☞ **Observação 1.** Quando porém o substantivo exerce a função de SUJEITO e o artigo que o antecede é antecedido, por sua vez, de alguma destas mesmas preposições, então não se dá tal contração:

✓ *Está na hora de o* MENINO (sujeito) *dormir.*

Voltaremos a vê-lo.

☞ **Observação 2.** Se numa sequência de substantivos antecedidos de artigo o primeiro está contraído com alguma de tais preposições, então a contração *necessariamente* há de repetir-se antes de todos os demais:

✓ *Deixou-se levar pela ambição, pela moda e pelo clamor dos interessados* (e não "Deixou-se levar pela ambição, 'a' moda e 'o' clamor dos interessados").

☞ **Observação 3.** A contração ou fusão da preposição *a* com o artigo *a/as*, conhecida como CRASE, estudar-se-á em momento próprio.

☞ **Observação 4.** Como visto no estudo da Ortografia, quando uma destas preposições antecede o artigo definidor que faz parte do título de obras (livros, contos, poemas, revistas, jornais, etc.), devemos na escrita usar de um destes dois recursos:

- ou evitar a contração:

✓ *Camões é o autor de* Os Lusíadas;

---

[48] No português antigo, usava-se *polo* (= por + o) em vez de *pelo*. Vejam-se exemplos d'*Os Lusíadas*: "Pois polos doze pares dar-vos quero / Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço" (L, I, 12); "Da Lua os claros raios rutilavam / Polas argênteas ondas Neptuninas" (L, I, 58).

- ou indicar mediante apóstrofo a supressão da vogal da preposição:
  - ✓ *Camões é o autor d'*Os Lusíadas.

→ Nós preferimos e usamos sempre a segunda maneira.

5.4.2. Quando o substantivo exerce a FUNÇÃO DE COMPLEMENTO OU DE ADJUNTO e inclui uma das preposições *de* e *em*, esta *pode* contrair-se com o **artigo indefinidor** que antecede àquele:

- *dum* (= de + um), *duma* (= de + uma), *duns* (= de + uns), *dumas* (= de + umas);
- *num* (= em + um), *numa* (= em + uma), *nuns* (= em + uns), *numas* (= em + umas).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Nós, cremos que de acordo com a índole do português oral culto brasileiro, nunca usamos a primeira contração (de *de* + indefinidor), mas usamos sempre a segunda (de *em* + indefinidor), sempre que sintaticamente lícito, como se verá a seguir, ou quando não queremos dar realce ao artigo. – Não confundir, porém, *em um = preposição + artigo* com *em um = preposição + numeral.* No primeiro caso, pode dar-se a contração: *Viajaram num dia de sol.* No segundo caso, não pode dar-se: *Fez o trabalho em um dia* (ou seja, não em dois ou em três, etc.).

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Quando o substantivo exerce a função de SUJEITO e o artigo que o antecede é antecedido, por sua vez, de alguma destas duas mesmas preposições, então constituem erro tais contrações:

✓ *Chega o momento de um FILHO* (sujeito) *ajudar os pais* (e não "... dum filho ajudar os pais").

Também o estudaremos mais profundamente no devido momento.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** As preposições *em* e *de*, quando antepostas ao artigo indefinidor que integra o título de obras, escrevem-se separadamente dele:

✓ *Essa atriz trabalha em* Um Domingo no Campo.

5.5. AS PRINCIPAIS NOTAS MORFOSSINTÁTICAS DOS ARTIGOS.

5.5.1. Insista-se, antes de tudo, em que é pelo artigo que *em última instância* se pode saber tanto o gênero como o número do substantivo. Com efeito, sem o artigo não se saberia o gênero de *estudante* em *a estudante indócil* nem o número de *leva e traz* em *uns leva e traz.*

5.5.2. E insista-se, demais, em que a simples anteposição de um artigo a qualquer palavra ou a qualquer oração é suficiente para substantivá-las: *o belo, o sim, o andar, um não sei quê, o ser estudioso*, etc.

5.6. OUTROS EMPREGOS DOS ARTIGOS.

5.6.1. Mediante o ARTIGO DEFINIDOR, pode assinalar-se o caráter único, ou universal ou de *primus inter pares* do que se significa pelo substantivo. Quando empregado para isto, o artigo chama-se DE NOTORIEDADE. Exemplo:

✓ *Não era um livro qualquer: era o livro.*

5.6.2. O ARTIGO DEFINIDOR mantém sempre, de algum modo, certo traço de demonstrativo, decorrente de sua mesma origem. Pode, porém, fazer *de fato* as vezes de demonstrativo, como nestes exemplos:

✓ *Permaneceu a* [= aquela] *semana toda no* [= NAQUELE] *país*;

✓ *Levo boas lembranças da* [= DESTA] *cidade.*

5.6.3. Ainda mais comum, e elegantíssimo, é o emprego do artigo pelo possessivo, o que mais ordinariamente se dá:

5.6.3.a. antes de nome de parte do corpo:

✓ *Passou a* [por *sua*] *MÃO nos* [por *seus*] *cabelos*;

✓ *Quebrou a* [por *sua*] *perna*;

✓ *Operou o* [por *seu*] *coração*;

✓ *Abri os* [por *meus*] *olhos*;

✓ etc.

5.6.3.b. antes de nome de parentesco:

✓ *Respeita muito a* [por *sua*] *mãe*;

✓ *Foi visitar a* [por *sua*] *prima*;

✓ *Tiveram de consultar os* [por *seus*] *irmãos*;

✓ *Todos devemos amar os* [por *nossos*] *pais*;

✓ etc.

5.6.3.c. antes de nome de peça de vestuário ou de objeto de uso pessoal:

✓ *Vestiu o* [por *seu*] *casaco e saiu*;

✓ *A* [por *Sua*] *saia ficou-lhe apertada*;

✓ *Perderam as* [por *suas*] *chaves*;

✓ *Onde estão os* [por *meus*] *óculos?*;

✓ etc.

5.6.3.d. antes de nome de faculdade ou ato da alma:

✓ *Entregou-se às* [por *suas*] *habituais considerações*;

✓ *Pôs a* [por *sua*] *imaginação a funcionar*;

✓ *Agucei o* [por *meu*] *ouvido*;

✓ etc.

OBSERVAÇÃO. Deixa-se todavia de usar o artigo quando todos esses mesmos nomes formam LOCUÇÃO ADVERBIAL com a preposição *de* ou com a preposição *a*:

✓ *Pusemo-nos* DE JOELHOS;

✓ *Cantou* A PLENOS PULMÕES;

✓ *Progridem* A OLHOS VISTOS;

✓ etc.

5.6.4. Quanto ao emprego do ARTIGO DEFINIDOR antes dos possessivos, já o estudamos. Resta-nos dizer que por regra não se usa o artigo antes de possessivo quando este:

5.6.4.a. é parte integrante de fórmula de tratamento (*Sua Excelência*, *Vossa Magnificência*, etc.) ou de expressões como *Nosso Senhor* e *Nossa Senhora*;

5.6.4.b. faz parte de um vocativo: *Como vai,* MEU PADRINHO; *Entendido,* MEU SENHOR; etc.;

5.6.4.c. pertence a certas expressões feitas: *a seu bel-prazer*, *em minha opinião*, *em meu poder*, *por minha vontade*, etc.;

5.6.4.d. vem precedido de demonstrativo:

✓ *Admiro essa sua sinceridade*;

✓ *Como está aquele teu amigo?*;

✓ *Este seu criado...*;

✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Se porém o possessivo vier posposto ao substantivo, este em regra se precederá de artigo (se não se preceder de demonstrativo): *Os olhos teus...* Se, porém, ainda que o possessivo esteja posposto ao substantivo, este designa algo de modo vago ou impreciso, então em regra não se usa o artigo:

✓ *Esperamos notícias tuas*;

✓ *Mande-lhe lembranças minhas*;

✓ etc.

5.6.5. O ARTIGO DEFINIDOR está ordinariamente presente antes de substantivo no singular que designe um gênero, uma espécie, uma classe, um povo, etc.:

✓ *O animal* [= o gênero animal] *conhece sensivelmente*;

✓ *O homem* [= a espécie humana] *é bípede*;

✓ *O livro* [= os livros] *é a porta do saber*;

✓ *O soldado* [= a classe dos militares ou dos combatentes] *morre pela pátria*;

✓ "O guarani [= *os guaranis, o povo guarani*] fez-se aliado do espanhol [= *os espanhóis*]" (JAIME CORTESÃO);

✓ etc.

5.6.6. Pode dispensar-se o ARTIGO DEFINIDOR ou quando o substantivo é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, de comparações e de outras frases que tais:

✓ *Tristeza é coisa que dá e passa*;
✓ *Cão que ladra não morde*;
✓ *Homem não é bicho*;
✓ *Negro como azeviche*;
✓ etc.

5.6.7. Em EXPRESSÕES DE TEMPO, emprega-se ou não o ARTIGO DEFINIDOR de modo variado.

5.6.7.a. Se não vier acompanhado de qualificativo, ou se não se tratar de mês célebre, seu nome não admite artigo:

✓ *De julho a agosto não estaremos no país*; mas
✓ *O agosto* DE NOSSA CIDADE *é sempre muito frio*;
✓ *o Maio* DE *68* FRANCÊS;
✓ etc.

5.6.7.b. Se não se trata de dia, ordinariamente não se lhe antepõe artigo:

✓ *Nasceu em 14 de outubro*; mas
✓ *o 11 de Setembro*;
✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** O nome de mês célebre e o de dia ou data célebre são nomes próprios compostos (de parte morfológica de origem numeral + parte morfológica de origem prepositiva + parte morfológica de origem substantiva).

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Ainda que menos usualmente, encontram-se exemplos literários de data não célebre antecedida de artigo, como neste passo de Manuel Bandeira:

✓ "Constituiu-se assim livremente a Academia e a primeira sessão se realizou aos 15 DE DEZEMBRO DE 1896, aclamados presidente Machado de Assis e secretários Rodrigo Otávio e Pedro Rabelo."

Trata-se antes, todavia, de uso notarial, ou policial, ou jurídico.

5.6.8. Os nomes de dia da semana *podem* anteceder-se no singular de ARTIGO DEFINIDOR, e *sempre* se antecedem deste artigo quando no plural:

✓ *Ela vai ao médico na* SEGUNDA-FEIRA;
✓ "Aos DOMINGOS saíam cedo para a missa" (COELHO NETTO);
✓ etc.

Mas, insista-se, igualmente *podem* dispensar o artigo (e a preposição a que se aglutina) quando no singular:

✓ QUINTA-FEIRA *fomos a um concerto*;

✓ *DOMINGO é dia de descanso*;

✓ etc.

5.6.9. Não se usa ARTIGO DEFINIDOR nas expressões de hora do dia (incluídas *meio-dia* e *meia-noite*) quando não antecedidas de preposição:

✓ *O relógio marcava ONZE E QUINZE*;

✓ *É MEIA-NOITE*;

✓ etc.

É de regra porém o artigo quando tais expressões se antecedem de preposição, ou seja, quando empregadas adverbialmente:

✓ *Partirá às OITO HORAS*;

✓ "Ao MEIO-DIA já as águas do porto eram prata fundida" (U. TAVARES RODRIGUES);

✓ etc.

5.6.10. Ordinariamente, os nomes de estação do ano antecedem-se de artigo:

✓ "Será goivo no OUTONO, assim como era,
Eternamente mal-aventurada,
A alma, que lírio foi na PRIMAVERA..."
(ALPHONSUS DE GUIMARAENS).

Podem todavia dispensá-lo quando, antecedidos da preposição *de*, exercem a função ou de ADJUNTO ADNOMINAL ou de COMPLEMENTO NOMINAL:

✓ *Belos dias de OUTONO.*

5.6.11. Os nomes de dia de festa antecedem-se de ARTIGO DEFINIDOR: *o Natal*, *a Páscoa*, *o ano-novo*, etc.

→ Necessariamente, no entanto, deixa de usar-se o artigo quando estes mesmos nomes exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de *dia*, de *noite*, de *semana*, de *presente* e de outras que tais: *a NOITE de Natal*; *a SEMANA de Páscoa*; *um PRESENTE de Reis*; etc.

5.6.12. O ARTIGO DEFINIDOR é usado com função distributiva em expressões de peso e de medida:

✓ A laranja custa dois reais o QUILO (= cada QUILO);

✓ Este piso sai a dez reais o METRO QUADRADO (= cada METRO QUADRADO);

✓ etc.

→ O artigo assume então o caráter de *indefinido adjetivo*.

5.6.13. Com *casa*, de regra não se usa ARTIGO DEFINIDOR quando aquela palavra:

5.6.13.a. tem o sentido de "residência" ou de "lar" e vem desacompanhada de qualquer qualificação:

✓ *Chegou a* CASA *cedo*;

✓ *Já era noite quando entramos em* CASA;

✓ *Voltou para casa porque não se sentia bem*;

5.6.13.b. é dita em sentido vago, ainda que se acompanhe de qualificação:

✓ *Em* CASA *de enforcado, não se fala de corda.*

5.6.14. De regra, porém, a palavra *casa* antecede-se de artigo:

5.6.14.a. quando usada na acepção genérica de 'edifício', de 'prédio', de 'estabelecimento comercial', de 'empresa', etc.: *Ele mesmo dirige a* CASA *editorial*; etc.

5.6.14.b. quando qualificada por adjunto adnominal e não dita em sentido vago:

✓ *Correu à* CASA *do amigo*;

✓ *Está na* CASA *de Maria*;

✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Em várias regiões lusófonas, diz-se também *Está em* CASA *de Maria*, etc.

5.6.15. Normalmente, a palavra *palácio* antecede-se de ARTIGO DEFINIDOR. Quando, porém, ao designar a residência ou o local de despacho de chefe de nação ou de estado, a palavra vem desacompanhada de qualquer qualificação e funciona como ADJUNTO ADVERBIAL OU COMPLEMENTO RELATIVO, então dispensa o artigo:

✓ *Hoje não dormirá em* PALÁCIO;

✓ *Chegou a* PALÁCIO *para despachar*;

✓ etc.[49]

☞ **OBSERVAÇÃO.** Mas sempre se antecederá de artigo quando qualificada de qualquer modo: *O governador está no* PALÁCIO *das Laranjeiras*; etc.

5.6.16. O ARTIGO DEFINIDOR é de uso obrigatório com o *superlativo relativo*. Pode, porém, ou preceder o substantivo: *Era o* ALUNO *mais promissor da classe*; ou o mesmo superlativo, de duplo modo:

✓ ou *Era o* MAIS PROMISSOR *aluno da classe*;

✓ ou *Era aluno o* MAIS PROMISSOR *da classe*.

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** Não podemos, todavia, de modo algum, usar duplamente o artigo, ou seja, tanto antes do substantivo como antes do superlativo: "Era o ALUNO o MAIS ESTUDIOSO da turma". Assim se diz e escreve em francês; mas constitui erro em nossa língua.

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Muitos e importantes gramáticos admitem esse duplo uso quando se trata de superlativo determinado por *ainda*, como neste exemplo:

---

[49] Dá-se o mesmo em espanhol.

"Essa façanha os marinheiros AINDA os [marinheiros] mais audazes não ousariam cometê-la". Não o podemos aceitar: ainda se trata do galicismo apontado acima. Diferente e correto será, no entanto, se, pondo entre vírgulas o superlativo com *ainda*, se lhe der caráter concessivo:

✓ *Essa façanha os marinheiros,* AINDA *os [marinheiros] mais audazes, não ousariam cometê-la.*

5.6.17. Os nomes de ponto cardeal (*norte, sul, leste* e *oeste*) ou de ponto colateral (*nordeste, sueste* ou *sudeste, sudoeste* e *noroeste*) antecedem-se de ARTIGO DEFINIDOR quando usados em sentido primário ou para significar região. Quando porém indicam apenas direção, *podem* dispensá-lo:

✓ *Vegetação do* SUL *da Austrália*;

✓ *Nasceu no* NORDESTE;

✓ *Marcha para* OESTE (ou *para o* OESTE);

✓ etc.

5.6.18. Dizem Celso Cunha e Lindley Cintra: "Sendo por definição individualizante, o NOME PRÓPRIO deveria dispensar o ARTIGO".[50] Não podemos senão concordar com isso, e tenhamo-lo sempre em mente no que se segue.

5.6.18.a. OS TOPÔNIMOS E O ARTIGO DEFINIDOR NO PORTUGUÊS ATUAL.[51]

• Cumpre, antes de tudo, distinguir o efetivo uso do artigo antes de topônimo do uso do artigo antes de nome comum implícito seguido de aposto de individualização. Este segundo uso é o que se dá em, por exemplo, *o* [*RIO*] *Nilo, o* [*OCEANO*] *Pacífico, o* [*MAR*] *Mediterrâneo, as* [*ILHAS*] *Baamas, o* [*LAGO*] *Titicaca, o* [*VULCÃO*] *Vesúvio, o* [*DESERTO DO*] *Saara, o* [*VENTO*] *Setentrião.* – Mas em outros casos a razão do gênero do artigo é mais complexa ou de todo obscura: *os Açores* (arquipélago; o nome provém talvez de *açor*), *o Himalaia* (cordilheira do), *os Alpes* (maciço), etc.

• Se se trata do primeiro uso, emprega-se normalmente o artigo definidor antes de nome de país, de região, de continente, de constelação, e isso, como dito, por razões nem sempre fáceis de precisar: *a Guiné, os Estados Unidos, a Europa, a Ásia, o Aquário,* etc.

⇨ **OBSERVAÇÃO 1.** Alguns nomes de país ou de região rejeitam o artigo: *Angola, Cabo Verde, Israel, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, São Salvador, Timor; Andorra, Aragão, Castela, Leão, Macau*; etc.

---

[50] Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 237.

[51] Ou seja, o que se estende do século XIX aos dias atuais.

☞ **Observação 2.** Alguns nomes de país podem anteceder-se ou não anteceder-se de artigo. *Podem* não fazê-lo quando regidos de preposição: *Espanha, França, Inglaterra, Itália* e poucos mais: *Vive em Espanha, o rei de França,* etc.

• Não se emprega o artigo antes da maioria dos nomes de cidade, de localidade e de ilha (incluídas as ilhas-país): *Campo Grande, Creta, Lisboa, Paris; Cuba, Malta, Paquetá;* etc.

• Não se emprega o artigo antes dos nomes de planeta (excluída a Terra) ou de estrela: *Júpiter, Vênus; Canópus, Sírius;* etc.

☞ **Observação.** Alguns nomes de cidade ou de ilha formados de substantivos comuns mantêm o artigo: *a Guarda, o Porto, o Rio de Janeiro, a Figueira da Foz; o Cairo* (árabe *El-Kahira* = a vitoriosa), *o Havre* (francês *Le Havre* = o porto); *a Madeira;* etc.

• Não é uniforme o emprego do artigo antes dos nomes de estado brasileiro e de província portuguesa, ainda que a maioria o requeira:

→ *o Acre, o Amazonas, o Ceará, o Espírito Santo, o Maranhão, o Mato Grosso do Sul, o Pará, a Paraíba, o Paraná, o Piauí, o Rio de Janeiro, o Rio Grande do Norte, o Rio Grande do Sul; o Alentejo, o Algarve, a Beira, o Douro, a Estremadura, o Minho, o Ribatejo;*

→ *Alagoas, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe; Trás-os-Montes.*

☞ **Observação.** Podemos dizer, ainda, *as Alagoas* e *as Minas Gerais.*

• Todos os topônimos que rejeitam de si o artigo passam a admiti-lo, porém, quando qualificados de qualquer maneira:

✓ "Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!"
(António Nobre);

✓ "Gosto da Ouro Preto de Guignard"
(Manuel Bandeira);

✓ A Roma de meus antepassados;

✓ O Portugal de Camões;

✓ etc.

5.6.18.b. Sobretudo em Portugal, mas também no Brasil, generalizou-se o uso do artigo definidor antes de nome próprio de pessoa, o que acabou por refletir-se na escrita.[52] Este é o fato. Mas devemos, como gramático, tentar limitar ao menos na escrita tal uso, por tripla razão: antes de tudo, pela palavra de

---

[52] Curiosamente, porém, em parte do Nordeste brasileiro e em parte do estado do Rio de Janeiro, por exemplo, ainda o corrente é dizer "o livro de José", "a casa de Joana", etc.

Cunha e Cintra transcrita mais acima; depois, porque não se trata ainda de fato irreversível; por fim, para evitar que também neste ponto o português se distancie grandemente não só das línguas indo-europeias em geral, mas em particular das neolatinas mais próximas, como o espanhol. A arte da tradução, por exemplo, no-lo agradecerá. Levem-se pois em conta as seguintes regras ou sugestões normativas relativas ao uso do artigo definidor antes de nomes próprios de pessoa.

- Se se trata de texto literário em que se busque reproduzir a fala, use-se o artigo antes destes nomes.[53]
- Se se trata de texto não literário ou de texto literário (ou de sua tradução) em que não se busque reproduzir a fala, não se use o artigo antes destes nomes.
- Particularmente, não se use o artigo antes de nome próprio de personagem histórica ou de personagem ficcional, de político, de artista, etc.: *Constantino* (não "o Constantino"), *Bush* (não "o Bush"), *Putin* (não "o Putin"), *Chesterton* (não "o Chesterton"), Sancho Pança (não "o Sancho Pança"), etc.

⇗ **Observação 1.** Naturalmente, deve usar-se o artigo antes de nome próprio de pessoa se este estiver qualificado de qualquer maneira:

✓ *A Sônia* QUE CONHEÇO *não é essa*;

✓ *O Sancho Pança* DE NOSSO IMAGINÁRIO;

✓ *o Marcelo* DE OUTRORA;

✓ *o* ROMÂNTICO *Schubert*;

✓ etc.

⇗ **Observação 2.** *Pode* usar-se o artigo[54] também quando o nome de pessoa está no plural:

- quer para indicar indivíduos de mesmo nome:

  ✓ *os dois Josés*, *as Marias*, etc.;

- quer para designar uma família:

  ✓ *os Braganças*, *os Silveiras*, etc.;

- quer, usando nome de personagem célebre, para representar determinada classe ou tipo de pessoas, e neste caso, apesar de iniciar-se por letra maiúscula, equivale a um nome comum:

  ✓ *os Cipiões*, *as Penélopes*, *os Hércules*, etc.;[55]

---

[53] Não nos parece adequado, porém, usar de tal artigo na tradução de texto de tom coloquial: com efeito, a combinação de artigo mais nome próprio em "o John" ou em "a Mary" soa a hibridismo vicioso.

[54] Ou, em seu lugar, um demonstrativo, um indefinidor, um possessivo.

[55] Alguns destes nomes, porém, também se usam com inicial minúscula, e assim se dicionarizam. É o caso de *hércules*.

• quer, enfim, para designar pelo nome de um artista (especialmente pintor) uma ou mais obras suas:

✓ *os Zurbaranes da coleção*, etc.

5.6.18.c. Antes dos NOMES ESPECIALMENTE DE OBRA LITERÁRIA OU DRAMÁTICA, etc., pode usar-se ou não o ARTIGO DEFINIDOR:[56]

✓ *Acaba de ler (o)* Crime e Castigo;

✓ *Encenarão (o)* Macbeth;

✓ etc.

5.6.19. As palavras *senhor, senhora* e *senhorita* antecedem-se de artigo quando mencionamos uma pessoa por seu nome ou por seu título:

✓ *O SENHOR Ricardo não virá à reunião*;

✓ *A SENHORA Baronesa que se conta entre seus antepassados*;

✓ etc.

Não se antecedem todavia de artigo quando nos dirigimos à pessoa:

✓ *Adeus, SENHORA Teresa*;

✓ *Como anda, SENHOR Tomás?*;

✓ etc.

5.6.20. Não se antecede de ARTIGO DEFINIDOR o adjetivo *santo/santa* (ou, por apócope, *são*) quando se lhe segue aposto individualizador. Isso porém só é assim porque ambos (o nome *santo* e o aposto) são sentidos como partes de um só nome próprio: *Santa Clara, Santo Tomás de Aquino, São Roberto Belarmino...*

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Usa-se o artigo, no entanto, quando com o nome composto do santo se designa a época em que ele se festeja, uma imagem sua, etc.:

✓ *o SÃO PEDRO de Aleijadinho*;

✓ "Ainda há um ano precisamente, assistia eu no Porto ao SÃO JOÃO mais fantástico deste mundo" (AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT).

5.6.21. Do uso ou não uso do ARTIGO DEFINIDOR antes de *outro* ou depois de *ambos* e de *todo*, tratamos já em seções anteriores.

5.6.22. Contrariamente ao que se dá em inglês, se numa sequência de substantivos o primeiro estiver antecedido de ARTIGO DEFINIDOR, todos os demais também o haverão de estar – e isso ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número:

✓ *Comprou os livros, a caneta, o caderno e tudo o mais de que necessitava*;

✓ *Comprou os livros, os cadernos e os lápis de que necessitava*;

[56] Naturalmente, não se usará se o título da obra já contiver artigo (definidor ou indefinidor).

✓ "Para ganhar[es] o céu, vendeste a ira, a luxúria,
A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça e a avareza"
(Olavo Bilac).

Aplique-se a regra, ainda necessariamente, também a qualquer sequência de topônimos:

✓ *Visitou a Áustria, a Hungria, a Rússia* (e não "Visitou a Áustria, Hungria, Rússia").

☞ **Observação.** Não se deve, todavia, repetir o artigo:

- quando o segundo substantivo significa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o primeiro, ou se refere a eles:

✓ *A tangerina ou mexerica é uma espécie de laranja*;

✓ *O soldado e escritor Miguel de Cervantes...*;

- quando os substantivos constituem entre si algo uno ou um todo:

✓ "O estudo [do folclore] era necessitado pela existência das histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral" (I. Ribeiro).

5.6.23. Em sequências de adjetivos referentes a um mesmo substantivo, não se repete o ARTIGO DEFINIDOR antes daqueles, ainda que se liguem por *e*, por *ou* ou por *mas*:

✓ *A boa e velha Filosofia*;

✓ *A árdua mas prazerosa Filosofia*;

✓ etc.

☞ **Observação 1.** Se se repete o artigo em, por exemplo, *Conhecia o novo* E *o velho Testamento* ou em *A boa* OU *a má fortuna não o alteraram*, não é porque, como dizem em geral as gramáticas, tais adjetivos acentuem "qualidades opostas de um mesmo substantivo", mas simplesmente porque se trata de *dois* substantivos, um dos quais está elíptico:

✓ *Conhecia o novo [Testamento]* E *o velho Testamento*;

✓ *A boa [fortuna]* OU *a má fortuna não o alteraram.*

☞ **Observação 2.** Se os adjetivos se referem a um mesmo substantivo e não estão ligados por *e* ou por *ou*, em princípio não se há de repetir o artigo. Mas pode repetir-se se se quer emprestar ênfase à expressão:

✓ *Era aquela a verdadeira, (a) justa, (a) precisa resposta à questão.*

☞ **Observação 3.** Se porém dado substantivo vier determinado por uma série de superlativos relativos e não estiver, ele mesmo, anteposto de artigo, deve cada superlativo antepor-se de artigo:

✓ "Que o MAIS BELO, o MAIS FORTE, o MAIS ARDENTE
Destes sujeitos é precisamente
O MAIS TRISTE, o MAIS PÁLIDO, o MAIS FEIO"
(EUCLIDES DA CUNHA).

O que porém não se pode, de modo algum, é omitir o *mais* antes de nenhum adjetivo da série:

✓ *É o cineasta mais talentoso, (o) mais profundo e (o) mais coerente das últimas décadas* (e não "É o cineasta mais talentoso, profundo e coerente das últimas décadas").

5.6.24. Omite-se de regra o ARTIGO DEFINIDOR:

- nos vocativos;

✓ "Oh! dias da minha infância!" (CASEMIRO DE ABREU).

- antes de substantivo que designe sujeito ou matéria de estudo quando empregado com os verbos *aprender, cursar, ensinar, estudar* e sinônimos: *aprender francês*; *cursar medicina*; *ensinar música*; *estudar gramática*; etc.

- antes de substantivo que designe idioma que se fala ou se lê: *falar russo*, *ler grego*, etc.

- antes de *ânimo, coragem, força, valor, ocasião, oportunidade, tempo, motivo, razão, licença, permissão*, etc. (para algo), quando complementam *ter, dar, pedir* e sinônimos:

✓ *Não* TEVE *ânimo/coragem/força/valor* ***para prosseguir***;
✓ *Não lhe* DEU *ocasião/oportunidade* ***para questioná-lo***;
✓ PEDIU-*lhes licença/permissão* ***para falar***;
✓ *Não* TENS *razão/motivo* ***para queixar-te***;
✓ etc.

5.6.25. Como dito, os ARTIGOS INDEFINIDORES sempre mantêm algo de sua origem numeral. E, como já falamos de seu principal emprego (justamente como indefinidor do substantivo a que se referem), limitemo-nos agora a tratar de seus outros principais empregos – sempre variantes daquele.

5.6.25.a. Para qualificar um substantivo já determinado por artigo definidor, costuma-se repeti-lo, em aposição, com o ARTIGO INDEFINIDOR:

✓ "A chuva continuava, uma CHUVA **mansa e igual**, quase lenta, sem interesse em tombar" (M. J. DE CARVALHO).

5.6.25.b. Costuma usar-se ainda o ARTIGO INDEFINIDOR antes de substantivo qualificado pelo adjetivo *verdadeiro* elíptico:

✓ *Pasteur é* *<u>um</u>* [VERDADEIRO] ***cientista.***

5.6.25.c. Mediante **artigo indefinidor** anteposto a cardinais, indica-se APROXIMAÇÃO QUANTITATIVO-NUMÉRICA:

✓ *Tem* *<u>uns</u>* *QUARENTA anos*;

✓ *Apareceram* *<u>umas</u>* *CINCO pessoas*;

✓ Caminhamos <u>uma</u> MEIA-HORA.

5.6.25.d. Também se usam *uns* e *umas* antes de nomes de parte dupla do corpo ou de objetos parelhos:

✓ *Tens* *<u>uns</u>* *OLHOS tranquilos*;

✓ *Calçava* *<u>uns</u>* [= *um par de*] *SAPATOS lustrosos.*

5.6.25.e. Usa-se o ARTIGO INDEFINIDOR antes de nome de pessoa:

• para indicar semelhança ou conformidade de determinada pessoa com personagem célebre, e neste caso o mesmo nome próprio, ainda que grafado com inicial maiúscula, adquire caráter de nome comum:

✓ *Aquele homem era* *<u>um</u>* *HÉRCULES*;

✓ *Essa moça é* *<u>uma</u>* *JOANA D'ARC*;

• para indicar que dado indivíduo é exemplar de sua classe ou de sua espécie:

✓ *O problema é que já não há* *<u>um</u>* *CÍCERO*;

• para designar que dado indivíduo pertence a determinada família:

✓ *D. Pedro I era* *<u>um</u>* *BRAGANÇA*;

• para designar que dada obra é de determinado artista, mais amiúde pintor:

✓ *Apreciei na exposição especialmente um REMBRANDT.*

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Como os artigos definidores, os INDEFINIDORES podem antepor-se aos topônimos quando estes estão qualificados:

✓ *Encontramos* *<u>uma</u>* *EUROPA em crise.*

5.6.26. De regra ou de preferência, não se emprega o ARTIGO INDEFINIDOR nos seguintes principais casos.

5.6.26.a. Como dito já, antes dos pronomes indefinidores *qualquer, outro, certo, determinado* e *dado*:

✓ *Visitar-te-ei a QUALQUER hora* (e não "a uma qualquer hora").

5.6.26.b. Antes ainda do pronome demonstrativo *tal* (excetuado o caso, já tratado, da expressão fixa *um tal*):

✓ *TAL assunto não nos diz respeito* (e não "Um tal assunto...").

5.6.26.c. Antes de *semelhante* como PRONOME DEMONSTRATIVO:

✓ *Nunca faria SEMELHANTE coisa* (e não "uma semelhante...").

5.6.26.d. Em muitas COMPARAÇÕES:

✓ *Não poderia dar-me pior notícia que esta* (e não "uma pior notícia...");

✓ *Nunca passara por lugar tão perigoso como este* (e não "por um lugar...");

✓ *Não poderias ter melhor conselho nesta situação* (e não "um melhor conselho...");

✓ *Passou qual furação* (e não "qual um furacão").

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Mas diz-se *Luta como* <u>*um*</u> *leão.*

5.6.26.e. Antes de EXPRESSÕES PARTITIVAS OU DE QUANTIDADE INDETERMINADA:

✓ *GRANDE PARTE do público não o aplaudiu* (e não "Uma grande parte...");

✓ *Havia GRANDE NÚMERO de pessoas na solenidade* (e não "um grande número...");

✓ *Comprou MULTIDÃO de livros* e não "uma multidão...");

✓ *Disponho de ESCASSA reserva de dinheiro* (e não "uma escassa...");

✓ *Não há SUFICIENTE espaço para todos* (e não "um suficiente...");

✓ etc.

5.6.26.f. Antes de substantivos de adágios:

✓ *CÃO que ladra não morde*;

✓ *ESPADA na mão de SANDEU, PERIGO de quem lha deu.*

5.6.26.g. Em enumerações, em apostos e em predicativos da segunda espécie:[57]

✓ "CASAS, ÁRVORES, NUVENS desagregavam-se numa melancólica paisagem de Outono" (FERNANDO NAMORA);

✓ "Desde aí, os campos-santos não cessaram de recolher os mortos meus: AVÔ, TIOS, AMIGOS DE INFÂNCIA, COMPANHEIROS QUERIDOS – a lista é aterradora..." (AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT);

✓ *Akira Kurosawa, O DIRETOR DE* DERZU UZALA...;

✓ *Meu pai, HOMEM DE CORAGEM...*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Os demais casos de não emprego do artigo indefinidor são antes do âmbito da estilística. Tenha-se sempre o cuidado, todavia, de não impedir por efeitos estilísticos a perfeita e imediata apreensão do sentido do texto.

---

[57] Para *predicativo da segunda espécie, vide* a Sexta Parte.

VI
OS VERBOS

6.1. Como dito, os VERBOS constituem a classe mais complexa, e por muitas razões. Relembremos a modo de preâmbulo o já dito acerca deles, para depois retomá-lo aprofundando-o.

6.1.1. Antes de tudo, como os adjetivos, os VERBOS atribuem-se a substantivos. Diferentemente dos adjetivos, contudo, atribuem-se a substantivos enquanto estes são o sujeito da oração e enquanto eles mesmos, os verbos, são o predicado (ou núcleo do predicado) que se atribui ao sujeito.

6.1.2. Depois, mediante o VERBO não só se atribui a um substantivo (pessoa ou coisa) antes de tudo ação ou paixão, mas ainda se SIGNIFICA COM TEMPO, enquanto o substantivo ou nome significa *sem tempo*. A diferença entre *significar sem tempo* e *significar com tempo* pode entender-se facilmente pelo contraste entre um nome de ação – (*a*) *corrida*, por exemplo – e um verbo conjugado – *correm*, por exemplo. Ambos significam *ação*, mas só a forma verbal o faz *significando com tempo*. Além disso, como o verbo, ainda quando não indica estrita ação ou estrita paixão, o faz como se se tratasse de ação,[58] e como a ação é medida pelo tempo, nada mais consequente, portanto, que o verbo sempre signifique com tempo: é o que se dá, de certa maneira, até com os mesmos verbos de cópula ou ligação.[59]

6.1.3. Ademais, enquanto, como visto, o substantivo e o adjetivo têm três tipos de ACIDENTES (gênero, número e grau), o verbo tem quatro: *modo* e *tempo*, *número* e *pessoa*. Estes dois pares, todavia, como visto já, são muito distintos entre si.[60]

6.1.4. Por outro lado, já é complexo o próprio quadro dos MODOS do verbo. O modo INDICATIVO expressa antes a *realidade* da ação verbal (embora ação perfeitamente atual e pois perfeitamente real só a dê o presente do indicativo), ou seja, *o próprio ser*; o modo SUBJUNTIVO empresta à ação caráter não de realidade, mas antes de *possibilidade*, de *potencial*, de *desejo*, de *condição*, etc., ou seja, expressa *o ser possível*; e o modo IMPERATIVO expressa *o ser devido*. O que há pelo menos um

---

[58] Assim, por exemplo, a *posse* pode ser significada pelo verbo ao modo de ação (*Têm uma vasta biblioteca*). Lembre-se, porém, que mais ainda: a própria *paixão* pode, em alguns poucos casos, ser expressa ao modo de *ação*: como em *O enfermo padece muitas dores*, em que se tem o verbo na *voz ativa* conquanto pelo significado do mesmo verbo o sujeito seja *paciente*. Por outro lado, a própria *ação* pode ser expressa ao modo de *paixão*: *São chegados os viajantes*, em que se tem o verbo na *voz passiva* conquanto pelo significado do mesmo verbo o sujeito seja *agente*. Estamos em fronteira de tensão extrema entre forma e figura. Voltaremos a vê-lo.

[59] Nas línguas em que perdeu (ou nunca teve) flexões modo-temporais, o verbo passa a significar por si a pura ação, e caberá a um advérbio ou a um prefixo emprestar-lhe a noção que lhe falta.

[60] Para os ACIDENTES DO VERBO (OU DESINÊNCIAS VERBAIS), *vide* a Quarta Parte, **4.2.4.b – β**.

século nossas gramáticas vêm chamando FUTURO DO PRETÉRITO (*dormiria, dormirias, dormiria*, etc.) faz parte de fato do modo indicativo enquanto significa ação ou paixão sucedidas em tempo posterior a dado pretérito (*Chegou à cidade já de noite, mas ainda daria a palestra*); quando todavia empresta à ação caráter de possibilidade condicionada (*Lê-lo-ia, se tivesse tempo*), então "poderia" considerar-se modo à parte.

6.1.5. Conta o VERBO português, além disso, com modos ou formas chamadas *nominais*: o INFINITIVO, de caráter antes substantivo; o GERÚNDIO, de caráter ora adverbial, ora adjetivo; e o PARTICÍPIO, sempre de caráter adjetivo. Nenhuma destas formas conta com desinências modo-temporais; e, se o gerúndio e os particípios tampouco contam com desinências número-pessoais, não assim em português (e em galego) o infinitivo, que se pessoaliza.

6.1.6. Por fim, ordenam-se os verbos portugueses em TRÊS PARADIGMAS OU CONJUGAÇÕES (a primeira em ***-ar***, a segunda em ***-er*** e a terceira em ***-ir***: *louvar, aprender, partir*).[61] O verbo *pôr*, que pareceria constituir uma quarta conjugação, reduz-se porém à segunda (por derivar do latino *ponĕre*). Todas as conjugações têm seus verbos IRREGULARES, que o podem ser por irregularidade na desinência flexional (*est-ou*) ou por irregularidade no radical (*troux-e*). E alguns verbos, mais que irregulares, são ANÔMALOS.[62]

6.2. Os paradigmas verbais.[63]

6.2.1. Os paradigmas dos verbos regulares.

Primeira conjugação	**Segunda conjugação**	**Terceira conjugação**
Louvar	**Aprender**	**Partir**
	MODO INDICATIVO	
	Presente	
Louvo	Aprendo	Parto
Louvas	Aprendes	Partes
Louva	Aprende	Parte
Louvamos	Aprendemos	Partimos
Louvais	Aprendeis	Partis
Louvam	Aprendem	Partem

[61] Lembre-se ainda que o latim e o italiano contam com quatro conjugações; o espanhol com três; o francês também com três, a terceira das quais, porém, de grande irregularidade, subdivide-se em outras três.
[62] Para a razão de tais irregularidades e de tais anomalias, *vide* ainda a Quarta Parte, **4.2.4.b – β**.
[63] Dar-se-ão a seguir somente os paradigmas da *voz ativa*.

Pretérito		
1. Imperfeito		
Louvava	Aprendia	Partia
Louvavas	Aprendias	Partias
Louvava	Aprendia	Partia
Louvávamos	Aprendíamos	Partíamos
Louváveis	Aprendíeis	Partíeis
Louvavam	Aprendiam	Partiam
2.A. Perfeito Simples		
Louvei	Aprendi	Parti
Louvaste	Aprendeste	Partiste
Louvou	Aprendeu	Partiu
Louvámos[64]	Aprendemos	Partiram
Louvastes	Aprendestes	Partistes
Louvaram	Aprenderam	Partiram
2.B. Perfeito Composto		
Tenho ou Hei louvado, aprendido, partido Tens ou Hás louvado, aprendido, partido Tem ou Há louvado, aprendido, partido Temos ou Havemos/Hemos louvado, aprendido, partido Tendes ou Haveis louvado, aprendido, partido Têm ou Hão louvado, aprendido, partido		
3.A. Mais-que-Perfeito Simples		
Louvara	Aprendera	Partira
Louvaras	Aprenderas	Partiras
Louvara	Aprendera	Partira
Louváramos	Aprendêramos	Partíramos
Louváreis	Aprendêreis	Partíreis
Louvaram	Aprenderam	Partiram
3.B. Mais-que-Perfeito Composto		
Tinha ou Havia louvado, aprendido, partido Tinhas ou Havias louvado, aprendido, partido Tinha ou Havia louvado, aprendido, partido Tínhamos ou Havíamos louvado, aprendido, partido Tínheis ou Havíeis louvado, aprendido, partido Tinham ou Haviam louvado, aprendido, partido		

[64] Ou *louvamos*, como visto na Terceira Parte.

Futuro do Presente		
1. Simples		
Louvarei	Aprenderei	Partirei
Louvarás	Aprenderás	Partirás
Louvará	Aprenderá	Partirá
Louvaremos	Aprenderemos	Partiremos
Louvareis	Aprendereis	Partireis
Louvarão	Aprenderão	Partirão
2. Composto		
Terei ou Haverei louvado, aprendido, partido Terás ou Haverás louvado, aprendido, partido Terá ou Haverá louvado, aprendido, partido Teremos ou Haveremos louvado, aprendido, partido Tereis ou Havereis louvado, aprendido, partido Terão ou Haverão louvado, aprendido, partido		
Futuro do Pretérito		
1. Simples		
Louvaria	Aprenderia	Partiria
Louvarias	Aprenderias	Partirias
Louvaria	Aprenderia	Partiria
Louvaríamos	Aprenderíamos	Partiríamos
Louvaríeis	Aprenderíeis	Partiríeis
Louvariam	Aprenderiam	Partiriam
2. Composto		
Teria ou Haveria louvado, aprendido, partido Terias ou Haverias louvado, aprendido, partido Teria ou Haveria louvado, aprendido, partido Teríamos ou Haveríamos louvado, aprendido, partido Teríeis ou Haveríeis louvado, aprendido, partido Teriam ou Haveriam louvado, aprendido, partido[65]		
Modo Subjuntivo		
Presente		
Louve	Aprenda	Parta
Louves	Aprendas	Partas

[65] O futuro do pretérito composto tem uma segunda forma, antes literária, com a primeira parte morfológica no mais-que-perfeito do indicativo: *tivera ou houvera feito, tiveras ou houveras feito, tivera ou houvera feito, tivéramos ou houvéramos feito, tivéreis ou houvéreis feito, tiveram ou houveram feito.*

Louve	Aprenda	Parta
Louvemos	Aprendamos	Partamos
Louveis	Aprendais	Partais
Louvem	Aprendam	Partam
Pretérito		
1. Imperfeito		
Louvasse	Aprendesse	Partisse
Louvasses	Aprendesses	Partisses
Louvasse	Aprendesse	Partisse
Louvássemos	Aprendêssemos	Partíssemos
Louvásseis	Aprendêsseis	Partísseis
Louvassem	Aprendessem	Partissem
2. Perfeito		
Tenha ou Haja louvado, aprendido, partido Tenhas ou Hajas louvado, aprendido, partido Tenha ou Haja louvado, aprendido, partido Tenhamos ou Hajamos louvado, aprendido, partido Tenhais ou Hajais louvado, aprendido, partido Tenham ou Hajam louvado, aprendido, partido		
3. Mais-que-Perfeito		
Tivesse ou Houvesse louvado, aprendido, partido Tivesses ou Houvesses louvado, aprendido, partido Tivesse ou Houvesse louvado, aprendido, partido Tivéssemos ou Houvéssemos louvado, aprendido, partido Tivésseis ou Houvésseis louvado, aprendido, partido Tivessem ou Houvessem louvado, aprendido, partido		
Futuro		
1. Simples		
Louvar	Aprender	Partir
Louvares	Aprenderes	Partires
Louvar	Aprender	Partir
Louvarmos	Aprendermos	Partirmos
Louvardes	Aprenderdes	Partirdes
Louvarem	Aprenderem	Partirem
2. Composto		
Tiver ou Houver louvado, aprendido, partido Tiveres ou Houveres louvado, aprendido, partido Tiver ou Houver louvado, aprendido, partido		

Tivermos ou Houvermos louvado, aprendido, partido		
Tiverdes ou Houverdes louvado, aprendido, partido		
Tiverem ou Houverem louvado, aprendido, partido		
Modo Imperativo		
1. Afirmativo		
–	–	–
Louva (tu)	Aprende (tu)	Parte (tu)
Louve (você, etc.)	Aprenda (você, etc.)	Parta (você, etc.)
Louvemos (nós)	Aprendamos (nós)	Partamos (nós)
Louvai (vós)	Aprendei (vós)	Parti (vós)
Louvem (vocês, etc.)	Aprendam (vocês, etc.)	Partam (vocês, etc.)
2. Negativo		
–	–	–
Não louves (tu)	Não aprendas (tu)	Não partas (tu)
Não louve (você, etc.)	Não aprenda (você, etc.)	Não parta (você, etc.)
Não louvemos (nós)	Não aprendamos (nós)	Não partamos (nós)
Não louveis (vós)	Não aprendais (vós)	Não partais (vós)
Não louvem (vocês, etc.)	Não aprendam (vocês, etc.)	Não partam (vocês, etc.)
Modos ou Formas Nominais		
Infinitivo		
1. Impessoal		
Louvar	Aprender	Partir
2.A. Pessoal Simples		
Louvar	Aprender	Partir
Louvares	Aprenderes	Partires
Louvar	Aprender	Partir
Louvarmos	Aprendermos	Partirmos
Louvardes	Aprenderdes	Partirdes
Louvarem	Aprenderem	Partirem
2.B. Pessoal Composto		
Ter ou Haver louvado, aprendido, partido		
Teres ou Haveres louvado, aprendido, partido		
Ter ou Haver louvado, aprendido, partido		
Termos ou Havermos louvado, aprendido, partido		
Terdes ou Haverdes louvado, aprendido, partido		
Terem ou Haverem louvado, aprendido, partido		

Gerúndio		
A. Simples		
Louvando	Aprendendo	Partindo
B. Composto		
Tendo ou Havendo louvado, aprendido, partido		
Particípio		
Louvado	Aprendido	Partido[66]

6.2.2. Os verbos irregulares (incluídos os anômalos).[67]

6.2.2.a. Da primeira conjugação.

α. São muito poucos os verbos irregulares desta conjugação: *dar*, *estar*, os terminados em *-ear* e alguns dos terminados em *-iar*.

- Dar.
  - Presente do indicativo: *dou, dás, dá, damos, dais, dão.*
  - Pretérito perfeito do indicativo: *dei, deste, deu, demos, destes, deram.*
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.*
  - Presente do subjuntivo: *dê, dês, dê, dêmos,*[68] *deis, deem.*
  - Imperfeito do subjuntivo: *desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.*
  - Futuro do subjuntivo: *der, deres, der, dermos, derdes, derem.*
  - Imperativo afirmativo: *dê, dêmos,*[69] *dai, deem.*
  - Imperativo negativo: *não dês, não dê, não dêmos,*[69] *não deis, não deem.*
- Estar.
  - Presente do indicativo: *estou, estás, está, estamos, estais, estão.*
  - Pretérito perfeito do indicativo: *estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.*
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.*
  - Presente do subjuntivo: *esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.*

---

[66] Trataremos mais adiante o particípio "presente", que chamamos modal.

[67] Para os verbos irregulares, *vide* ainda a Quarta Parte, **4.2.4.b – β**. – Não se darão a seguir senão os tempos em que aparecem formas irregulares. Ademais, deixamos para o final deste ponto as alterações ou alternâncias apenas vocais, sem correspondência na escrita.

[68] Ou *demos*, como visto na Terceira Parte.

[69] *Idem.*

- Imperfeito do subjuntivo: *estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.*
- Futuro do subjuntivo: *estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.*
- Imperativo afirmativo: *está, esteja, estejamos, estai, estejam.*
- Imperativo negativo: *não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.*

• Os TERMINADOS EM *-EAR* recebem *i* depois do *e* do radical nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo, e, consequentemente, nas formas do imperativo correspondentes a estas pessoas.[70] Tome-se por modelo o verbo *passear.*

✓ Presente do indicativo: *passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam.*

✓ Presente do subjuntivo: *passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem.*

- Imperativo afirmativo: *passeia, passeie, passeemos, passeai, passeiem.*
- Imperativo negativo: *não passeies, não passeie, não passeemos, não passeeis, não passeiem.*

• Os TERMINADOS EM *-IAR* conjugam-se regularmente, salvo cinco, que se conjugam como os terminados em *-ear,* ou seja, têm *ei* nas mesmas pessoas que estes: *ansiar, incendiar, mediar, odiar* e *remediar.* Tome-se o primeiro por modelo.

- Presente do indicativo: *anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.*
- Presente do subjuntivo: *anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.*
- Imperativo afirmativo: *anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.*
- Imperativo negativo: *não anseies, não anseie, não ansiemos, não ansieis, não anseiem.*

§ Como dito, todos os demais verbos da primeira conjugação são regulares. Mas alguns deles merecem atenção especial.

• MOBILIAR, cujas formas rizotônicas têm o acento tônico na sílaba *bi.*

- Presente do indicativo: *mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam.*
- Presente do subjuntivo: *mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem.*
- Imperativo afirmativo: *mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem.*

---

[70] Ou seja, nas formas RIZOTÔNICAS. – Dizem-se *rizotônicas* as formas cujo acento tônico recai em sílaba do radical (*cant-o, beb-o,* por exemplo); e *arrizotônicas* as formas cujo acento tônico não recai ao menos inteiramente no radical (*am-amos,* por exemplo) ou recai em sufixo (livr-*eiro,* por exemplo).

- Imperativo negativo: *não mobílies, não mobílie, não mobiliemos, não mobilieis, não mobíliem.*[71]
- AGUAR, APROPINQUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, MINGUAR, que, como visto ao tratarmos o novo Acordo Ortográfico, podem pronunciar-se e escrever-se duplamente (tome-se *enxaguar* por modelo):
  - ou com o *a* ou com o *i* do radical ditos tonicamente e acentuados graficamente nas seguintes pessoas:
    - presente do indicativo: *enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguamos, enxaguais, enxáguam*;
    - presente do subjuntivo: *enxágue, enxágues, enxágue, enxaguemos, enxagueis, enxáguem*;
    - imperativo afirmativo: *enxágua*;
  - ou com o *u* dito tonicamente e não acentuado graficamente nas seguintes pessoas ou formas rizotônicas:
    - presente do indicativo: *enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguamos, enxaguais, enxaguam*;
    - presente do subjuntivo: *enxague, enxagues, enxague, enxaguemos, enxagueis, enxaguem*;
    - imperativo afirmativo: *enxagua.*
- PUGNAR, IMPUGNAR, DIGNAR-SE, INDIGNAR-SE – atente-se à dicção e escrita das seguintes formas, cuja sílaba tônica vai sublinhada.
  - Presente do indicativo: *pugno, pugnas, pugna, pugnamos, pugnais, pugnam.*
  - Presente do subjuntivo: *pugne, pugnes, pugne, pugnemos, pugnais, pugnem.*
  - Imperativo afirmativo: *pugna, pugne, pugnemos, pugnai, pugnem.*
  - Imperativo negativo: *não pugnes, não pugne, não pugnemos, não pugneis, não pugnem.*
  - Presente do indicativo: *impugno, impugnas, impugna, impugnamos, impugnais, impugnam.*
  - Presente do subjuntivo: *impugne, impugnes, impugne, impugnemos, impugnais, impugnem.*
  - Imperativo afirmativo: *impugna, impugne, impugnemos, impugnai, impugnem.*
  - Imperativo negativo: *não impugnes, não impugne, não impugnemos, não impugneis, não impugnem.*

---

[71] A variante lusitana *mobilar* conjuga-se regularmente: *mobilo, mobilas*; *mobilava*; *mobilei*; *mobilaria*; etc.

- Presente do indicativo: *digno-me, dignas-te, digna-se, dignamo-nos, dignais-vos, dignam-se.*
- Presente do subjuntivo: *digne-me, dignes-te, digne-se, dignemo-nos, digneis-vos, dignem-se.*
- Imperativo afirmativo: *digna-te, digne-se, dignemo-nos, dignai-vos, dignem-se.*
- Imperativo negativo: *não te dignes, não se digne, não nos dignemos, não vos digneis, não se dignem.*
- Presente do indicativo: *indigno-me, indignas-te, indigna-se, indignamo-nos, indignais-vos, indignam-se.*
- Presente do subjuntivo: *indigne-me, indignes-te, indigne-se, indignemo-nos, indigneis-vos, indignem-se.*
- Imperativo afirmativo: *indigna-te, indigne-se, indignemo-nos, indignai-vos, indignem-se.*
- Imperativo negativo: *não te indignes, não se indigne, não nos indignemos, não vos indigneis, não se indignem.*

• CAPTAR, OPTAR, OBSTAR, RITMAR – atente-se também à dicção e escrita das seguintes formas, cuja sílaba tônica vai sublinhada.

- Presente do indicativo: *capto, captas, capta, captamos, captais, captam.*
- Presente do subjuntivo: *capte, captes, capte, captemos, capteis, captem.*
- Imperativo afirmativo: *capta, capte, captemos, captai, captem.*
- Imperativo negativo: *não captes, não capte, não captemos, não capteis, não captem.*
- Presente do indicativo: *opto, optas, opta, optamos, optais, optam.*
- Presente do subjuntivo: *opte, optes, opte, optemos, opteis, optem.*
- Imperativo afirmativo: *opta, opte, optemos, optai, optem.*
- Imperativo negativo: *não optes, não opte, não optemos, não opteis, não optem.*
- Presente do indicativo: *obsto, obstas, obsta, obstamos, obstais, obstam.*
- Presente do subjuntivo: *obste, obstes, obste, obstemos, obsteis, obstem.*
- Imperativo afirmativo: *obsta, obste, obstemos, obstai, obstem.*
- Imperativo negativo: *não obstes, não obste, não obstemos, não obsteis, não obstem.*
- Presente do indicativo: *ritmo, ritmas, ritma, ritmamos, ritmais, ritmam.*
- Presente do subjuntivo: *ritme, ritmes, ritme, ritmemos, ritmeis, ritmem.*
- Imperativo afirmativo: *ritma, ritme, ritmemos, ritmai, ritmem.*
- Imperativo negativo: *não ritme, não ritmes, não ritme, não ritmemos, não ritmeis, não ritmem.*

- Obviar – atente-se ainda à dicção e escrita das seguintes formas, cuja sílaba tônica vai sublinhada.
  - Presente do indicativo: *obvio, obvias, obvia, obviamos, obviais, obviam.*
  - Presente do subjuntivo: *obvie, obvies, obvie, obviemos, obvieis, obviem.*
  - Imperativo afirmativo: *obvia, obvie, obviemos, obviai, obviem.*
  - Imperativo negativo: *não obvies, não obvie, não obviemos, não obvieis, não obviem.*
- Afrouxar, estourar, roubar; inteirar, peneirar – os verbos que trazem ditongo no radical mantêm-nos em toda a conjugação:
  - *afrouxo, afrouxas, afrouxa, afrouxamos, afrouxais, afrouxam;*
  - *estouro, estouras, estoura, estouramos, estourais, estouram;*
  - *roube, roubes, roube, roubemos, roubeis, roubem;*
  - *inteiro, inteiras, inteira, inteiramos, inteirais, inteiram;*
  - *peneire, peneires, peneire, peneiremos, peneireis, peneirem;*
  - etc.

6.2.2.b. Da segunda conjugação.

- Caber.
  - Presente do indicativo: *caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.*
  - Pretérito perfeito do indicativo: *coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.*
  - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.*
  - Presente do subjuntivo: *caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.*
  - Pretérito imperfeito do subjuntivo: *coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.*
  - Futuro do subjuntivo: *couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.*

Observação. *Caber* não se usa no imperativo.

- Crer.
  - Presente do indicativo: *creio, crês, crê, cremos, credes, creem.*
  - Presente do subjuntivo: *creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.*
  - Imperativo afirmativo: *crê, creia, creiamos, crede, creiam.*
  - Imperativo negativo: *não creias, não creia, não creiamos, não creiais, não creiam.*
- Dizer.
  - Presente do indicativo: *digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.*

- Pretérito perfeito do indicativo: *disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.*
- Futuro do presente: *direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.*
- Futuro do pretérito: *diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.*
- Presente do subjuntivo: *diga, digas, diga, digamos, digais, digam.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.*
- Futuro: *disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.*
- Imperativo afirmativo: *diz* ou *dize, diga, digamos, dizei, digam.*
- Imperativo negativo: *não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.*
- Particípio: *dito.*

• FAZER.

- Presente do indicativo: *faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.*
- Futuro do presente: *farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.*
- Futuro do pretérito: *faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.*
- Presente do subjuntivo: *faça, faças, faça, façamos, façais, façam.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.*
- Futuro do subjuntivo: *fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.*
- Imperativo afirmativo: *faz* ou *faze, faça, façamos, fazei, façam.*
- Imperativo negativo: *não faças, não faça, não façamos, não façais, não façam.*

• HAVER.

- Presente do indicativo: *hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis, hão.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram.*
- Presente do subjuntivo: *haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.*
- Futuro do subjuntivo: *houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.*

- Imperativo afirmativo: *há, haja, hajamos, havei, hajam.*
- Imperativo negativo: *não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.*

• Ler.
- Presente do indicativo: *leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.*
- Presente do subjuntivo: *leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.*
- Imperativo afirmativo: *lê, leia, leiamos, lede, leiam.*
- Imperativo negativo: *não leias, não leia, não leiamos, não leiais, não leiam.*

• Perder.
- Presente do indicativo: *perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.*
- Presente do subjuntivo: *perca, percas, perca, percamos, percais, percam.*
- Imperativo afirmativo: *perde, perca, percamos, perdei, percam.*
- Imperativo negativo: *não percas, não perca, não percamos, não percais, não percam.*

• Poder.
- Presente do indicativo: *posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.*
- Presente do subjuntivo: *possa, possas, possa, possamos, possais, possam.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.*
- Futuro do subjuntivo: *puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.*
- Imperativo afirmativo: *pode, possa, possamos, podei, possam.*
- Imperativo negativo: *não possas, não possa, não possamos, não possais, não possam.*

• Pôr.[72]
- Presente do indicativo: *ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.*
- Pretérito imperfeito do indicativo: *punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.*
- Futuro do presente: *porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.*

[72] O verbo *pôr* é de si inteiramente irregular.

- Futuro do pretérito: *poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poríamos.*
- Presente do subjuntivo: *ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem.*
- Futuro do subjuntivo: *puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.*
- Imperativo afirmativo: *põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.*
- Imperativo negativo: *não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.*
- Infinitivo pessoal: *pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.*
- Gerúndio: pondo.
- Particípio: *posto.*

Observação. Pelo verbo *pôr* conjugam-se seus derivados atuais ou etimológicos, ressalvada a diferença quanto ao acento gráfico no infinitivo: *compor, depor, dispor, repor,* etc.

• Querer.

- Presente do indicativo: *quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.*
- Presente do subjuntivo: *queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.*
- Futuro do subjuntivo: *quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.*
- Imperativo afirmativo: *quer* ou *quere, queira, queiramos, querei, queiram.*
- Imperativo negativo: *não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.*

• Saber.

- Presente do indicativo: *sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.*
- Presente do subjuntivo: *saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.*

- Futuro do subjuntivo: *souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.*
- Imperativo afirmativo: *sabe, saiba, saibamos, sabei, saibamos.*
- Imperativo negativo: *não saibas, não saiba, não saibamos, não saibais, não saibam.*

• SER.

- Presente do indicativo: *sou, és, é, somos, sois, são.*
- Pretérito imperfeito do indicativo: *era, eras, era, éramos, éreis, eram.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.*
- Presente do subjuntivo: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.*
- Futuro do subjuntivo: *for, fores, for, formos, fordes, forem.*
- Imperativo afirmativo: *sê, seja, sejamos, sede, sejam.*
- Imperativo negativo: *não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.*

• TER.

- Presente do indicativo: *tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.*
- Pretérito imperfeito do indicativo: *tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.*
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.*
- Presente do subjuntivo: *tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.*
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.*
- Futuro do subjuntivo: *tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.*
- Imperativo afirmativo: *tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.*
- Imperativo negativo: *não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.*

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Pelo verbo *ter* conjugam-se seus derivados e outros verbos com que tem parentesco etimológico, ressalvada a diferença quanto a acento gráfico (*ele tem*, mas *ele contém*, etc.): *abster-se, ater-se, conter, deter, manter, obter, reter,* etc.

• TRAZER.

- Presente do indicativo: *trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.*
- Pretérito perfeito do indicativo: *trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.*

▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.*

▫ Futuro do presente: *trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.*

▫ Futuro do pretérito: *traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.*

▫ Presente do subjuntivo: *traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.*

▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.*

▫ Futuro do subjuntivo: *trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.*

▫ Imperativo afirmativo: *traz* ou *traze, traga, tragamos, trazei, tragam.*

▫ Imperativo negativo: *não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.*

• Valer.

▫ Presente do indicativo: *valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.*

▫ Presente do subjuntivo: *valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.*

▫ Imperativo afirmativo: *vale, valha, valhamos, valei, valham.*

▫ Imperativo negativo: *não valhas, não valha, não valhamos, não valhais, não valham.*

• Ver.

▫ Presente do indicativo: *vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.*

▫ Pretérito perfeito do indicativo: *vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.*

▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.*

▫ Presente do subjuntivo: *veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.*

▫ Pretérito imperfeito: *visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.*

▫ Futuro do subjuntivo: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.*

▫ Imperativo afirmativo: *vê, veja, vejamos, vede, vejam.*

▫ Imperativo negativo: *não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.*

▫ Particípio: *visto.*

⇨ **Observação.** Pelo verbo *ver* conjugam-se seus derivados atuais ou etimológicos: *antever, entrever, prever* e *rever.*

6.2.2.c. Da terceira conjugação.

α. Verbos com mutação vocálica no radical. Podem agrupar-se do modo seguinte.

• Modelo: agredir.

- Presente do indicativo: *agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.*
- Presente do subjuntivo: *agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.*
- Imperativo afirmativo: *agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.*
- Imperativo negativo: *não agridas, não agrida, não agridamos, não agridais, não agridam.*

⇗ **Observação.** Por *agredir* conjugam-se *denegrir, prevenir, progredir, regredir* e *transgredir.*

- Modelo: cuspir.
- Presente do indicativo: *cuspo, cospes, cospe, cuspimos, cuspis, cospem.*
- Imperativo afirmativo: *cospe, cuspa, cuspamos, cuspi, cuspam.*

⇗ **Observação.** Por *cuspir* conjugam-se *acudir, bulir, fugir, sacudir, subir,* etc.

- Modelo: frigir.
- Presente do indicativo: *frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.*
- Imperativo afirmativo: *frege, frija, frijamos, frigi, frijam.*
- Modelo: tossir.
- Presente do indicativo: *tusso, tosses, tosse, tossimos, tossis, tossem.*
- Presente do subjuntivo: *tussa, tussas, tussa, tussamos, tussais, tussam.*
- Imperativo afirmativo: *tosse, tussa, tussamos, tossi, tussam.*
- Imperativo negativo: *não tussas, não tussa, não tussamos, não tussais, não tussam.*

⇗ **Observação.** Por *tossir* conjugam-se *cobrir* (e derivados: *descobrir, encobrir, recobrir*), *dormir, engolir.*

- Modelo: vestir.
- Presente do indicativo: *visto, vestes, veste, vestimos, vestis, vestem.*
- Presente do subjuntivo: *vista, vistas, vista, vistamos, vistais, vistam.*
- Imperativo afirmativo: *veste, vista, vistamos, vesti, vistam.*
- Imperativo negativo: *não vistas, não vista, não vistamos, não vistais, não vistam.*

⇗ **Observação.** Por *vestir* conjugam-se *aderir, advertir, deferir, despir, ferir, preferir, refletir, repetir, seguir, servir.*

β. Verbos com mutação consonantal no radical.

- Medir, pedir e ouvir, que têm modificado o radical na primeira pessoa do singular do presente do indicativo; em todo o presente do subjuntivo; e nas pessoas do imperativo tomadas do presente do subjuntivo. Os radicais *med-, ped-* e *ouv-* mudam-se, respectivamente, em *meç-, peç-* e *ouç-*.
- Presente do indicativo: *meço, medes, mede, medimos, medis, medem; peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem; ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.*

▫ Presente do subjuntivo: *meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam; peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam; ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.*

▫ Imperativo afirmativo: *mede, meça, meçamos, medi, meçam; pede, peça, peçamos, pedi, peçam; ouve, ouça, ouçamos, ouvi, ouçam.*

▫ Imperativo negativo: *não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam; não peças, não peça, não peçamos, não peçais, não peçam; não ouças, não ouça, não ouçamos, não ouçais, não ouçam.*

⇖ **Observação.** Por *pedir* conjugam-se *despedir, expedir, impedir,* conquanto não derivem dele.

γ. Ir.

▫ Presente do indicativo: *vou, vais, vai, vamos, ides, vão.*

▫ Pretérito perfeito do indicativo: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.*

▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.*

▫ Presente do subjuntivo: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão.*

▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.*

▫ Futuro do subjuntivo: *for, fores, for, formos, fordes, forem.*

▫ Imperativo afirmativo: *vai, vá, vamos, ide, vão.*

▫ Imperativo negativo: *não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.*

δ. Vir.

▫ Presente do indicativo: *venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.*

▫ Pretérito imperfeito do indicativo: *vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.*

▫ Pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

▫ Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.*

▫ Presente do subjuntivo: *venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.*

▫ Pretérito imperfeito do subjuntivo: *viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.*

▫ Futuro do subjuntivo: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.*

▫ Imperativo afirmativo: *vem, venha, venhamos, vinde, venham.*

▫ Imperativo negativo: *não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.*

▫ Gerúndio e particípio: *vindo.*

⇖ **Observação.** Conjugam-se por *vir* seus derivados etimológicos: *convir, intervir, provir, sobrevir,* etc.

ε. Rir.

- Presente do indicativo: *rio, ris, ri, rimos, rides, riem.*
- Imperativo afirmativo: *ri, ria, riamos, ride, riam.*

⇗ **Observação.** Por *rir* conjuga-se *sorrir*, menos na segunda pessoa do plural do presente do indicativo: (*vós*) *sorris.*

➢ Muitos verbos portugueses apresentam alternância vocálica no radical de várias pessoas sem, todavia, tê-la representada ortograficamente.

- Na primeira conjugação, tal sucede com os verbos que têm *e* ou *o* no radical, como *rezar* e *rogar*, respectivamente.
- Em rezar, com efeito, a vogal *e* pronuncia-se aberta nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e nas do subjuntivo, e, consequentemente, nas formas do imperativo correspondentes a essas mesmas pessoas.

⇗ **Observação.** Entre os verbos da primeira conjugação que têm *e* no radical, só não se conjugam como *rezar* aqueles:

→ em que o *e* figure no ditongo *ei: inteirar, peneirar*, etc.;

→ em que o *e* se segue de *m*, de *n* ou de *nh*: *remar, penar, empenhar*, etc.;

→ em que o *e* se segue de *ch*, de *lh*, de *j* ou de *x*: *fechar, espelhar, vexar*, etc.

¶ Há todavia alternância vocálica no verbo *invejar.*

- Em rogar, a vogal *o* pronuncia-se aberta nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo e nas do subjuntivo, e, consequentemente, nas formas do imperativo correspondentes a essas mesmas pessoas.

⇗ **Observação.** Entre os verbos da primeira conjugação que têm *o* no radical, só não se conjugam como *rogar* aqueles:

→ em que o *o* faz parte dos ditongos *ou* e *oi*: *roubar, estourar, noivar*, etc.;

→ Em que o *o* se segue de *m*, de *n* ou de *nh*: *domar, lecionar, sonhar*, etc.;

→ Em que o *o* antecede imediatamente à terminação *-ar*: *perdoar, voar*, etc.

- Na SEGUNDA CONJUGAÇÃO, tal sucede também com os verbos que têm *e* ou *o* no radical, como *dever* e *morder*, respectivamente.
- Em DEVER, com efeito, a vogal *e* pronuncia-se aberta na segunda e na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, e ainda, portanto, na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo.

OBSERVAÇÃO. Entre os verbos da segunda conjugação que têm *e* no radical, só não se conjugam como *dever*:

→ *querer*, cujo *e* do radical também se diz aberto na primeira pessoa do singular do presente do indicativo;

→ e aqueles em que o *e* se segue de *m*, de *n* ou de *nh*: *tremer*, *encher*, etc.

- Em MORDER, a vogal *e* pronuncia-se aberta na segunda e na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, e ainda, portanto, na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo.

OBSERVAÇÃO. Entre os verbos da segunda conjugação que têm *o* no radical, só não se conjugam como *morder*:

→ *poder*;

→ e aqueles em que o *o* se segue de consoante nasal, como em *comer*.

6.3.2. OS VERBOS DEFECTIVOS.

6.3.2.a. Chamam-se **DEFECTIVOS** os verbos que não se conjugam em determinada pessoa de dado tempo, ou a que falta um ou mais tempos. A razão disso é múltipla, e nem sempre de todo clara. Pode aceitar-se a explicação tradicional: o desuso de tais formas verbais é o mais das vezes ocasionado ou por falta de eufonia ou por confusão com alguma forma de outro verbo, de emprego mais frequente.

- No primeiro caso, está a falta da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, de todas as pessoas do presente do subjuntivo do verbo *abolir*.
- No segundo, ou seja, em razão da homofonia com formas do verbo *falar*, está a falta das formas rizotônicas do verbo *falir*.

OBSERVAÇÃO 1. Especialmente porque o que é ou não é eufônico pende sempre do gosto, e porque o gosto não pode deixar de ser individual, amiúde discordam gramáticos e lexicógrafos quanto ao estabelecimento dos casos de lacuna verbal. Veja-se um caso de discrepância atual: muitos gramáticos e lexicógrafos

dão *adequar* entre os defectivos, enquanto outros (por exemplo, o dicionário Houaiss) o conjugam inteiramente.

⇗ **Observação 2.** De nossa parte, alinhamo-nos com os que suspendem a defectibilidade do verbo *adequar*, que conjugamos integramente. Nos demais casos, julgamos conveniente seguir o mais tradicional.

6.3.2.b. Os defectivos pertencem majoritariamente à terceira conjugação e podem dividir-se em dois grupos principais:

- **Primeiro grupo**: verbos destituídos da primeira pessoa do singular do presente do indicativo, de todas as pessoas do presente do subjuntivo e das formas do imperativo que destas derivam (ou seja, todas as do imperativo negativo e três do afirmativo: a terceira do singular e a primeira e a terceira do plural). O modelo deste grupo é *banir*:

→ Presente do indicativo: –, *banes, bane, banimos, banis, banem*;
→ Presente do subjuntivo: –, –, –, –, –, –;
→ Imperativo afirmativo: *bane*, –, –, *bani*, –;
→ Imperativo negativo: –, –, –, –, –.

⇗ **Observação.** Conjugam-se pelo modelo de *banir* os seguintes verbos, entre outros: *abolir, brandir, carpir, colorir, demolir, exaurir, fremir, haurir, imergir, jungir* (e *desjungir*), *retorquir*, além de *soer*.

- **Segundo grupo**: verbos que, no presente do indicativo, não se conjugam senão nas formas arrizotônicas e portanto não possuem nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem nenhuma das do imperativo negativo, além de que no imperativo afirmativo só possuem a segunda do plural. Podemos tomar *falir* como modelo deste grupo:

→ Presente do indicativo: –, –, –, *falimos, falis*, –;
→ Presente do subjuntivo: –, –, –, –, –, –;
→ Imperativo afirmativo: –, –, –, *fali*, –;
→ Imperativo negativo: –, –, –, –, –.

⇗ **Observação 1.** Conjugam-se pelo modelo de *falir* os seguintes verbos, entre outros: *aguerrir, combalir, comedir-se, delinquir, descomedir-se, embair, empedernir, foragir-se, fornir, puir, remir, renhir* (todos da terceira conjugação) e *precaver-se* e *reaver* (ambos da segunda conjugação).

⇗ **Observação 2.** *Precaver-se* é verbo regular, e não pende de *ver* nem de *vir*. Faz *precavi-me, precaveste-te, precaveu-se*, etc., no pretérito perfeito do indicativo, e *precavesse-me, precavesses-te, precavesse-se*, etc., no imperfeito do subjuntivo, segundo o paradigma dos verbos da segunda conjugação.

• *Concernir*, por seu lado, só se usa nas terceiras pessoas (mas em nenhuma do imperativo) e nas formas nominais (mas apenas nas terceiras pessoas do infinitivo flexionado).

⇗ OBSERVAÇÃO GERAL. As lacunas de um verbo defectivo podem ser supridas por formas de outros verbos ou por determinadas perífrases: por exemplo, *redimo* e *abro falência* em lugar da primeira pessoa do presente do indicativo, respectivamente, do verbo *remir* e do verbo *falir*; *precato-me* ou *acautelo-me* em lugar da pessoa faltante de *precaver-se*; *et reliqua*.

6.3.3. OS VERBOS ABUNDANTES.

6.3.3.a. Chamam-se ABUNDANTES os verbos que em dado modo nominal ou em dada pessoa possuem duas ou mais formas equivalentes: é o caso, por exemplo, da primeira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *haver* (*havemos* e *hemos*), ou o da segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo do verbo *fazer* ou do verbo *dizer* (*faz* e *faze*; *diz* e *dize*). Mas quase todos os casos de tal abundância sucedem tão só no PARTICÍPIO: é que alguns verbos, a par da forma regular em *-ado* (da primeira conjugação) ou em *-ido* (da segunda e da terceira conjugação), contêm uma forma irregular ou reduzida.

6.3.3.b. Quando há as duas formas, a regular emprega-se normalmente na constituição dos tempos compostos, ou seja, acompanhada de *ter* ou de *haver*, enquanto a irregular se emprega acompanhada de *ser* (na formação da voz passiva), de *estar*, de *andar*, de *ir*, de *vir*, etc.

⇗ OBSERVAÇÃO 1. Por vezes não há a forma regular, como é o caso de *abrir*, *cobrir*, *dizer*, *escrever* e *fazer*: com efeito, *aberto* (e nunca "abrido"), *coberto* (e nunca "cobrido"), *dito* (e nunca "dizido"), *escrito* (e nunca "escrevido") e *feito* (e nunca "fazido") usam-se quer nos tempos compostos, quer acompanhados de *ser*, de *estar*, de *andar*, etc. Quando, grandemente desconhecedoras ainda do estado atual da língua, as crianças dizem "escrevido" ou "fazido", não fazem senão aplicar a analogia linguística, fundamento primevo das regras da linguagem, mas fonte também, como vimos vendo ao longo desta *Suma*, de muitas corruptelas.

⇗ OBSERVAÇÃO 2. O PARTICÍPIO tem sempre caráter adjetivo. Este caráter, todavia, acentua-se grandemente quando se trata de PARTICÍPIO IRREGULAR. Por isso mesmo é que discrepam gramáticos e lexicógrafos quanto a se são adjetivos ou particípios os seguintes casos, entre outros: *incluso*, *incurso*, *inserto*, *omisso*, *roto* e *vago*. Nós outro consideramos que, *na língua atual*, são adjetivos, justamente porque na língua atual nunca se usam como parte morfológica na voz passiva, mas tão só com *estar*, com *andar*, com *ir*, etc.

⇗ **Observação 3.** No Brasil é muito estendido o uso de *bebo, chego, falo, trago* em lugar de *bebido, chegado, falado, trazido*. Trata-se de pura deriva corruptora da língua, razão por que não deve usar-se na escrita nem na fala.

6.3.3.c. São os seguintes os principais casos de abundância participial:

- Da PRIMEIRA CONJUGAÇÃO:
  - ACEITAR: *aceitado* e *aceito* (em Portugal, *aceite*);
  - ENTREGAR: *entregado* e *entregue*;
  - ENXUGAR: *enxugado* e *enxuto*;
  - EXPRESSAR: *expressado* e *expresso*;
  - EXPULSAR: *expulsado* e *expulso*;
  - ISENTAR: *isentado* e *isento*;
  - LIBERTAR: *libertado* e *liberto*;
  - MATAR: *matado* e *morto*;
  - PAGAR: *pagado* e *pago*;
  - PEGAR: *pegado* e *pego*;
  - SALVAR: *salvado* e *salvo*;
  - SOLTAR: *soltado* e *solto*.

⇗ **Observação 1.** De regra constitui erro o uso de uma forma participial por outra. Mas entre os mesmos melhores escritores é tão comum o uso de *libertado* por *liberto*, por um lado, e de *pago* e de *pego* por *pagado* e por *pegado*, por outro, que não se pode taxar de erro seu uso. Mas insista-se em que o mais adequado, em vários sentidos, é o uso paradigmático destas formas.

⇗ **Observação 2.** A forma participial irregular de *matar* só se usa na voz passiva: *O leão* FOI MORTO *pelo caçador*.

- Da SEGUNDA CONJUGAÇÃO:
  - ACENDER: *acendido* e *aceso*;
  - BENZER: *benzido* e *bento*;
  - ELEGER: *elegido* e *eleito*;
  - ENVOLVER: *envolvido* e *envolto*;
  - MORRER: *morrido* e *morto*;
  - PRENDER: *prendido* e *preso*;
  - SUSPENDER: *suspendido* e *suspenso*.

⇗ **Observação 1.** Note-se que *morto* é particípio irregular tanto de *matar* como de *morrer*.

⇗ **Observação 2.** Com *ser*, com *estar*, etc., *envolto* só se usa quando se trata de coisas físicas: *Foi envolto pela* FUMAÇA, etc. Quando se trata de ações, usa-se sempre *envolvido*.

Foi envolvido num CRIME, etc. – Nos tempos compostos, porém, seria ocioso dizê-lo, só se usa *envolvido*: *A fumaça* TINHA-O ENVOLVIDO; TINHAM-*na* ENVOLVIDO *num crime*, etc.

- Da TERCEIRA CONJUGAÇÃO:
  - EMERGIR: *emergido* e *emerso*;
  - EXPRIMIR: *exprimido* e *expresso*;
  - EXTINGUIR: *extinguido* e *extinto*;
  - FRIGIR: *frigido* e *frito*;
  - IMERGIR: *imergido* e *imerso*;
  - IMPRIMIR: *imprimido* e *impresso*;
  - SUBMERGIR: *submergido* e *submerso*.

OBSERVAÇÃO 1. *Frito*, como visto, é particípio de *frigir*, não de *fritar*, que tem particípio único: *fritado*. Normalmente, todavia, usa-se *frito* e nunca *fritado* com *ser*, com *estar*, com *andar*, com *ir*, etc.

OBSERVAÇÃO 2. *Imprimir* só possui dupla forma participial quando significa 'gravar' ou 'estampar'. Quando significa 'infundir' ou 'produzir movimento', emprega-se tão somente *imprimido*. Assim, *Seu livro será impresso em Portugal*; mas *Foi imprimida pelo professor na alma dos alunos a vontade de estudar*. Se porém o verbo está em sua forma pronominal, obviamente não pode dizer-se senão *Imprimiu-se na alma dos alunos a vontade de estudar*.

§ Caíram em desuso muitos particípios irregulares: entre outros, *cinto*, do verbo *cingir*; *colheito*, do verbo *colher*; *despeso*, do verbo *despender*. Outros, como *absoluto*, de *absolver*, e *resoluto*, de *resolver*, seguem usando-se, mas como puros adjetivos.

6.3.4. VERBOS UNIPESSOAIS E VERBOS "IMPESSOAIS".

6.3.4.a. São **UNIPESSOAIS** os verbos que, em razão de seu significado próprio, normalmente não se usam senão na terceira pessoa do singular ou do plural. São os seguintes.

- Os que significam ação própria de determinado animal, como *balir*, *cacarejar*, *chirriar*, *coaxar*, *grasnar*, *grazinar* (os periquitos, por exemplo), *ladrar*, *miar*, *piar* ou *pipilar*, *rosnar*, *zumbir*, *zurrar*, *esvoaçar* (borboletas, mariposas, etc.), *galopar*, *trotar* e outros que tais.

OBSERVAÇÃO 1. Em sentido *translato* ou *metafórico*, os verbos que significam ação própria de determinado animal podem usar-se em todas as pessoas. Exemplo:

✓ "Tanto *ladras*, *rosnei* com os meus botões, que trincas a língua" (ANTÓNIO RIBEIRO).

⇱ **Observação 2.** Nas fábulas e em outros casos de personificação, tais verbos podem empregar-se em sentido próprio em todas as pessoas.

• Os que expressam necessidade, conveniência, parecer, sensação, etc., quando têm por sujeito ou um substantivo, ou uma oração substantiva, quer reduzida de infinitivo, quer desenvolvida e iniciada pela conjunção integrante *que* (explícita ou implícita):

✓ *Urge uma PROVIDÊNCIA adequada*;

✓ *Convém PROCEDERMOS AO PROJETO*;

✓ *Pareceu-nos* [*QUE*] *FOSSE PERFEITA A SOLUÇÃO*;

✓ *Doem-me as COSTAS*;

✓ *Esqueceu-nos a LIÇÃO*;

✓ etc.

• *Acontecer, ocorrer, suceder, concernir, grassar, constar* (= ser constituído de), *assentar* (= peça de roupa) e outros que tais:

✓ *Sucedeu o esperado*;

✓ *No que concerne a este assunto...*;

✓ *Vírus que grassam por todo o mundo*;

✓ *A obra consta de dois tomos*;

✓ *O terno assenta-lhe bem*;

✓ etc.

6.3.4.b. Os verbos conhecidos como "IMPESSOAIS" só podem chamar-se assim porque comumente se considera que "não têm sujeito". Trata-se outra vez, e de modo ainda mais grave, de confusão entre significado e figura: porque, com efeito, significativamente é impossível que um verbo não o seja, de algum modo, de um sujeito. (Voltaremos a vê-lo na Sexta Parte.) Reduzem-se, em verdade, a *unipessoais*, com a diferença de que só se usam na terceira pessoa do *singular*. São os seguintes.

• Os que significam algum fenômeno da natureza: *alvorecer, amanhecer, anoitecer, entardecer, estiar, chover, chuviscar, granizar, gear, nevar, orvalhar* ou *rociar, relampejar, saraivar, trovejar, ventar*, etc.

⇱ **Observação.** Em sentido *translato* ou *metafórico*, os verbos que significam fenômeno da natureza também podem usar-se em todas as pessoas. Exemplo: *Anoitecemos e amanhecemos na cidade.*

• O verbo *haver* na acepção de "existir", na de "estar", na de "dar-se", na de "realizar-se", na de "produzir-se", na de "aparecer", ou quando indica tempo decorrido; e o verbo *fazer* quando também indica tempo decorrido:

✓ *Houve momentos de muita alegria*;

✓ *Não há ninguém em casa;*

✓ *Tem havido muitos acidentes na estrada;*

✓ *Haverá nova reunião da diretoria amanhã;*

✓ *Houve tufões no mês passado;*

✓ *Não há estrelas esta noite;*

✓ *Casaram-se há cinco anos;*

✓ *Não o vemos faz dois anos.*

⇗ **Observação.** Não se use em nenhum destes exemplos, em lugar de *haver* ou de *fazer*, o verbo *ter*. Conquanto haja exemplos históricos de seu emprego em bons autores (especialmente do século XVI), já desde há muito deixou de fazer parte da língua mais cultivada.

• *Bastar* e *chegar* quando regidos de preposição *de*. Exemplos:

✓ *Basta* DE *discussões;*

✓ *Chega* DE *queixas.*

6.4. Os modos e os tempos verbais: estudo semantossintático.

§ Demos já, mais acima, os caracteres gerais dos modos e dos tempos verbais. Estudemo-los agora mais detidamente.

6.4.1. O MODO INDICATIVO expressa, normalmente, que certa ação, certo fato ou certo estado são *certos* ou *reais* e se dão no presente, ou se deram no passado ou se darão no futuro. É o modo próprio da oração "principal" ou, como a chamamos, *subordinante.*

6.4.1.a. O PRESENTE DO INDICATIVO.

• Emprega-se, antes de tudo, para expressar que certa ação, certo fato ou certo estado se dão no momento em que se fala ou em que se escreve:

✓ *Cai uma chuva fina;*

✓ *Trabalho agora no novo livro;*

✓ *O rapaz encontra-se acamado;*

✓ etc.

• Emprega-se também para expressar que dada ação, dado fato ou dado estado se dão não só no momento em que se fala ou em que se escreve, mas permanentemente ou, ainda, eternamente:

✓ *A Terra gira em torno do Sol;*

✓ *As grandes catástrofes não distinguem ricos e pobres;*

✓ *O menino come pouquíssimo;*

✓ "Deus é Pai! Pai de toda a criatura: / E a todo o ser o seu amor assiste: ..." (A. de Quental);

✓ "O ente é, o não ente não é" (Parmênides).

- Usa-se ainda para expressar que dada ação, dado fato ou dado estado se deram no passado: é o chamado PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO, que se usa para emprestar súbita vivacidade à narração: *Napoleão marchava em direção à Rússia, quando de repente começa a nevar.* É recurso antes literário, que porém se emprega também fora da Literatura. Não obstante, deve usar-se sempre com moderação.[73]
- Usa-se, ademais, para expressar que determinada ação deve dar-se em futuro próximo: *Amanhã te faço isso*; *Se José partir amanhã, vamos com ele*; *Outro dia ela volta*; etc. Trata-se, contudo, de recurso antes coloquial ou literário, e deve evitar-se em outros registros.
- Interrogativamente e com o verbo *querer* seguido de infinitivo, em lugar do imperativo: *Quer* ENTRAR, *meu senhor?* (= *Entre, meu senhor*). É ainda recurso coloquial ou literário.

OBSERVAÇÃO 1. Usa-se o presente do indicativo de *ter* + *de* + *infinitivo* para expressar ação, fato ou estado que devem dar-se em futuro imediato: *Temos de conhecer as causas do sucedido.*[74]

OBSERVAÇÃO 2. Correntemente o presente do indicativo substitui-se por *estar* + gerúndio ou por *estar* + *a* + infinitivo: *Estuda* = *Está estudando* (mais comum no Brasil) = *Está a estudar* (mais comum em Portugal).[75]

> Disse-se, mais acima, que os modos e os tempos verbais estão para o presente do indicativo assim como o vocativo, o genitivo, o dativo, o acusativo e o ablativo estão para o nominativo, por exemplo, em latim, e assim como os pronomes oblíquos estão para os retos, por exemplo, em português (*eu* [nominativo] – *me* [acusativo], *mim*, *ti* [dativo ou ablativo], etc.). Em outras palavras, os modos e os tempos verbais são como casos *do presente do indicativo*, assim como o vocativo, o genitivo, o dativo, o acusativo e o ablativo são casos *do nominativo*, e assim como os pronomes oblíquos o são *dos retos.*

---

[73] O uso de um tempo verbal por outro, e, em geral, de qualquer classe gramatical por outra, chama-se *enálage* (< gr. *enallagḗ, ês*, pelo fr. *énallage*).

[74] Cunha e Cintra, João de Almeida e outros consideram castiço uso de *que* em lugar de *de* neste caso. Julgamos porém preferível o uso de *de* por ser o aceito por *todos* os gramáticos e por *todos* os melhores escritores, ao passo que o uso de *que* não alcança tal unanimidade.

[75] Mas ambas as formas são lidimamente portuguesas e usáveis por todos os lusófonos.

E assim é com respeito ao presente do indicativo

- antes de tudo porque tanto o passado como o futuro não se dizem senão em referência ao presente: com efeito, o passado é o que *já não é*, enquanto o futuro é o que *ainda não é*;
- mas depois porque, como se disse, o indicativo – e trata-se do presente *do indicativo* – é o modo que expressa o *ser*, enquanto os demais expressam o *poder ser* (o subjuntivo) ou o *dever ser* (o imperativo).

6.4.1.b. O PRETÉRITO IMPERFEITO.

• Como se vê por seu mesmo nome, emprega-se para expressar a inconclusão ou continuidade no passado de certa ação, de certo fato ou de certo estado:

✓ "Debaixo de um itapicuru, eu fumava, pensava e apreciava a tropilha de cavalos, que retouçavam no gramado vasto. A cerca impedia que eles me vissem. E alguns estavam muito perto" (GUIMARÃES ROSA).

OBSERVAÇÃO. Não raro o IMPERFEITO expressa que determinada ação se estava dando quando sobreveio outra (no pretérito perfeito):

✓ *Sonhava, quando o barulho o* DESPERTOU.

• Expressa ainda que determinada ação ou determinado estado se davam amiúde, sempre ou permanentemente:

✓ "Se o cacique marchava, a tribo inteira o acompanhava" (JAIME CORTESÃO);

✓ *Sua casa dava para o parque*;

• Em contos, fábulas, lendas, etc., usa-se o verbo *ser* no IMPERFEITO para situar vagamente no tempo:

✓ *Era uma vez...*

OBSERVAÇÃO 1. Em lugar do imperfeito, usa-se comumente *estava*, etc. + gerúndio ou *estava*, etc. + *a* + infinitivo.

OBSERVAÇÃO 2. No Brasil e sobretudo em Portugal, usa-se muito o imperfeito pelo futuro do pretérito: *Eu gostava* [por *gostaria*] *de que viesses*; *Nós queríamos* [por *quereríamos*] *ir à Europa*; etc. Não se deve empregar, todavia, em outro registro que o coloquial e que o literário.

6.4.1.c. O PRETÉRITO PERFEITO pode ser SIMPLES ou COMPOSTO, e no português moderno, ao contrário do que se dá, por exemplo, nas demais línguas românicas, há entre as duas formas *acentuada* distinção.

• A FORMA SIMPLES indica que determinada ação ou determinado fato se produziram e concluíram a certa altura do passado:

✓ *A criança* <u>*nasceu*</u> *bem*;

✓ *Naquele dia de setembro,* <u>*partimos*</u> *para nunca mais voltar*;

✓ etc.

• A FORMA COMPOSTA, por seu lado, expressa que dado ato começado no passado se repete ou continua até o momento em que se fala ou em que se escreve:

✓ <u>*Tem estudado*</u> *muito*;

✓ <u>*Têm procedido*</u> *a promissoras investigações*;

✓ etc.

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Para exprimir que dada ação é repetida ou contínua, o PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES requer a presença de advérbios (*sempre, amiúde, várias vezes, muitas vezes, todos os dias* e outros que tais):

✓ <u>*Tiveram*</u> SEMPRE *grande compaixão pelo sofrimento alheio*;

✓ <u>*Quantas vezes*</u> *recitou este poema!*;

✓ etc.

Em outras palavras, o que nestes casos dá a ideia de repetição ou de continuidade é o advérbio.

6.4.1.d. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO também se divide em SIMPLES e em COMPOSTO.

• Em ambas as formas, o próprio deste tempo verbal é expressar que certa ação, certo fato ou certo estado sucederam antes de outro também passado:

✓ *A conversa* <u>*tornara-se*</u> *enfadonha, quando Maria se recolheu*;

✓ *Quando voltei, os casarões* <u>*tinham desaparecido*</u> *da cidade*;

✓ etc.

• Mas a FORMA SIMPLES também pode empregar-se, literariamente, em lugar do FUTURO DO PRETÉRITO (simples ou composto):

✓ Oh! se lutei!... mas <u>devera</u> [por *deveria*] / Expor-te em pública praça, / Como um alvo à populaça, / Um alvo aos dictérios seus!" (GONÇALVES DIAS);

✓ "Um pouco mais de sol – e <u>fora</u> [por *teria sido*] brasa, / Um pouco mais de azul – e <u>fora</u> [= teria sido] além, / Para atingir, faltou-me um golpe de asa..." (MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO).

• Usa-se ainda a FORMA SIMPLES (antes literariamente, mas também não literariamente) em lugar do PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO:

✓ *Se eu* <u>*fora*</u> (por *fosse*) *tu, não o aceitaria.*

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Este uso fixou-se em determinadas frases exclamativas correntes: <u>*Prouvera*</u> *a Deus!* [por *Prouvesse*]; <u>*Pudera*</u>*!* [por *Pudesse*]; *Quem me* <u>*dera*</u>*!* [por *desse*]; <u>*Tomara*</u> [por *Tomasse*] *que...!*

6.4.1.e. Também o FUTURO DO PRESENTE se divide em SIMPLES e em COMPOSTO.

• A forma SIMPLES emprega-se variamente.

→ Antes de tudo e de modo próprio, para expressar que determinada ação, determinado fato ou determinado estado sucederão efetivamente:

✓ *As férias começarão dentro de uma semana.*

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Se se quer dar caráter de probabilidade ou de possibilidade a ação, a fato ou a estado futuros, então é preciso recorrer a advérbio:

✓ *Viajaremos* PROVAVELMENTE *depois de amanhã.*

→ Também para expressar probabilidade, dúvida ou suposição com respeito a ação, a fato ou a estado *atuais*:

✓ *Será tão prudente como dizem?*;

✓ *Fico a perguntar-me se terá de fato a propalada argúcia*;

✓ etc.

→ Em lugar do imperativo:

✓ "Honrarás (por Honra) pai e mãe."

→ Em lugar do FUTURO DO PRETÉRITO:

✓ *ENTROU para a universidade aos 18 anos, e não esperará* [por *esperaria*] *muito tempo para lecionar ali.*

§ Este uso, oriundo talvez do francês, é da mesma linhagem que o presente histórico.

⇨ **OBSERVAÇÃO 1.** Na oralidade, o FUTURO SIMPLES é pouco empregado. Substitui-o o presente do indicativo de *ir* + infinitivo: *Vamos viajar* (por *Viajaremos*). Ao menos na escrita não literária, porém, devemos usar o mesmo futuro.

⇨ **OBSERVAÇÃO 2.** Mais elegante, e culto, é o uso do presente do indicativo de *haver* + *de* + infinitivo pelo FUTURO DO PRESENTE SIMPLES: *Hei de consegui-lo* (por *Conse-gui-lo-ei*). Neste caso, exprime-se a vontade, a intenção ou a certeza de realização futura.

• A forma COMPOSTA emprega-se para expressar que certa ação, certo fato ou certo estado futuros já se terão concluído ou consumado antes ou depois de determinado marco temporal:

✓ *AO MEIO-DIA DE AMANHÃ já o teremos decidido*;

✓ "DENTRO DE UNS CINCO DIAS tereis acabado o esqueleto do segundo andar e então me olhareis de cima" (RUBEM BRAGA);

✓ "Pelágio! se dentro de oito dias não houvermos voltado, ora a Deus por nós, que teremos dormido o nosso último sono" (ALEXANDRE HERCULANO);

✓ etc.

• Por fim, emprega-se também para expressar dúvida, probabilidade ou suposição com respeito a certa ação, a certo fato ou a certo estado passados:

✓ *Ter-se-á aplacado a tormenta?*;

✓ *Quanto tempo teremos levado até aqui?*;

✓ "Não sei se me engano, mas creio que nem uma só vez ele terá falhado" (MANUEL BANDEIRA).

6.4.1.f. Também o FUTURO DO PRETÉRITO pode ser SIMPLES ou COMPOSTO.

• Usa-se a forma SIMPLES, antes de tudo, para expressar que dada ação, dado fato ou dado estado *se deram* posteriormente a outra ação, a outro fato ou a outro estado:

✓ *Chegaram de manhã, mas partiriam de tarde*;

✓ *Sua casa* [ou seja, a casa em que *vivia*] *transformar-se-ia em museu*;

✓ etc.

OBSERVAÇÃO. Quando empregada assim, a forma SIMPLES é indubitavelmente tempo do modo indicativo.

• Usa-se também em orações subordinantes cuja subordinada (explícita ou implícita) é condicional com verbo no imperfeito do subjuntivo, para expressar que dada ação, dado fato ou dado estado se dariam se se cumprisse o dito na subordinada:

✓ *Se o VISSE assim, envergonhar-se-ia*;

✓ *Que livro levarias para uma ilha deserta* (*se FOSSES para uma*)*?*

✓ *Sem sua ajuda* (= [*Se*] *Não FOSSE* [*por*] *sua ajuda*), *não o conseguiríamos*;

✓ *Que faria sem ti* (= *se não CONTASSE contigo*)*?*;

✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. É por este emprego que o FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES (como o COMPOSTO) se diz em espanhol e em francês, como em português até inícios do século XX, "modo condicional". Note-se, porém, que o que expressa condição não é o futuro do pretérito, mas o subjuntivo da oração subordinada (propriamente, aliás, chamada *condicional*) ou um substituto seu. Por conseguinte, chamar "modo" ao futuro do pretérito não soluciona o caso desta complexa forma verbal. E, com efeito, a questão parece em grande parte insolúvel.

OBSERVAÇÃO 2. Como se vê pelo terceiro e pelo quarto exemplo, a condicional pode substituir-se neste caso por expressão não oracional equivalente.

OBSERVAÇÃO 3. Insista-se no paralelismo requerido por este uso: verbo da subordinante no futuro do pretérito simples, verbo da subordinada no imperfeito

do subjuntivo. Se todavia o verbo da subordinante estiver no futuro do presente simples, então o da subordinada estará no futuro do subjuntivo:

✓ *Se o* VIR *assim, envergonhar-se-á.*

• Mas a forma SIMPLES também se emprega para expressar probabilidade, dúvida ou suposição com respeito a ação, a fato ou a estado passados:

✓ *Ele teria então dez anos*;

✓ etc.

• Serve ainda o FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES para expressar tão só vontade ou volição:

✓ *Quereríamos* (ou *Gostaríamos de*) *que viesses*;

✓ *Quereria comprar* Os Sertões;

✓ etc.

Observação. Assim usada, a forma SIMPLES do FUTURO DO PRETÉRITO poderia dizer-se modo à parte: justamente, *modo volitivo.*

• Próximo deste uso, mas de fato distinto dele, está o da forma SIMPLES do FUTURO DO PRETÉRITO como maneira polida ou cortês de presente do indicativo:

✓ *Desejaríamos* [= *Desejamos* ou *Queremos*] *escutar-lhe a versão sobre o acontecido*;

✓ etc.

• Por fim, usa-se o FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES em certas orações interrogativas e/ou exclamativas, para denotar dúvida, surpresa, indignação e outros sentimentos que tais:

✓ *Sua empresa faliu. Quem* [*o*] *diria?*

Observação. Note-se que este pronome neutro (*o*), que exerce a função sintática de objeto direto, poderia substituir-se por uma oração objetiva direta com verbo no imperfeito do subjuntivo:

✓ *Sua empresa faliu. Quem diria que isso* PUDESSE *suceder?*

• O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO emprega-se, antes de tudo, para expressar que determinada ação, determinado fato ou determinado estado se teriam dado *no passado* se se tivesse cumprido certa condição:

✓ *Tudo teria sido diferente*(,) *se o* TIVESSES COMPREENDIDO;

✓ *Se* TIVESSEM VINDO, *nada disso se teria passado*;

✓ *Sem vós* (= [*Se*] *Não* TIVESSE SIDO *por vós*), *não teria sido a grande artista que é*;

✓ etc.

⇗ **Observação 1.** Este emprego da FORMA COMPOSTA do futuro do pretérito é em tudo semelhante ao uso da forma simples visto acima, menos em um ponto: a FORMA COMPOSTA sempre expressa algo efetivamente no passado, enquanto a SIMPLES o expressa em tempo sempre em algum grau indefinido.

⇗ **Observação 2.** Enquanto com o verbo da subordinante no futuro do pretérito simples temos o verbo da subordinada no imperfeito do subjuntivo, aqui temos o verbo da subordinante no futuro do pretérito composto e o verbo da subordinada no mais-que-perfeito do subjuntivo.

• Emprega-se ainda a forma COMPOSTA para exprimir a possibilidade ou a probabilidade de um fato passado:

✓ "Calculou que a costureira teria ido por ali" (MACHADO DE ASSIS).

⇗ **Observação.** Note-se que se poderia usar aqui, em lugar do futuro do pretérito composto, o mais-que-perfeito do subjuntivo:

✓ *Calculou que a costureira tivesse ido por ali.*

Pode pois dizer-se que, neste uso, O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO é afim ao modo subjuntivo.

• Usa-se a forma COMPOSTA, por fim, para expressar incerteza com respeito a dada ação, a dado fato ou a dado estado no passado:

✓ *Quem o teria aceitado?!*;

✓ *Que teria escrito ele a respeito deste assunto?*;

✓ etc.

⇗ **Observação.** Este uso não se dá senão em orações interrogativas e/ou exclamativas.

6.4.2. O **MODO SUBJUNTIVO**, diferentemente do modo indicativo, expressa normalmente que certa ação, certo fato ou certo estado são incertos, duvidosos, eventuais ou até irreais, e isso quer no presente, quer no passado, quer no futuro. Comparem-se pelos seguintes exemplos os dois modos:

a1. presente no modo indicativo: *DIGO que o merece*;

a2. presente no modo subjuntivo: *DUVIDO que o mereça*;

b1. perfeito no modo indicativo: *DIGO que o mereceu*;

b2. perfeito no modo subjuntivo: *DUVIDO que o tenha merecido*;

c1. imperfeito no modo indicativo: *DISSE que o merecia*;

c2. imperfeito no modo subjuntivo: *DUVIDAVA que o merecesse*;

d1. mais-que-perfeito no modo indicativo: *DIZIA que o tinha merecido*;

d2. mais-que-perfeito no modo subjuntivo: *DUVIDAVA que o tivesse merecido.*

Observação 1. Note-se o paralelismo:

a1. verbo da subordinante no presente do indicativo, verbo da subordinada também no presente do indicativo;

a2. verbo da subordinante no presente do indicativo, verbo da subordinada no presente do subjuntivo;

b1. verbo da subordinante no presente do indicativo, verbo da subordinada no perfeito do indicativo;

b2. verbo da subordinante no presente do indicativo, verbo da subordinada no presente do subjuntivo;

c1. verbo da subordinante no perfeito do indicativo, verbo da subordinada no imperfeito do indicativo;

c2. verbo da subordinante no imperfeito do indicativo, verbo da subordinada no imperfeito do subjuntivo;

d1. verbo da subordinante no imperfeito do indicativo, verbo da subordinada no mais-que-perfeito do indicativo;

d2. verbo da subordinante no imperfeito do indicativo, verbo da subordinada no mais-que-perfeito do subjuntivo.

Observação 2. Naturalmente, este é tão só um dos quadros do paralelismo morfossintático verbal: o relativo a frases em que a oração subordinante tem por subordinada uma substantiva. Naturalmente ainda, tudo isto se entenderá melhor na Sexta Parte. Então veremos, ademais, que o conceito de oração subordinante e o de oração subordinada são *analógicos*, ou seja, NÃO ESTÃO NO MESMO PLANO o ser oração subordinante de oração subordinada substantiva e o sê-lo de oração subordinada adverbial, assim como TAMPOUCO ESTÃO NO MESMO PLANO o ser oração subordinada substantiva e o sê-lo adjetiva – *et reliqua*. Infelizmente, tal diferença de planos nunca foi observada pelas gramáticas, o que não fez nem faz senão lançar o estudante em densa maranha de contradições.

Observação 3. Insista-se porém no referido quadro. Com respeito a ele, pode dizer-se que:

- normalmente o INDICATIVO se emprega em orações subordinadas substantivas que completam o sentido de verbos como *afirmar, compreender, comprovar, crer* (em oração afirmativa), *dizer, pensar, ver, verificar*;
- normalmente o SUBJUNTIVO se emprega em orações subordinadas substantivas que completam o sentido de verbos como *desejar, duvidar, impedir, implorar, lamentar, mandar, negar, ordenar, pedir, proibir, queixar-se, querer, rogar, suplicar,*

isto é, em cujo sentido está a ideia de desejo, ou de dúvida, ou de proibição, ou de rogo, ou de lamento, ou de ordem, ou semelhantes.

☞ **OBSERVAÇÃO 4.** Por vezes, porém, o subjuntivo é usado em lugar do indicativo por mera convenção, e pode comutar-se por este sem nenhuma alteração significativa. É o que se dá especialmente nas orações adverbiais causais introduzidas por *como* e com verbo no presente ou no imperfeito:

- ✓ "COMO amizade seja [ou é] uma das boas cousas que há no mundo, e seja [ou é] fundada em virtude e razão natural, e no mesmo Deus, está claro que a não há entre perversos [...]" (HEITOR PINTO);
- ✓ "COMO o gigante viesse [ou vinha] folgado e fosse [ou era] dos mais fortes do mundo [...], pelejava animosamente" (FRANCISCO DE MORAIS);
- ✓ "COMO não achasse [ou achava] mais que folhas [na figueira], amaldiçoou-a" (PE. ANTÔNIO VIEIRA);
- ✓ etc.

6.4.2.a. EMPREGO DO SUBJUNTIVO.

§ O termo SUBJUNTIVO provém do latino *subjuntīvus, a, um,* quer dizer, "que serve para ligar ou para subordinar", e o modo verbal denominado por este termo é justamente o próprio das orações subordinadas.[76] Também se usa, é verdade, em orações perfeitas (entre as quais as correntemente chamadas "absolutas"), em orações subordinantes ou em orações "coordenadas".[77] Mas então empresta ao verbo certo matiz volitivo ou certo matiz dubitativo, como se verá. Comecemos por seu segundo emprego.

• Em orações perfeitas, em orações subordinantes e em orações "coordenadas", o SUBJUNTIVO pode expressar:

a. ou claro desejo ou anseio:

- ✓ [*Que*] *Deus a tenha*;
- ✓ "Seja a minha agonia uma centelha / De glória!..." (OLAVO BILAC);
- ✓ "Que a tua música / seja o ritmo de uma conquista! / E que o teu ritmo / seja a cadência de uma vida nova!" (F. J. TENREIRO);
- ✓ etc.

---

[76] Pode dizer-se modo *subjuntivo* ou modo *conjuntivo* (< lat. *conjunctīvus, a, um* ["que serve para ligar"]). – Ademais, como se verá na Sexta Parte, o que *ainda* chamamos *oração subordinada* não é senão UMA ESPÉCIE das orações subordinadas.

[77] A razão das aspas dar-se-á na Sexta Parte.

β. ou ordem ou proibição (mas o imperativo ou imperioso sempre resulta da vontade):

✓ *Que não se lhe despreze a ideia*;

✓ *Faça-se que ele o compreenda*;

✓ *Apaguem-se as lâmpadas e acendam-se as velas*;

✓ etc.

γ. ou, por fim, possibilidade ou dúvida (com o verbo precedido de *talvez*):[78]

✓ *Talvez chova esta noite*;

✓ *Talvez adoecesse de tristeza*;

✓ etc.

Observação 1. As orações de **α** e as de **β** ou se iniciam ou poderiam iniciar-se por *que*. O que todavia seja morfossintaticamente este *que*, mostramo-lo mais adiante.

Observação 2. A interjeição (invariável) *viva!* é antiga forma subjuntiva, que hoje, como interjeição, naturalmente não concorda com o que lhe teria sido sujeito: *Viva os que se sacrificaram!* Não se deve, todavia, confundir interjeição com exclamação, e, assim, quando ainda hoje se usa exclamativamente o verbo *viver* no presente do subjuntivo, então tal verbo segue sendo-o e, por conseguinte, concorda em pessoa e número com seu sujeito: *Vivam os que se sacrificaram!* Vê-se portanto que, contrariamente ao que dizem as gramáticas correntes, não se trata propriamente de "concordância facultativa".

Observação 3. A linguística gerativo-transformacional nega a existência do subjuntivo independente, porque o interpreta como efeito do "apagamento superficial da oração principal". Não deixa de ter sua parte de razão. Há porém que reformular-lhe o dito: na maior parte destes casos, a oração subordinante está implícita ou em potência, e pode sempre atualizar-se. Com efeito, em *Que tua música seja o ritmo de uma conquista*, pode sempre explicitar-se a principal: *Quero* QUE *tua música seja o ritmo de uma conquista*; e diga-se o mesmo para os demais exemplos de **α** e de **β**. No entanto, tal não se dá nos exemplos de γ, até porque até o século XIX, como dito, podia dizer-se tanto *Talvez tenha adoecido* (SUBJUNTIVO) como *Talvez adoeceu* (INDICATIVO). O uso obrigatório

[78] Fique desde já a lição: quando *talvez* anteceder ao verbo, este estará obrigadamente no subjuntivo: *TALVEZ seja belo*; quando, porém, *talvez* se pospuser ao verbo, este estará obrigadamente no indicativo: *Ele é TALVEZ belo*. – Atenção, portanto, hão de ter os tradutores: a *obrigatoriedade* do subjuntivo com *talvez* anteposto ao verbo não se dá senão no português, mais precisamente no português de fins do século XIX para cá.

do subjuntivo nestes exemplos tem várias causas, mas decorre grandemente de cristalização e de convenção.

6.4.2.b. O **Subjuntivo subordinado.**

§ Insista-se em que o SUBJUNTIVO é modo próprio da oração subordinada,[79] seja esta SUBSTANTIVA, ADJETIVA OU ADVERBIAL.[80]

a. Emprega-se o SUBJUNTIVO nas **ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS** quando a oração subordinante expressa:

→ *vontade* (de qualquer matiz) com respeito à possibilidade dita na subordinada:

✓ *Não QUERO* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que o façar* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];

✓ *QUEREM* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que o façamos* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];

✓ etc.

→ *sentimento* ou *estimação* com respeito à possibilidade dita na subordinada:

✓ *Tua avó APRECIARÁ muito* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que a visites* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];

✓ *O pior SERIA* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que não o aceitassem* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];

✓ etc.

→ *temor, dúvida* ou *crença* com respeito à possibilidade dita na subordinada:

✓ *RECEAIS* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que não volte?* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];

✓ *DUVIDO* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que volte* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];

✓ *Não ACREDITAMOS* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que volte* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA];

✓ etc.

Observação. Se se põe o terceiro exemplo na afirmativa, então pode usar-se o verbo da subordinada ou no subjuntivo ou no indicativo:

✓ *ACREDITAMOS* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que volte* ou *que voltará* [ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA].

---

[79] Tenha-se sempre em mente, todavia, o dito em nota *supra*: o que chamamos aqui *oração subordinada* é apenas UMA DAS ESPÉCIES de orações subordinadas.

[80] O que não quer dizer que o verbo das subordinadas esteja sempre no subjuntivo: não o está, por exemplo, em *Luta como* [*luta*] *um leão*.

E usa-se então um ou outro modo segundo seja maior ou menor a crença com respeito ao dito na subordinada.

β. Emprega-se o SUBJUNTIVO nas **ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS** quando estas expressam:

→ ou *fim* ou *consequência* de algo dito na principal:

✓ *Queria encontrar* UMA IDEIA [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que o reanimasse* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ *Quer presenteá-lo com* UM LIVRO [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que verdadeiramente lhe dê* GOSTO [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO**: note-se nos exemplos que o verbo no subjuntivo é apenas parte do fim ou da consequência);

→ *impossibilidade*:

✓ *Não podemos dizer nada* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que a possa consolar* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ *Não houve ninguém* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que o demovesse do intento* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO**: note-se nos exemplos que o verbo no subjuntivo apenas contribui para expressar a impossibilidade);

→ ou *possibilidade*, ou *hipótese*, ou *conjectura*, ou *anseio*, etc.:

✓ *Estava ali para dar alento* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *aos* [OBJETO INDIRETO] *que o tivessem perdido* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ *Há alguma lei* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que* NO-LO GARANTA? [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ ANELAVA *um lugar* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *que os pudesse acolher* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA];

✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO**: note-se nos exemplos que o verbo no subjuntivo apenas contribui para expressar a ideia de impossibilidade, e não raro, quando se trata de anseio, como se vê no terceiro exemplo, tal ideia depende do verbo da subordinante).

γ. Nas **ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS** o SUBJUNTIVO nem sempre expressa ou ajuda a expressar alguma das ideias que já o vimos fazer. Usa-se então por complexo conjunto de causas, entre as quais o mero fato de estar em oração

subordinada (de dada espécie, como veremos mais adiante) e de anteceder-se de determinada conjunção.

→ Pois bem, *em princípio* é de regra usar o SUBJUNTIVO em:

- ORAÇÕES CAUSAIS NEGATIVAS (introduzidas por *não porque* ou por *não que*):
  - ✓ *Aceitou-o por necessidade* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *NÃO porém PORQUE o quisesse* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
  - ✓ *Aceitou-o* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *NÃO QUE o quisesse* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *mas por necessidade* [ORAÇÃO "COORDENADA" ADVERSATIVA];
  - ✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO**: as orações ADVERBIAIS CAUSAIS NEGATIVAS sempre requerem ou encerram a ideia de *adversão*: tanto é assim que os dois exemplos acima poderiam escrever-se, respectivamente, *Aceitou-o por necessidade, MAS não porque o quisesse* e *Aceitou-o, MAS não que o quisesse, e sim por necessidade*);[81]

- ORAÇÕES CONCESSIVAS (introduzidas por *conquanto, embora, ainda que, se bem que, bem que, posto que, mesmo que*, etc):[82]
  - ✓ *Preferiu não reagir* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *CONQUANTO não fosse covarde* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
  - ✓ *EMBORA não fosse covarde* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *preferiu não reagir* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];
  - ✓ *AINDA QUE chovesse* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *partiram* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];
  - ✓ etc.;[83]
- ORAÇÕES FINAIS (intoduzidas por *porque, para que, a fim de que*):
  - ✓ *Esforçaram-se muito* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *PORQUE tudo voltasse à paz inicial* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];

---

[81] Note-se, ademais, que no segundo exemplo se dá adversativa de adversativa, o que poderia escrever-se assim: *Aceitou-o, MAS não que o quisesse, MAS por necessidade*. É, uma vez mais, a plasticidade da linguagem.

[82] Atente-se ao convencional: contrariamente ao que se dá em português, em espanhol as orações adverbiais concessivas podem ter o verbo ou no indicativo ou no subjuntivo; e *puesto que* tem o sentido de *dado que*. Ambos estes caracteres do castelhano não raro levam a erro o tradutor, em especial o segundo, porque, insista-se, *posto que* não é sinônimo de "dado que", senão que o é de *ainda que*.

[83] Nem sempre se deveria usar *embora* por *ainda que* ou *conquanto*. Por exemplo, se se trata de oração concessiva com o verbo elíptico, não se use *embora*, e sim *ainda que* ou *conquanto*: *AINDA QUE [seja] inteligente, a menina tem dificuldade para memorizar* (não "embora inteligente"). – Diga-se, ademais, que as orações concessivas podem vir antes ou depois da subordinante; no primeiro caso, como se voltará a ver na Décima Parte, obrigatoriamente se separarão desta por vírgula; no segundo, a vírgula será opcional.

- ✓ *Esforçaram-se muito* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *PARA QUE tudo voltasse à paz inicial* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
- ✓ *A FIM DE QUE tudo voltasse à paz inicial* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *esforçaram-se muito* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];
- ✓ etc.;[84]

- ORAÇÕES TEMPORAIS (introduzidas por *antes que, até que, enquanto, depois que*, etc.):
  - ✓ *Partamos* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *ANTES QUE chova* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
  - ✓ *Não partamos senão* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *DEPOIS QUE a chuva passar* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
  - ✓ *Permaneçamos aqui* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *ATÉ QUE o sol se ponha* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
  - ✓ *Não saiamos daqui* [ORAÇÃO SUBORDINANTE] *ENQUANTO o sol não se puser* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
  - ✓ etc.[85]

(**OBSERVAÇÃO**: os dois últimos exemplos são diferentes maneiras de dizer o mesmo);

- ORAÇÕES CONDICIONAIS OU HIPOTÉTICAS (introduzidas por *se* ou *caso*):[86]
  - ✓ *SE lhe ministrarem o devido ensino* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *progredirá muito rapidamente* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];
  - ✓ *Não teria feito o que fez* [ORAÇÃO SUBORDINANTE], *SE o houvesse compreendido* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];
  - ✓ *SE se tivesse dado conta da situação* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *não teria aparecido* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];

---

[84] *Porque* como conjunção final é pouco usada hoje; mas não desusada. – Além disso, as orações finais podem vir antes ou depois da subordinante; no primeiro caso, como se voltará a ver ainda na Décima Parte, obrigatoriamente se separarão desta por vírgula; no segundo, a depender do contexto, a vírgula será opcional.

[85] Nem todas as orações temporais têm colocação livre. Dos exemplos postos, a do primeiro pode vir antes ou depois da subordinante, e, se vem depois, pode separar-se desta por vírgula ou não fazê-lo. A do segundo, só pode vir posposta à subordinante, e não pode separar-se desta por vírgula. A dos dois últimos pode vir antes ou depois da subordinante; se vem antes, obrigatoriamente se separa desta por vírgula, e, se vem depois, obrigatoriamente não se separa dela por vírgula – tudo o que se voltará a estudar, mais detidamente, na Décima Parte.

[86] Em verdade, todas as adverbiais são, por certo ângulo, hipotéticas: se antepostas à subordinante, sempre deixam em expectativa a mente do ouvinte ou do leitor enquanto não ouvirem ou não lerem esta.

✓ *Caso não o queira* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL], *diga-mo logo* [ORAÇÃO SUBORDINANTE];

✓ etc.;[87]

▫ ORAÇÕES COMPARATIVO-HIPOTÉTICAS[88] (introduzidas por *como se*):

✓ "As pernas tremiam-me [ORAÇÃO SUBORDINANTE] COMO SE todos os nervos me estivessem golpeados [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL]" (CAMILO CASTELO BRANCO);

✓ etc.;

▫ ORAÇÕES CONSECUTIVAS (introduzidas sempre por *que* ou por *de modo que, de maneira que, em maneira que*, etc.):

✓ "Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca [ORAÇÃO SUBORDINANTE], EM MANEIRA QUE lhe apagasse a cor generosa da lembrança [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL]" (MACHADO DE ASSIS);

✓ *Estuda de modo* [*tal*] [ORAÇÃO SUBORDINANTE](,) QUE *sejas louvado por ti mesmo* [ORAÇÃO SUBORDINADA ADVERBIAL];

✓ etc.[89]

- **SUBSTITUTOS DO SUBJUNTIVO**. O SUBJUNTIVO pode substituir-se:90

→ pelo INFINITIVO:

✓ *Instou-as a não desistir do projeto* por *Instou-as a* QUE *não desistissem do projeto*;

✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO**: quando a oração de infinitivo substitui oração subordinada desenvolvida [iniciada no exemplo por *que*], então se chama REDUZIDA DE INFINITIVO);

→ pelo GERÚNDIO, sobretudo quando se trata de orações condicionais:

---

[87] Como se voltará a ver na Décima Parte, as condicionais, se antecedem à subordinante, separam-se desta por vírgula, obrigadamente; se se pospõem à subordinante, a vírgula passa a opcional. – Não há problema algum em fazer a conjunção condicional *se* seguir-se de pronome *se*: *Se se tivessem lembrado*... Devido porém a certo "rumor" gramatical, não raro se considera que tal encontro constitui cacófato, razão por que se teria de substituir, neste caso, *se* por *caso*. Pelo contrário, no entanto, *Se se tivessem lembrado*... é muito mais elegante e clássico que *Caso se tivessem lembrado*...

[88] *Vide* a Sexta Parte.

[89] A distinção entre estas duas maneiras consecutivas (ou seja, a introduzida por *que* e a introduzida por *de modo que*, etc.) explica-se na Sexta Parte. – Note-se, ademais, que no caso do segundo exemplo a última palavra da oração subordinante é sempre *tal, tamanho, tanto* e outras que tais, explícitas ou implícitas, e que estas, quando explícitas, podem separar-se ou não por vírgula da oração subordinada.

[90] Sempre segundo alguma escolha estilística e, portanto, inormatizável.

✓ *Fazendo-o, não terias razões para lamentação* por *SE o fizesses, não terias razões para lamentação*;

✓ *Andando depressa, não perderemos o trem* por *SE andarmos depressa, não perderemos o trem*;

✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Não raro pode o SUBJUNTIVO ficar implícito. Exemplos:

✓ [*Se FOSSE*] *De madeira, ficaríamos com a mesa*;

✓ [*SEJAMOS*] *Jovens ou velhos, somos todos obrigados a progredir intelectualmente.*

6.4.3. O MODO IMPERATIVO.

6.4.3.a. Se o MODO INDICATIVO expressa *o que é*, enquanto o MODO SUBJUNTIVO expressa *o que pode ser*, o MODO IMPERATIVO expressa ***o que deve ser***.

6.4.3.b. Conquanto o termo *imperativo* derive do latino *imperātīvus, a, um* ('que manda, ordena, comanda'), e conquanto este adjetivo derive de *impĕro, as, āvi, ātum, āre* ('tomar medidas, determinar, ordenar, comandar'), *o que deve ser* não se expressa sempre, todavia, por império, por uma ordem, por um comando. Pode expressar-se também por uma exortação, ou por um conselho, ou por um convite instante, ou por uma imprecação ou maldição, ou até por uma imprecação ou súplica. E é em todos esses sentidos que empregamos o IMPERATIVO, quer o afirmativo, quer o negativo.

6.4.3.c. O IMPERATIVO só pode usar-se no presente, porque, com efeito, é no presente que se ordena até o que se deve fazer no futuro: *Estuda este assunto nos próximos meses.* Por outro lado, não se pode incluir a primeira pessoa do singular (*eu*) no imperativo porque, se de certo modo cada um de nós impera sobre si mesmo, não o faz senão na segunda pessoa: por exemplo, se digo *Assume essa responsabilidade, Carlos.* Se todavia digo *Assuma eu essa responsabilidade*, não estou no imperativo, mas no puro presente do subjuntivo: *Que assuma eu essa responsabilidade.* A primeira pessoal do plural (*nós*), no entanto, tem lugar no imperativo, porque, se digo *Assumamos nós a responsabilidade*, impero sobre um *vós* em que *eu* me acho ocasionalmente incluído. – Mas a terceira pessoa propriamente dita (*ele/a, eles/as*) não pode ser alvo de império ou ordem, e portanto não se inclui no imperativo. Quando digo *Que assumam eles essa responsabilidade*, volto a estar no puro presente do subjuntivo. Se todavia digo *Assuma-o o senhor*, ou a *senhora*, ou *você*, etc., uso forma pronominal e forma verbal materialmente de terceira pessoa, mas formalmente de segunda.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Relembre-se que, se se trata das pessoas mais próprias deste modo, a saber, a segunda do singular e a segunda do plural, são as mesmas segundas pessoas do presente do indicativo sem seu *-s* final:

✓ PRESENTE DO INDICATIVO, *falas*, *falais*; IMPERATIVO, *fala*; *falai*.

Se porém se consideram as demais pessoas, todas menos próprias do imperativo, são todas tomadas, sem alteração, do presente do subjuntivo.

6.4.3.d. Ambos os modos do imperativo, o AFIRMATIVO e o NEGATIVO, usam-se ou em orações perfeitas, ou em orações "coordenadas", ou ainda em orações subordinantes – nunca em orações subordinadas (ou seja, das únicas que até aqui consideramos tais).[91] Ponham-se exemplos que, ademais, expressem não só o império mas alguns dos demais modos d*o que deve ser*.

✓ *Estudai!*;

✓ *Orai e vigiai*;

✓ *Cala-te, porque não te escape algo indevido*;

✓ *Sê atento a tudo quanto o requer*;

✓ *NÃO olhes para trás*;

✓ "Vinde ver! Vinde ouvir, homens de terra estranha!" (OLEGÁRIO MARIANO);

✓ *Valha-me, Senhor*;

✓ "NÃO me deixes só, meu filho!..." (LUANDINO VIEIRA).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** O IMPERATIVO emprega-se em lugar de orações condicionais ou hipotéticas de *se* e de futuro do subjuntivo. Não deixa de expressar a ideia de conselho; mas fá-lo algo atenuadamente:

✓ *Leia esta carta, e entenderá o que se passou* por *Se ler esta carta, entenderá o que se passou.*

Note-se que com o imperativo temos "coordenação" (por *e*), ao passo que com o futuro do subjuntivo temos subordinação.

OBSERVAÇÃO 2. O IMPERATIVO pode substituir-se por outras formas de expressar *o que deve ser*.[92]

⟶ pelo FUTURO DO PRESENTE SIMPLES:

✓ "Não matarás" (por *Não mates*);

✓ etc.;

---

[91] Diferentemente dos demais modos e tempos verbais, o imperativo deve estudar-se também em sua forma negativa, porque, com efeito, é morfologicamente distinta da afirmativa: se no presente do indicativo dizemos *Tu estudas* ou *Tu não estudas* sem alteração morfológica, não assim no imperarativo, em que dizemos *Estuda tu* e *Não estudes tu*.

[92] Tal substituição pode dar-se por causas diversas e de nem sempre fácil precisão. Pode, com efeito, tratar-se ou de atenuação do tom imperativo, ou, ao contrário, de acentuação deste tom, etc.

→ por *IR* NO PRESENTE DO INDICATIVO + INFINITIVO (às vezes com DATIVO ÉTICO):

✓ *Não* [*ME*] *vás desobedecer à tua tia* (por *Não* [*ME*] *desobedeças à tua tia*);

✓ etc.;

→ pelo PRESENTE DO INDICATIVO:

✓ *Amanhã me trazes o trabalho, que o avaliarei* (por *Traz-me amanhã o trabalho...*);

✓ etc.;

→ pelo IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO em ORAÇÃO INTERROGATIVA:

✓ *E se tentasses calar-te?* (por *Cala-te*);

✓ etc.;

→ pelo verbo *QUERER* NO PRESENTE DO INDICATIVO + INFINITIVO em ORAÇÃO INTERROGATIVA:

✓ *Quereis calar-vos?* (por *Calai-vos!*);

✓ etc.;

→ pelo INFINITIVO:

✓ *Direita, volver!* (por *Volvei para a direita*);

✓ etc.;

→ pelo GERÚNDIO:

✓ *Estudando* (por *Estudai*);

✓ etc.;

→ por INTERJEIÇÃO:

✓ *Fogo!* (por *Disparai!*, *Atirai!*);

✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Na oralidade do Brasil (e com profundos reflexos na escrita), o uso do imperativo está grandemente corrompido.

▫ Antes de tudo, e contra a tradição românica, usa-se o pronome do imperativo em próclise ao verbo: "Me dá uma orientação", em vez do correto *Dá-ME uma orientação* (ou *Dê-me uma orientação*, se se usa qualquer pronome materialmente de terceira pessoa).

▫ Depois, usam-se formas verbais do imperativo afirmativo no imperativo negativo, como neste aberrante exemplo, tão comum, no entanto, em nossa fala: "Não faz isso!" Tal implica destruição de paradigma. O correto é *Não faças isso* (ou *Não faça isso*, se se usa qualquer pronome materialmente de terceira pessoa).

Pois bem, evitem-se absolutamente tais corrupções na escrita. O que tal fizer acabará, com o tempo, por usar corretamente o imperativo também na fala.

6.4.4. O EMPREGO DAS **FORMAS NOMINAIS.**

6.4.4.a. Já expusemos as notas gerais do INFINITIVO, do GERÚNDIO e do PARTICÍPIO. Resta-nos estudar seu emprego. Não trataremos aqui, porém, do emprego do infinitivo, porque, podendo ser o infinitivo ou impessoal ou pessoal, fato praticamente único entre as línguas atuais, seu emprego envolve conhecimentos mais complexos que só se ministrarão na Sexta Parte e na Oitava Parte. Estudá-lo-emos nesta última.

6.4.4.b. O **GERÚNDIO**, antes de tudo, ou expressa *o modo de ser* ou é núcleo de oração adverbial, razão por que tem antes de tudo caráter *adverbial*:

✓ *Entrou em casa assobiando.*

• O GERÚNDIO pode constituir o núcleo de oração adverbial *reduzida*,[93] que então ou vem antes da subordinante (e obrigadamente se separa desta por vírgula), ou depois da subordinante (e tal separação por vírgula é amiúde opcional). Nem sempre, contudo, pode discernir-se com certeza o caráter da subordinada reduzida de gerúndio. Deem-se exemplos:

✓ *Sendo assim* [*Se é assim*], *nada tenho que objetar* (adverbial condicional);

✓ *Chegando* [*Quando chegar* ou *chegue*] *à cidade, venha imediatamente visitar-nos* (adverbial temporal);

✓ "Proferindo [*Depois que proferiu* ou *Enquanto proferia*] estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu nas trevas exteriores" (ALEXANDRE HERCULANO) (não se sabe, pois, se se trata de adverbial temporal ou de adverbial proporcional);[94]

✓ *Ouvindo-o* (*Depois que o ouviu*, ou *Enquanto o ouvia*, ou *Porque o ouviu*), *compreendeu-o* (não se sabe, pois, se se trata de adverbial temporal, de adverbial proporcional ou de adverbial causal);

✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Sob a pena de bom escritor, naturalmente, o contexto resolve o mais das vezes tais ambiguidades.

OBSERVAÇÃO 2. O gerúndio que é núcleo de oração adverbial pode vir antecedido da preposição *em*, e a oração é então adverbial temporal. Tem então, porém,

---

[93] Diz-se que uma oração subordinada adverbial é *desenvolvida* quando seu verbo está no indicativo ou no subjuntivo e, portanto, se inicia pela devida conjunção (ou pelo devido advérbio, como se verá em seu momento); e diz-se *reduzida de infinitivo, de gerúndio* ou *de particípio* quando seu verbo está em uma destas formas e, portanto, ou não se inicia por nenhum conectivo ou se inicia por preposição.

[94] Mas, neste sentido, o proporcional não deixa de ser um modo do temporal.

caráter particular: expressa que a ação é imediatamente anterior à do verbo da principal, ou seja, encerra a ideia de *assim que*:

- ✓ "Eu tinha umas asas brancas, / Asas que um anjo me deu, / Que, EM me eu cansando da terra [*ASSIM QUE eu me cansava da terra*], / Batia-as, voava ao céu" (ALMEIDA GARRETT);
- ✓ *EM chegando* [*ASSIM QUE chegar* ou *chegue*] *à cidade, venha visitar-nos*;
- ✓ etc.

OBSERVAÇÃO. Foi comum entre os escritores renascentistas o uso de *em* antes de gerúndio para expressar ação ou fato durativo. *Em* + gerúndio equivalia, então, a verbo desenvolvido introduzido por *enquanto*:

- ✓ "Por servir a Deus em vivendo [= enquanto vivesse] tinha renunciado a seu filho legítimo..." (D. DUARTE);
- ✓ "Aprovou todalas cousas que em sendo [= enquanto fora] Papa ordenara" (RUI DE PINA);
- ✓ etc.

Não é recurso, porém, de usar hoje.

- Muitas vezes o GERÚNDIO, todavia, não implica redução de oração adverbial, e quase equivale então a puro *advérbio de modo*:
  - ✓ *Caminhava sorrindo* (De que modo caminhava? Sorrindo.);
  - ✓ *Envergonhado, falava gaguejando* (De que modo falava? Gaguejando.);
  - ✓ *Cantando leva a vida* (De que modo leva a vida? Cantando.);
  - ✓ "No quintal as folhas fugiam com o vento, dançando no ar em reviravoltas de brinquedo" (L. JARDIM) (De que modo fugiam com o vento? Dançando no ar...);
  - ✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Veremos na Sexta Parte se se pode dizer que neste uso o GERÚNDIO constitui oração adverbial modal.

OBSERVAÇÃO 2. O mais das vezes, como visto pelos exemplos, o gerúndio modal vem posposto ao verbo de que expressa modo. Pode, todavia, como visto também, vir anteposto ao verbo.

OBSERVAÇÃO 3. Normalmente o gerúndio modal não se separa por vírgula do verbo de que expressa modo. Se se separa, como no último dos exemplos acima, o mais das vezes tal se dá por razão diacrítica: com efeito, se não se pusesse a vírgula em "as folhas fugiam com o vento, dançando no ar", poder-se-ia pensar que fosse o vento o que dançava no ar.

- Para a construção *estar pensando*, etc., *vide* o Apêndice 2 dois desta seção.

Observação. Pode inverter-se, nesta classe de construção, a ordem das formas verbais. Deem-se exemplos literários:

✓ "Vai ajudar ao bravo Castelhano, / Que pelejando está co Mauritano" (Camões);

✓ "Da boca do facundo capitão / Pendendo estavam todos os envolvidos" (Camões).

Insista-se: é recurso antes literário.

- Quando, no entanto, implica redução de oração adjetiva, então o gerúndio, como é óbvio, se reduz mais propriamente a adjetivo:

✓ "Algumas [comédias] havia com este nome [Tabernaria] contendo [= que continham] argumentos mais sólidos, como bem prova João Sávio" (Freire);

✓ "Achar-se-ão na Secretaria de V. M. papéis, cartas e lembranças minhas prevenindo [= que previnem], lembrando [= que lembram] e pedindo [= que pedem] a V. M. aquilo que, a meu fraco juízo, parecia mais conveniente às presentes ocorrências" (Francisco Manuel de Melo);

✓ "Eram os primeiros [diplomas], além da bula de perdão, um breve eximindo [= que eximia] do confisco por dez anos os criminosos sentenciados; outro suspendendo [= que suspendia] por um ano a entrega ao braço secular dos réus de crime capital" (Alexandre Herculano)

(**observação**: não procede, portanto, o tachar de galicismo ou de anglicismo tal uso, como faz Napoleão Mendes de Almeida: insista-se em que ao gramático não compete inventar língua);[95]

✓ *Vimos pássaros voando [= que voavam] muito alto.*

Observação 1. Não raro o uso do gerúndio como predicado de "sujeito acusativo",[96] como no último exemplo, pode implicar ambiguidade ou anfibologia. É o que se dá, por exemplo, em *Viu-a correndo*: quem corria? O que viu ou a que foi vista? Por isso, quando o sujeito do gerúndio é "sujeito acusativo", é não raro preferível usar o infinitivo em lugar do mesmo gerúndio: *Viu-a correr*.

---

[95] No máximo pode indicar-se que não se abuse deste emprego, antes de tudo para evitar certa monotonia, mas também, justamente, porque não o aceitam unanimemente os gramáticos. O fato, no entanto, é que recorrem a ele muitos dos melhores escritores lusófonos. Trata-se antes de questão de estilo.

[96] Para "sujeito acusativo", *vide* a Sexta Parte e a Oitava Parte.

↗ **Observação 2.** Neste mesmo caso, se o "sujeito acusativo" é definido, então deixa de ser claro o caráter adjetivo do gerúndio. Com efeito, em *Vimos* UM *pássaro* *voando*, *voando* é redução bastante clara de *que voava*. Mas não assim em *Vimos* O *pássaro* *voando*, em que *voando* não pode ser, em português, redução de "que voava".

- Assunto ainda mais árduo e disputado é a REDUÇÃO A GERÚNDIO DE ORAÇÃO ADITIVA, ou seja, quando expressa ação posterior à ação expressa pela oração a que se liga aditivamente. Veja-se este exemplo:
  - ✓ *Caiu da escada,* QUEBRANDO AS PERNAS [= *Caiu da escada* E QUEBROU AS PERNAS].

Muitos gramáticos, e sobretudo Napoleão Mendes de Almeida, condenam taxativamente esta construção. Não o fazemos nós, e nisto não podemos senão concordar com Said Ali. Antes de tudo, porque recorrem a ela muitos de nossos melhores escritores, e porque o fazem desde tempos remotos. Depois, porém, porque tal construção não surge de nada. Note-se que *e quebrou as pernas*, conquanto seja de fato oração aditiva, expressa também *consequência*, o que é próprio do advérbio. Ora, como vimos, o gerúndio é a forma nominal própria das orações adverbiais. Daí que para que se reduzam a gerúndio as orações aditivas de cunho consecutivo é só um passo analógico. E falta apenas outro passo analógico para que se possam reduzir a gerúndio *todas* as orações aditivas que expressem ação posterior à ação expressa pela oração a que se ligam aditivamente. Vejam-se exemplos ilustres, alguns muito antigos:

- ✓ "El-rei D. Fernando lhe tomou a mulher, recebendo-a [= E RECEBEU-a] depois de praça" (FERNÃO LOPES);
- ✓ "... e ali lhe apareceram os santos apóstolos abraçando-o [= E O ABRAÇARAM] amigavelmente e fazendo-lhe [= E lhe FIZERAM] graças" (*Crônica dos Frades Menores*);
- ✓ "Mas o leal vassalo... / Se vai o Castelhano, prometendo [= E PROMETE] / Que ele faria dar-lhe obediência" (CAMÕES);
- ✓ "Foi o primeiro a receber o prêmio o infante D. Duarte, seguiu-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, acabando [= E ACABOU] a cerimônia com o conde de Barcellos" (FREIRE).

↗ **Observação 1.** Veja-se, sobretudo pelo último dos exemplos, que a redução a oração gerundial pode ter por fim aliviar o peso de uma sequência longa de adições por *e*.

⇗ **Observação 2.** Se, pelas razões expostas, não se pode condenar tal redução, pode-se todavia recomendar:

- como dito, que não se abuse dela;
- e que não se empregue quando implicar qualquer sorte ou qualquer grau de anfibologia.

6.4.4.c. O chamado **particípio "passado"** expressa alguma ação, algum fato ou algum estado como já consumados. Tem sempre caráter *adjetivo*, o que se vê tanto pela não rara impossibilidade de distingui-lo perfeitamente deste como pelo fato de que, quando não se torna parte de tempo composto, recebe como o adjetivo a desinência de feminino e a de plural:

✓ "Tens os olhos encovados, / De fundos visos cercados, / Sinistros sulcos deixados / Por atros vícios talvez; / A fronte escura e abatida, / Roxa a boca comprimida, / A face magra tingida / Da morte na palidez" (Fagundes Varela);

✓ etc.

• Insista-se em que, quando o particípio "passado" serve de puro qualificador, sem expressar tempo de modo algum, confunde-se com o adjetivo:

✓ *Explicou o texto ditado aos alunos*;

✓ "O vento enfurecido açoitava a rancharia" (A. Meyer);

✓ etc.

Com respeito às palavras sublinhadas, pode dizer-se apenas que são adjetivos de *origem participial*.

• Como o gerúndio, o particípio "passado" isolado também pode ser núcleo de oração subordinada reduzida, e, como se dá com o gerúndio, nem sempre é fácil distinguir precisamente qual lhe seja a desenvolvida:

✓ "Chegada [= Quando ela chegou] a casa, não os encontrou" (J. Paço d'Arcos);

✓ *Encontrada* [= *Depois que encontrou*, ou *Assim que encontrou*, ou *Porque encontrou*] *a solução do árduo problema, pôde enfim descansar*;

✓ etc.

⇗ **Observação.** O particípio "passado" pode ter caráter passivo ou caráter ativo.

Exemplos do primeiro caso:

✓ *Lida a carta, tranquilizou-se*;

✓ *Corroído de saudade, adoeceu.*

Exemplos do segundo:

✓ *Chegado a casa, ocupou-se imediatamente do filho*;

✓ "Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, vindo de Passa Tempo, Conceição do Serro" (GUIMARÃES ROSA).

▫ E veja-se uma vez mais a tensão entre figura e significado: em *Ele é um homem lido*, o particípio é de forma passiva, mas seu significado é ativo (*ele* não é *lido* por ninguém, senão que *lê* muito).

▫ Como dito mais acima, a forma *vindo* é tanto particípio como gerúndio do verbo *vir*.

▫ Por vezes, não é possível dizer se o particípio tem caráter propriamente ativo nem propriamente passivo. Tal se dá quando o verbo significa estado, como em *Cansada, deixou as tarefas para o dia seguinte*.

• Por si só, o particípio "passado" não indica se a ação, o fato ou o estado que ele significa são passados, presentes ou futuros. Não o pode indicar senão o contexto, ou seja, o tempo do verbo da oração subordinante. Deem-se exemplos:

✓ *Abertos os portões, AFLUI grande multidão* (presente);

✓ *Abertos os portões, AFLUIU grande multidão* (pretérito);

✓ *Abertos os portões, AFLUIRÁ grande multidão* (futuro);

✓ *Deitada, OLHA pela janela* (presente);

✓ *Deitada, OLHAVA pela janela* (pretérito);

✓ *Deitada, OLHARÁ pela janela* (futuro).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Como se vê, a ação expressa pelo particípio pode ser ou anterior à expressa pelo verbo da oração subordinante (como nos três primeiros exemplos) ou concomitante a ela (como nos três últimos exemplos).

§ Pois bem, por isto mesmo, quer dizer, pela impossibilidade de o particípio "passado" expressar por si o tempo, é que o chamaremos doravante pura e simplesmente PARTICÍPIO. (Poderia no máximo chamar-se *particípio perfeito*.)

6.4.4.d. O PARTICÍPIO **"PRESENTE"** é pouco usado hoje, e sempre se usou como latinismo.[97] Com efeito, o particípio "do presente" latino deu três terminações ao PARTICÍPIO "PRESENTE" português: *-ante*, *-ente*, *-inte*.

✓ *Vem orante* [= orando] *pelo caminho a romaria*;

✓ "Perlas ricas e imitantes [= que imitam] à cor da Aurora" (CAMÕES);

✓ *Homem temente* [= que teme] *a Deus*;

✓ etc.

---

[97] Em especial no Medievo e no Renascimento.

Nos dois últimos exemplos, todavia, não só é impossível dizer sem dúvida se se trata de particípio "presente" de caráter adjetivo ou de puro e simples adjetivo, senão que a sensibilidade do lusófono moderno tende sempre a decidir-se por adjetivo. No primeiro exemplo, todavia, não só se trata de autêntica forma nominal do verbo, senão que equivale ao gerúndio modal: reduz-se, pois, a advérbio.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Tampouco o PARTICÍPIO "PRESENTE" pode por si expressar tempo, e uma vez mais a indicação do tempo dependerá de outra forma verbal:

- ✓ *VEM <u>orante</u> pelo caminho a romaria* (presente);
- ✓ *VINHA <u>orante</u> pelo caminho a romaria* (pretérito);
- ✓ *VIRÁ <u>orante</u> pelo caminho a romaria* (futuro);
- ✓ etc.

§ Pois bem, por isto mesmo, quer dizer, pela impossibilidade de o particípio "presente" expressar por si o tempo, é que deixaremos de chamá-lo "presente" para chamá-lo **MODAL**, porque, como visto, equivale ao gerúndio modal e pode comutar-se por ele:

- ✓ *VEM <u>orando</u> pelo caminho a romaria* (presente);
- ✓ *VINHA <u>orando</u> pelo caminho a romaria* (pretérito);
- ✓ *VIRÁ <u>orando</u> pelo caminho a romaria* (futuro);
- ✓ etc.

➢ **O GERUNDISMO E UM ERRO DE PARALELISMO.**

1. No Brasil, já desde algum tempo se vem concomitantemente usando e condenando o chamado GERUNDISMO. É preciso, porém, antes de tudo, saber o que se deve entender por *gerundismo*, e, depois, se de fato se deve condenar.

1.a. Nenhum dos empregos do gerúndio mostrados até aqui incorre em GERUNDISMO, e, como dito e com as ressalvas feitas, *são todos corretos e participam do português culto atual.* Dizemo-lo porque há hoje no Brasil certa tendência a negar validade a quase todos os empregos do gerúndio, confundindo-os com o que verdadeiramente pode dizer-se *gerundismo.*

1.b. GERUNDISMO propriamente dito é o uso indevido em português de algo assemelhado a uma das formas do *futuro contínuo* inglês, talvez por influência do *telemarketing* e de congêneres.

- Exemplos ingleses de *futuro contínuo*:

✓ (com *will*) *You* ***will be waiting*** *for her when her plane arrives tonight* (ou seja, quase palavra a palavra: *Estarás esperando-a quando seu avião chegar esta noite*);

✓ (com *be going to*) *You* ***are going to be waiting*** *for her when her plane arrives tonight* (ou seja, quase palavra a palavra: "Estás indo estar esperando-a quando seu avião chegar esta noite").

- Pois bem, a primeira forma do futuro contínuo (com *will*) tem perfeito correspondente em português. Com efeito, não há nada que censurar em construções como *Estarás esperando-a quando seu avião chegar esta noite*, *Amanhã não poderemos vir à reunião porque à mesma hora estaremos viajando*, etc. São lidimamente portuguesas.
- Já não se pode dizer o mesmo do futuro contínuo com *be going to.* Com efeito, não são lidimamente portuguesas construções como as seguintes, infelizmente tão ouvidas no Brasil: "Amanhã vamos estar providenciando o conserto", "Em no máximo dois dias vou estar fazendo o depósito", "Vou ficar estando sentada ali para fazer as inscrições" (!!!)[98] e outras aberrações que tais.

☞ **Observação.** Atente-se a que, se em *Amanhã não poderemos vir à reunião porque À MESMA HORA estaremos viajando* não se usasse o futuro contínuo, a frase teria outro sentido: *à mesma hora viajaremos* quereria dizer algo como *à mesma hora tomaremos o avião* (ou *o trem*, ou *a estrada*, etc.). Mas no exemplo anterior se quer dizer que *à mesma hora já estaremos em plena viagem*. Logo, o futuro contínuo não se deve usar em português senão para expressar *ação futura já em curso* – mais ainda: é a única maneira de fazê-lo.

2. Erro comum, agora, a brasileiros e a portugueses (entre os quais alguns bons escritores) infringe o devido paralelismo ou correspondência verbal. Exemplo:

✓ "Não TRABALHAVA há dois anos".

Note-se que, se se dissesse *Não TRABALHA*, sem dúvida deveria usar-se *há dois anos*: presente do indicativo com presente do indicativo.

[98] Frase ouvida em ambiente universitário.

Como porém *TRABALHAVA* está no imperfeito do indicativo, então obrigatoriamente o verbo *haver* haverá de estar no mesmo imperfeito:

✓ *Não TRABALHA há dois anos*;

✓ *Não TRABALHAVA havia dois anos.*

Para verificar a correção do dito, basta que se substitua o verbo *haver* por *fazer*: com efeito, "Não trabalhava faz dois anos" nem remotamente nos soa correta. E, no entanto, tão incorreta como "Não trabalhava faz dois anos" é "Não trabalhava há dois anos". Pois bem, use-se ou verbo *fazer* ou o verbo *haver*, não se infrinja nunca o devido paralelismo ou correspondência verbal, e escreva-se corretamente:

✓ *Não TRABALHA há/faz dois anos*; ou

✓ *Não TRABALHAVA havia/fazia dois anos.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Parece-nos que este erro tem fundo fonético. Com efeito, *há* soa como a preposição *a*; mas a preposição, obviamente, é inflexionável; logo, usa-se *há* como se fora *a*. Pois bem, aproveite-se o ensejo para assinalar a devida distinção entre *há* e *a* na indicação de tempo.

- O verbo *haver* usa-se para tempo decorrido ou passado:

  ✓ *Não trabalha há dois anos*;

  ✓ *Casara-se havia três anos.*

  (Note-se, pois, pelo último exemplo, que também junto a mais-que-perfeito [*Casara-se*] o verbo *haver* deve estar no IMPERFEITO.)

- A preposição *a* usa-se para tempo vindouro:

  ✓ *Começará a trabalhar daqui a uma semana*;

  ✓ *Casar-se-á daqui a um mês.*

- Mas a preposição *a* também se usa com o sentido de *depois de* com respeito a tempo passado:

  ✓ *A* [= *depois de*] *um ano de casados, nasceu-lhes o primeiro filho*;

  ✓ *A* [= *depois de*] *dois meses da contratação, já está perfeitamente adaptado ao novo trabalho.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Conquanto fosse ocioso fazê-lo, diga-se que para indicação espacial só se usa a preposição *a* (e nunca o verbo *haver*):

✓ *O museu fica a 100 metros daqui*;

✓ etc.

APÊNDICE 1
AS VOZES VERBAIS

1. Os verbos expressam antes de tudo, como dito, ou a categoria da *ação* ou a categoria da *paixão*, razão por que há, *em princípio*, duas **vozes verbais**: a voz ATIVA e a VOZ PASSIVA.

2. As duas vozes têm figura diversa:

a. a ATIVA: *O caçador* MATOU *o leão*; *O leão* MATOU *o caçador*;

sujeito **o. direto** **sujeito** **o. direto**

b. a PASSIVA: *O leão* FOI MORTO *pelo caçador*; *O caçador* FOI MORTO *pelo leão*.

sujeito **a. passiva** **sujeito** **a. passiva**

3. Note-se que, na voz ativa, o agente da ação verbal é expresso pela palavra que exerce a função sintática de sujeito da oração; e que, na voz passiva, o agente da ação verbal é expresso pelo grupo que exerce a função sintática de agente da passiva. Ademais, na voz ativa o paciente da ação verbal é expresso pela palavra que exerce a função sintática de objeto direto; enquanto na voz passiva o paciente da ação verbal é expresso pela palavra que exerce a função sintática de sujeito. Em outras palavras, na voz ativa temos um SUJEITO AGENTE, enquanto na passiva temos um SUJEITO PACIENTE. Trata-se, pois, de perfeita inversão de papéis.

⇗ **Observação.** Bem sabemos que quase todas as gramáticas dão uma terceira voz: a chamada "voz reflexiva", em que o agente e o paciente da ação verbal são o mesmo. Com efeito, em *Pedro feriu-se* [*a si mesmo*] *sem querer*, *Pedro* e *se* são a mesma pessoa, concomitantemente agente e paciente da ação de *ferir*. Mas isto não quer dizer que se trate de outra voz: trata-se de pura voz ativa. No exemplo posto, com efeito, *Pedro* é sujeito agente da ação verbal, e *se* é objeto direto paciente da ação verbal. Que o agente e o paciente sejam o mesmo é acidental à voz verbal, e porque o é, ou seja, porque não é essencial à voz verbal, por isso mesmo não há "voz reflexiva".

4. Sucede porém que com a mesma figura de voz ativa se expressa por vezes, como visto, uma paixão (por exemplo, *O enfermo padece muitas dores*), ao passo que com a mesma figura de voz passiva se expressa por vezes, como visto, uma ação (por exemplo, *O rei é chegado*). Mas, justamente porque uma paixão pode expressar-se na voz ativa e uma ação pode expressar-se na voz passiva, devemos considerar, *em princípio*, que a dupla noção de voz ativa e de voz passiva passou da estrita origem semântica (como nos exemplos do *caçador* e do *leão*) a configuração paradigmática. Em outras palavras, em português o verbo configura-se

duplamente, a saber, ou na voz ativa ou na voz passiva (esta, como dito, com *ser* + parte morfológica participial), independentemente da categoria que expresse.

5. Se assim é, todo e qualquer verbo que não se construa como locução de *ser* + parte morfológica participial estará, *segundo a figura*, na VOZ ATIVA, enquanto o que se construa assim estará, *segundo a figura*, na VOZ PASSIVA.

7. Tenha-se a seguinte sequência de exemplos:

a. *O rapaz feriu-se a si mesmo sem querer*;

b. *O rapaz feriu-se num acidente de carro*;

c. *O rapaz padece muitas dores*;

d. *O rapaz está bem*;

e. *O rapaz é estudioso*;

f. *A vegetação mostra-se luxuriante*;

g. *Queixou-se do abuso*;

h. *Precisa-se de empregados*;

i. *Contratam-se empregados*;

✓ etc.

• Segundo a maioria das gramáticas correntes, o exemplo *a*, como visto, estaria na "voz reflexiva"; quanto ao exemplo *b*, nada se diria; o exemplo *c* estaria na voz ativa; o exemplo *d* e o *e*, de verbo de cópula ou ligação, não teriam voz; dar-se-ia o mesmo com o exemplo *g*, que é dos chamados "verbos pronominais"; o exemplo *h* ficaria numa sorte de limbo, para depois abruptamente tratar-se na sintaxe como caso de "sujeito indeterminado"; o exemplo *i*, por fim, estaria na "voz passiva sintética". Mas essa maneira de considerar as vozes verbais não deixa de desnortear, e assim é porque nessa maneira se confundem *significado* e *figura* (ou, como já se disse, *forma* e *figura*). Pois bem, segundo nosso modo de considerar, SEGUNDO A FIGURA os exemplos *a, c, d, e* são de voz ativa; SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO, porém, só o primeiro é ativo.

• Deixamos porém de lado, acima, os demais exemplos, e não o fizemos senão porque, ao que parece, há duas maneiras coerentes de considerá-los.

→ Said Ali, entre outros poucos gramáticos, considerá-los-ia a todos de *voz média* ou *medial*, porque se conjugam ou estão na voz ativa mas acompanhados sempre de pronome: *Eu feri-me* (*no acidente*), *Tu feriste-te* (*no acidente*), *Ele feriu-se* (*no acidente*), etc; *A vegetação mostra-se luxuriante*; *Queixou-se do abuso*; *Precisa-se de empregados*. Sucede, todavia, que o mesmo Said Ali incluiria na voz média ou medial o exemplo *a* (*O rapaz feriu-se a si mesmo sem querer*, porque *Eu feri-me*

a mim mesmo sem querer, etc.); mas o *se* de *Feriu-se a si mesmo sem querer* pode comutar-se por *feriu-o a ele sem querer*, etc., razão por que é conveniente considerá-lo como fizemos mais acima, ou seja, como de voz ativa SEGUNDO A FIGURA e ativo SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO. Não obstante, se assim é com este exemplo, não o é com os demais, em que não podemos proceder a tal comutação. Os demais, portanto, poderiam considerar-se de voz média ou medial *segundo a figura*, e restaria dizer o que cada um é *segundo a significação*.

→ A outra maneira coerente – e que nos parece a melhor[99] – é considerá-los a todos como de voz ativa SEGUNDO A FIGURA, com o que outra vez resta dizer o que cada um é SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO. Façamo-lo, pois, ainda que o assunto não possa entender-se mais cabalmente senão na Sexta Parte.

a. Em *O rapaz feriu-se a si mesmo sem querer*, como dito, o verbo expressa ação.

b. Em *O rapaz feriu-se num acidente de carro*, o verbo expressa paixão, porque com efeito *o rapaz* antes foi ferido. Note-se porém que não é possível indicar o agente de tal paixão, mas apenas a circunstância (*num acidente de carro*) em que se deu.

c. Em *O rapaz padece muitas dores*, como dito e redito, o verbo expressa paixão. – É o oposto do que se dá com os verbos *depoentes* latinos, nos quais se tem figura de voz passiva para significado ativo (por exemplo, *polliceor* = "prometo").

d. Em *O rapaz está bem*, o verbo não expressa ação nem paixão. Exerce antes o papel de *cópula* entre o sujeito e o predicativo.

e. Em *O rapaz é estudioso*, o verbo tampouco expressa ação nem paixão, e, como o anterior, exerce o papel de *cópula* entre o sujeito e o predicativo.

f. Quanto ao verbo de *A vegetação mostra-se luxuriante*, já voltaremos a ele.

g. Em *Queixou-se do abuso*, o verbo expressa, obviamente, ação; e o *-se* que traz aposto já não tem, na língua atual, nenhuma carga semântica: é parte integrante sua, mas tornou-se um como adorno fóssil seu.

h. Em *Precisa-se de empregados*, o verbo expressa necessidade ao modo de ação, assim como em *Ele tem vasta biblioteca* o verbo expressa posse igualmente ao modo de ação.

i. E em *Contratam-se empregados*, o verbo é de sentido passivo: equivale, SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO, a "Empregados são contratados". É a construção

---

[99] Porque, com efeito, o *se*, como pronome que é, não é capaz de fundar uma voz verbal. A "voz média ou medial" parece antes, portanto, um marco ou quadro acomodatício.

comumente conhecida por "voz passiva sintética". No entanto, como dito, é de voz ativa SEGUNDO A FIGURA.[100]

⇗ **Observação.** Mas ser de voz ativa segundo a figura não pode deixar de imprimir de algum modo sua marca em todos estes verbos. Quase se poderia dizer, por exemplo, que em *O enfermo padece muitas dores* ele as padece como que "ativamente". Dos *depoentes* latinos poderia dizer-se o diametralmente oposto: seu sujeito como que age "passivamente". Como dito, estamos em fronteira de tensão *extrema* e *complexa* entre figura e significado. – Não se colija disto, contudo, que tais construções "tensas" sejam defeituosas como o seria, por exemplo, uma mesa sem um dos pés. Isto impediria que a mesa atingisse seu fim, enquanto aquelas construções de modo algum impedem nem sequer o filosofar: porque, se digo que *padecer uma ação* é uma *paixão*, o juízo filosófico não se vê nem mininamente obstado, nem a compreensão de quem o lê. Mas tal não se entende mais perfeitamente se não se considera a já referida plasticidade da linguagem: a mesma que permite, por exemplo, que os substantivos signifiquem acidentes ao modo de substâncias. Reencontrá-la-emos no âmbito mais estrito da Sintaxe.

→ Ainda a título, porém, de ilustração dessa complexidade, tenha-se agora a seguinte sequência de exemplos:

a. *A moça não se mostrava por timidez*;

b. *A moça mostrou-se incapaz da tarefa*;

c. *Mostrou-se a moça como exemplo de dedicação.*

Pois bem, conquanto estejamos ciente de que o exemplo *c* não é isento de ambiguidade, podemos considerar os três exemplos do seguinte modo.

a. De voz ativa SEGUNDO A FIGURA e ativo SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO: a moça não *se* mostra *a si mesma* assim como poderia não mostrar *uma tela*, *um livro*, *qualquer coisa*.

b. De voz ativa SEGUNDO A FIGURA (com um *se* parte integrante sua),[101] mas nem ativo nem passivo SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO: porque, com efeito, aqui *mostrou-se* tem, pouco mais ou menos, o sentido de 'aparecer' (involuntariamente). É o mesmo que se dá em *A vegetação mostra-se luxuriante.*

---

[100] O pronome *se* da "passiva sintética", como dito mais acima, só pode dizer-se pronome *muito de certo modo*: ou seja, justo porque indica uma significação passiva para uma figura ativa (*Alugaram-se as casas*) em lugar da própria figura passiva (*As casas foram alugadas*).

[101] Tanto o *se* deste *mostrar-se* como o *se* de *queixar-se* são parte integrante do verbo. A diferença reside em que o verbo *queixar-se* não pode dispensá-lo de modo algum, enquanto *mostrar*, sim, o pode: ou seja, só o *se* de *queixar-se* é verdadeiramente fóssil. Mas em *A vegetação mostra-se luxuriante* o *se* é atualmente tão destituído de carga semântica como o é o *se* de *Queixou-se do barulho*.

c. De voz ativa SEGUNDO A FIGURA, mas passivo SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO: com efeito, *Mostrou-se a moça como exemplo de dedicação* pode comutar-se por *A moça foi mostrada como exemplo de dedicação.*

→ E estão SEGUNDO A FIGURA na voz passiva todos os seguintes exemplos:[102]

a. *O caçador foi morto pelo leão*;

b. *O viajante é chegado*;

c. *O rainha é morta*;

d. *As crianças são nascidas.*

Pois bem, podemos considerar estas locuções verbais ainda do seguinte modo.

a. Passiva SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO.

b. Ativa SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO.

c. Antes passiva SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO, porque, com efeito, a morte é antes padecida. Mas não pode dizer-se que aqui se expresse paixão ao mesmo título que no primeiro exemplo (*O caçador foi morto pelo leão*).

d. Antes ativa que passiva SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO, conquanto não ao mesmo título que em *O viajante é chegado.*

⇨ **OBSERVAÇÃO 1.** Mas ser de voz passiva segundo a figura não pode deixar de imprimir de algum modo sua marca em todas estas locuções verbais. Diga-se de algumas delas, *mutatis mutandis,* algo semelhante ao que pode dizer-se dos *depoentes* latinos: é como se seu sujeito agisse "passivamente".

§ Assim, sem que tentemos escapar à complexidade e arduidade do assunto, julgamos que nosso modo de considerá-lo resolve uma série de lacunas e de contradições em que se incorre por falta de critério adequado para a conceituação das vozes verbais. E um exemplo do que se acaba de dizer, e que propositadamente deixamos por último: não se vê em que voz verbal as gramáticas correntes e a Linguística poriam uma oração como *O rapaz caminha,* no entanto tão patentemente ativa em todos os sentidos. Estão impedidas de incluí-la em qualquer voz pela simples razão de que não se enquadra em seu esquema primário e único de voz ativa *versus* voz passiva: com efeito, não consideram que estejam na voz ativa senão os verbos que possam converter-se à voz passiva, ou seja, os transitivos diretos. Ter-se-ia então certo número de verbos com voz verbal, e outro número sem voz verbal – o que aparece ou se mostra inconveniente.

---

[102] Poderia objetar-se que não o estão porque lhes falta o agente da passiva. Mas tampouco o há em *A casa já foi terminada,* e no entanto não se lhe pode negar o caráter de voz passiva.

APÊNDICE 2
LOCUÇÃO VERBAL E TEMPO COMPOSTO

1. Não há a menor diferença semântica entre *ter* e *haver* quando usados como auxiliares nos TEMPOS COMPOSTOS. E, se é verdade que na oralidade *ter* é geralmente mais usado que *haver*, não assim na escrita, em que se dão indiferentemente (se se desconsideram as preferências pessoais).[103]

2. Pois bem, como visto em especial no quadro das três conjugações, os TEMPOS COMPOSTOS constituem-se de *ter* ou de *haver* + "particípio" **invariável**:

✓ *Eu o TERIA* ou *HAVERIA feito*;

✓ *Ele TINHA* ou *HAVIA feito*;

✓ *Nós TÍNHAMOS* ou *HAVÍAMOS feito*;

✓ *TÊ-lo-EIS* ou *HAVÊ-lo-EIS feito já*;

✓ etc.

• Se porém assim é na língua atual, nos tempos compostos este "particípio" já não pode dizer-se propriamente particípio e pois adjetivo: tornou-se PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM PARTICIPIAL, assim como os mesmos *ter* e *haver* já tampouco podem dizer-se verbos (nem sequer auxiliares): tornaram-se PARTES MORFOLÓGICAS DE ORIGEM VERBAL. Logo, cada forma verbal composta constitui LOCUÇÃO: é algo perfeitamente uno (que *em tese* até poderia escrever-se ligadamente: *tínhamos-feito*, *haviam-dado*, etc.).

• Ademais, como partes morfológicas destas mesmas locuções, *ter* e *haver* já praticamente nem sequer conservam nenhuma carga semântica.[104] Na língua antiga, com efeito, dizia-se *tinha-o feito*, *tinha-os feitos*, *tinha-a feita*, *tinha-as feitas*, etc. (em vez de *tinha-o feito*, *tinha-os feito*, *tinha-a feito*, *tinha-as feito*, etc), assim como poderia dizer-se *tinha-o pronto*, *tinha-os prontos*, *tinha-a pronta*, *tinha-as prontas*, etc. Em outras palavras, então tal *feito* não era parte participial de tempos compostos, senão que se reduzia a autêntico adjetivo participial na função sintática de predicativo do objeto (*o/a*, *os/as*),[105] enquanto o verbo *ter* mantinha aí toda a sua independência morfológica e

---

[103] Pode recomendar-se tão somente que se tente usar um só deles ao longo de um mesmo texto; mas que falhemos aqui e ali nisto, tal não constitui de modo algum erro nem impropriedade.

[104] Estão aí antes ao modo de desinências modo-temporais e de desinências número-pessoais da parte morfológica participial.

[105] O que se estudará na Sexta Parte.

pois todo o seu significado próprio. Por conseguinte, *tinha-o feito*, *tinha-os feitos*, *tinha-a feita*, *tinha-as feitas* não podiam (nem podem) dizer-se locuções verbais nem tempo composto.[106]

3. Mas há que perguntar se a voz passiva constitui verdadeiras locuções verbais e verdadeiros tempos compostos. Por partes.

a. Que constitua tempos compostos, parece que tal não se pode negar. Antes de tudo, com efeito, porque corresponde a tempos simples ou compostos nas demais línguas: por exemplo, à latina *omne quod movetur ab aliquo* correponde a portuguesa *tudo o que é movido por alguma coisa* – conquanto nossa voz passiva não possa dizer-se tal, digamos, "tão morfologicamente" como a forma latina *movetur* pode dizer-se TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR DO PRESENTE PASSIVO DO INDICATIVO de *movĕo, es, mōvi, mōtum, ēre* ('mover').

b. Ademais, conquanto em nossa voz passiva a forma participial concorde em gênero e em número com o sujeito, como fazia o particípio em *tinha-o feito*, *tinha-os feitos*, *tinha-a feita*, *tinha-as feitas*, ao contrário do que então se dava, todavia, não é comutável por nenhum adjetivo.

c. Poderia contudo objetar-se que, se se pergunta *Foi morto pelo leão?*, pode responder-se *Foi-o*, com o que se mostra o caráter predicativo de *morto* (*pelo leão*). Ora, só alguma locução verbal pode constituir tempo composto. Como visto pela comutação de *morto* por *o*, porém, *Foi morto* não é locução, razão por que tampouco constitui tempo composto. Mas deve responder-se que tal comutação é algo artificiosa e não se usa praticamente, conquanto se calque com alguma razão em, por exemplo, *Estava morto? – Estava-o*, esta, sim, sem dúvida alguma legítima. E só é possível que se calque nesta, ainda que artificiosamente, porque nossa voz passiva não pode dizer-se tal "tão morfologicamente" como a forma latina *movetur*, etc.

d. Portanto, se constitui verdadeiro tempo composto, *foi morto* não pode deixar de constituir igualmente locução, porque, com efeito, só uma locução é capaz de constituir tempo composto. Se porém o é, então aí o *ser* já não é verbo, mas PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM VERBAL, e a forma participial já tampouco é particípio, mas PARTE MORFOLÓGICA DE ORIGEM PARTICIPIAL.

---

[106] Ainda podemos usar a antiga maneira, se o fizermos com propriedade, ou seja, de modo que não cause estranhamento ou ambiguidade: *Os trabalhos, já os tenho feitos*, por exemplo.

➢ Dê-se, portanto, a CONJUGAÇÃO DE NOSSA VOZ PASSIVA.

- Presente do indicativo: *sou, és, é, somos, sois, são* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito imperfeito do indicativo: *era, eras, era, éramos, éreis, eram* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito perfeito simples do indicativo: *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito perfeito composto do indicativo: *tenho ou hei sido, tens sido, tem sido, temos ou havemos sido, tendes ou haveis sido, têm ou hão sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo: *fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo: *tinha ou havia sido, tinhas ou havias sido, tinha ou havia sido, tínhamos ou havíamos sido, tínheis ou havíeis sido, tinham ou haviam sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do presente simples: *serei, serás, será, seremos, sereis, serão* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do presente composto: *terei ou haverei sido, terás ou haverás sido, terá ou haverá sido, teremos ou haveremos sido, tereis ou havereis sido, terão ou haverão* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do pretérito simples: *seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do pretérito composto: *teria ou haveria sido, terias ou haverias sido, teria ou haveria sido, teríamos ou haveríamos sido, teríeis ou haveríeis sido, teriam ou haveriam sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.

- Presente do subjuntivo: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: *fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito perfeito do subjuntivo: *tenha ou haja sido, tenhas ou hajas sido, tenha ou haja sido, tenhamos ou hajamos sido, tenhais ou hajais sido, tenham ou hajam sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo: *tivesse ou houvesse sido, tivesses ou houvesses sido, tivesse ou houvesse sido, tivéssemos ou houvéssemos sido, tivésseis ou houvésseis sido, tivessem ou houvessem sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do subjuntivo simples: *for, fores, for, formos, fordes, forem* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Futuro do subjuntivo composto: *tiver ou houver sido, tiveres ou houveres sido, tiver ou houver sido, tivermos ou hovermos sido, tiverdes ou houverdes sido, tiverem ou houverem sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Infinitivo presente impessoal: *ser* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Infinitivo presente pessoal: *ser, seres, ser, sermos, serdes, serem* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Infinitivo pretérito impessoal: *ter ou haver sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.
- Infinitivo pretérito pessoal: *ter ou haver sido, teres ou haveres sido, ter ou haver sido, termos ou havermos sido, terdes ou haverdes sido, terem ou haverem sido* + parte participial concordante em gênero e em número com o sujeito da oração.

Observação 1. A voz passiva, obviamente, não admite o modo imperativo.

Observação 2. Ao contrário do que se dá na voz ativa, na passiva, como se acaba de ver, o infinitivo se desdobra em presente e em pretérito, simples e compostos ambos.

4. Sucede porém que muitas gramáticas chamam "verbos auxiliares" também a *estar*, a *andar*, a *vir*, a *ir*, etc., e naturalmente "auxiliares" de tempos compostos, esteja o "verbo principal" no infinitivo, no gerúndio ou no particípio: por exemplo, *Vai casar-se, Quer viajar, Pode estudar, Está cantando, Anda pensando, Temos de recomeçar, Começou a cantar, Terminarão por desistir*, etc. Por uma simples passada d'olhos pelos exemplos, todavia, vemos já que não se trata de coisas idênticas.

a. *Está cantando*, como dito, usa-se pelo presente do indicativo, assim como *estava cantando* pelo imperfeito do indicativo, etc.; e, mais que a forma por que se comutam (*canta, cantava*, etc.) ou ao contrário dela (*estivera cantando* por *cantara*, etc.), encerram aspecto durativo ou continuativo. De fato, outra vez se tratará de algo artificioso se à pergunta *Está dormindo* se responder com um "Está-o". Sucede porém que ESTÁ *dormindo* pode comutar-se por ESTÁ *adormecido*, além de que podem construir-se orações como esta: *Ora* ESTÁ *procurando algo que fazer* (ou *à procura de algo que fazer*), *ora* ESTÁ *parado com os olhos postos no vazio*, etc. Em outras palavras, parece que a forma gerundial, de caráter adverbial, que se segue ao verbo *estar* exerce a função de predicativo do sujeito. Estamos uma vez mais, portanto, em fronteira turva: o fato de se comutarem fácil e constantemente pela correspondente forma verbal simples faz que *está cantando, estava cantando* e demais pareçam constituir locuções e pois tempos compostos; o fato porém de aqui a forma gerundial não só ter caráter adverbial mas parecer exercer a função sintática de predicativo do sujeito ligado pelo verbo *estar* faz que pareçam não constituir locuções verbais nem pois verdadeiros tempos compostos. Pendemos para o segundo membro da alternativa. – E diga-se o mesmo não só de *anda pensando*, etc., mas de *está a pensar, estavam a pensar*, etc.

b. Em *Vai casar-se amanhã* e em *Vem perguntar-te algo*, parece que a forma *vai* e que a forma *vem* são tão destituídas de sentido como o verbo *ter* e como o verbo *haver* nos tempos compostos, o que provaria que *Vai casar-se* e *Vem perguntar* constituem verdadeiras locuções verbais e pois verdadeiros tempos compostos.

▫ Quanto a *vem* nesta oração, todavia, trata-se de erro de perspectiva: esta forma verbal significa a própria ação de *vir*, e entre ela e a forma verbal que se lhe segue está elíptica a preposição *para* (ou *a*): *Vem* (*para/a*) *perguntar-te algo*, onde *vem* é o núcleo da subordinante e (*para/a*) *perguntar* o núcleo da adverbial final. – Mas construções como *vir a ser*, como em *Veio a ser professor*, não podem entender-se do mesmo modo que o caso anterior, e comutam-se perfeitamente por *tornar-se*. Aqui pois parece que temos verdadeira locução verbal, apesar da incômoda presença da preposição. Fronteira algo turva, afinal.

▫ Quanto a *vai* na oração posta, trata-se indubitavelmente de parte morfológica de locução verbal: a de presente pela qual, relembre-se, se comuta a forma verbal de futuro *casar-se-á*. Mas tanto no espanhol se diz *va a casarse* como no português antigo se dizia *vai a casar*-se: e vemos reaparecer, assim, a mesma preposição incômoda de *vir a ser*. Para aprofundamento futuro.[107]

▫ Já em *Quer* ou *Deseja ler um livro*, em *Podemos retomar o trabalho* e em *Começei a escrever o livro*, de modo algum há locução verbal, senão que o primeiro verbo (*Quer* ou *Deseja*, *Podemos*, *Começei*) é a própria subordinante, enquanto *ler*, *retomar*, *a escrever* são orações objetivas diretas infinitivas não desenvolvíveis, assim como em *Entrou em casa cantarolando* a forma gerundial é uma oração modal não desenvolvível.[108] E o dito prova-se pela simples comutação da oração infinitiva pelo pronome *isto*: *Quer* ou *Deseja* ISTO, *Podemos* ISTO, *Comecei* ISTO. A única dificuldade reside na preposição *a* de *Começei a escrever o livro*. Muitas gramáticas e muitos dicionários atribuem a esta "valor" incoativo. Ainda porém que o admitamos, tê-lo-á pleonasticamente, porque "valor" incoativo tem-no antes de tudo o próprio verbo *começar*. Parece-nos caso de *especialíssimo* preposicionamento de objeto direto, assim como o há, *mutatis mutandis*, em *sacar da espada*.[109]

▫ Por fim, algo mais complexo é o caso de *Temos de recomeçar* e de *Terminarão por desistir*, e deixamo-lo para estudos futuros. Mas a presença mesma destas duas preposições parece indicar que se trata de subordinação oracional, razão por que não poderia haver aí locução verbal nem pois tempo composto.

VII
OS ADVÉRBIOS

7.1. Os **ADVÉRBIOS**, repita-se, conquanto não sejam da complexidade dos verbos, são porém de mais difícil definição. Em princípio invariáveis, expressam antes de tudo *tempo* e *lugar* (além, naturalmente, de aplicar-se à indicação de modo, etc.) e modificam antes de tudo o verbo (*meditam intensamente*): com efeito, estão para

[107] Se porém se diz *Maria foi a São Paulo. – Para quê? – Foi perguntar à amiga o que acontecera exatamente*, então é lícito ver aí elipse da preposição *para* (*Foi* [*para/a*] *perguntar à amiga*...), como em *Vem* (*para/a*) *perguntar-te algo*.

[108] Voltaremos a tratá-lo na Sexta Parte.

[109] Também o voltaremos a tratar na Sexta Parte.

este assim como os adjetivos estão para o substantivo. Mas também podem modificar o adjetivo (*muito forte*) e outro advérbio (*muito bem*). Mais ainda: parece que podem modificar ainda substantivos ou pronomes substantivos (*muito homem*, *quase major*, *até ele*) e até orações inteiras (*Infelizmente não foi possível deter-lhe o desvario*). Quanto a isto, a N.G.B. optou por uma fórmula de compromisso que de fato não o explica. Alguns poucos gramáticos, por seu lado, consideram tal *muito*, tal *quase* e tal *até* como efetivos adjetivos (de origem adverbial), porque não caberia senão ao adjetivo modificar o substantivo. Outros poucos, ainda, consideram porém que os advérbios podem aplicar-se a toda forma passível de receber mais ou menos ou certa modalidade, o que incluiria o substantivo. Voltaremos a tudo isso.

7.2. O advérbio divide-se em subclasses:

7.2.1. a dos advérbios modificadores tão somente de verbos, os quais por sua vez se subdividem: de LUGAR (*aqui*, *ali*, *atrás*, etc.), de TEMPO (*hoje*, *amanhã*, *logo*, etc.), de ORDEM (*antes*, *depois*, etc.), de MODO (*bem*, *mal*, *devagar*, etc.), etc.;

7.2.2. a dos advérbios modificadores tanto de verbos como de adjetivos e/ou de advérbios (e/ou de substantivos e/ou de orações, talvez), os quais por sua vez se subdividem: de INTENSIDADE (*pouco*, *muito*, *mais*, etc.), de MODO (muitos terminados em *-mente*, etc.), etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Nem sempre é de todo nítida a fronteira entre adjetivo e advérbio. E, como no advérbio de algum modo "lateja" o adjetivo, passam alguns advérbios a admitir, igualmente, flexões de grau (*pertinho*, etc.).[110] Por isso podem dizer-se *nominais* traços não só dos substantivos e ainda dos adjetivos, mas até destes mesmos advérbios.

7.3. AS NOTAS DO ADVÉRBIO.

7.3.1. Para que se entenda como pode o ADVÉRBIO ser a classe gramatical que se ocupa de expressar *tempo* e *lugar* e ser ainda a que indica *modo*, etc., diga-se que, ainda quando expressa tempo, lugar, etc., sempre o faz modalmente, ou seja, tempo, lugar e o mais são expressos pelo advérbio enquanto são certos *modos* do verbo. Note-se que o próprio verbo *co*expressa modo (indicativo, subjuntivo, imperativo) e tempo, mas sempre mediante flexões. O advérbio, por seu lado, sempre o expressa (não *co*expressa) por si, por seu mesmo radical, ou por seu mesmo radical seguido do sufixo *-mente*.

---

[110] E relembre-se ainda que muitos adjetivos podem tornar-se advérbios (*Trabalham rápido*) ou usar-se como advérbios impróprios ou acidentais (*As águas fluíam tranquilas*).

7.3.2. Para que se entenda como pode o ADVÉRBIO ser a classe gramatical que determina o verbo e determinar ainda outras classes gramaticais, como o adjetivo e o mesmo advérbio, diga-se que em verdade o advérbio se aplica a toda e qualquer forma que possa receber alguma modalidade. Sucede apenas que, propriamente falando, nenhuma forma pode receber modo se não resulta de alguma ação ou de alguma paixão. Mas a ação e a paixão são expressas precipuamente pelo verbo. Por este motivo, os advérbios são originalmente modos do verbo enquanto significa ação ou paixão.

7.3.3. Justamente porém porque, afinal, o ADVÉRBIO se aplica a qualquer forma que possa receber modalidade ou modo, por isso mesmo é que o advérbio também pode determinar substantivos ou pronomes substantivos. Não deixam, todavia, de ter sua parte de razão os que, ante os advérbios que determinam substantivos ou pronomes substantivos, os dizem efetivos adjetivos (de origem adverbial), porque não caberia senão ao adjetivo modificar o substantivo. Pode dizer-se, com efeito, que estamos uma vez mais em *fronteira turva*: são ADVÉRBIOS pelo que expressam, mas ADJETIVOS pela função, ou seja, por determinarem substantivos.

7.3.4. Por outro lado, há a posição da N.G.B. e o que dizem Cunha e Cintra:

> Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação de seu léxico linguístico (cf. *Introduction à l'Étude de la Morpho-syntaxe Espagnole.* 3. ed. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1964, p. 78.).[111]

Mas que entre os advérbios haja "palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas" não repugna a que constituam classe à parte. Antes de tudo, porque a origem não desmente a classe: e já vimos adjetivos de origem substantiva, substantivos de origem adjetiva, etc. Depois, porque, como o advérbio tem por função precípua expressar, como indicado acima, os mais diferentes modos ou modalidades do verbo, do adjetivo, do advérbio e até do substantivo, justamente por isso é que o advérbio constitui classe própria, distinta das demais, sim, em plano distinto, sim, mas indubitavelmente classe própria.

[111] Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 556.

A solução mais fácil – no caso, desfazer-se do advérbio como classe – nem sempre é a adequada, até porque aqui, como visto, a solução verdadeira é a mais complexa.

7.3.5. Que a N.G.B. classifique alguns advérbios como "palavras denotativas", ainda que, como dito, mais obscureça que esclareça o assunto, não deixa de motivar-se por algo real. Quanto aos advérbios que modificam substantivos ou pronomes substantivos, já negamos que não sejam advérbios. Quanto porém aos advérbios que determinam orações, estamos outra vez em fronteira não só turva, mas turbidíssima, porque, com efeito, quando dizemos *Infelizmente não virão*, a palavra *Infelizmente* não expressa modo da oração nem de nenhuma parte sua, senão que expressa sentimento de quem a diz. É pois antes um modo de sentimento do falante, posto porém em forma perfeitamente adverbial (*infeliz* + *-mente*).

7.3.6. Diga-se algo *análogo* das AFIRMATIVAS (*sim, certamente*, etc.), das DUBITATIVAS (*talvez, acaso*, etc.) – *et reliqua*. E mais complexo ainda é o caso das NEGATIVAS (*não, nem, tampouco, nunca, jamais*): não podem compreender-se perfeitamente senão no âmbito da Lógica, o que é preciso explicar aqui ainda que muito sumariamente. *Não* é antes formador do que Aristóteles chamava *nomes infinitos*:[112] *não branco* não é algo real, mas a negação de algo na realidade. Dá-se o mesmo, *mutatis mutandis*, no plano da oração: *Não estão aqui* não é algo real, mas a negação de algo na realidade. Se porém tais negativas não expressam algo real, não deixam todavia de determinar gramaticalmente verbos, etc., e, mais ainda, de expressar aspectos conexos (como o fazem *nunca* e *jamais*, que expressam aspecto temporal). E, se o fazem, podem incluir-se de algum modo na classe dos advérbios.

OBSERVAÇÃO. Diz-se comumente que o nome mesmo *advérbio* contribui para provar que esta classe determina antes de tudo o verbo. Não é certo, porque o étimo de *advérbio* é o lat. *adverbĭum, ĭi*, ou seja, "advérbio ou parte indireta do discurso" (de *ad* ["ao lado de"] e *verbum, i* ["palavra, vocábulo"]). Vê-se pois que, se se pudesse usar do étimo de *advérbio* para provar algo neste ponto, seria precisamente para mostrar que o ADVÉRBIO pode determinar *qualquer* classe de palavras.

7.4. CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS.[113]

7.4.1. ADVÉRBIOS DE TEMPO: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já*,[114] *logo, ontem, outrora, sempre, tarde*, etc.; LOCUÇÕES: *à*

---

[112] "No tempo de Aristóteles não se pusera ainda um nome sob o qual se abarcassem tais dicções. [...] e, por isso, ele impõe um novo nome a tal dicção, chamando-a nome infinito, por causa da indeterminação da significação [...]" (S. Tomás de Aquino, *Expositio Libri Peryermeneias*, lib. 1, l. 4, n. 13).

[113] Tenha-se sempre suposto, nesta classificação, tudo quanto acabamos de dizer.

[114] Para *já* e *mais*, *vide* o final desta seção.

noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, em breve, pela manhã, etc.

Observação. Note-se que não procede de modo algum o "rumor gramatical" que tacha de erradas as locuções *de manhã, de tarde* e *de noite.*

7.4.2. Advérbios de lugar: *abaixo, acima, acolá, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto,* etc.; locuções: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto,* etc.;

Observação. Note-se que em princípio deve grafar-se *à distância.* Estudá-lo-emos na seção sobre crase.

7.4.3. Advérbios de modo: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente: fielmente, levemente,* etc.; locuções: *à toa, à vontade, a contragosto, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de mau grado, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso,* etc.;

Observação. *De mau grado,* como visto, é locução adverbial de modo; mas *malgrado* ou é preposição (*Fê-lo, malgrado* [= *não obstante*; *apesar de*] *os conselhos que recebera*) ou é substantivo (*Para malgrado* [= *desgosto*] *nosso, não o fizeram*).

7.4.4. Advérbios de intensidade: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão,* etc.; locuções: *de muito* (= há muito tempo), *de pouco* (= há pouco tempo), *de todo* (= totalmente), etc.;

Observação 1. Quando pode comutar-se por *de menos,* use-se *de mais*: *Devia ter dito o necessário: falou porém de mais* (ou *de menos*).

Observação 2. *A mais* não é o mesmo que *mais,* nem *a menos* é o mesmo que *menos. A mais* é equivalente de *de mais,* e *a menos* é-o de *de menos*:

- ✓ *Comprei mais dois CDs = Comprei dois CDs mais* (e não "a mais");
- ✓ *Comprei menos dois CDs = Comprei dois CDs menos* (e não "a menos");
- ✓ *Engordou: está com oito quilos a mais* (= de mais, em excesso) *que o que lhe permite sua altura*;
- ✓ etc.

7.4.5. Advérbios de ordem: *depois, primeiramente, ultimamente,* etc;

7.4.6. Advérbios de exclusão: *apenas, salvo, só, somente,* etc.;

Observação. *Apenas* pode ter o sentido de *só, somente* (*Permaneceu ali apenas três dias*); o de *assim que, nem bem* (*Apenas chegou, foi descansar*), e então é advérbio de tempo; ou o de *mal* (*Apenas te ouço*), e então é advérbio de modo.

noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, em breve, pela manhã, etc.

⇗ **Observação.** Note-se que não procede de modo algum o "rumor gramatical" que tacha de erradas as locuções *de manhã, de tarde* e *de noite*.

7.4.2. Advérbios de lugar: *abaixo, acima, acolá, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto*, etc.; locuções: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto*, etc.;

⇗ **Observação.** Note-se que em princípio deve grafar-se *à distância*. Estudá-lo-emos na seção sobre crase.

7.4.3. Advérbios de modo: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente: fielmente, levemente*, etc.; locuções: *à toa, à vontade, a contragosto, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de mau grado, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso*, etc.;

⇗ **Observação.** *De mau grado*, como visto, é locução adverbial de modo; mas *malgrado* ou é preposição (*Fê-lo, malgrado* [= *não obstante*; *apesar de*] *os conselhos que recebera*) ou é substantivo (*Para malgrado* [= *desgosto*] *nosso, não o fizeram*).

7.4.4. Advérbios de intensidade: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão*, etc.; locuções: *de muito* (= há muito tempo), *de pouco* (= há pouco tempo), *de todo* (= totalmente), etc.;

⇗ **Observação 1.** Quando pode comutar-se por *de menos*, use-se *de mais*: *Devia ter dito o necessário: falou porém de mais* (ou *de menos*).

⇗ **Observação 2.** *A mais* não é o mesmo que *mais*, nem *a menos* é o mesmo que *menos*. *A mais* é equivalente de *de mais*, e *a menos* é-o de *de menos*:

✓ *Comprei mais dois CDs = Comprei dois CDs mais* (e não "a mais");

✓ *Comprei menos dois CDs = Comprei dois CDs menos* (e não "a menos");

✓ *Engordou: está com oito quilos a mais* (= de mais, em excesso) *que o que lhe permite sua altura*;

✓ etc.

7.4.5. Advérbios de ordem: *depois, primeiramente, ultimamente*, etc;

7.4.6. Advérbios de exclusão: *apenas, salvo, só, somente*, etc.;

⇗ **Observação.** *Apenas* pode ter o sentido de *só, somente* (*Permaneceu ali apenas três dias*); o de *assim que, nem bem* (*Apenas chegou, foi descansar*), e então é advérbio de tempo; ou o de *mal* (*Apenas te ouço*), e então é advérbio de modo.

7.4.7. Advérbios de inclusão: *até, inclusive, mesmo, também*, etc.

⇗ **Observação 1.** Em *Até ele apareceu, até* é advérbio de inclusão; mas em *Chegaram até ao portão do palácio* é preposição.

⇗ **Observação 2.** *Inclusive* usa-se sem restrição quando pode comutar-se por *exclusive*, e deve empregar-se como neste exemplo: *De um a dez, inclusive* (ou seja, antecedido de vírgula). Se não for assim, prefira-se *até* (ou seja, a "uma situação delicada, inclusive perigosa" prefira-se *uma situação delicada, até perigosa*). – E pode usar-se ainda com o sentido de "com inclusão de" (como em "Compre-me todos os seus livros, inclusive os mais caros"); mas prefira-se neste caso *incluído* ou *incluindo* (*Compre-me todos os seus livros, incluídos* ou *incluindo os mais caros*).

7.4.8. advérbio de designação: *eis*;[115]

7.4.9. Advérbio de retificação, de esclarecimento, etc.: *aliás*; locuções: *isto é, ou antes, ou melhor, ou seja, quer dizer*, etc.

⇗ **Observação.** Todas estas *locuções* devem vir entre vírgulas, ou entre outro sinal de pontuação (parêntese, dois-pontos, ponto e vírgula, etc.) e vírgula, ou entre vírgula e dois-pontos.

7.4.10. advérbios de afirmação: *sim, certamente, efetivamente, realmente*, etc.; locuções: *com certeza, por certo, certamente, seguramente*, etc.

⇗ **Observação.** Especialmente sobre *sim* e pontuação, aguarde-se a última Parte desta *Suma*.

7.4.11. Advérbios de dúvida, possibilidade, probabilidade, etc.: *acaso, porventura, quiçá, talvez, possivelmente, provavelmente*, etc.; locuções: *com certeza*, etc.

⇗ **Observação.** Atente-se a que *com certeza* se tornou, em nosso idioma, locução de grande ambiguidade: pode ser locução adverbial de afirmação ou locução adverbial de probabilidade. Mais comumente, porém, é de afirmação quando vem após o verbo (*Virão com certeza* [= *seguramente*]) e de probabilidade quando vem antes do verbo (*Com certeza* [= *provavelmente*] *virão*).

7.4.12. Advérbios de negação: *não, nem, tampouco, nunca, jamais*; locuções: *de forma alguma, de modo nenhum, de maneira alguma*, etc.

⇗ **Observação 1.** Não se use "e nem" senão quando se acompanhar de *sequer* [explícito ou implícito]. Se se usa "e nem" em, por exemplo, "Não estudou e nem dormiu", incorre-se em pleonasmo vicioso, porque, com efeito, *nem* já equivale a *e não* [daí que a construção censurada equivalha a "Não estudou e e não dormiu"].

---

[115] É controversa a origem de *eis*: ou o lat. *ex* (preposição); ou *heis*, forma contrata de *haveis*; ou ainda o lat. *ecce*.

Já não assim em, por exemplo, *Não veio, e nem* [= *e nem sequer*] *avisou*, porque, com efeito, *sequer* equivale a *ao menos*. Esta é construção corretíssima.

☞ **Observação 2.** Não se use *sequer* com sentido negativo. Com efeito, *Sequer telefonou* quer dizer *Ao menos telefonou* e não "Nem (sequer) telefonou";

☞ **Observação 3.** Também constitui pleonasmo vicioso "nem tampouco". Como *nem* equivale a *e não*, e como *tampouco* equivale a *também não*, com "nem tampouco" temos "e não também não". Bem sabemos que a expressão censurada é comum em espanhol; mas evite-se em português.

☞ **Observação 4.** Em Portugal se usa mais *tão pouco*, e no Brasil *tampouco*.

7.4.13. *et reliqua.*

☞ **Observação 1.** Normalmente, as locuções adverbiais têm por núcleo uma parte substantiva, uma parte adjetiva ou uma parte adverbial *antecedidas* de preposição (valham os exemplos dados acima). Por vezes, todavia, como se vê ainda nos exemplos dados acima, a formação é mais complexa: *de onde em onde*, *de quando em quando*, *de vez em quando*, *de longe em longe*, *de mão em mão*, etc.

☞ **Observação 2.** Quando uma parte prepositiva vem antes de uma parte adverbial, forma com esta, como se acaba de dizer, uma locução adverbial: *de dentro*, *por detrás*, etc. Se, ao contrário, a parte prepositiva vem depois de uma parte adverbial ou de uma parte locutiva adverbial, forma com estas uma locução prepositiva: *dentro de*, *por detrás de*, etc.

7.5. Advérbios interrogativos.

§ Por se usarem para introduzir interrogações (diretas ou indiretas) ou orações que as repitam,[116] chamam-se interrogativos os seguintes advérbios de causa, de lugar, de tempo e de modo:

a. de causa: *por que*.

✓ *Por que não mo perguntaste?*;

✓ *Não sei por que não mo perguntaste*

(**observação:** quando estudarmos a conjunção *porque*, diremos quando se deve grafar *por* e *que* juntos e quando separados. Atente-se porém a que em Portugal o interrogativo *porque* se escreve assim mesmo, com *por* e *que* juntos. No Brasil, defendia esta última maneira o gramático Rocha Lima. De nossa parte, defendemos se mantenham as maneiras divergentes, pela mesma razão por que dizemos que devem manter-se as maneiras divergentes quanto a *todo*);[117]

---

[116] *Vide* a Sexta Parte.

[117] *Vide* a seção dos Pronomes, *supra*.

b. DE LUGAR: *onde*, *aonde*:[118]

✓ *Onde está o livro?*;

✓ *Não sei aonde vamos*;

c. DE TEMPO: *quando*:

✓ *Quando virás à nossa cidade?*;

✓ *Não sei quando irei à vossa cidade.*

d. DE MODO: *como*:[119]

✓ *Como vai a saúde de sua prima?*;

✓ *Não sabemos como vai a saúde de sua prima.*

7.6. Colocação dos advérbios.

7.6.1. Os ADVÉRBIOS que modificam ADJETIVO (incluído o participial) ou outro ADVÉRBIO usam-se de regra antes destes:

✓ *Descoberta de tão GRANDE importância não pode calar-se*;

✓ *Encontrei-a muito MAL*;

✓ etc.

7.6.2. Entre os que modificam VERBO:

7.6.2.a. os DE MODO vêm mais amiúde depois dele:

✓ *Escutava-os atentamente*;

✓ *Entraram rapidamente no quarto*;

✓ etc.;

7.6.2.b. os DE TEMPO e DE LUGAR podem vir antes do verbo ou depois deste:

✓ *De noite, chegou cedo*;

✓ *Dentro há de estar mais quente*;

✓ *O livro há de estar aqui.*

7.6.2.c. Entre os de negação:

- *não* antecede à palavra ou à oração (explícita ou implícita) que ele determina:

✓ *o não negro*;

✓ *Não viajaremos*;

✓ *– Viajareis? – Não (viajaremos)*;

- *nem* e *tampouco* sempre antecedem à palavra ou à oração determinadas:

✓ *Nem estudou nem dormiu*;

✓ *Tampouco dormi*

(**OBSERVAÇÃO:** é gramaticalmente indiferente grafar *Nem estudou nem dormiu* ou *Nem estudou, nem dormiu*, e assim em todos os casos em que apareçam dois ou

[118] *Idem.*

[119] *Idem.*

mais *nens* – a não ser que não se possa usar a vírgula por alguma razão sintática, como em *Nem um nem outro saíram*);[120]

- *nunca* e *jamais* podem usar-se antes do verbo, quando, substituindo-se a *não*, expressam à uma a negação e o tempo; ou depois do verbo, quando completam *não* em parte pleonasticamente, em parte para dar-lhe a mesma expressão de tempo:

✓ *Nunca o vi* ou *NÃO o vi nunca*;

✓ *Jamais o faria* ou *NÃO o faria jamais*.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Ocioso seria dizer que as duas maneiras são igualmente corretas; e de fato não insistiríamos nisto se no Brasil não corresse o "rumor" de que a maneira semipleonástica está errada. Mero "rumor".

→ Quando se emprega algum advérbio para realçar outro advérbio, aquele vem de regra antes deste:

✓ *Lá DENTRO há de estar mais quente*;

✓ *Já estamos aqui FORA*;

✓ etc.

7.7. OS ADVÉRBIOS EM *-MENTE*.

7.7.1. Qualquer adjetivo a que se acrescente o sufixo *-mente* transforma-se, por isto mesmo, em advérbio. O sufixo deriva do substantivo latino *mens, mentis* ('mente, espírito, razão, sabedoria') usado, no latim vulgar, no ablativo e quase sempre com um adjetivo, donde expressões como *FORTE mente* ('de alma decidida'), *BONA mente* ('de boa vontade'), etc. Tais construções herdaram-nas vários romances, e no português arcaico ainda se escreviam separadamente. Foi a partir do século XVI que cada vez mais se foram escrevendo ligadamente, com o substantivo mudado em sufixo. Por sua origem feminina, todavia, o sufixo une-se a partes morfológicas adjetivas no feminino: *BOAmente, BONDOSAmente, MAmente, VÃmente*, etc. Obviamente, se se trata de parte adjetiva uniforme, uniforme permanece: *ADORAVELmente, CRUELmente, FACILmente, FEROZmente, INDIGENAmente*, etc. Sucede porém que adjetivos como *francês, inglês, português, burguês, espanhol* e outros que tais eram uniformes na língua antiga (*o HOMEM inglês* e *a MULHER inglês*, etc.), o que herdamos para a formação de advérbios: *francesmente* (e não "francesamente"), *inglesmente* (e não "inglesamente"), *portuguesmente* (e não "portuguesamente"), *burguesmente* (e não "burguesamente"), *espanholmente* (e não "espanholamente"), etc.

---

[120] *Vide* a Oitava Parte.

7.7.2. Quando numa oração dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, *podemos*, por razões rítmicas ou outras que tais, unir o sufixo apenas ao último deles:

✓ "É longa a estrada... Aos ríspidos estalos / Do impaciente látego, os cavalos / Correm veloz (= velozmente), larga (= largamente) e fogosamente" (Raimundo Correia);

Mas *poder* não é sinônimo de *dever*, e, com efeito, especialmente quando se quer deixar nítidas ou realçar as diferentes circunstâncias expressas pelos advérbios, então normalmente se mantém o sufixo em todos estes:

✓ *Trabalhou arduamente e felizmente*;

✓ "Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, longamente, humanamente, e foi essa a primeira vez" (Guimarães Rosa).

⇗ **Observação 1.** Não procede a regra de Cunha e Cintra e de outros gramáticos segundo a qual, quando se usa a sequência de advérbios com o sufixo *-mente* explíticito, então deve elidir-se a conjunção *e*. Especialmente em Filosofia, muito amiúde o preferível é fazer como no primeiro dos dois exemplos acima.

⇗ **Observação 2.** Também é usual elidir o sufixo em advérbios ligados pela adversativa *mas*: *Trabalhou árdua mas felizmente*. De nossa parte, porém, preferimos *Trabalhou arduamente, mas felizmente* – a não ser que, em texto de cunho literário, o ritmo, ou a eufonia, ou o metro, ou a rima exijam o contrário.

7.7.3. Quando a parte adjetiva no *superlativo* (e no feminino se for o caso) se lhe agrega o sufixo *-mente*, como em

✓ *bom – boníssimo – bonissimAmente*;

✓ *leve – levíssima – levissimAmente*;

✓ *fiel – fidelíssimo – fidelissimamente*;

✓ etc.,

o próprio advérbio se impregna de grau SUPERLATIVO.

⇗ **Observação.** Como diz com acerto Napoleão Mendes de Almeida, não devem usar-se formas hiperbólicas como "muitíssimo mal", "muitíssimo obrigado", etc. – ao menos na escrita não literária, acrescentamos nós. Usem-se em vez delas *muito mal, muito obrigado*, etc., que já equivalem a *malíssimo, obrigadíssimo*, etc.

7.8. Muitos ADVÉRBIOS podem usar-se no COMPARATIVO:

7.8.1. DE SUPERIORIDADE mediante a anteposição de *mais* e a posposição de *que* (ou de *do que*) ao advérbio:

✓ *O menino assimilava-o* MAIS *depressa/rapidamente* QUE *o irmão*;

7.8.2. DE IGUALDADE mediante a anteposição de *tão* e a posposição de *como* ou de *quanto* ao advérbio:

✓ *O menino assimilava-o* TÃO *depressa/rapidamente* COMO *o irmão*;

7.8.3. DE INFERIORIDADE mediante a anteposição de *menos* e a posposição de *que* (ou de *do que*) ao advérbio:

✓ *O menino assimilava-o* MENOS *depressa/rapidamente* QUE *o irmão.*

OBSERVAÇÃO 1. *Melhor* e *pior* podem ser COMPARATIVOS tanto, respectivamente, do adjetivo *bom* e do adjetivo *mau* como do advérbio *bem* e do advérbio *mal.* Neste último caso, não podem ser senão invariáveis.

✓ *Estes são melhores/piores que aqueles* (adjetivos);

✓ *Estes doentes estão melhor/pior que aqueles* (advérbios).

OBSERVAÇÃO 2. Constitui ao menos impropriedade empregar tais advérbios comparativos antes de particípio. Diga-se e escreva-se, portanto, *mais bem dito, mais bem pintado, mais mal desenhado, mais mal escrito* (e nunca "melhor dito, melhor pintado, pior desenhado, pior escrito"). Admite-se a forma comparativa quando posposta ao particípio: "As paredes das salas estão **pintadas melhor** que as dos quartos; Não pode haver um projeto **executado pior** do que este" (os exemplos são de Cunha e Cintra).

OBSERVAÇÃO 3. O superlativo de *bem* é *otimamente*, e o de *mal* é *pessimamente.*

OBSERVAÇÃO 4. Em tudo o mais quanto a comparativo, o advérbio segue os modos do adjetivo.

7.9. ALGUNS ADVÉRBIOS admitem grau DIMENSIVO (ou seja, aumentativo e diminutivo). Trata-se, porém, de recurso antes da oralidade, e o mais das vezes não deve aplicar-se à escrita não literária. Pode empregar-se em qualquer escrita, por exemplo, uma locução como *de tardinha*; mas na escrita não literária são efetivamente de evitar formas como *cedinho, devagarinho, pertinho*, etc. Usem-se em seu lugar *muito cedo, muito devagar, muito perto*, etc.

OBSERVAÇÃO FINAL. Como alguns adjetivos, ADVÉRBIOS há que necessariamente não se flexionam, porque sua mesma significação não admite gradação. É o caso de *aqui, aí, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, semestralmente, anualmente* e tantos outros que tais.

> ➢ JÁ E MAIS.
>
> § Os lusófonos costumamos pôr impropriamente *mais* em lugar de *já*. Explique-se.

1. Quando se diz ou se escreve "ele não virá *mais* aqui", que se quer dizer? Que "ele *nunca mais* virá aqui" ou que "ele *já* não virá aqui"? Parece ociosa a pergunta, porque, com efeito, as duas maneiras não parecem distinguir-se, senão expressar o mesmo. Altere-se porém a construção, e ver-se-á que não se trata do mesmo: se digo "ele *já* não está doente", não quero expressar o mesmo que se digo "ele não está *mais* doente", ou seja, ou que "ele está menos doente" ou que não está "menos nem mais doente, mas igualmente doente".
2. À exceção de Napoleão Mendes de Almeida, os gramáticos e os lexicógrafos modernos não atendem a tal distinção. Mas aqui quem tem razão é o nosso gramático, conquanto tenhamos de matizar-lhe a regra.
a. Em "ele não vem *mais* aqui", *mais* é sinônimo de *nunca mais*, locução de parte morfológica (de origem adverbial) determinada (*nunca*) + parte morfológica (de origem adverbial) determinante (*mais*).[121] Mas neste sentido havemos de convir que a diferença significativa entre "ele *nunca mais* virá aqui" e "ele *já* não virá aqui" é tão tênue, de matiz tão sutil, que praticamente podemos usar uma pela outra. Evite-se, contudo, por desnecessário, o uso na mesma oração de *já* e de *mais*: com efeito, em "ele já não virá mais aqui" sobeja um destes dois advérbios.
b. Já não assim, todavia, se se põe o verbo, por exemplo, no presente do indicativo: não se pode dizer ou escrever de todo propriamente senão "ele *já* não vem aqui", porque, se se pusesse "ele não vem *mais* aqui", ou se estaria usando uma enálage (de presente do indicativo pelo futuro do presente), e então não haveria erro, ainda que, sim, certa ambiguidade; ou, se não se tratasse de enálage, estaria usando-se *mais* em lugar de *já*, sem que todavia pudéssemos comutar *mais* por *nunca mais* – o que constitui, na melhor das hipóteses, impropriedade.
3. Tenha-se pois por regra prática: sempre que se puder comutar por *nunca mais*, pode usar-se *mais*; sempre que não se puder fazer tal comutação, use-se *já*. O efeito desta regra é, sempre, uma perfeita desambiguação.

↗ **Observação.** É quase onipresente a tradução equivocada do *plus* francês por *mais*. Traduza-se pois o vocábulo francês por *já* ou por *mais* segundo a regra que acaba de dar-se.

---

121 *Nunca mais*, aliás, poderia grafar-se "nunca-mais" ou "nuncamais", tal qual grafamos *jamais* (resultante ou de *já* + *mais* ou do lat. *jam magis*, o que não altera fundamentalmente os dados da questão). Uma vez mais, vê-se que *locução* e *palavra composta por justaposição* são em essência o mesmo.

VIII
AS PREPOSIÇÕES

8.1. As PREPOSIÇÕES, como as conjunções, são *conectivos absolutos*;[122] e chama-se CONECTIVOS a palavras que, por sua própria natureza, se distinguem das estudadas até agora: são ligações intervocabulares que expressam certas relações entre as ideias. Estão para as partes da oração (ou seja, os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios) e pois para a mesma oração assim como os parafusos, os pregos e peças semelhantes estão para as partes de um móvel e pois para este.

8.2. As PREPOSIÇÕES, como o próprio nome indica, põem-se sobretudo *antes* de palavras que expressem ideia subordinada a outra: *ficou* [subordinante] *EM* [subordinada] *casa*; *feito* [subordinante] *POR* [subordinada] *Maria*; *útil* [subordinante] *A* [subordinada] *todos*; etc. Mas põem-se também antes de verbo em forma nominal justamente para subordinar sua *oração* a outra: *EM* [subordinada] *chegando à cidade, telefone-nos* [subordinante]; *POR* [subordinada] *rejeitar a proposta indecorosa, passaram a persegui-lo* [subordinante]; *A* [subordinada] *persistirem os sintomas, informe-o a seu médico* [subordinante]; etc. Há PREPOSIÇÕES que só o são (*a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por/per, sem, sob, sobre, trás*); mas há palavras oriundas de outra classe gramatical (na maior parte, adjetivos de origem participial) que, por contiguidade semântica, passam a usar-se como preposições (*conforme, consoante, tirante*, etc.).

OBSERVAÇÃO 1. Se se trata de duas palavras conectadas por PREPOSIÇÃO, podem dizer-se tanto *subordinante* e *subordinada* como *antecedente* e *consequente*. E, se se trata de duas orações conectadas por preposição, dizem-se *subordinante*[123] e *subordinada* (esta última, como dito, sempre reduzida de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

OBSERVAÇÃO 2. Na maior parte das vezes, a PREPOSIÇÃO faz as vezes de terminações casuais do latim. Assim, por exemplo, não raro a preposição *a* expressa o dativo, e a preposição *de* o genitivo. Mas tal processo teve início no mesmo latim, e corresponde a uma *tendência* geral das línguas indo-europeias.

---

[122] Para CONECTIVOS ABSOLUTOS, *vide* **2.2.5.a** *supra* e nota prévia à Quinta Parte. – Não estudaremos as conjunções em seguida às preposições, mas, como devido, no âmbito da Sintaxe.
[123] Mais comumente conhecida por "principal". A razão de a chamarmos *subordinante*, dá-la-emos na Sexta Parte.

⇗ **Observação 3.** Dissemos que as preposições estão para as orações assim como os pregos, os parafusos e semelhantes estão para os móveis. Mas por alguma razão umas destas peças são pregos, outras parafusos, etc., e de distinta figura e de diferente tamanho. Pois também assim as preposições, e a razão de sua diversidade é que cada uma encerra carga semântica própria. Explique-se. Um pouco como os advérbios, as preposições expressam *de certa maneira* modalidade ou circunstância, mas distinguem-se daqueles antes de tudo por servir *sempre*, como visto, de elo de subordinação entre um antecedente e um consequente.[124] Como porém já se viu e como se verá mais profundamente ao estudarmos as orações, alguns advérbios (como *quando* e *onde*) transformam-se facilmente em conectivos. Parece, assim, que não é tão grande a distância entre os conectivos e os advérbios. – Em verdade, estamos aqui diante de um dos problemas mais espinhosos da Gramática. Por sua carga semântica, como dito, as preposições aproximam-se dos advérbios; mas só se usam como conectivos. Pelo primeiro aspecto, parecem ser unidades mínimas de significado; pelo segundo, não parecem sê-lo. A solução para tão grande problema não pode ser senão *analógica*, ou seja, por um traço distintivo das preposições: sua carga semântica é sempre de *elo relacional*, e só como tal se atualiza.[125]

⇗ **Observação 4.** Na maior parte dos casos, a preposição usa-se necessariamente: é o que se dá em *ir à* [a + a] *escola*, *vir da* [de + a] *escola*, *estar na* [em + a] *escola*, etc. Por vezes, porém, está presente não necessariamente, como em *sacar da* [de + a] *espada*, oração que poderia dizer-se sem a preposição (*sacar a espada*). Ainda neste último caso, todavia, a introdução da preposição agrega matiz semântico, como se verá na Sétima Parte.

---

[124] Afora o fato de que, como dito, correspondem não raro a acidentes casuais.

[125] É bem verdade que os melhores estudiosos latinos da linguagem afirmavam o "vazio significativo" das preposições. Parece porém que isto se devia ao caráter mesmo da língua latina: quando se usava nesta, por exemplo, a preposição *ad* (= *a*), usava-se sem que a palavra subordinada que ela relacionava à subordinante perdesse sua desinência de caso: por exemplo, *ad litteram* (à [a + a] letra). Ou seja, como diz com tanta precisão o Pe. João Ravizza, em latim "preposição é a palavra que se antepõe a um nome ou pronome para exprimir, mais clara e exatamente do que com o uso do simples caso, uma circunstância de tempo ou de lugar, de instrumento ou de modo, de causa ou de origem" (*Gramática Latina*. 14. ed. Niterói, Escola Industrial Dom Bosco, 1958, p. 250). Mas dizê-lo implica dizer também que a preposição serve em latim de mero reforço à desinência de caso, razão por que este tem anterioridade com respeito ao que o reforça. Portanto, para que se patenteasse que também as preposições têm carga semântica, foi preciso que antes ruísse o sistema de casos. – Voltaremos ao assunto na Sexta Parte.

⇗ **Observação 5.** Por vezes, a preposição, ainda que necessária, é pleonástica, ou seja, repete o já expresso por um prefixo: por exemplo, em *Concordo com ele.* Note-se que o prefixo *con-* nada mais é, aqui, que a preposição *cum* latina convertida nisto mesmo, prefixo.

⇗ **Observação 6.** Por vezes, a preposição torna-se parte morfológica de locução ou de palavra composta por justaposição: *carro de combate, Maria vai com as outras, Rua Luís de Camões, cana-de-açúcar*, etc.

⇗ **Observação 7.** Toda e qualquer preposição rege locução ou grupo adverbial: *a/de/em cócoras, a desoras, a/ao destempo, a ferros, a limpo, à* [*a* + *a*] *pressa/às* [*a* + *aa*] *pressas, à* [*a* + *a*] *queima-roupa, a sabendas, a sério, a sós, à* [*a* + *a*] *uma, às* [*a* + *as*] *avessas, às* [*a* + *as*] *cegas, às* [*a* + *as*] *claras, às* [*a* + *as*] *escondidas, às* [*a* + *as*] *ocultas, às* [*a* + *as*] *tantas, às* [*a* + *as*] *tontas, de bruços, de costas, de vista, em ânsias, em bolandas, em chamas, em pranto*, etc.; *ante o público, até* (*a*) *o vestíbulo, com dúvidas, contra a maioria, entre amigos, por vontade própria, sob tensão, sobre o campo*, etc.

⇗ **Observação 8.** O antecedente da preposição pode ser um substantivo (*GUERRA com/contra Cartago*), um pronome (*ESTE sobre todos*), um adjetivo (*livro ESCRITO por João*), um advérbio (*CONTRARIAMENTE a isto*) ou um verbo/oração (*FICOU de escrever-nos*).

⇗ **Observação 9.** O consequente da preposição pode ser um substantivo (*mão de PEDRO*), um pronome (*sobre AQUELE*), um verbo no infinitivo (*morrer de RIR*), um advérbio (*determinar para SEMPRE*), um adjetivo (*tomou-o por COVARDE*) ou uma oração (*alegrias de QUANDO SE É CRIANÇA; em CHEGANDO*).

8.3. As PREPOSIÇÕES podem ser:

- ou SIMPLES;
- ou COMPOSTAS, quando constituídas de duas ou mais partes, a última delas quase sempre de origem prepositiva (o mais das vezes *de*): são as **LOCUÇÕES PREPOSITIVAS**.

8.3.1. Repita-se o rol das PREPOSIÇÕES SIMPLES: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por/per, sem, sob, sobre, trás.*

⇗ **Observação 1.** Costumam as gramáticas chamar *essenciais* às preposições simples, para distingui-las das *acidentais*, ou seja, certas palavras que, pertencentes originalmente a outra classe, podem usar-se como preposições: *afora* (originalmente advérbio), *conforme* (originalmente adjetivo), *consoante* (originalmente ajetivo), *durante* (originalmente adjetivo [arcaico]), *exceto* (originalmente adjetivo [pouco usado; = *excetuado*]), *fora* (originalmente adjetivo), *mediante* (originalmente

advérbio), *menos* (originalmente advérbio e depois pronome), *salvo* (originalmente adjetivo), *segundo* (originalmente numeral adjetivo), *senão* (originalmente conjunção), *tirante* (originalmente adjetivo), *visto* (originalmente adjetivo), etc.

⇗ **Observação 2.** Como já se mostrou, algumas preposições se contraem com artigos definidores (*ao* [*a* + *o*], *à*, [*a* + *a*], *da* [*de* + *a*], *no* [*em* + *o*]) e com artigos indefinidores (*dum* [*de* + *um*], *numa* [*em* + *uma*]), com pronomes (*àquele* [*a* + *aquele*], *dela* [*de* + *ela*], *dessas* [*de* + *essas*]), com advérbios (*dalém* [*de* + *além*], *daquém* [*de* + *aquém*]), com outra preposição (*dentre* [*de* + *entre*]).[126]

⇗ **Observação 3.** Como já visto e como se voltará a ver, a preposição *de* não se contrai com nada quando rege infinito (*Já está na hora de ele* PENSAR *nisto a sério*).

8.3.2. E são as seguintes as principais locuções prepositivas: *a despeito de, a fim de,*[127] *a par de, a par com, a respeito de, à roda de, à volta de, abaixo de, acerca de, acima de, adiante de, além de, antes de, ao contrário de, ao inverso de, ao invés de,*[128] ao *lado de, ao longo de, ao redor de, apesar de, atrás de, através de,*[129] *cerca de, com referência a, com respeito a, de acordo com, de cima de, debaixo de, defronte de, dentro de, depois de, diante de, em baixo de,*[130] *em cima de, em derredor de, em frente a, em frente de, em lugar de,*[131] *em redor de, em roda de, em torno de, em vez de,*[132] *em volta de, graças a, junto a, junto com, junto de,*[133] *nada obstante/não obstante, no concernente a, no*

---

[126] Há diferença entre *entre* e *dentre*: a primeira equivale a *no meio de* (*Entre os grandes escritores, está Dickens*), enquanto a segunda equivale a *do meio de* (*Apanhou o livro dentre os demais*). Por conseguinte, não se deve usar uma pela outra, ao contrário do que comumente se faz.

[127] *A fim de* = *para*. Não tem lugar na língua culta a expressão 'estar a fim de algo' (ou seja, 'desejar algo'). É tão somente de gíria brasileira. – *Afim* é adjetivo e tem o sentido de 'que tem afinidade': *livros afins, pessoas afins*, etc.

[128] *Ao invés de* = *ao contrário de, ao inverso de. Vide* nota *infra* sobre *em vez de*.

[129] *Através de* pode equivaler a *por entre, pelo meio de*; a *por dentro, pelo interior de*; a *por*; a *no decorrer de*; a *de um lado para o outro*; e, antes em sentido translato ou figurado, a *mediante, por meio de* (*Disse-lho através de um amigo comum*). Nesta última acepção, é impugnado por puristas, mas sem razão: é de largo uso entre os melhores escritores.

[130] Ou *embaixo de*. Preferimos a primeira maneira, por sua possível comutação opositiva com *em cima de* (e não "encima de", como, aliás, em espanhol [*encima de*]).

[131] E não "no lugar de", forma imprópria muito usada, porém, no Brasil. Evite-se. – *Em lugar de* equivale ou a *em vez de*, ou a *ocupando o lugar de*.

[132] *Em vez de* equivale ou a *em lugar de* ("Dormiu *em vez de/em lugar de* estudar") ou a *ao invés de/ao contrário de* (*Dormiu* EM VEZ/AO INVÉS/AO CONTRÁRIO *de ficar acordado*). Atente-se, portanto, a que não se pode usar *ao invés de* em lugar de *em vez de* em, por exemplo, "Dormiu em vez de estudar", porque *dormir* NÃO É O CONTRÁRIO de estudar (ao passo que o é de *ficar acordado*). Usá-lo quando não se trata de contrários constitui erro.

[133] Vê-se, pois, quão infundado é o "rumor gramatical" que pretende impugnar ou *junto* a, ou *junto com*, ou *junto de*. O uso de um em lugar do outro há de dar-se segundo o matiz que se queira expressar.

tocante a, para além de,[134] *para com,*[135] *perto de, por baixo de, por causa de, por cima de, por detrás de, por diante de, por entre,*[136] *por meio de, por sobre, por trás de, por volta de.*

8.4. Carga semântica relacional das preposições simples.[137]

8.4.1. A:

- MOVIMENTO LOCAL (a um termo):
  - ✓ *Foi ao colégio*;
  - ✓ *Suas idas ao estúdio do pintor lhe foram proveitosas*;
  - ✓ *Foram a casa e já voltam*

(**OBSERVAÇÃO:** *Foram a casa* e *Foram para casa* expressam coisas distintas, o que se explicará mais adiante, ao tratar-se a preposição *para*);

- DISTÂNCIA ESPACIAL:
  - ✓ *Daqui à [a + a] biblioteca são três quilômetros*;
  - ✓ *Percorremos caminhos pedregosos de uma cidade à [a + a] outra*;
- INTRODUZ O COMPLEMENTO DOS VERBOS *DANDI*, *DICENDI*, *ROGANDI*:
  - ✓ *DAR, conceder, conferir, outorgar algo a alguém*;
  - ✓ *DIZER, explanar, expressar, expor algo a alguém*;
  - ✓ *falar de algo a alguém*;
  - ✓ *ROGAR, implorar, suplicar, pedir algo a alguém*;
  - ✓ etc.

(**OBSERVAÇÃO:** veja-se mais adiante o que se diz, em nota, do uso de *para* com estes verbos);

- DECURSO OU ESPAÇO DE TEMPO:
  - ✓ *Melhora dia a dia*;
  - ✓ *Viajam daqui a quatro dias*;
- MUDANÇA QUALITATIVA:
  - ✓ *Tudo ali vai de mal a pior*;

---

[134] *Para além de* é equivalente de *além de* e usa-se em lugar desta ou com fins de desambiguação ou com fins de ênfase. – Não é do melhor português, todavia, "mais além de", que infelizmente tanto se põe por tradução da locução espanhola *más allá de*. Traduza-se esta ou por *além de* ou por *para além de*.

[135] *Para com* é forma desambiguadora ou enfática de *para* ou de *com*, a depender do contexto. – Algumas vezes traduz eficientemente a preposição espanhola *hacia*. Mas não quando esta expressa direção: neste caso, em que equivale ao inglês *toward* e ao francês *vers*, traduz-se em português por *para* ou, às vezes, por *rumo a*, *em direção a*. Mas constitui uma pobreza de nossa língua que não tenhamos equivalente perfeito de *hacia*, *vers*, *toward*: *para* não as traduz senão aproximativamente.

[136] Não raro, *por entre* é mais expressivo que *entre*: em *Caminhava por entre as árvores*, por exemplo.

[137] O vetor relacional expresso pela preposição vai sempre de um subordinante a um subordinado. – Para a carga semântica das *locuções prepositivas*, *vide* os melhores dicionários.

- TENDÊNCIA OU DESTINAÇÃO:
  - ✓ *Tem tendência ao melancólico*;
  - ✓ *vida ordenada ao estudo*;
- SITUAÇÃO ESPACIAL OU TEMPORAL:
  - ✓ *Estava ao pé da lareira*;
  - ✓ *Postou-se ao lado da estátua*;
  - ✓ *À saída, falou ao filho*;
  - ✓ *Sentava-se sempre à [a + a] cabeceira*;
  - ✓ *Despertou ao amanhecer*;
  - ✓ *À [A + a] sobremesa, revelou o segredo*;
- MODO:
  - ✓ *Fizeram-lhe a incisão a frio*;
  - ✓ *Senti-vos à vontade.*

8.4.2. ANTE:

- ANTERIORIDADE:
  - ✓ *Entrou pé ante pé*;
- DEFRONTAÇÃO (em sentido próprio ou translato):
  - ✓ *Deteve-se ante o pedinte*;
  - ✓ "A imagem de Carlos Maria veio postar-se ante ela" (MACHADO DE ASSIS);
  - ✓ *Ante a incerteza, hesitou*;

8.4.3. APÓS:

- POSTERIORIDADE TEMPORAL IMEDIATA:
  - ✓ "Após meia hora de caminho, vislumbrou a luz amortecida no cimo do cerro do Valmurado" (M. DA FONSECA);
  - ✓ *Após muitas horas de estudo, saiu para espairecer*;
- POSTERIORIDADE ESPACIAL IMEDIATA:
  - ✓ *Após os tanques, ia a infantaria*;
- CONSEQUÊNCIA:
  - ✓ *Após tais desmandos, que outro sentimento se poderia esperar?*;

8.4.4. ATÉ:

- APROXIMAÇÃO A UM LIMITE ESPACIAL OU TEMPORAL (com insistência em tal limite):
  - ✓ "Macambira adiantou-se até a acácia, sentou-se no banco" (COELHO NETTO);
  - ✓ *Avançamos até ao portão*;
  - ✓ *Ventou até o fim do mês*;
  - ✓ *Falou até ao enjoo*

(OBSERVAÇÃO 1: como se vê pelos exemplos, *até* pode seguir-se ou não da preposição *a* quando rege substantivo antecedido de artigo. E não há problema algum em que uma parte prepositiva se siga de outra, constituindo locução com esta: é o caso de *por entre, por sobre, por sob*, etc. No caso em tela, a forma enfática *até a* acentua o caráter de aproximação. Atualmente, o português brasileiro *tende* a usar *até* desacompanhada de *a*, enquanto o português lusitano sempre a usa acompanhada de *a*. De nossa parte, tendemos a seguir o uso lusitano;

OBSERVAÇÃO 2: não se confuda *até* preposição com *até* advérbio de inclusão [*Até ele veio*, por exemplo], que já estudamos);

8.4.5. COM:[138]

- ADJUNÇÃO, CONFORMIDADE, ASSOCIAÇÃO, COMPANHIA, COMUNIDADE, SIMULTANEIDADE, OPOSIÇÃO, ETC.:
  - ✓ *Não pude senão concordar com ele*;
  - ✓ "Rir dos outros é sinal de pobreza de espírito. Deve-se rir com alguém, não de alguém, como dizia Dickens" (GILBERTO AMADO);
  - ✓ *Caminhava com o amigo*;
  - ✓ *Saímos com o sol já a pôr-se*;
  - ✓ *Então Roma guerreava com Cartago*;
  - ✓ etc.;
- MODO, MEIO, INSTRUMENTO, MATÉRIA, CONCESSÃO, ETC.:
  - ✓ *Fazei-o com calma*;
  - ✓ *Trabalha com serra*;
  - ✓ *Cozer com azeite*;
  - ✓ *Com* [= *Apesar de*] *ser estudioso, não foi aprovado*;
  - ✓ etc.

8.4.6. CONTRA:

- MOVIMENTO EM DIREÇÃO CONTRÁRIA OU A LIMITE OU A BARREIRA PRÓXIMA; OU AINDA CONTRARIEDADE, OPOSIÇÃO, HOSTILIDADE, ETC.:
  - ✓ *Arremeteu contra eles*;
  - ✓ *Apertou-se contra o corpo do pai*;
  - ✓ "Eu castigava a mão contra o meu próprio rosto / E contra a minha sombra erguia a lança em riste..." (OLAVO BILAC);
  - ✓ *Então Roma guerreava contra Cartago*;

---

[138] No português, *com* é uma das preposições mais produtivas e versáteis. Para o quadro completo dos usos de *com*, *vide* os melhores dicionários.

8.4.7. DE:

- POSSE, PERTENÇA E DEMAIS SENTIDOS EXPRESSOS, POR EXEMPLO, PELO GENITIVO LATINO (tanto o chamado "subjetivo" como o chamado "objetivo"):
  - ✓ *as faces da* [*de* + *a*] *moça*;
  - ✓ *os costumes dos* [*de* + *os*] *japoneses*;
  - ✓ *as tradições de Trás-os-Montes*;
  - ✓ *a descoberta de Cabral*;
  - ✓ *o descobrimento do* [*de* + *o*] *Brasil*;
  - ✓ *o resultado dos* [*de* + *os*] *exames*;
- AFASTAMENTO DE DADO PONTO ESPACIAL OU TEMPORAL; ORIGEM; PONTO DE PARTIDA:
  - ✓ *Vinha de longe*;
  - ✓ *Grave silêncio subia dos* [*de* + *os*] *porões*;
  - ✓ *de então aos dias de hoje*;
  - ✓ *Desapareceu de um momento para outro*;
- QUANDO, A CERTA ALTURA DE:
  - ✓ *Partiram de manhã*;
  - ✓ *Chegaram de tarde*;
- FIM OU CONSEQUÊNCIA (= *para*):
  - ✓ *Ter olhos de ver*;
  - ✓ *Isso é de notar*;

8.4.8. DESDE:[139]

- AFASTAMENTO OU DISTÂNCIA DE DADO PONTO (COM INSISTÊNCIA NESTE PONTO):

→ no espaço:

  - ✓ *Caminhou desde a escola até à casa do amigo*;
  - ✓ "Dessa calamidade partilharam todas as regiões banhadas pelo Atlântico desde as Flandres até o estreito de Gibraltar" (JAIME CORTESÃO)

(**OBSERVAÇÃO 1:** prefira-se usar *desde* em par com *até*, como nos exemplos; e *de* em par com *a* [*Caminhou da escola à* [*a* + *a*] *casa do amigo*]);

OBSERVAÇÃO 2: não se deve usar *desde* em lugar de *de* fora do par com *até* para expressar *lugar de onde* ou *ângulo do ou pelo qual*: diga-se *Da janela via o mar* [e não "Desde a janela via o mar"], *Deste* [ou *Por este*] *ângulo, não é verdade* [e não "Desde este ângulo..."], etc. O uso de *desde* nestes casos é castelhanismo);

---

[139] *Desde* (< latim vulgar *de* + *ex* + *de*) é uma sorte de intensificador de *de*.

→ no tempo:

✓ *Pensa no assunto já <u>desde</u> o ano passado*;

8.4.9. EM:[140]

- ONDE, SITUAÇÃO, POSIÇÃO, LOCALIZAÇÃO, ETC.:

  ✓ *Não está <u>em</u> casa*;

  ✓ *Traz na [<u>em</u> + a] alma aquelas lembranças tristes*;

  ✓ *sentada no [<u>em</u> + o] sofá*;

  ✓ *Vivem na [<u>em</u> + a] Costa Rica*;

  ✓ *O casaco está no [<u>em</u> + o] armário*;

  ✓ *estirado na [<u>em</u> + a] cama*;

  ✓ *penduradas no [<u>em</u> + o] varal*;

  ✓ etc.

- ENTRADA, MOVIMENTO PROGRESSIVO, MOVIMENTO DIRECIONAL, ETC.:

  ✓ *Entraram todos no [<u>em</u> + o] parque*;

  ✓ *A notícia corria de boca <u>em</u> boca*;

  ✓ *As crianças corriam <u>em</u> todas as direções*

(OBSERVAÇÃO: Como se verá na Sétima Parte, em registro culto não se deve usar *em* na expressão das demais sortes de movimento [para estas, temos *a*, *para*, *até*]);

- QUANDO; DURAÇÃO; INTERMITÊNCIA:

  ✓ *Nasceu <u>em</u> 1952*;

  ✓ *Tudo se deu <u>em</u> uma hora*;

  ✓ "Nazário visitava-as de quando <u>em</u> quando" (Coelho Netto);

  ✓ *Mexia-se de vez <u>em</u> quando*;

- RESULTADO, ESTADO, ETC.:

  ✓ *debulhar-se <u>em</u> lágrimas*;

  ✓ *crescer <u>em</u> indignação*;

  ✓ *Paris estava <u>em</u> chamas*;

8.4.10. ENTRE:

- SITUAÇÃO (espacial ou temporal) INTERMÉDIA OU NO MEIO DE MULTIDÃO; INTERIORIDADE; HESITAÇÃO; MUTUALIDADE; ETC.:

  ✓ *A estátua ficava <u>entre</u> dois arbustos*;

---

[140] No português, *em* também é das preposições mais produtivas e versáteis. Para o quadro completo dos usos de *em*, *vide* os melhores dicionários.

✓ "Convém intercalar este capítulo entre a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX" (MACHADO DE ASSIS);

✓ *Estávamos entre amigos*;

✓ *Entre o povo, não há tal preocupação*;

✓ *Viver entre apreensões e esperanças*;

✓ "Todos os barcos se perdem entre o passado e o futuro" (CECÍLIA MEIRELES);

✓ *Está entre ir e não ir*;

✓ *Entre ti e mim não pode haver desconfianças*;

8.4.11. PARA:

- DIREÇÃO, SENTIDO, DESTINO MAIS OU MENOS PERMANENTE:

✓ *Caminharam para a fronteira*;

✓ *Viajaram para o sul*;

✓ *Foi para casa*;

✓ *Foram para a Colômbia*

(**OBSERVAÇÃO 1:** como dito mais acima, *para* usa-se com sentido equivalente ao de *hacia, vers, toward*;

OBSERVAÇÃO 2: no português atual, uma coisa é *Foi a casa* e outra *Foi para casa*: no primeiro caso, foi não para ficar, enquanto no segundo foi para ficar;

OBSERVAÇÃO 3: no português atual, uma coisa é *Foram à [a + a] África* e outra *Foram para a África*: no primeiro caso, foram para voltar mais ou menos brevemente, enquanto no segundo foram para viver ali);[141]

- FINALIDADE:

✓ *Caminhamos também para manter a saúde*;

✓ *Estuda para crescer*;

✓ *dar pano para mangas*;

- APRAZAMENTO, POSTERGAÇÃO, TEMPO FUTURO MAIS OU MENOS INDETERMINADO, DECURSO:

✓ *Marcamos o encontro para amanhã*;

✓ *Deixou o trabalho para a semana seguinte*;

✓ *Que fique para dias melhores*;

✓ *de um momento para outro*;[142]

---

[141] No português camoniano, dir-se-ia, respectivamente, *Foram em África* e *Foram a África*;

[142] Contra a tendência coloquial brasileira, prefira-se *a* a *para* com os verbos *dandi, dicendi* e *rogandi*: *Deu o livro ao filho* em vez de "Deu o livro para o filho"; *Disse-o ao professor* em vez de "Disse-o para o professor"; *Pediu aos familiares compreensão* em vez de "Pediu para os familiares compreensão". O uso

- OPINIÃO, JULGAMENTO:
  - ✓ *Para mim, é um quadro perfeito*;

8.4.12. PERANTE:

- O MESMO QUE *ANTE*:
  - ✓ *Calou-se perante os auditores*;
  - ✓ "Perante a grandeza e o poder do Céu, a esperança era o melhor compromisso dos homens para com a vida" (MANUEL LOPES);
  - ✓ "Vejo a sua trémula palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, perante o mistério e a dor" (TEIXEIRA DE PASCOAES);

8.4.13. POR/PER:[143]

- ATRAVÉS DE, SOBRE, AO LONGO DE, ETC.:
  - ✓ *O vento passava pelas [per + as] persianas*;
  - ✓ *Passemos por este caminho*;
  - ✓ *viajar por terra e por mar*;
  - ✓ *caminhar pela [per + a] praia*;
- SEQUÊNCIA HOMOGÊNEA:
  - ✓ *palavra por palavra*;
  - ✓ *casa por casa*;
- AGENTE:
  - ✓ El Cantar de Mio Cid *foi escrito por autor desconhecido*;[144]
- ALTURA:
  - ✓ *A água dava-nos pela [per + a] cintura*;
  - ✓ *Pegou-a pelos [per + os] ombros*;
  - ✓ *por cima, por baixo*;
- SITUAÇÃO OU LOCALIZAÇÃO INDETERMINADA:
  - ✓ *Estão por aí*;
  - ✓ *A esta altura, estarão pela [per + a] França*;
- CAUSA, MOTIVO, RAZÃO:
  - ✓ *Agiu assim por seu senso de dever*;
  - ✓ *Recuaram por medo*;
- NA CONDIÇÃO DE, A TÍTULO DE, A MODO DE:

---

de *para* nestes casos, todavia, nem sempre constitui propriamente erro. Para os casos em que constitui propriamente erro, em especial com os verbos *rogandi*, *vide* a Sétima Parte.

[143] *Por* é outra das preposições mais produtivas e versáteis em português.

[144] Em construções como esta, como visto, *por* introduz o chamado *agente da passiva*.

✓ *Aristóteles teve a Platão por mestre*;
✓ *por exemplo*;

- SITUAÇÃO-LIMITE:

✓ *Escapou por um triz*;

- MEIO:

✓ *por via aérea*;
✓ *mandar pelo [per + o] correio*;
✓ *vencer pelo [per + o] cansaço*;

- PELA DURAÇÃO DE, DURANTE:

✓ *Pensou por cinco minutos*;
✓ *Viajei por três anos*

(**OBSERVAÇÃO:** nestes casos, pode calar-se a preposição: *Pensou cinco minutos* e *Viajei três anos*);

- MODO:

✓ *escrever algo por extenso*;

- QUE FALTA; SEM:

✓ *Ainda têm muito por* [= *que*] *fazer*;
✓ *Deixei dois textos por* [= *sem*] *revisar*;

- COM RESPEITO A:

✓ *amor pela [per + a]* [= *da* ou *à*] *música*;

- SEGUNDO CONSIDERAÇÃO, JULGAMENTO, OPINIÃO:

✓ *Não o tomo por tolo*;
✓ *Temo-lo por grande artista*;
✓ *Por mim, nada que objetar*;

- FIM, FINALIDADE:

✓ *Lutava por um pouco de paz*;
✓ *seus esforços por bem escrever*;

- A(O) PREÇO OU VALOR (DE); PERMUTA; COMPENSAÇÃO:

✓ *Vendem a casa por um milhão*;
✓ *Teve de vender a tradução por menos do que pensara*;
✓ *trocar o certo pelo [per + o] duvidoso*;
✓ *Olho por olho, dente por dente*;

- POR CAUSA OU EM RAZÃO DE:

✓ *Morreu pela [per + a] arte*;
✓ *Não se lamente pelo [per + o] que passou*;

- EM NOME DE:
  ✓ *por Deus!*;
  ✓ *Falou por todos*;
- O CORRESPONDENTE A:
  ✓ *cobrar por hora*;
  ✓ *Paga aos empregados por semana*;
- SEGUNDO DIVISÃO OU SEGUNDO MULTIPLICAÇÃO:
  ✓ *dividir ou multiplicar vinte por cinco*;

8.4.14. SEM:

- AUSÊNCIA; DESACOMPANHAMENTO:
  ✓ *céu azul sem nuvens*;
  ✓ *Compareceu sem o marido*;

8.4.15. SOB:

- POSIÇÃO OU SITUAÇÃO INFERIOR COM RESPEITO A (em sentido próprio ou em sentido translato):
  ✓ *sentados sob o carvalho*;
  ✓ "Sob um céu nórdico, opalino, cruzavam-se as gaivotas" (U. TAVARES RODRIGUES);
  ✓ "Sob D. Manuel floresceram as artes e as letras em Portugal como sob Leão X na Itália" (CALDAS AULETE [o antigo]);
  ✓ *Afunda-se sob o peso das preocupações*

(**OBSERVAÇÃO:** conquanto não constitua erro usar *sob* em lugar de *por* em casos como este: *sob este aspecto*, o melhor, o mais claro é sempre usar aí *por*);[145]

8.4.16. SOBRE:

- POSIÇÃO OU SITUAÇÃO SUPERIOR COM RESPEITO A (em sentido próprio ou em sentido translato), QUER COM CONTATO, QUER COM CERTA DISTÂNCIA; TEMPO APROXIMADO:
  ✓ *Os óculos estão sobre a mesa*;
  ✓ *de braços cruzados sobre o peito*;
  ✓ "Considerai o espaço imenso a vossos pés e sobre vossa cabeça" (AFONSO ARINOS);
  ✓ *Já estávamos sobre a Páscoa*;

---

[145] Para comprová-lo, basta pensar que *sob* sempre pode comutar-se opositivamente por *sobre*. Mas isto é impossível em construções como *sob este aspecto*. O melhor, por conseguinte, é dizer ou escrever *por este aspecto, por este ângulo, por esta perspectiva*, etc.

- com respeito a, a respeito de, acerca de:
  ✓ *Conversamos sobre muitos assuntos*;

"Pouco de preciso se conhece sobre a distribuição dos Lusitanos no território" (Jaime Cortesão);[146]

8.4.17. TRÁS:

- Usava-se na língua arcaica esta preposição para indicar situação posterior. Hoje, substitui-se por *atrás de*, por *depois de*, por *além de*, ou, ainda que mais raramente, por *após*. Mas subsiste o antigo uso como parte de palavras compostas, como *trasanteontem* e *Trás-os-Montes*.

➢ Para que, uma vez mais, se permita apreensão imediata do sentido das orações e do texto, se numa sequência de substantivos o primeiro estiver antecedido de PREPOSIÇÃO, em princípio todos os demais também o deverão estar:[147]

✓ *Recorreu aos parentes, à [a + a] amiga, ao vizinho...*;
✓ *Viajamos com Maria e com José*;
✓ *Necessitam de livros, de cadernos, de canetas*;
✓ *Estará na [em + a] Áustria, na [em + a] Hungria, na [em + a] Rússia*;
✓ *É apto para uma e para outra função*;
✓ *Deixou-se tomar pela [per + a] ingratidão e pelo [per + o] egoísmo.*

Observação. Não se deve, todavia, repetir a preposição:

- quando o segundo substantivo significa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o primeiro, ou se refere a eles:
  ✓ *A menina gosta muito de tangerina ou mexerica*;
  ✓ *Isto foi dito pelo [per + o] soldado e escritor Miguel de Cervantes...*;
- quando os substantivos constituem entre si algo uno ou um todo:
  ✓ "O estudo [do folclore] era necessitado pela existência das [de + as] histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral" (I. Ribeiro).

§ Obviamente, não se pode repetir *entre* em *Algo ocorreu entre a moça e o rapaz*, etc.[148]

[146] Não procede de modo algum a censura de certos puristas a este uso de *sobre*.
[147] Dizemo-lo ao menos com respeito ao português, e ciente de que a contrapelo do mais usual.
[148] Não trataremos a seguir a classe das interjeições; baste o dito anteriormente.

SEXTA PARTE

SINTAXE GERAL

I

ORAÇÃO E FRASE

1.1. ORAÇÃO é conceito *analógico*: pode dizer-se de vários, mas realiza-se mais perfeitamente em um. Explique-se.

1.1.1. A unidade mínima de significado é a palavra; como dito e redito, as partes de que se compõem as palavras não têm significado por si, mas tão somente na mesma palavra, assim como as notas de um acorde musical só têm "sentido" neste mesmo acorde. Naturalmente, muitas partes de palavra, antes de ser partes, são palavras elas mesmas, e podem voltar a ser palavras se separadas da palavra de que são partes. Insista-se porém que unidade mínima de significado – *o que implica autonomia* – é tão somente a palavra.

1.1.2. A partir daí, ou seja, a partir da palavra, temos os grupos (que por vezes mal se distinguem das locuções): grupos SUBSTANTIVOS (*moça bela*); grupos ADJETIVOS (*do sexo masculino*); grupos ADVERBIAIS (*nesta noite*).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Só muito impropriamente pode dizer-se que há "grupos verbais", porque, com efeito, nos que seriam tais já se está no âmbito da oração. Mas usaremos uma que outra vez a expressão para distinguir da locução verbal certos encontros verbais que se usam sintaticamente como se fossem locuções.

1.1.3. Pois bem, diz-se ORAÇÃO antes de tudo *ao grupo substantivo*. Trata-se, naturalmente, de oração imperfeitíssima, porque, com efeito, ainda está como à espera de um *juízo*: *A moça* [*é*/*não é*] *bela.*

1.1.4. ORAÇÃO mais propriamente dita é *qualquer reunião de palavras que contenha um substantivo ou correlato e um verbo*: e é tão somente a esta sorte de oração que as gramáticas chamam tal, ou seja, oração. Ainda assim, todavia, é preciso distinguir:

→ Uma coisa é a ORAÇÃO de **substantivo** + <u>verbo</u> que não tem sentido completo e que ou necessita de algum complemento ou é, ela mesma, complemento ou adjunto: por exemplo,

- ✓ (***Eu***) *<u>Necessito</u>...*;
- ✓ ... [***o***] ***que*** *<u>é</u> verdadeiramente belo*;
- ✓ *Quando <u>começou</u>* ***a chuva****...*;
- ✓ (***Ele***) *<u>estuda</u> de maneira tal...*

Como pode ver-se, são orações de tipo diverso, e dividem-se justamente, como voltaremos a dizer,

- em *subordinantes* (as mal chamadas "principais");[1]
- e em *subordinadas*, que por sua vez se dividem em *completivas* e *adjuntivas*.

Os exemplos postos, porém, ainda não são ORAÇÕES *perfeitas*, que não podem ser senão as que, além de compostas *ao menos* de *um* substantivo e de *um* verbo, encerram sentido completo.

→ Assim, ORAÇÕES perfeitas são, por exemplo:

✓ (*Eu*) *Necessito que me ajudes*;

✓ *Entre os quadros deste autor, é este o que é verdadeiramente belo*;

✓ *Quando começou a chuva, voltamos para casa*;

✓ (*Ele*) *Estuda de maneira tal, que logo desabrochará em seu ofício.*

Note-se, porém, que uma oração perfeita pode conter outra ou outras orações: por exemplo, o segundo membro de *Ao começar a chuva, voltamos para casa*, é, ele mesmo, oração perfeita.[2]

1.2. Quanto ao que é FRASE, tomemos por ponto de partida a definição que lhe dá Rocha Lima: "*Frase* é uma unidade verbal com *sentido completo* e caracterizada por *entoação* típica: um todo significativo, por intermédio do qual o homem exprime seu pensamento e/ou sentimento. Pode ser brevíssima, constituída às vezes por uma só palavra, ou longa e acidentada, englobando vários e complexos elementos".[3] Sem deixar de conter verdades, há impropriedades na definição do nosso gramático.

1.2.1. Se fosse verdade que FRASE é qualquer todo linguístico que tem sentido completo (vimos já como esta noção deve aplicar-se à oração perfeita), se tal pois fosse verdade, então uma frase terminada em reticências não o seria: por exemplo, *Comprou cadernos, canetas, borrachas...*; ou: *Ele disse que... Recuso-me a repeti-lo.*

1.2.2. Se se inclui o caso que acabamos de referir, pode aceitar-se que na oralidade a FRASE se caracterize por "*entoação* típica". Se porém estamos no âmbito

---

[1] Ver-se-á mais adiante por que o dizemos.

[2] E por aí já se vai vendo que é impossível chegar pela análise da ORAÇÃO a algo unívoco. É então que vem em nosso socorro a *analogia*, e o que fazemos aqui é pura aplicação desta. Com efeito, é analógica a consideração da oração segundo o *anterior* e o *posterior*, segundo o *mais próprio* e o *menos próprio*, segundo o *mais perfeito* e o *menos perfeito*. E, como se há de notar, a oração menos perfeita só pode dizer-se oração porque participa de algum modo do que é a oração perfeita: ou simplesmente porque compartilha algo seu, ou ainda porque se ordena a ela.

[3] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 285.

mais estrito da Gramática, que, como dito e redito, é a arte da escrita, então a entoação já deve deixar de considerar-se *diretamente*.[4]

1.2.3. Se a FRASE se distinguisse por ser um todo significativo, *cavalo*, ou *homem*, ou *rosa*, ou *pedra* seriam frases. Entende-se o que o nosso gramático quer dizer; mas devemos expressá-lo distintamente, e apropriadamente. Para tal, contudo, é preciso que antes nos desembaraçemos de certos mal-entendidos.

- Formalmente, FRASE não é o mesmo que *proposição*. Este conceito é do âmbito da Lógica.[5]
- Rocha Lima inclui entre as espécies de FRASE o seguinte conjunto de versos de Camões:

> "Do teu Príncipe ali te respondiam
> As lembranças que na alma lhe moravam,
> Que sempre ante seus olhos te traziam
> Quando dos teus fermosos se apartavam:
> De noite, em doces sonhos que mentiam;
> De dia, em pensamentos que voavam;
> E quanto enfim cuidava e quanto via
> Eram tudo memórias de alegria"
>
> (CAMÕES, *Os Lusíadas*, III, 121).

Por grande que seja nossa admiração pela poesia e pelos poetas, há que repetir: à Poética, o poético. E repetimo-lo até porque, ainda que lido, qualquer conjunto de versos entre dois sinais de pontuação final tem entoação ditada não principalmente pela expressão de ideias ou de sentimentos, mas por sua mesma *forma poética* (no caso d'*Os Lusíadas*, epopeia vazada em versos decassílabos heroicos, ou seja, aqueles em que o acento tônico recai na sexta e na décima sílaba).[6]

---

[4] Grifamos *diretamente* porque, com efeito, a escrita é signo da fala, e, se o é, então obviamente a entoação está suposta na escrita. Mas não deve considerar-se aqui *diretamente* por razão *análoga* à razão por que um neuropsiquiatra não trata a alimentação, conquanto o cérebro humano dependa da alimentação na mesma medida em que é parte de nosso corpo: suprima-se aquela, e este deixará de existir.

[5] Exemplo atual de grave confusão entre Gramática e Lógica é a obra de Othon Moacyr Garcia *Comunicação em Prosa Moderna*, tão repleta, por outro lado, de sugestões interessantíssimas. Mas tal confusão não é moderna; atravessa os tempos, acentua-se no fim da Idade Média, com o nominalismo, e atinge o ápice nas Luzes, com o racionalismo.

[6] O exemplo d'*Os Lusíadas* pode dizer-se *frase*, sim, mas apenas *analogicamente*, porque a frase propriamente dita, com seu sinal de pontuação final, é signo de algo dito com certa entoação linguística, ao passo que a frase camoniana é signo de algo dito, *antes de tudo*, insista-se, com certa entoação poética.

1.2.4. Mas o mesmo exemplo d'*Os Lusíadas* já nos ajuda a entender a que devemos chamar frase *NA ESCRITA*: FRASE é todo e qualquer conjunto de palavras terminado em sinal de pontuação final, seja este sinal *ponto-final*, *ponto de interrogação*, *ponto de exclamação* ou *reticências*.[7] Naturalmente, qualquer de tais sinais representa certa entoação; mas relembre-se o dito acima e na nota 6 imediatamente *supra*. Ademais, entre dois sinais de pontuação final pode vir um só ou mais vocábulos não verbais (– *Quantos livros compraste?* – *Um*), ou uma só oração perfeita, que pode consistir num conjunto mais ou menos complexo de orações (por exemplo, *No momento em que o Sol se pôs no horizonte, e antes ainda que as luzes artificiais se acendessem qual noturnos pirilampos, as trevas abateram-se como mau agouro sobre uma vila já fatigada da faina diária em que renovamente tinha de sumir-se.*)[8]

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Disse-se "entre dois sinais de pontuação final". Mas há uma exceção: a primeira frase de um texto, que está como entre o nada e um sinal de pontuação final.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** O *período*, conceito tão brandido pelas gramáticas, identifica-se com o que dizemos *frase* ou com o que dizemos *oração*. Voltaremos a isto.

1.2.5. Outro ponto que a nosso ver sempre se tratou demasiado imprecisamente é o das espécies de frases. Para o tentarmos superar, dêmos, antes de tudo, as espécies de orações perfeitas SEGUNDO A INTENÇÃO do falante ou do escrevente.

1.2.5.1. Primeiro, a *oração perfeita* é ENUNCIATIVA (ou ASSERTIVA, ou DECLARATIVA):

✓ *Este livro é bom*;
✓ *Este livro não é bom*;
✓ *Sérgio comprou o livro*;
✓ *Sérgio não comprou o livro.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** O verbo das orações enunciativas está sempre no modo indicativo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** As orações enunciativas são as que propriamente interessam à Lógica.

1.2.5.2. Depois, pode ser ou IMPERATIVA (que, como já se disse, expressa o *dever ser*), ou DEPRECATIVA, ou OPTATIVA, ou INTERROGATIVA; a oração VOCATIVA, referida por gramáticos mais antigos, é caso à parte.

---

[7] Não é português encerrar frase com travessão, ao modo de certa tendência do inglês moderno. Usem-se reticências.

[8] Naturalmente, em frases de uma ou de mais palavras não verbais, como a de *Um* dada acima, sempre se tem uma oração perfeita em elipse mais ou menos parcial: no caso, *Comprei* (*apenas*) *um livro.*

Exemplifiquemo-las:

- IMPERATIVA:
  - ✓ *Estuda!*;
  - ✓ *Não te distraias!*;
  - ✓ *Não matarás*;
- DEPRECATIVA:
  - ✓ *Ajude-me, senhor*;
- OPTATIVA:
  - ✓ *Que tenham sucesso nisso*;
- INTERROGATIVA:
  - ✓ *É bom este livro?*;
  - ✓ *Não queres ler este livro?*;

§ VOCATIVA:

✓ *Venha, ó grande Pedro*.

OBSERVAÇÃO A RESPEITO DA ORAÇÃO VOCATIVA. Como pode concluir-se do exemplo, nunca a chamada ORAÇÃO VOCATIVA é oração perfeita; e não se distingue do simples vocativo (*Venha, Pedro*) senão porque se compõe de mais de uma palavra. Mas igualmente exerce a função sintática de *vocativo*.

OBSERVAÇÕES GERAIS.

→ Como pode ver-se, todas as *orações perfeitas* podem ser ou AFIRMATIVAS ou NEGATIVAS.

→ Além das arroladas, há ainda as DUBITATIVAS, que são como ENUNCIATIVAS "diminuídas":

✓ *Este livro talvez seja bom*;

✓ *É talvez bom este livro*;

✓ *Talvez não seja bom este livro*;

✓ *Não é bom talvez este livro*;

as SUSPENSIVAS, que o são imperfeitas:

✓ *Ele disse que...* (*Recuso-me a repeti-lo.*);

✓ *Comprou cadernos, canetas, borrachas...*;

e as ASSINALATIVAS (ou INDICATIVAS), que o são mais ou menos elípticas:

✓ *Fogo!* (= *Há fogo* ou algo assim).

→ Qualquer *oração perfeita* pode ser EXCLAMATIVA, incluída a mesma oração enunciativa: *Este livro é bom!* Por isso mesmo é que exclamativa não é espécie de oração perfeita.

→ Como dito, o modo do verbo das ORAÇÕES ENUNCIATIVAS é o *indicativo*; mas, como visto, tanto o modo indicativo como o subjuntivo podem usar-se em várias espécies de orações.

→ Na própria DUBITATIVA, o verbo pode estar ou no *indicativo* ou no *subjuntivo*, a depender não raro de fatores convencionais (como quando se usa *talvez*, que, como já se disse, se anteposto ao verbo, o leva ao subjuntivo e, se posposto a ele, o deixa no indicativo).

→ A ORAÇÃO OPTATIVA reduz-se à DEPRECATIVA. – Em algumas línguas indo-europeias (como o grego e o sânscrito), deprecativo é o *modo verbal* pelo qual se expressa desejo de que se realize o significado pelo verbo.

→ A ORAÇÃO INTERROGATIVA normalmente se ordena à enunciativa ou à imperativa, porque, com efeito, se perguntamos algo, não o fazemos senão porque queremos ou declarar algo ou ordenar algo. – Há, todavia, a ORAÇÃO INTERROGATIVA RETÓRICA, em que não há verdadeira interrogação, mas afirmação posta em figura interrogativa para conseguir algum efeito, precisamente, retórico.

1.2.6. Diga-se, porém, por que começamos por dizer que as gramáticas correntes são falhas quanto à classificação das espécies de frases e passamos a expor as espécies de *orações perfeitas segundo a intenção* (em divisão também muito distinta da das mesmas gramáticas): é que as frases, que têm que ver, sim, com a intenção-entoação na oralidade e com a intenção-sinal de pontuação final na escrita, não podem todavia dividir-se em espécies. Com efeito, não é possível classificar esta frase: *Vem, ó grande Pedro, e que ao vires, por que não? exibas toda a tua eloquência*, justamente porque nela há oração imperativa, oração optativa e oração interrogativa retórica, além da vocativa.

II
OS TERMOS DA ORAÇÃO: AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

2.1. Chamam-se TERMOS DA ORAÇÃO às palavras ou às orações imperfeitas que exercem função sintática em dada oração.[9] Como dito na Quarta Parte, as funções

[9] Na verdade, ainda quanto à sintaxe havemos de proceder helicoidalmente. Falta-nos descrever as espécies de orações *segundo se relacionem entre si*. Mas não é possível fazê-lo antes que se conheçam as funções sintáticas, porque, como dito, classificar as orações imperfeitas implica fazê-lo segundo a função que exercem com respeito a outro termo.

sintáticas decorrem da mesma natureza das classes gramaticais não conectivas. Por isso, repita-se, a Morfologia tem uma área de interseção com a Sintaxe, ainda mais ampla que a que tem com a Etimologia. Em verdade, elas superpõem-se ou recobrem-se grandemente. Assim, algumas das mesmas classes gramaticais só o são, de certo modo, sintaticamente. Com efeito, O ADJETIVO não o seria se não se atribuísse a um nome ou substantivo, razão por que, se se diz *adjetivo* enquanto designa determinados acidentes do significado pelo nome, se diz *ADjunto ADnominal* precisamente enquanto se atribui a um nome. Do mesmo modo, O VERBO não o seria se não se atribuísse a um substantivo, razão por que, se se diz *verbo* enquanto nomeia com tempo as ações, se diz *predicado* ou *núcleo do predicado* precisamente enquanto se atribui a um substantivo na função de *sujeito*. E diga-se algo semelhante do ADVÉRBIO: diz-se *advérbio* enquanto significa alguma modalidade do verbo, do adjetivo, de outro advérbio ou até de um substantivo, e diz-se *adjunto adverbial* enquanto se atribui a uma destas classes. É parte da definição das classes gramaticais: só o são morfologicamente tais porque assim se exercem sintaticamente.

Ou seja: FUNÇÃO SINTÁTICA é a exercida na oração por certas palavras com respeito a outras e segundo sua mesma natureza. Mas aqui só trataremos as funções sintáticas exercidas na oração com verbo, até porque é aí que se dão mais propriamente.

2.2. Antes de tudo são *termos da oração* O SUJEITO E O PREDICADO, porque todos os demais são, em verdade, termos seus. Com efeito, trate-se de oração perfeita, trate-se de oração imperfeita com verbo, não o serão senão porque têm *sujeito* e *predicado*:

2.2.1. SUJEITO é aquilo de que se predica algo:

- ✓ *Este LIVRO é bom*;
- ✓ *PEDRO caminha*;
- ✓ *As CRIANÇAS necessitam de material escolar*;
- ✓ etc.;

2.2.2. PREDICADO é aquilo que se predica do sujeito:

- ✓ *Este livro É BOM*;
- ✓ *Pedro CAMINHA*;
- ✓ *As crianças NECESSITAM **de material escolar***;
- ✓ etc.;

✍ **OBSERVAÇÃO.** Nos exemplos,

- o que está em *VERSALETE* é o NÚCLEO do termo, enquanto o que com ele está *sublinhado* é parte do termo como ADJUNTO ou como COMPLEMENTO do núcleo;

▫ Evanildo Bechara diz que a forma verbal em VERSALETE e **negrito** (*É*) é NÚCLEO, ao passo que quase todos os gramáticos dizem que *BOM* é que o é.[10]

▫ ***De material escolar*** é COMPLEMENTO INTEGRANTE do núcleo, e como tal, e ao contrário do que geralmente se diz, é parte analógica sua.

2.3. De tudo isto, obviamente, voltaremos a falar. Mas o que por ora importa afirmar é que, para que se constitua ORAÇÃO no sentido em que o tomamos aqui, hão de estar os dois termos: o SUJEITO e o PREDICADO. Trata-se de "circuito fechado". Pode todavia objetar-se: se assim fosse, não se entenderia por que as gramáticas falam de oração "*sem* sujeito", e de fato há orações aparentemente "sem sujeito", como *Chove, Amanhece, Há dois livros sobre a mesa, Há/Faz dois anos que se casaram, Tem feito dias muito quentes* e tantas outras que tais. É preciso, pois, justificar nossa afirmação.[11]

2.3.1. Estamos outra vez diante de tensão entre FIGURA e SIGNIFICADO. Nos exemplos aduzidos, *segundo a figura* de fato não há sujeito. Mas *segundo a significação* o há, sim: *Cai chuva, Amanhece o dia* ou *Raia a manhã, Estão dois livros sobre a mesa, Decorreram dois anos desde que se casaram, Têm ocorrido dias muito quentes*, etc. Explique-se cada um destes exemplos.

2.3.1.a. Em *Chove*, trata-se de cristalização do sentido numa FIGURA ANÔMALA, ou seja, que se dá sem sujeito. E tanto é assim, quer dizer, tanto se trata de anomalia, que as línguas indo-europeias sempre tenderam a suprir a figura faltante do sujeito por um pronome "esvaziado de sentido",[12] mas que *segundo a figura* faz as vezes de sujeito: *It rains, Il pleut, Él llueve* (espanhol antigo), *Ele chove* (português antigo), etc.

2.3.1.b. Em *Amanhece*, trata-se ou de ELIPSE do sujeito (*o dia*), ou ainda de FIGURA ANÔMALA (em lugar de *Raia a manhã* ou qualquer construção semelhante). Se se considera elipse, sê-lo-á *cristalizada*. Como seja, as línguas indo-europeias também sempre tenderam a suprir-lhe a ausência (segundo a figura) de sujeito por pronome "esvaziado de sentido".

---

[10] Quanto à nossa própria posição, dá-la-emos mais adiante.

[11] E também deveriam fazê-lo com respeito à sua tais gramáticas, que primeiro dizem que sujeito e predicado são os dois termos básicos ou essenciais da oração, para depois dizer que há oração "sem sujeito". Se a há, das duas uma: ou o sujeito não é termo essencial da oração, ou a oração que não o tenha não é oração. Para nos livrarmos de tal aporia ou "beco sem saída intelectual", é que diremos o que se segue.

[12] Isso é o que diriam em geral as gramáticas. Mais adiante, diremos como o consideramos.

2.3.1.c. Mais complexo é o caso de *Há dois livros sobre a mesa.* No português atual, como aliás no espanhol atual, *dois livros sobre a mesa* é, *segundo a figura* (e como voltaremos a ver), objeto direto de *Há*, razão por que o verbo não concorda em número e pessoa com ele.[13] Para entender, todavia, como se chegou a isto, deve saber-se que o étimo de nosso *haver* (ou seja, o verbo latino *habĕo, es, ŭi, ĭtum, ēre*) significava 'ter, possuir'. Por isso, originalmente *Há dois livros sobre a mesa* significava *Alguém tem dois livros sobre a mesa* (ou, com o indefinido arcaico: *Homem tem dois livros sobre a mesa*). Com o tempo, todavia, *haver* passou a significar também 'estar', 'existir', 'ocorrer' e correlatos. Pois bem, o moderno *Há dois livros sobre a mesa* tem por significado *Estão dois livros sobre a mesa*, mas mantém por figura a que se usava com *haver* quando tinha o sentido de 'ter, possuir'. Como seja, a figura unipessoal e uninumérica de *haver* no sentido de 'estar', de 'existir' ou de 'ocorrer' é a única aceita atualmente pelos melhores escritores e pelas gramáticas, e obviamente devemos segui-los; mas em registros menos formais ou menos gramaticalizados, quer na oralidade quer na escrita, não raro se ouve ou se lê um "Haviam dois livros sobre a mesa"; e dá-se o mesmo em certas regiões ou em certos países de fala hispânica, como o Chile ("Habían dos libros sobre la mesa").

⇨ **Observação.** E veja-se como se diz em francês *Há dois livros sobre a mesa*: *Il y a* (= há) *deux livres sur la table*; e como já se disse em português: *Ele há dois livros sobre a mesa.*

2.3.1.d. Também em *Há/Faz dois anos que se casaram* e em *Tem feito dias muito quentes* temos pura FIGURA ANÔMALA, que se resolve como mostrado mais acima (*Decorreram dois anos desde que se casaram, Têm ocorrido dias muito quentes*).

⇨ **Observação.** Com respeito à chamada "oração sem sujeito", baste por ora o dito.

2.4. Outro caso especial é o chamado "sujeito indeterminado". Em geral, dizem as gramáticas que o sujeito pode ser *determinado* ou *indeterminado*, o que não haveria de despertar crítica se se dissesse se se trata de determinação ou de indeterminação *segundo a significação* ou *segundo a figura*. Aprofunde-se.

2.4.1. "É *determinado*", diz ainda Rocha Lima, "se identificável na oração – explícita ou implicitamente; *indeterminado*, se não pudermos ou não quisermos

---

[13] E exatamente porque se trata de objeto direto é que pode substituir-se por pronome acusativo: – *Há dois livros sobre a mesa?* – *Há-os.*

especificá-lo. Para indeterminar o sujeito", prossegue o nosso gramático, "vale-se a língua de um dos dois expedientes:

1) Empregar o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência anterior ao pronome *eles* ou *elas*, e a substantivo no plural;

2) Usá-lo na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula *se*, desde que o verbo seja intransitivo, ou traga complemento preposicional.

Exemplos:

Falam mal daquela moça. *Vive-se bem aqui.*
Mataram um guarda. *Precisa-se de professores.*"[14]

2.4.2. Vamos nós por partes.

2.4.2.a. Procede bem Rocha Lima ao dizer "se identificável na oração – explícita ou implicitamente", porque, com efeito, não é indeterminado o sujeito por meramente "oculto", como mais comumente se diz, ou por *elíptico* ou *implícito*, como dizemos nós. De fato, em *Saímos* não há sujeito indeterminado algum, porque se sabe com evidência que o sujeito é *nós*.[15]

2.4.2.b. Sucede, no entanto, que tampouco o sujeito configurado por pronome *indefinido* é *signifitivamente* determinado, como aliás indica seu próprio nome. *Signifitivamente*, são praticamente idênticas

✓ a antiga maneira <u>*Homem*</u> *fala mal daquela moça* e
✓ <u>*Alguém*</u> ou <u>*Alguns*</u> *falam mal daquela moça*,
✓ *Fala<u>m</u> mal daquela moça*,
✓ *Fala-<u>se</u> mal daquela moça.*

2.4.2.c. Resta então que entre estas maneiras não haja diferença senão *segundo a figura*.

• Em *Homem* ou <u>*Alguém*</u> ou <u>*Alguns*</u> *falam mal daquela moça*, o sujeito é *segundo a figura* determinado:

– *Quem fala mal daquela moça?*

– <u>*Homem*</u>, ou <u>*Alguém*</u> ou <u>*Alguns*</u>.

• Já não o é em *Fala<u>m</u> mal daquela moça.* Esta é maneira antes *coloquial* de indeterminar também segundo a figura o sujeito. Mas, para que o faça, requer

---

[14] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 189.

[15] Alguns gramáticos e alguns linguistas dizem que aí nem sequer há sujeito "oculto", porque o esclarecem os acidentes da forma verbal. Nós, porém, como consideramos que a unidade mínima de significado é a palavra, e como o pronome *nós* não está explícito, preferimos dizer que aqui (e em todos os casos como este) o sujeito está, justamente, *elíptico* ou *implícito*.

que em nenhuma parte da fala ou do texto apareça sujeito explícito para *Falam*. Assim, se se pergunta:

– *O que fazem eles?*,

e se responde:

– *Falam mal daquela moça*,

não haverá sujeito *segundo a figura* (nem *segundo a significação*) indeterminado.

Mas ser indeterminado não é o mesmo que não existir, e, como vimos, não pode haver *segundo a significação* oração sem sujeito, ainda que este seja ou indeterminado ou *segundo a figura* inexistente. Pois bem, como é fácil concluir, *Falam mal daquela moça* sem referência a sujeito explícito não pode senão reduzir-se a *Alguém*, ou a *Alguns*, ou a *Algumas pessoas*, ou a *A gente* (= *as pessoas*), ou a *As pessoas falam mal daquela moça*. Mas, como também é fácil concluir, é outro caso, especial, de oração sem sujeito *segundo a figura*.[16]

• Já *Fala-se mal daquela moça* é maneira *culta* de indeterminar *segundo a significação* o sujeito; como já se disse, este *se* substituiu, na história de nossa língua, o indefinido *homem*. Mas *segundo a figura* pode dizer-se que, *de certo modo*, aqui o sujeito é o mesmo *se*, o que resulta de sua sempre possível e perfeita comutação por *alguém*, *alguns*, etc.

§ Mas havemos de convir em que o *se* comumente chamado "indeterminador do sujeito" não pode, por *sui generis*, chamar-se puramente "pronome indefinido", razão por que devemos dizê-lo *um como pronome indefinido*. Se porém é tal, então *como que* exerce a função de sujeito nas orações em que aparece.[17]

2.5. Quadro geral da função sintática de sujeito.

2.5.1. Insista-se em que não pode exercer a função de sujeito senão o substantivo (incluídos o pronome substantivo e a oração substantiva, além de qualquer elemento, de qualquer parte morfológica, de qualquer palavra, de qualquer locução, de qualquer grupo ou de qualquer oração substantivados):

✓ *João é professor*;

✓ *A pedra rolou*;

✓ *Ela viajou a Portugal*;

✓ *Eram amigos o patrão e seu secretário*;

---

[16] Sempre segundo nossas premissas, naturalmente.

[17] As gramáticas chamam-no ou "partícula indeterminadora do sujeito" ou "pronome indeterminador do sujeito". Não nos parece apropriado chamá-lo "partícula", que não é nome aplicável a classe gramatical. Podemos dizê-lo, porém, insista-se – e cremos que com mais propriedade pelas razões referidas (história e comutação) –, podemos dizê-lo *um como pronome indefinido*.

✓ *Urge* QUE NOS PREPAREMOS;

✓ *O* K *agora faz parte de nosso alfabeto;*

✓ TRANS- *é outro prefixo de origem latina;*

✓ *Não deve usar-se "*EXCETO*" neste contexto;*

✓ "TINHA HAVIDO" *é forma de terceira pessoa do singular do mais-que-perfeito do indicativo;*

✓ *O "*QUERO-TE MUITO BEM*" que se encontra nesta passagem é sujeito.*

⇱ **OBSERVAÇÃO 1.** Para encontrar o sujeito de qualquer oração, basta que se pergunte a seu verbo *quem* ou *que*:

✓ – *Quem é professor?* – JOÃO (sujeito simples);

✓ – *Que rolou?* – A PEDRA (sujeito simples);

✓ – *Quem viajou a Portugal?* – ELA (sujeito simples);

✓ – *Quem eram amigos?* – O PATRÃO *e seu* SECRETÁRIO (sujeito composto);

✓ – *Que urge?* – QUE NOS PREPAREMOS (sujeito oracional)

✓ – *Que faz parte agora de nosso alfabeto?* – O K (sujeito simples);

✓ – *Que é outro prefixo de origem latina?* – TRANS- (sujeito simples);

✓ – *Que não deve usar-se neste contexto?* – "EXCETO" (sujeito simples);

✓ – *Que é forma de terceira pessoa do singular do mais-que-perfeito do indicativo?* – "TINHA HAVIDO" (sujeito simples);

✓ – *Que é o que se encontra nesta passagem e é sujeito?* – O "QUERO-TE MUITO BEM" (sujeito simples).

⇱ **OBSERVAÇÃO 2.** Encontrado o SUJEITO,[18] todo o restante da oração será seu PREDICADO.

⇱ **OBSERVAÇÃO 3.** Como se vê pelos exemplos, o sujeito pode ser

- *simples*, se constituído de UM SÓ NÚCLEO;
- *composto*, se constituído de DOIS OU MAIS NÚCLEOS;
- *oracional*, se constituído de ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA (SUBJETIVA).[19]

⇱ **OBSERVAÇÃO 4.** Quando exercem a função de SUJEITO, as *orações substantivadas* tornam-se núcleo ou de sujeito simples ou de sujeito composto. Não confundi-la, portanto, com as autênticas orações substantivas.

2.5.2. São sem sujeito *segundo a figura* as orações cujo verbo:

---

[18] Recorde-se que o que nos exemplos está em versalete é o NÚCLEO do sujeito.

[19] Adiante, estudaremos a oração enquanto é ou *substantiva*, ou *adjetiva*, ou *adverbial*.

2.5.2.a. signifique fenômeno da natureza (*chover, garoar, granizar, relampejar, trovejar, amanhecer, entardecer, anoitecer*, etc.):

✓ *Choveu muito esta tarde*;

✓ *Continua a relampejar*;

✓ *Esperemos que anoiteça*;

✓ etc.;

2.5.2.b. seja *haver* com o sentido de 'estar', de 'existir', de 'ocorrer', etc.:

✓ *Havia dois livros sobre a mesa*;

✓ *Ainda não há teorias a este respeito*;

✓ *Houve coisas ainda não explicadas*;

✓ etc.;

2.5.2.c. seja ou *haver* ou *fazer* para expressar tempo decorrido:

✓ *Casaram-se há dois meses*;

✓ *Fazia dez anos que haviam vindo para esta cidade*;

2.5.2.d. seja *ser* quando não se lhe segue predicativo:

✓ *Era* ao anoitecer de um dia de verão.

Observação 1. Insista-se em que em todos estes casos o verbo só se usa unipessoalmente e uninumericamente, ou seja, na terceira pessoa do singular; e em que o que nos exemplos de *haver* com o sentido de "estar" ou de "existir" é *segundo a significação* seu sujeito (*Havia dois livros sobre a mesa, Ainda não há teorias a este respeito*, etc.) é *segundo a figura* e *sintaticamente* seu objeto direto.

Observação 2. O caráter unipessoal e uninumérico de tais verbos estende-se à parte morfológica ("auxiliar", ou melhor, *determinante*) que com eles forma locução verbal, ou ao verbo que com respeito a eles se comporta como tal parte morfológica:[20]

✓ *Tinha havido* (= *ocorrido*) *muitas catástrofes naquela cidade*;

✓ *Vai fazer cinco anos que faleceu*;

✓ *Começou a haver discrepâncias*;

✓ etc.

Observação 3. Entre os verbos que podem dar-se *segundo a figura* sem sujeito, *ser* constitui exceção: porque, com efeito, ainda quando desacompanhado de sujeito *segundo a figura*, é unipessoal mas não uninumérico:

✓ *É cedo ainda*;

✓ *Era outono*;

---

[20] Voltaremos a isto ao estudar as orações substantivas.

✓ *Já era noite*;
✓ *Hoje é (dia) 2 de fevereiro*;
✓ *Eram dias quentes* (= *Fazia dias quentes*);
✓ *São dezoito horas*.

▫ E é assim porque, como veremos na Oitava Parte, o verbo *ser* pode concordar com o predicativo:[21] é o que se dá aqui, em todos os exemplos.

▫ Ademais, como se pode ver ainda pelos exemplos, o verbo *ser* usa-se *segundo a figura* sem sujeito quando ajuda a expressar *tempo*, *ocasião*, *condição climática*, *data*, etc.

▫ Não raro, a construção de *ser* desacompanhado *segundo a figura* de sujeito é, ela mesma, FIGURA ANOMALÍSSIMA, decorrente de alguma antiga e grave deriva linguística. É o caso, por exemplo, de *São* DEZOITO *horas*: deveria dizer-se *É a* DÉCIMA OITAVA *hora* (ou *É a hora* DÉCIMA OITAVA). Mas a partir de certo ponto os numerais ordinais não são de fácil assimilação fora do registro culto, razão por que se passou a dizer "É DEZOITO horas", em típica substituição de ordinal por cardinal (um pouco como quando dizemos a um ascensorista "Dezoito" em vez de *Décimo oitavo*). Mas esta construção (com o verbo *ser* sem concordar com o predicativo) há de haver soado mal às camadas lusófonas mais letradas, motivo por que se passou então a dizer *São dezoito horas* – maneira que enfim se cristalizou no mesmo registro culto.

2.5.3. Quanto à ORDEM da oração,

2.5.3.a. considera-se *direta* aquela em que o sujeito vem anteposto ao verbo:

✓ *JOÃO é professor*;
✓ *A PEDRA rolou*;
✓ *ELA viajou a Portugal*;
✓ etc.;

(**OBSERVAÇÃO:** esta é a ordem primeva, afim ao entendimento [veraz] de que o verbo-predicado se segue ao sujeito porque a ação se segue ao agente; mas uma coisa é a ordem, digamos, lógica da oração; outra, sua ordem segundo o uso dos melhores escritores);

2.5.3.b. e considera-se *inversa* aquela em que o sujeito vem posposto ao verbo.

2.5.3.c. No registro culto, a ordem inversa é de regra:

- nas orações interrogativas iniciadas por *que*, *onde*, *quanto*, *como*, *quando* e *por que* (*porque* em Portugal):

✓ ***Que** desejais VÓS?*;

---

[21] Como se verá, trata-se também, falando propriamente, da única exceção à regra da concordância verbal.

✓ ***Onde*** *estão* <u>*as CHAVES*</u>*?*;

✓ ***Quanto*** *custa* <u>*o QUADRO*</u>*?*;

✓ ***Como*** *conseguiu* <u>*ELE*</u> *tal proeza?*;

✓ ***Quando*** *chegará* <u>*sua IRMÃ*</u>*?*;

✓ ***Por que*** *não lho dissseste* <u>*TU*</u>*?*

(OBSERVAÇÃO 1: se se intercala a locução expletiva ou enfática *é que*, deixa de ser de rigor tal inversão [conquanto ainda possa dar-se]):

✓ *Que* ***é que*** <u>*VÓS*</u> *desejais?* ou *Que* ***é que*** *desejais* <u>*VÓS*</u>*?*;

✓ *Quando* ***é que*** <u>*sua IRMÃ*</u> *chegará?* ou *Quando* ***é que*** *chegará* <u>*sua IRMÃ*</u>*?*;

✓ etc.;

OBSERVAÇÃO 2: quando a oração interrogativa não começa por nenhum dos referidos pronomes ou advérbios, o mais comum é o sujeito vir anteposto ao verbo:

✓ <u>*Sua IRMÃ*</u> *já chegou?*;

✓ <u>*Este QUADRO*</u> *é muito caro?*;

✓ etc.);

OBSERVAÇÃO 3: ser o mais comum, no entanto, não é o mesmo que ser de regra; e, como no português, ainda quanto à colocação, impera grande liberdade, também pode dizer-se [por opção estilística]:

✓ *Já chegou* <u>*sua IRMÃ*</u>*?*;

✓ *É muito caro* <u>*este QUADRO*</u>*?*;

✓ etc.;

• nas orações de "passiva sintética":

✓ *Vendem-**se*** <u>*OBRAS raras*</u>;

✓ *Não **se** devem fazer* <u>*tais PERGUNTAS*</u>;

• em orações imperativas, quando se usa o pronome reto por ênfase ou, mais amiúde, por paralelismo:

✓ ***Eu*** *não lho direi; dize-lho* <u>*TU*</u>;

• com os verbos *dizer*, *perguntar*, *responder* e semelhantes, nas orações justapostas[22] em que se nomeia aquele que proferiu a oração anterior:

✓ – *Que sabes* – ***perguntou****-lhe* o <u>*PROFESSOR*</u> – *a respeito disto?*;

✓ – *Não o aceitarei* – ***disse*** <u>*o HOMEM*</u>.;

✓ etc.;

---

[22] A noção de justaposição, vê-la-emos mais adiante. – Quanto às orações que ora tratamos, geralmente vêm entre travessões, ou entre vírgulas, ou entre um destes sinais e outro, como ponto, dois-pontos, etc.

- com os verbos *sobrar*, *restar* e outros que tais:
  - ✓ ***Sobrou**-nos <u>DINHEIRO suficiente</u>*;
  - ✓ ***Resta**-nos <u>MUITO que resolver</u>*;
  - ✓ etc.;
- quando o sujeito é oracional:
  - ✓ *É preciso <u>QUE PARTAMOS</u>*;
  - ✓ *Urge <u>QUE O FAÇAS</u>, e competentemente*;
- quando a oração se inicia por advérbio enfático:
  - ✓ ***Lá** vai <u>ELA</u>*;
  - ✓ ***Aqui** está <u>O PROMETIDO</u>*).

→ A depender de certa quantidade complexa de causas, pode dar-se ordem direta ou ordem inversa com os verbos intransitivos *aparecer*, *chegar*, *correr*, *faltar*, *permanecer*, *surgir* e outros que tais:

✓ *<u>ELE</u> **apareceu** quando já ia alta a noite*; ***Apareceram** enfim <u>OS VIAJANTES</u>*;

✓ *<u>O MOÇO</u> **chegou** cansado a casa*; ***Chegaram**-nos <u>excelentes NOTÍCIAS</u>*;

✓ *<u>JOÃO e MARIA</u> **correram** para não perder o trem*; ***Correm** <u>RUMORES preocupantes</u>*;

✓ *<u>O ARTISTA</u> **faltou** à promessa*; ***Faltam**-me <u>poucos DIAS de férias</u>*;

✓ *<u>A FAMÍLIA</u> **permaneceu** na casa da prima*; ***Permanecem** <u>muitas DÚVIDAS</u>*;

✓ *<u>O NAVIO</u> **surgiu** como do nada*; ***Surgem** <u>PROBLEMAS inesperados</u>*.

→ A depender ainda de certa quantidade complexa de causas, entre as quais a escolha estilística, pode dar-se já a ordem direta já a inversa no início de quase qualquer oração e com quase qualquer verbo:

✓ *<u>RENATO</u> disse-o*; *Disse-o <u>RENATO</u>*;

✓ *<u>A SENHORA</u> saiu e viu-o*; *Saiu <u>a SENHORA</u>, e viu-o*;

✓ *<u>MÁRCIA</u> julgara-o justo*; *Julgara-o justo <u>MÁRCIA</u>*;

✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Insista-se na grande liberdade de nossa língua também quanto à COLOCAÇÃO DO SUJEITO; mas insista-se também em que o problema reside, precisamente, em que fazer com tal liberdade. Pois bem, vê-se o bom escritor também pela adequada ou expressiva maneira de colocar. E não é possível aprendê-la cabalmente não só se não se estuda Gramática, mas se não se leem precisamente os melhores escritores. É ainda um modo helicoidal de aprendizado.

2.6. O PREDICADO.

2.6.1. As gramáticas sempre tinham dado as seguintes espécies de PREDICADO:

2.6.1.a. O PREDICADO VERBAL, ou seja, o que tem por NÚCLEO *um* VERBO:[23]

- ✓ *Pedro* CAMINHA;
- ✓ COMPRAMOS *muitos dicionários*;
- ✓ PRESENTEEI*-a com um vestido*;
- ✓ *Guimarães Rosa* HAVIA LANÇADO *seu primeiro livro*, Sagarana;
- ✓ etc.;

2.6.1.b. O PREDICADO NOMINAL, ou seja, o que tem por NÚCLEO *um* NOME[24] em função PREDICATIVA[25] e atribuído ao sujeito mediante algum verbo de *mera* cópula (chamado precisamente *verbo de cópula* ou *de ligação*):

- ✓ *Pedro **é*** CAMINHANTE;
- ✓ Sagarana ***é*** *OBRA máxima da literatura brasileira*;
- ✓ *A menina* ***está*** DOENTE;
- ✓ *Ele* ***anda*** PENSATIVO;
- ✓ *O músico austríaco* ***tornou-se*** *talvez o* MAIOR *dos compositores*;
- ✓ etc.;[26]

---

[23] No sentido mais corrente de oração, haverá tantas orações e, pois, tantos predicados quantos verbos houver. Mas atenção: equivale a *um só* verbo qualquer locução verbal, ou seja, os tempos compostos: *Haviam-no visto*, *Tem estudado muito*, *A esta altura, já terão chegado*, etc. Não assim, contudo, nenhum "grupo verbal", como em *Já o pode pois fazer*, *Queriam muito conhecê-la*, *Continuei a estudá-lo*, etc. É bem verdade que, segundo a figura, a locução verbal e estes "grupos" têm algo comum: sua segunda forma verbal não pode mudar-se em forma desenvolvida iniciada por *que*. Assim, *Parecia quererem* não constitui locução nem "grupo", porque podemos desenvolver a segunda forma verbal: *Parecia que queriam*. Mas constitui "grupo" *Pareciam querer*, porque, com efeito, é impossível desenvolver a segunda forma verbal. Pois bem, em *Parecia quererem* há duas orações e pois dois predicados. Quanto ao que há, precisamente, em *Pareciam querer*, vê-lo-emos mais adiante. Insista-se, todavia, em que nenhum "grupo verbal" equivale a um só verbo: em *Quer estudar*, por exemplo, e como voltaremos a dizer, o segundo verbo é, ele mesmo, objeto direto do primeiro, razão por que à pergunta *Quer estudar* pode responder-se: *Qué-lo*.

[24] Ou seja, *palavra substantiva* ou *palavra adjetiva*, *locução substantiva* ou *locução adjetiva*, *grupo substantivo* ou *grupo adjetivo*, ou algum *advérbio*; ou ainda uma *oração predicativa*.

[25] Para a função sintática de PREDICATIVO, *vide* mais adiante.

[26] O verbo *ser* é o paradigma dos verbos de cópula. Mas ele mesmo, a par de *estar*, *achar-se*, *andar*, *continuar*, *encontrar-se*, *ficar*, *parecer*, *permanecer*, *tornar-se* e outros que tais, nem sempre é de cópula. Assim,

- ✓ *Este filme é belíssimo* (verbo de cópula); *Disse Parmênides: o ente é* (= *existe*, verbo intransitivo);
- ✓ *Os abacates já estão maduros* (verbo de cópula); *A solução está* (= *reside*) *em compreendê-lo analogicamente* (verbo transitivo a relativo);
- ✓ *Antônio andou adoentado* (verbo de cópula); *Nós três andamos muito naquela tarde* (verbo intransitivo);
- ✓ *Aquela mulher continua bela* (verbo de cópula); *Virgínia continua a escrevê-lo* (verbo "auxiliar" aspectual?);

2.6.1.c. o PREDICADO VERBO-NOMINAL (ou MISTO), ou seja, o que tem DOIS NÚCLEOS, um *verbal* e outro *nominal* (este na função de *predicativo* já *do sujeito* já *do objeto*):

✓ *Teresa* CHEGOU CANSADA (em que *chegou* é o NÚCLEO VERBAL, e *cansada* é o NÚCLEO NOMINAL, na função de *predicativo do sujeito* [*Teresa*]);

✓ ELEGERAM-*no* DIRETOR (em que *Elegeram* é o NÚCLEO VERBAL, e *diretor* é o NÚCLEO NOMINAL, na função de *predicativo do objeto* [(*n*)*o*]).

2.6.2. Pois bem, tal modo de entender e de dividir o predicado era unânime entre os gramáticos, até que Evanildo Bechara viesse contestá-lo radicalmente. Antes de tudo, portanto, dêmos a palavra a Bechara. *In extenso*:

> «**Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal?**
> – Tal esvaziamento do signo léxico representado por estes verbos [os *de ligação*], esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito [como veremos na Oitava Parte] levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor, Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos, de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade

---

✓ *Meu tio encontra-se bem* (verbo de cópula); *Seu amigo encontra-se em casa* (verbo transitivo a circunstância);

✓ *O quadro ficou perfeito* (verbo de cópula); *Ambos ficaram no trabalho* (verbo transitivo a circunstância);

✓ *Todos parecem satisfeitos* (verbo de cópula); *Parecia sorrirem* (verbo intransitivo; sujeito: *sorrirem = que sorriam*);

✓ *Todos permanecemos sentados* (verbo de cópula); *Todos permanecemos no salão* (verbo transitivo a circunstância);

✓ *O russo tornar-se-ia um grande cineasta* (verbo de cópula); *A tripulação tornou-se para bordo* (= *voltou*; verbo transitivo a circunstância).

⇗ OBSERVAÇÃO 1. Estas três expressões: *verbo "auxiliar" aspectual?, verbo transitivo a circunstância* e *transitivo a relativo*, requerem explicação, que se dará mais adiante. Mas a mesma denominação *verbo de cópula* requer aprofundamento, o que também se fará adiante.

⇗ OBSERVAÇÃO 2. Com esta nota, já se antecipa um ponto muito importante da Sétima Parte: em sua quase totalidade, os verbos não são exclusivamente copulativos, ou exclusivamente intransitivos, ou exclusivamente transitivos desta ou daquela espécie. Segundo seu mesmo grau de plasticidade ou extensão semantossintática, podem ser isto ou aquilo a depender de como se usem em diferentes contextos oracionais.

comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas [o que nós chamamos acidentes ou desinências] de gênero [*sic*],[27] número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal*. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função do predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados verbais. Além da [*sem-razão*] dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.»[28]

2.6.3. "Nem tanto ao mar nem tanto à terra": a solução está no justo meio entre tais extremos. Comecemos por tratar a objeção, ou seja, a posição de Bechara.

2.6.3.a. Fala este de "esvaziamento do signo léxico representado por estes verbos [os *de ligação*]". Não entramos agora a discutir se alguma vez tais verbos tiveram mais carga semântica que a que têm hoje;[29] mas, antes de tudo, não é possível negar (e parece que Bechara não o faz) que ao menos emprestam "aspecto" ao *predicativo*, e isto é mais que expressar tempo, modo, número e pessoa. Com efeito, grande diferença semântica há entre *é doente, está doente, anda doente, ficou doente, tornou-se doente* – e isto não se consegue de modo, digamos (para usar terminologia afim à de Bechara), "morfêmico", até porque não há em português "morfema" ou acidente de "aspecto". Repita-se porém que Bechara, conquanto pareça conceder que tais verbos (quando de cópula) emprestam "aspecto" ao

[27] Os verbos indo-europeus não têm acidente ou desinência de gênero, se se excetua a forma participial. Nesta, todavia, a desinência não é verbal, mas *nominal*.

[28] Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª. ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira/Editora Lucerna, 2009, p. 426.

[29] Mas diremos, sim, que não é possível dar-se nenhuma palavra "esvaziada de significado". Se o fosse, não seria palavra, cuja definição é justamente "unidade mínima de significado".

predicativo, afirma peremptoriamente que *não significam nada por si*. Mas também o afirma a mesma "tradição gramatical", e precisamente por afirmá-lo, ou seja, por considerar que tais verbos são *meramente* de cópula, é que recorrem à noção de "predicado nominal". Não está aí, portanto, a divergência.

2.6.3.b. Prossegue Bechara dizendo que a distinção entre predicado verbal e predicado nominal "implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a 'ligar' [...] o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração". Já vimos que emprestar "aspecto" não está no mesmo plano que "marcar" tempo, modo, etc. Mas insiste Bechara em que aquela distinção implica retirar aos verbos de cópula nada menos que o mesmo estatuto de verbo, e fundamenta sua crítica: "do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero [*sic*], número, pessoa, tempo e modo". Pergunte-se-lhe: que gramático tira aos verbos de cópula tais condições, incluídos tais "morfemas"? Não conhecemos nem um; e, ainda que haja algum, não estará entre os mais importantes da "tradição gramatical". Se assim é, não poderia discrepar Bechara daquela distinção pela razão que aduz (a retirada do estatuto de verbo por parte da tradição gramatical), razão carente de fundamento na realidade; mas parece ser a única que aduz.

2.6.3.c. Ou talvez aduza outra: "Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo". Mas poderá o núcleo de qualquer coisa linguística ser "esvaziado de sentido"? Eis a pergunta que parece nem sequer ocorrer a Bechara. Depois, quando diz que "toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo", não está claro se tem em mente a língua portuguesa ou a linguagem em geral. Mas é da correta resposta a estas perguntas que depende o juízo sobre a posição de Bechara, motivo por que nos ocuparemos delas agora, a começar pela segunda.

• Antes de tudo, se no português e na maioria das línguas indo-europeias "toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo", tal não é verdade para o chinês, para outras línguas orientais, etc., e nem sequer, entre as línguas indo-europeias, ao menos para o russo: naquelas línguas nunca houve (ou já não há) verbo de cópula, enquanto no russo o há, mas não se usa no presente do indicativo. Em todas estas, dir-se-ia: *João – professor* (em russo: Джон – преподаватель), em vez de *João é professor*. Logo, o que diz Bechara

("toda relação predicativa que se estabelece na oração tem...") não tem caráter necessitante ou absoluto na linguagem.[30]

• Depois, por começo de resposta à primeira e mais importante pergunta, atente-se a que nenhuma palavra pode ser "esvaziada de sentido" (até porque, como dito e redito, *a palavra é a unidade mínima de significado*). E isto é assim, ou seja, não pode haver palavra "esvaziada de sentido", porque a SIGNIFICAÇÃO ou SIGNIFICADO é como a *forma* da palavra, assim como o é a alma para qualquer vivente: com efeito, tire-se a significação de uma palavra, e ela, de certo modo, tornar-se-á tão cadáver como o corpo de um animal já sem alma. Tome-se, insista--se, uma palavra de outra língua: o vocábulo espanhol *boato*, por exemplo. Logo vemos, pelo contexto em que se usa, que não pode tratar-se do mesmo que o português *boato*: é, com respeito a este, um heterossemântico (e vice-versa). Que temos então diante de nós? Um corpo linguístico, sim, com figura externa de palavra; como porém não sabemos o que significa, mostra-se-nos como algo morto, sem vida. Apenas lhe saibamos, todavia, a significação – 'pompa, magnificência' –, é como se prontamente adquirisse vida. E de fato é a significação o que lhe insufla "vida", justamente por ser sua forma. Por ser sua "alma".

α. Poderia arguir-se que há palavras, como os conectivos absolutos, que não fazem senão ligar, qual "parafusos", partes da oração; e que os verbos de cópula podem contar-se entre estes. Mas já vimos que as mesmas preposições (e, como se verá, as mesmas conjunções) não só têm carga semântica, senão que a emprestam relacionalmente aos termos que ligam. Mais precisamente, como dito, os conectivos têm *significado em potência*, e é isto o que queremos dizer por *sua carga semântica*. No entanto, tal significado potencial só se atualiza na própria relação que os conectivos estabelecem entre o antecedente e o consequente. Se digo apenas *sobre* ou *sob*, nada expresso; é como se se tratasse de palavras "esvaziadas de sentido". Basta que as façamos exercer seu mesmo papel de conectivos para que sua carga semântica se atualize: com efeito, *estar <u>sobre</u> a mesa* e *estar <u>sob</u> a mesa* são circunstâncias ou modos opostos que só se expressam como tais graças à respectiva preposição.[31] – Mas para Bechara os verbos de cópula são *núcleos de predicado* (papel que jamais ninguém pensaria atribuir aos conectivos), razão por que não os chama *de cópula*, mas "transitivos predicativos".

---

[30] O que se acaba de dizer não impugna o dito mais acima, ou seja, que a Filosofia não poderia ter-se desenvolvido plenamente com uma língua a que faltasse o verbo *ser*.

[31] *Vide* nota 125 *supra*.

☞ **Observação.** Parece de todo inadequada a denominação "verbo transitivo predicativo", porque, com efeito, o verbo de cópula no máximo poderia chamar-se "verbo transitivo *a* predicativo". Mas tampouco parece adequada esta última denominação, porque o verbo de cópula propriamente não transita ao predicativo, senão que antes o liga ou copula ao sujeito. Esta última afirmação, insista-se, é fundamental para a correta resposta à questão que nos ocupa. Antes, no entanto, vejamos qual o significado dos verbos de cópula.

β. Comecemos por estudar o significado do verbo *ser*, porque, como dito em nota *supra*, ele é o paradigma dos verbos de cópula. Mas ele mesmo, prosseguia a nota, nem sempre é de cópula. Agora devemos dizer melhor: ele originalmente não é de cópula, o que pode justificar-se pela mesma inexistência em tantas línguas do verbo *ser* de cópula. Em nenhuma, todavia, há de faltar verbo equivalente a *ser* como 'existir', ou seja, como verbo intransitivo. Tome-se exemplo português da mesma nota: *Disse Parmênides: o ente é*, assim como pode dizer-se *Pedro é*, *Fantasma não é*, etc. Pois bem, *ser* (como 'ser em ato', como 'existir') é mais que *ser mamífero*, que ser *negro*, que *ser professor*, etc., porque, com efeito, nada pode ser mamífero, ou negro, ou professor, etc., se antes não *é*, se antes não existe. Mas por isso mesmo, ou seja, porque ser mamífero, ser negro, ser professor são distintos modos de *ser*, por isso mesmo é que para ajudar a expressá-lo se usa o mesmo verbo que expressa aquilo sem o qual não é possível ser nada: *ser* (= ser em ato, existir).

γ. Mas três coisas são patentes. Primeira, que o "é" de *João é negro* não tem o mesmo sentido que o de *João é*, ainda que decorra dele. Enquanto *João é* significa que *João é em ato* (ou *existe*), *João é negro*, por seu lado, significa que *João é em ato negro*. Segunda, que de fato o "é" de *João é negro* liga ou copula "negro" a "João", ou, em outras palavras, indica que "negro" pertence a "João". Já vimos que em algumas línguas bastaria dizer *João – negro*. Mas não assim em português e em tantas outras, e nestas o "é" de *João é negro* significa exatamente isto: "a qualidade negro pertence a João", "é qualidade de João", "é qualidade inerente a João". Mas naturalmente, assim como a carga semântica das preposições só se atualiza na relação que elas mesmas estabelecem entre um antecedente e um consequente, assim também o significado completo do ser de cópula só se atualiza na relação que ele estabelece de um predicativo a um sujeito.

☞ **Observação.** Enquanto a preposição relaciona um termo subordinado a um termo subordinante, o verbo *ser* de cópula liga um predicativo a um sujeito,

e esse mesmo predicativo pode encerrar preposição mais termo subordinado. (O inverso, obviamente, é impossível.) Assim, em *A mesa é de mármore*:

– *A mesa* é sujeito;

– *de* (preposição) *mármore* é predicativo;

– e é este predicativo com preposição inclusa o que se atribui ao sujeito.[32]

δ. Os demais verbos de cópula são como variações do verbo *ser*. Antes de tudo *estar*, que é variação ibérica: afora o português, o galego e o espanhol, nenhum idioma tem equivalente do verbo *estar* (o francês *Il est malade* pode traduzir-se quer por *Ele é doente* como por *Ele está doente*, a depender tão somente do contexto; e diga-se o mesmo do inglês *He is ill* ou *sick*). Mas também os demais: *achar-se*, *andar*, *ficar*, *tornar-se... doente*. Todos continuam a significar o mesmo: que certa qualidade, *doente*, pertence a um sujeito. Mas esta qualidade pode pertencer-lhe permanentemente (*é doente*), temporariamente (*está doente*), passar a pertencer-lhe (*ficar doente*), passar a pertencer-lhe permanentemente (*tornar-se doente*), etc. Trata-se, pois, de variação por acréscimo ou superposição de sentido.

ε. Sabido, pois, que o verbo de cópula não é "esvaziado de significado" e que, porém, liga efetivamente o predicativo ao sujeito, cabe-nos responder enfim a se, como diz Bechara, o verbo de cópula (que, como vimos, ele diz "transitivo predicativo") é núcleo do predicado constituído por ele mesmo e pelo predicativo. Para Bechara, o verbo de cópula é transitivo pela mesma razão por que o é, por exemplo, o verbo *comprar*: se se diz *João é*, este *é* necessitaria complemento do mesmo modo que o necessitaria *comprar* em *João compra*:

– *João é <u>negro</u>*;

– *João compra <u>livros</u>*.

Mas este é erro de perspectiva. O verbo de *João <u>compra</u> livros* pode reduzir-se – de modo semelhante, aliás, a como o pode todo e qualquer verbo não de cópula – a *João <u>é comprante</u> de livros* (assim como *João <u>caminha</u>* → *João <u>é caminhante</u>*; *João <u>ouve</u> a filha* → *João <u>é ouvinte</u> da filha*; etc.). Se pois a VERBO SER DE CÓPULA + PREDICATIVO se reduz todo e qualquer verbo,[33] então não se trata do mesmo.

---

[32] Como se disse, contudo, toda e qualquer preposição serve para subordinar uma ideia a outra, o que implicar ter um consequente e um antecedente. Mas no predicativo *de mármore* do exemplo não se vê antecedente. É que *de mármore* é mera locução equivalente a *marmórea*.

[33] E não obsta a isto que por vezes seja materialmente difícil tal redução. Dizer porém que todo e qualquer verbo se reduz a VERBO SER + PREDICATIVO não implica que os verbos não de cópula tenham resultado histórica e linguisticamente de tal conjunto – e com isso se atalha uma das principais objeções a esta tese. Trata-se de redução ao fundo semantoconceptual que informa tais orações.

⇗ **Observação.** Ademais, se se suprime o predicativo, o verbo *ser* de cópula volta à sua origem intransitiva: *João é*, o que obviamente não sucede com o verbo *comprar* nem com nenhum outro verbo transitivo.

ζ. Pois bem, com todo o dito acima e especialmente em **ε**, temos já perfeita condição para solucionar o problema que nos ocupa.

• Antes de tudo, não deixa de ter razão Bechara ao afirmar que o verbo de cópula é NÚCLEO DO PREDICADO. Com efeito, em português (como na maioria das línguas indo-europeias), o verbo de cópula cumpre em parte o papel que todo e qualquer verbo:

▫ concorda (em princípio) com o sujeito em *número* e *pessoa* (*Eles são professores*, como *Eles caminham*);

▫ expressa, como todo e qualquer verbo, *tempo* e *modo* (*Se eles fossem estudiosos*, como *Se eles caminhassem*);

▫ e sobretudo faz o predicado sê-lo, porque em português (como na maioria das línguas indo-europeias) ou o predicado tem por núcleo um verbo ou não será predicado.

⇗ **Observação 1.** Insista-se, porém: *em português*, como na maioria das línguas indo-europeias. Não se trata de nota universal da linguagem, conquanto se possa dizer, por outro lado, que construções como *João – professor* se reduzem a *João é professor*, etc.[34]

⇗ **Observação 2.** Insista-se também, todavia, em que discrepamos de Bechara quanto a ser "esvaziado de sentido" o verbo de cópula. Não o é, como mostrado mais acima.

• Por outro lado, tem razão a "tradição gramatical" em apontar o caráter copulativo desta classe de verbo. Com efeito, enquanto em *João compra livros* o objeto direto (*livros*) é parte INTEGRANTE E ANALÓGICA do verbo (*compra*), e constitui com ele predicado redutível a (*João*) *é comprante de livros*, o verbo de *João é professor* liga ou copula *professor* a *João*, e *professor* não é parte *integrante*[35] sua, ainda que seja parte sua na medida mesma em que é acidente seu. E tudo o que se acaba de dizer pode provar-se pelo exemplo mesmo das línguas em que não há verbo de cópula:

---

[34] E insista-se ainda: *reduzir-se* não é o mesmo que originar-se historicamente. Ademais, não nos ocupamos aqui de qual seja a verdade histórica: se as línguas que não têm hoje verbo de cópula o perderam, ou se as que hoje o têm o ganharam.

[35] Atente-se a que *integrante* se usa aqui tão somente em sentido gramatical.

- pode dizer-se *João – professor*;
- mas não pode dizer-se, em língua alguma, "João – livros".

• Logo, o verbo *de cópula* de fato o é, e, enquanto o é, o predicativo que ele liga ao sujeito também tem razão de núcleo de predicado, e pois de predicado nominal, como sempre sustentou a tradição gramatical.

• Se assim é, CONCLUSÃO:

- pelas razões assinaladas, tanto o verbo de cópula como o predicativo podem, *por ângulo diverso*, dizer-se núcleo de PREDICADO (o primeiro, *verbal*; o segundo, *nominal*);
- como porém se atribuem *conjuntamente* ao sujeito, não pode evitar-se a conclusão direta de que se trata de *um só predicado*, digamos, *"verbo-nominal"*:

– sujeito de *João é professor*: *João*;

– predicado binuclear de *João é professor*: *é professor*;[36]

- atendendo todavia a que, primeiro, o verbo de cópula realmente liga um nome predicativo ao sujeito e, segundo, na atualidade da língua o predicado de VERBO DE CÓPULA + PREDICATIVO efetivamente difere dos demais, devemos seguir chamando-o, segundo a "tradição gramatical", PREDICADO NOMINAL – até por razões práticas ou operacionais.

2.6.4. Mas resta um caso de si mais complexo, ou seja, o do predicado tradicionalmente chamado VERBO-NOMINAL ou MISTO, denominação também impugnada, como visto, por Bechara. Para o discutirmos, partamos das seguintes palavras, agora, de Rocha Lima, também transcritas *in extenso*:

> «O *predicado verbo-nominal* ou *misto* tem dois *núcleos:* um, expresso por um *verbo*, intransitivo ou transitivo; outro, indicado por um *nome*, chamado, também, *predicativo*.
>
> A razão é que o predicado misto representa a fusão de um predicado verbal com um predicado nominal. Exprimindo um fato, encerra a definição de um ser [esta última frase, infelizmente, não é clara].
>
> Cumpre distinguir dois casos:
>
> 1) O predicativo se refere ao sujeito da oração:
>
> O trem chegou *atrasado*,
>
> onde os elementos resultantes da decomposição seriam:

[36] Já diremos em que se distingue este predicado "verbo-nominal" do tradicionalmente chamado *verbo-nominal*.

O trem chegou.

e

(O trem estava) atrasado.

2) O predicativo se refere ao objeto direto e, mais raramente, ao indireto, exprimindo, às vezes, a *consequência* do fato indicado no predicado verbal:

A Bahia elegeu Rui Barbosa *senador*,

como que cruzamento das orações:

A Bahia elegeu Rui Barbosa.

e

(Rui Barbosa ficou) senador.

Exemplo de predicativo do objeto indireto:

Todos lhe chamavam *ladrão*!

O predicativo *ladrão* se refere ao objeto indireto *lhe*. O predicativo pode vir precedido de uma das preposições *de*, *em*, *para*, *por*, da palavra *como*, ou de locução prepositiva. Exemplos:

Ele graduou-se *de doutor*.

Davi foi ungido *em rei*.

Todos o consideravam *como um aventureiro*.

Sempre o tiveram *por sábio* (ou *na conta de sábio*).»[37]

2.6.4.a. Pois bem, diga-se antes de tudo que o passo de Rocha Lima contém indicação preciosa (a de que o predicado dito misto efetivamente se desdobra em dois), fundada nas seguintes palavras de Said Ali:

---

[37] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 294-95. – Mas igualmente correto é dizer ou escrever:

Ele graduou-se doutor.

Davi foi ungido rei.

Todos o consideravam um aventureiro.

Já não assim em *Sempre o tiveram* <u>*por sábio*</u>, que não dispensa a preposição. – O verbo *ter* tem aqui o sentido de *reputar*, *considerar*. Se porém se emprega com o sentido de *apreciar*, *estimar*, então preferentemente se usa *como*: *Marcos tinha o primo* <u>*como*</u> ***a*** *um irmão*. Atente-se, todavia, à presença da preposição ***a*** antes de *um irmão*. Está aí porque, se não estivesse, poderia considerar-se não fosse o primo de Marcos o tido por irmão, senão que fosse Marcos o tido por irmão do primo. É diferença sutil, mas efetiva. E pode fazer-se tal uso da preposição *a* ainda quando não seja possível anfibologia alguma: *Maria tinha o primo como* ***a*** *um irmão* (o que é diferente de *Maria tinha-se como irmã do primo*).

> «Nada mais claro nem mais conciso do que esses dizeres em que dois vocábulos valem, associados, por duas proposições [*sic*, como diríamos nós, *orações*] distintas. *Partiu doente* resulta dos pensamentos *partiu* e *estava doente quando partiu.* Daí o uso, em latim e outros idiomas, do caso nominativo para o anexo [= predicativo] em tais frases.»[38]

Não podemos senão concordar com tais palavras, que mostram, ademais, a justeza do recurso à *redução.*[39]

2.6.4.b. Se porém assim é, se se pode proceder a tal redução do predicado chamado misto, temos então de ser consequentes e afirmar que podemos proceder a operação semelhante com respeito ao predicado tradicionalmente dito nominal, porque, com efeito, em

– *João é professor*

há como que cruzamento das orações

– *João é* (= é em ato, existe)

e

– *é professor* (= tem a qualidade de ser professor),

porque, com efeito, não se pode *ser professor* sem antes *ser.*

2.6.4.c. Se assim é, já se pode saber precisamente qual a diferença entre o predicado tradicionalmente chamado nominal e o predicado também tradicionalmente chamado verbo-nominal. É que, no uso efetivo da língua, ou seja, antes de qualquer redução, o primeiro se compõe de duplo núcleo constituído de verbo de cópula + predicativo, enquanto o segundo se compõe de duplo núcleo constituído de verbo não de cópula + predicativo, seja este do sujeito ou do objeto (direto ou indireto).

2.6.4.d. E é exatamente pelas mesmas razões práticas ou operacionais por que devemos seguir usando o nome tradicional de *predicado nominal* que também havemos de seguir usando o de *predicado verbo-nominal* ou *misto.*

---

[38] Said Ali, *op. cit.*, p. 157, nota, *apud* Rocha Lima, *op. cit.*, p. 294, nota.

[39] O curioso, porém, é que imediatamente às palavras que se transcreveram apõe Said Ali as seguintes: "À análise do gramático ou linguista não compete, claro é, volver a essa operação psicológica [*sic*] nem decompor em muitas palavras o que a linguagem se limita a expressar em dois vocábulos". Pois bem, se tal não compete ao gramático nem ao linguista, fica-se sem saber quem foi o autor daquela decomposição, se algum não gramático ou algum não linguista. Fica-se sem saber como se consideraria a si mesmo Said Ali. Mas tal postura como que "esquizoide" não é senão reflexo do ditame nada científico de que o gramático há de ser ou sincrônico ou diacrônico, ou descritivo ou investigativo, porque não pode estudar a língua por todos os seus aspectos em ordem ao normativo. Isto, todavia, não é senão a introdução mais brutal da parcialização geral do trabalho no âmbito do saber.

⇨ **Observação.** Lembre-se porém que para Evanildo Bechara todos os predicados se reduzem a predicados verbais. Mas havemos de dizer nós que o próprio predicado tradicionalmente chamado verbal se reduz, ao fim e ao cabo, ao mesmo a que se reduz qualquer dos predicados tradicionalmente ditos nominais – assim:

– *João compra livros* (tradicionalmente, predicado verbal) reduz-se a

– *João é comprante de livros* (tradicionalmente, predicado nominal), que se reduz, enfim, a

– *João é* e *é comprante de livros.*[40]

§ Ademais, conclui-se das nossas premissas que, por certo ângulo, também o PREDICATIVO pode dizer-se *termo essencial da oração.*

2.7. Os demais termos da oração: as demais funções sintáticas.

2.7.1. Todos os demais termos da oração são parte ou do sujeito ou do predicado, ou ainda do predicativo; e ou são parte INTEGRANTE de um nome ou de um verbo, ou lhe são ADJUNTOS.

2.7.2. Ser parte integrante de um nome ou de um verbo quer dizer exatamente que completa seu sentido, ou seja, sem esta parte tal nome ou tal verbo nem sequer significariam perfeitamente. Com efeito, nota-se com facilidade que o pronome *Quem* de

– *Quem / não progride intelectualmente.*

está incompleto, e diga-se o mesmo do verbo de

– *João / compra...*

Basta todavia que os completemos como devido para que signifiquem perfeitamente:

– *Quem* NÃO LÊ */ não progride intelectualmente.*;

– *João / compra* LIVROS.,

e o que se vê em VERSALETE são justamente TERMOS INTEGRANTES, o primeiro do pronome *Quem*, que é núcleo do sujeito, e o segundo do verbo *compra*, que é núcleo do predicado. Mas são parte INTRÍNSECA sua no contexto oracional, o que implica que, *falando com toda a propriedade*, o núcleo de tal sujeito não

[40] Obviamente, também os dois predicados supostos no predicado misto hão de reduzir-se ao mesmo, ainda que nem sempre possamos realizar materialmente tal redução. Não só não possamos: também *não queiramos*, porque, com efeito, tal redução não deve mudar-se-nos numa sorte de jogo lógico--linguístico. Trata-se tão somente, como dito, de reconhecer um fundo último semantoconceptual para todos os predicados.

seja *Quem*, mas *Quem não lê*; e que o núcleo do tal predicado não seja *compra*, mas *compra livros*.[41]

2.7.3. Ainda porém que agora esteja completo o sentido tanto de tal sujeito como de tal predicado, podem acrescentar-se-lhes, todavia, outros termos. Por exemplo:

– *Quem* NÃO LÊ ***muito*** */ não progride intelectualmente.*;

– *João /* ***só*** *compra* LIVROS ***bons***.

Pois tais novos termos, que não são intrinsecamente parte do núcleo, são porém parte *extrínseca* sua, e chamam-se PARTES ADJUNTAS.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Ao contrário, contudo, do que sempre disse boa parte das gramáticas, não deve confundir-se o par integrante-adjunto com um par essencial-acessório (e pois indispensável-dispensável). Os termos integrantes não são essenciais senão no sentido, precisamente, de que são analogicamente parte *intrínseca* do núcleo do sujeito ou do núcleo do predicado (ou ainda do núcleo do predicativo). Mas os adjuntos, se são parte extrínseca do núcleo, são porém PARTE INTRÍNSECA do mesmo sujeito e do mesmo predicado (ou do mesmo predicativo), porque dizer *Quem* NÃO LÊ ***muito*** */ não progride intelectualmente* não é o mesmo que dizer *Quem* NÃO LÊ */ não progride intelectualmente*, e dizer *João /* ***só*** *compra* LIVROS ***bons*** não é o mesmo que dizer *João / compra* LIVROS. Com efeito, alguém pode considerar que basta ler para progredir intelectualmente, enquanto outro pode considerar que só progride intelectualmente quem lê *muito*. De modo semelhante, uma coisa é que João compre livros, e outra é que *só* compre livros *bons*.

2.7.4. Há duas espécies de *termos integrantes*: o COMPLEMENTO NOMINAL e o COMPLEMENTO VERBAL.

2.7.4.a. Como dito, o **COMPLEMENTO NOMINAL** é o termo que integra a significação de um nome, seja este substantivo ou correlato, adjetivo ou correlato, ou advérbio ou correlato.[42]

---

[41] Não se conclua todavia do anterior que um termo integrante só o pode ser de núcleo de sujeito ou de núcleo de predicado. Assim, em *Estuda o descobrimento...*, *o descobrimento* é parte integrante do núcleo *Estuda*; mas também esta parte está incompleta, razão por que ela mesma necessita de termo integrante: por exemplo, *do Brasil*. Mas agora *o descobrimento do Brasil* é em conjunto parte integrante de *Estuda*; enquanto *Estuda o descobrimento do Brasil* é em conjunto o núcleo (e o mesmo predicado) desta oração.

[42] Naturalmente, entenda-se por substantivo também a locução substantiva; por adjetivo também a locução adjetiva; e por advérbio também a locução adverbial. E entenda-se por correlato de substantivo um pronome, um numeral ou um grupo, sempre, é claro, substantivos; de adjetivo um pronome, um numeral ou um grupo, sempre, é claro, adjetivos; de advérbio um grupo adverbial. – Ademais,

⇗ **Observação.** Como lembra Rocha Lima, "tais complementos têm recebido várias denominações: *objeto nominal* (Maximino Maciel), *adjunto restritivo* (Alfredo Gomes), *complemento restritivo* (Carlos Góis), *complemento terminativo* (Eduardo Carlos Pereira, Sousa Lima)".[43] A razão para tal variedade denominativa é o considerar o assunto de ângulos diversos; mas ainda aqui preferimos seguir a tradição gramatical majoritária.

- Exemplos de COMPLEMENTO NOMINAL:
  - ✓ *A* INVENÇÃO [substantivo] *da perspectiva* [complemento nominal] *na pintura* [complemento nominal] *deu-se no século XV* (ou seja, o substantivo *invenção* tem por complemento *da perspectiva na pintura*);
  - ✓ *O* VOO [substantivo] *a Belo Horizonte* [complemento nominal] *não enfrentou turbulência alguma*;
  - ✓ *A sentença foi* FAVORÁVEL [adjetivo] *ao réu* [complemento nominal];[44]
  - ✓ *Pronunciaram-se* CONTRARIAMENTE [advérbio] *à guerra* [complemento nominal].

⇗ **Observação 1.** Note-se que os COMPLEMENTOS NOMINAIS vêm sempre regidos de preposição, justamente porque encerram ideia subordinada à ideia significada pelo nome que completam.

⇗ **Observação 2.** Os COMPLEMENTOS dados acima a título de exemplo compõem-se, eles mesmos, ademais, de núcleo e de complemento(s) e/ou adjunto(s). Analisemos os exemplos.

▫ No primeiro (*da perspectiva na pintura*), *de* é a preposição regente; o artigo *a* que com ela se contrai é adjunto do núcleo (*perspectiva*) do complemento total; *na pintura* é, por sua vez, como dito, complemento nominal do núcleo e rege-se da preposição *em*. – E, enquanto *da perspectiva* constitui grupo substantivo, *na pintura* constitui grupo adverbial.

▫ No segundo (*a Belo Horizonte*), *a* é a preposição regente, enquanto *Belo Horizonte* é o núcleo do complemento. – Ademais, *a Belo Horizonte* constitui grupo adverbial.

▫ No terceiro (*ao réu*), *a* é a preposição regente; o artigo *o* que com ela se contrai é adjunto do núcleo (*réu*) do complemento; e o substantivo *réu* é o núcleo solitário deste.

---

como decorre do que vimos vendo, nome é antes de tudo o substantivo; depois, o adjetivo; e por fim, ainda que mais distantemente, o advérbio.

[43] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 296.

[44] Como veremos, em verdade *ao réu* está em turvíssima fronteira sintática.

▫ No quarto (*à guerra*), *a* é a preposição regente; o artigo *a* que com ela se craseia é adjunto do núcleo (*guerra*) do complemento total; e o substantivo *guerra* é o núcleo solitário deste.

◇ **Observação 3.** Quanto à tão complexa e controversa distinção entre *complemento nominal* e *adjunto adnominal*, tratá-la-emos depois de estudado o adjunto adnominal.

2.7.4.b. Por seu lado, o **complemento verbal** divide-se em quatro espécies: primeira, *complemento acusativo* (ou *objeto direto*), que não se subdivide senão quanto ao que significa; segunda, *complemento indireto*, que se subdivide em *complemento dativo* (ou *objeto indireto*) e *complemento relativo*; terceira, *complemento circunstancial*; quarta, *agente da passiva*.

α. Em princípio, **objeto direto** é o complemento que, na voz ativa, designa o paciente da ação verbal:

✓ *João* (sujeito agente da ação verbal) *compra* livros (paciente da ação, *compra*, do sujeito agente).

◇ **Observação.** Como visto, todavia, casos há em que o objeto direto é *como que* o agente da ação verbal, como em *O doente padece* muitas dores (objeto direto).

• Ainda em princípio, o objeto direto pode mudar-se em sujeito paciente da voz passiva:

✓ *Os livros* (sujeito paciente da ação verbal) *foram comprados* *por João* (agente da voz passiva).

• Na terceira pessoa, corresponde aos pronomes *o*, *a*, *os*, *as*:

✓ *João comprou* *os livros* (objeto direto) > *João comprou-os* (objeto direto pronominal);

✓ *O doente padece* *muitas dores* (objeto direto) > *O doente padece-as* (objeto direto pronominal).

◇ **Observação 1.** Estes pronomes, portanto, são sempre única e exclusivamente objetivos diretos, se se excetua o já tão referido caso de "sujeito acusativo": por exemplo, *Mandou-os estudar*, em que *os* é objeto direto de *Mandou* e sujeito de *estudar*.[45]

◇ **Observação 2.** Constitui erro grave o hábito coloquial brasileiro de usar o pronome *lhe*/*lhes* (objetivo indireto dativo) em lugar de pronome objetivo direto:

✓ "Eu lhe vi" (em lugar do correto *Eu vi-o* ou *Eu o vi*);

[45] Veremos mais adiante que os demais pronomes oblíquos átonos podem ser tanto objetivos diretos como objetivos indiretos.

✓ "Não lhe conheço" (em lugar do correto *Não o conheço*);
✓ "Ele lhes ama muito" (em lugar do correto *Ele ama-os muito* ou *Ele os ama muito*);
✓ "Quer que lhe ajude?" (em lugar do correto *Quer que o ajude?*).

☞ **Observação 3.** Em princípio, encontra-se o OBJETO DIRETO mediante pergunta com *o quê* ou *a quem* pospostos ao verbo:

✓ *João compra livros.* > *João compra* O QUÊ? > LIVROS (objeto direto);
✓ *O doente padece muitas dores.* > *O doente padece* O QUÊ? > *Muitas* DORES (objeto direto);
✓ *A menina beijou a mãe.* > *A menina beijou* A QUEM? A MÃE (objeto direto).

☞ **Observação 4.** Ao OBJETO DIRETO, compô-lo-á ou um substantivo ou locução substantiva isolada; ou um pronome substantivo; ou ainda um grupo substantivo, que, naturalmente, terá por núcleo um substantivo ou correlato.

- O OBJETO DIRETO pode expressar:
  - o ente sobre o qual recai a ação:
    - ✓ *Educa* OS FILHOS;
    - ✓ *Organiza* OS LIVROS *na estante*;
    - ✓ *Organiza*-OS;
    - ✓ etc.;
  - o que resulta da ação:
    - ✓ *Constroem* UM EDIFÍCIO;
    - ✓ *Compôs* UMA SINFONIA;
    - ✓ *Compô*-LA;
    - ✓ etc.;
  - o conteúdo mesmo da ação:
    - ✓ *Pensa*-O *detidamente*;
    - ✓ *Estudava* ARTES;
    - ✓ *Estamos concebendo* UM PROJETO;
    - ✓ etc.;

– *et reliqua*.

- Diz-se OBJETO DIRETO[46] porque, em princípio e ao contrário do que se dá com o objeto indireto, não medeia preposição entre o verbo e o mesmo objeto, ou, em outras palavras, porque *a ação do verbo transita diretamente para seu*

[46] Seu outro nome, ACUSATIVO, deriva do nome do *caso* latino que corresponde à mesma função sintática: assim, em *Rosam video* (Vejo a rosa), a desinência casual *-am* indica, precisamente, que se trata desta função.

objeto. Casos há, porém, em que se usa – ou obrigatoriamente ou eletivamente – preposição entre o verbo e o objeto direto. Quando tal se dá, este passa a chamar-se OBJETO DIRETO PREPOSICIONAL OU PREPOSICIONADO.

→ No português atual, o objeto direto é OBRIGATORIAMENTE preposicionado:

- quando o exerce PRONOME PESSOAL OBLÍQUO TÔNICO:[47]
  - ✓ "Júlio César conquistou
    O mundo com fortaleza;
    Vós a MIM com gentileza"
    (CAMÕES);
  - ✓ *Vi-o a ELE e não a ELA*;
- quando o exerce o pronome QUEM, com antecedente explícito ou sem ele:[48]
  - ✓ *Sua amiga, a QUEM tanto ama, partirá dentro de poucos dias*;
  - ✓ "Eu sou Daniel, aquele eremita, [*sic*] a QUEM tal ano, [*sic*] e dia hospedaste em tua casa..." (PE. MANUEL BERNARDES);[49]
  - ✓ "Não me tenha amor ninguém
    Para obrigar meu querer.
    Que aborreço a QUEM me quer"
    (RODRIGUES LOBO);
  - ✓ "Nos brutos para doutrina dos homens parece que imprimiu o Autor da Natureza particular instinto de amarem a QUEM os ama" (PE. MANUEL BERNARDES);
- quando o exerce o nome DEUS:
  - ✓ "Que muito fazes em louvar a DEUS, quando vives em prosperidade, quando em abundância, quando sem vexação nem injúria de alguém?" (PE. MANUEL BERNARDES);[50]

---

[47] Os exemplos literários seguintes, extraímo-los de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 300-06. – Não raro, no entanto, nossas conclusões discrepam das de Lima.

[48] Note-se que, tanto em português como em espanhol, esta é a única maneira correta de dizê-lo: *com antecedente explícito ou sem ele*. É pois errado dizer "com ou sem antecedente explícito".

[49] Este passo de Bernardes está aqui não só por exemplo de objeto preposicional obrigatório, mas ainda para indicação de que tais "erros" de vírgula (os assinalados por *sic*) não o eram na época em que escrevia o oratoriano. Mas sem dúvida alguma o seriam no atual padrão culto do português, apesar da oposição de Rui Barbosa, que virgulava ao modo do século XVII-XVIII.

[50] Já este outro passo de Bernardes está aqui tanto por exemplo de objeto direto preposicional como por exemplo de certa sorte de elipse de verbo (tão mais comum, por outro lado, em espanhol): "quando vives em prosperidade, quando [vives] em abundância, quando [vives] sem vexação nem injúria de alguém?"

✓ "Só há uma coisa necessária: possuir a Deus" (Rui Barbosa);

▫ quando o exerce SUBSTANTIVO OU GRUPO SUBSTANTIVO **coordenado a objeto direto pronominal**:

✓ "(...) o reitor o esperava e aos SEUS RESPEITÁVEIS HÓSPEDES..." (Alexandre Herculano);

✓ *Louvam-no e a SEUS COLABORADORES*;[51]

▫ quando o VERBO TRANSITIVO DIRETO se emprega **na terceira pessoa do singular + pronome indefinido** SE:

✓ *Aos grandes artistas ADMIRA-SE fervorosamente*;

✓ *MATOU-SE a muitos soldados*;[52]

▫ quando o exerce SUBSTANTIVO **antecedido de conjunção comparativa**:

✓ "É o que há poucos meses a teus pés e de joelhos, este pobre velho, que te ama COMO a FILHO, te pediu em nome de Deus: perdão! perdão!" (Alexandre Herculano);[53]

✓ "Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto COMO a FILHO" (Camilo Castelo Branco);

✓ "Mas nada me entusiasma.
Olho-te COMO a um FANTASMA" (Alberto de Oliveira);

✓ "Acusam-no de haver beneficiado mais a sua família QUE ao POVO ROMANO" (Camilo Castelo Branco);

✓ "Eu antes o queria QUE ao DOUTOR..." (Camilo Castelo Branco);[54]

---

[51] Note-se que, em ambos os casos, se não se preposicionasse o segundo objeto direto, poderia parecer que também fosse sujeito ("o reitor o esperava e os seus hópedes o esperavam também"; "Louvam-no e seus colaboradores louvam-no também"). Trata-se, pois, de pura preposição diacrítica.

[52] Normalmente, usar-se-ia aqui a chamada "passiva sintética", porque é ela que se usa com verbos transitivos diretos: *Os grandes artistas são fervorosamente admirados* (voz passiva) > *Admiram-se fervorosamente os grandes artistas* ("passiva sintética"); *Muitos soldados foram mortos* (voz passiva) > *Mataram-se muitos soldados* ("passiva sintética"). Mas a "passiva sintética", nestes e em muitos outros casos, é radicalmente ambígua: fica-se sem saber se os artistas são admirados fervorosamente por outros, ou se se admiram fervorosamente a si mesmos; se muitos soldados foram mortos por outros, ou se se mataram a si mesmos. Para evitá-lo é que se preposiciona o objeto direto e se emprega o verbo na terceira do singular seguido do pronome indefinido *se*.

[53] Note-se a sequência de exclamações iniciadas, ambas, por minúscula e não separadas por vírgula. É modo corretíssimo de (não) pontuar. Pode fazer-se o mesmo com interrogações: *Ele chegou? a que horas? sozinho?* Mostrá-lo-emos novamente na Décima Parte.

[54] "Tal é a construção", escreve Mário Barreto, "pontualmente observada pelos nossos escritores-modelos [como já dissemos, escreveríamos 'escritores-modelo']. Valem-se de *como* para o referir ao nominativo, e dão-lhe a partícula *a* se o referem a dativo ou acusativo" (*Novíssimos*, 84, apud Rocha Lima, *op. cit.*, p. 304). – Este caso já o havíamos referido em nota. Por outro lado, e como dito na

▫ Quando o exerce QUALQUER NOME PRÓPRIO OU QUALQUER NOME COMUM, **ainda para evitar ambiguidade**:

✓ "Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a MARTE tanto ajuda..."
(CAMÕES);

✓ "A mãe ao próprio FILHO não conheça" (CAMÕES);

✓ "Vence o mal ao REMÉDIO" (ANTÔNIO FERREIRA);

✓ "De alguns animais de menos força e indústria se conta que vão seguindo aos LEÕES na caça; para se sustentarem do que a eles sobeja" (PE. ANTÓNIO VIEIRA);

✓ "Tal havia que ao meu CONSERTADOR julgava digno de um hábito de Cristo" (FRANCISCO MANUEL DE MELO);

✓ "Rasteira grama exposta ao sol, à chuva,
Lá murcha e pende:
Somente ao TRONCO que devassa os ares
O raio ofende!"
(GONÇALVES DIAS);[55]

→ Por outro lado, é ELETIVO OU FACULTATIVO o emprego de preposição para introduzir objeto direto:

▫ quando o exerce ALGUM PRONOME REFERENTE A PESSOA (*ninguém*, *alguém*, *outro*, *todos*, etc.):

✓ "Diz Cristo universalmente, sem excluir a NINGUÉM, que ninguém pode servir a dous Senhores..." (PE. ANTÓNIO VIEIRA);

✓ "A TODOS encanta
Tua parvoíce..."
(CAMÕES);

▫ quando o exerce ALGUM PRONOME DE REVERÊNCIA (*V. Ex.ª*, *V. S.ª*, etc.):

✓ "[...] colocaram a V. Ex.ª na desgraçada situação de desmentir na sua carta a narrativa dos Atos dos Apóstolos" (ALEXANDRE HERCULANO);

✓ "Eu já tive a honra de cumprimentar a V. Ex.ª..." (CAMILO CASTELO BRANCO);

---

mesma nota, ainda que não haja risco de anfibologia, pode empregar-se esta preposição – o que não quer dizer que não empregá-la constitua erro. Veja-se um exemplo literário de não emprego:

✓ "[...] e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe: também ela nos amava COMO FILHOS" (ALEXANDRE HERCULANO).

[55] Não é difícil constatar que em todos estes casos a ausência da preposição diacrítica implicaria inevitável e grave ambiguidade.

- quando o exerce QUALQUER NOME PRÓPRIO OU QUALQUER NOME COMUM, por razões nem sempre fáceis de discernir (**ênfase**, **sentimento**, **ritmo**, etc.):
  - ✓ "Benza Deus aos teus CORDEIROS" (RODRIGUES LOBO);
  - ✓ "[...] o verdadeiro conselho é calar, e imitar a SANTO ANTÔNIO" (PE. ANTÔNIO VIEIRA);
  - ✓ "Não culpo ao HOMEM; para ele, a cousa mais importante do momento era o filho" (MACHADO DE ASSIS);
  - ✓ "Apenas excetuo exíguo número, e pode ser que, unicamente, a PÉRICLES, teu tutor; porque tem cursado os filósofos" (RUI BARBOSA);
- quando O OBJETO DIRETO ANTECEDE AO VERBO, **especialmente se se dá pronome pleonástico**:
  - ✓ "Aos MINISTROS todos **os** adoram, mas ninguém os crê" (FRANCISCO MANUEL DE MELO);
  - ✓ "Não façais caso disso, que a RELÓGIOS DO CHÃO ninguém **os** escuta..." (FRANCISCO MANUEL DE MELO);
  - ✓ "[...] enfim, ainda ao pobre DEFUNTO **o** não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra" (PE. ANTÔNIO VIEIRA);
- quando A PREPOSIÇÃO TEM CARÁTER PARTITIVO:
  - ✓ "Ouvirás dos CONTOS, comerás do LEITE e partirás quando quiseres" (RODRIGUES LOBO);
  - ✓ "Do PANO mais velho usava,
Do PÃO mais velho comia"
(CECÍLIA MEIRELES);
- em CERTAS CONSTRUÇÕES EM QUE A PREPOSIÇÃO SUPERPÕE MATIZ SIGNIFICATIVO AO NOME ACUSATIVO:
  - ✓ *Cumprir com o* DEVER (em vez de *cumprir o dever*);
  - ✓ "Arrancam das ESPADAS [em vez de *Arrancam as espadas*] de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam"
(CAMÕES);
  - ✓ *Procurava pelo* [*per* + *o*] *primo* [em vez de *Procurava o primo*]

(**OBSERVAÇÃO**: é como se a preposição *com* em *Cumprir com o dever* intensificasse tal cumprimento; e é como se a preposição *de* em *Arrancar da espada* fizesse, digamos, mais brusca tal ação; insista-se, porém, em que esta sorte de preposicionamento do objeto direto não é, de modo algum, obrigatório).

⇗ **Observação.** Como pôde ver-se pela ampla variedade de casos de uso ELETIVO de OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO, não há em princípio nada de errado em traduzir assim o objeto direto preposicionado do espanhol. Cuide-se apenas em que se faça por efetivos motivos estilíticos ou semelhantes, e não mecanicamente, nem, muito menos, sempre. Em espanhol, é de regra preposicionar o objeto direto quando o exerce um nome próprio ou um nome comum significativo de pessoa ou de animal (tudo isso com matizes que não vem ao caso referir aqui). Ora, como visto, não há tal regra em nossa língua. – Por outro lado, o galego tende a seguir o espanhol, enquanto o francês e o italiano quase não empregam objeto direto preposicionado.[56]

§ Há ainda o chamado "OBJETO DIRETO INTERNO", ou seja, o que se segue a verbos intransitivos e que:

- ou se constitui de substantivo da mesma família linguística que o verbo,
- ou, ao menos, pertence ao mesmo campo semântico que este,
- e vem sempre acompanhado de *adjunto adnominal*:[57]
  - ✓ *SONHEI um SONHO suave*;
  - ✓ "... MORRERÁS MORTE vil da mão de um forte" (GONÇALVES DIAS);
  - ✓ VIVER uma VIDA feliz (latim: *Beatam vitam vivere*);
  - ✓ CHORAR LÁGRIMAS amargas;
  - ✓ DORMIU um SONO intranquilo.

Mas não pode dizer-se com toda a propriedade que se trata de objeto direto. Como dito, este é complemento. O "objeto direto interno", porém, não parece ser complemento, porque os verbos de que o seria não são incompletos: são justamente *intransitivos*. Em outras palavras, o "objeto direto interno" tem figura de complemento direto ou acusativo, mas de fato não é requerido como complemento pelo verbo, sempre intransitivo.

Pois bem, pode entender-se duplamente o "objeto direto interno" segundo seu fundo significativo:

- ou como adverbial modal:
  - ✓ *SONHEI um SONHO suave* < *Sonhei suavemente*;
  - ✓ "... MORRERÁS MORTE vil da mão de um forte" < *Morrerás vilmente*...;
  - ✓ VIVER uma VIDA feliz < *Viver felizmente*;

---

[56] Ademais, lê-se em Rocha Lima que o objeto direto preposicionado "aparece ainda, de modo esporádico, no catalão, no sardo e em alguns dialetos provençais e da Itália meridional. Fato paralelo ocorre no romeno, porém com a preposição *pe* (latim *per*)" (*op. cit.*, p. 300, nota).

[57] Do ADJUNTO ADNOMINAL trataremos adiante.

✓ CHORAR LÁGRIMAS amargas < *Chorar amargamente*;

✓ DORMIU um SONO intranquilo < *Dormiu intranquilamente*;

▫ ou como efetivo complemento de verbo transitivo direto de que faz as vezes um verbo intransitivo:

✓ *SONHEI um SONHO suave* < *TIVE um sonho suave*;

✓ "... MORRERÁS MORTE vil da mão de um forte" < *TERÁS morte vil*...;

✓ VIVER uma VIDA feliz < *TER* ou *LEVAR uma vida feliz*;

✓ CHORAR LÁGRIMAS amargas < *VERTER lágrimas amargas*;

✓ DORMIU um SONO intranquilo < *TEVE um sono intranquilo*.

SEGUNDO A FIGURA, porém, trata-se de CRISTALIZAÇÃO de recurso altamente expressivo, já presente no latim, no grego clássico, etc.

β. Diz-se **COMPLEMENTO INDIRETO** todo e qualquer complemento verbal que se anteceda necessariamente de *preposição*:

✓ *Pediu um favor AO amigo*;

✓ *A menina gosta DE cereja*;

✓ etc.

→ O COMPLEMENTO INDIRETO subdivide-se em DATIVO e em RELATIVO, e, por razões que se dirão mais adiante, não inclui o *complemento circunstancial* e o *agente da passiva*.[58]

¶ O **COMPLEMENTO DATIVO**, ou **OBJETO INDIRETO**, corresponde em grande parte ao dativo latino. Subdivide-se, por sua vez.

- Antes de tudo, é o complemento dos verbos BITRANSITIVOS[59]

– que se introduz da preposição *a* ou, por vezes, da preposição *para*,[60]

– e que pode comutar-se por *lhe*(*s*) e demais pronomes dativos:[61]

---

[58] A nomenclatura que usamos para os complementos verbais tem algo de impreciso, porque, conquanto introduzamos aqui e ali novos termos e procedamos a um que outro deslocamento, seguimos o mais possível a nomenclatura tradicional, que tem muito de impreciso. E não a seguimos assim, uma vez mais, senão para evitar uma radical e perturbadora solução de continuidade na transmissão do gramatical.

[59] Ou seja, que requerem tanto objeto direto como, precisamente, dativo ou objeto indireto. São os verbos *DANDI* (*dar, conferir, conceder, dedicar, doar, entregar, negar, oferecer, outorgar, recusar*, etc.), *DICENDI* (*dizer, afirmar, contar, dirigir, indagar, narrar, perguntar*, etc.), *ROGANDI* (*rogar, implorar, pedir, suplicar*, etc.) e outros. – Consigne-se, porém, que nem todos os verbos destas espécies são necessariamente bitransitivos, conquanto o seja, sim, sua maior parte.

[60] Mas, insista-se, só em casos muito precisos de dativo deve ou pode usar-se *para* e não *a*, tão contrariamente ao que se faz correntemente no Brasil. Pelos exemplos que se seguirão, esclarecer-se-á o dito.

[61] Enquanto se distinguem morfologicamente os pronomes oblíquos átonos não reflexivos de terceira pessoa em acusativos (*o, a, os, as*) e dativos (*lhe, lhes*), não assim os oblíquos átonos

✓ *Dê uma fatia de pão* [acusativo] *AO que morre de fome* [dativo];
✓ *Outorgaram-LHE* [dativo] *o primeiro prêmio* [acusativo];
✓ *Quando mo* [*me* dativo + *o* acusativo] *digo A mim* [dativo pleonástico], *digo-o* [acusativo] *AO senado e AO povo romanos* [dativo] (= lat. *Cum dico mihi* [dativo], *senatui* [dativo] *dico populoque Romano* [dativo], com acusativo implícito);
✓ *Dirige-VOS* [dativo] *uma súplica* [acusativo];
✓ *Pergunta A Maria* [dativo] *se sabe de João* [acusativo oracional, ou seja, oração subordinada substantiva objetiva direta];
✓ *Pediu AO professor* [dativo] *licença para sair* [acusativo; vale lembrar que *para sair* é complemento nominal oracional de *licença*];
✓ *Rogaram-LHE* [dativo] *A ele* [dativo pleonástico] *clemência* [acusativo];
✓ *Há que pagar justo salário* [acusativo] *AO empregado* [dativo];
✓ *Devemos-TE* [dativo] *um grande favor* [acusativo];
✓ *Quere-VOS* [dativo] *muito bem* [acusativo, em que *bem* é substantivo e núcleo];
✓ *Manda um presente* [acusativo] *PARA tua irmã* [dativo];
✓ *Reservou PARA os convidados de honra* [dativo] *os melhores lugares* [acusativo];
✓ *Compramos livros* [acusativo] *PARA o amigo* [dativo];
✓ etc.[62]

Observação 1. Insista-se em que todos os dativos não pronominais podem comutar-se por algum pronominal: *Reservou PARA os convidados de honra os melhores lugares = Reservou-lhes os melhores lugares*; etc.

Observação 2. Todo e qualquer verbo bitransitivo pode tornar-se meramente transitivo indireto, quando o objeto direto ou acusativo se torna, em construção apassivada, sujeito paciente:

---

reflexivos de terceira pessoa nem nenhum dos das demais pessoas. Com efeito, *me, te, se, nos, vos, se* podem usar-se quer como acusativos quer como dativos: *Ele viu-me* [acusativo], mas *Ele deu-me* [dativo] *um livro*; etc.

[62] Por vezes, distinguem-se semanticamente o dativo introduzido por *a* e o introduzido por *para*. Com efeito, uma coisa é *Compramos livros PARA o amigo* e outra *Compramos livros AO amigo*. Em ambos os casos, trata-se de dativo, porque em ambos o complemento pode comutar-se por *lhe*. Mas o primeiro corresponde à construção *quem compra, compra algo para alguém*, enquanto o segundo à construção *quem compra, compra algo a alguém*. Esta segunda, ademais, pode mudar-se em construção com complemento relativo: *quem compra, compra algo DE alguém*.

✓ "Dê-se uma fatia de pão [sujeito paciente] AO que morre de fome [dativo]" (ALEXANDRE HERCULANO);

✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Como se antecipou em nota *supra*, por vezes o complemento dativo pode mudar-se em complemento relativo, como neste exemplo:

✓ *Deu um beijo à mãe > Deu um beijo na mãe.*

Note-se que o complemento *à mãe* pode comutar-se por *lhe*, razão por que é DATIVO, enquanto *na mãe* não o pode, razão por que não é dativo, mas RELATIVO.

- A segunda classe de DATIVOS compõem-na os complementos de verbos que requerem objeto indireto (ou seja, comutável por *lhe* e demais pronomes dativos), mas não requerem (ao menos necessariamente) objeto direto:

✓ *Não agradou AOS presentes* [= *Não LHES agradou*];

✓ *Isto pertence AO herdeiro* [= *Isto LHE pertence*];

✓ *O enfarte sucedeu subitamente AO homem* [*O enfarte sucedeu-LHE subitamente*];

✓ *A comida não soube bem à* [*A* + *a*] *criança* [*A comida não LHE soube bem*];

✓ *Algo naquilo não cheirava bem AOS vizinhos* [*Algo naquilo não LHES cheirava bem*];

✓ *Apareceram-NOS umas visitas inesperadas*;

✓ *A sorte sorriu PARA a família* [= *A sorte sorriu-LHE*];

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *tua mãe?* [= *Já LHE respondeste?*];

✓ *Obedece A teu pai* [= *Obedece-LHE*];

✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Ambos os verbos *responder* e *obedecer* admitem também objeto direto (se significativo de coisa e em construções em que já haja objeto dativo):

✓ *Já respondeste a carta* [acusativo] *à tua mãe?* [= *Já LHa respondeste?*];

✓ *Obedece a ordem* [acusativo] *A teu pai* [= *Obedece-LHa*].

O mais comum no Brasil, porém, é dar outro torneio a estas orações:

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *carta* [complemento relativo] *de tua mãe?* [adjunto adnominal de *carta*];

✓ *Obedece à ordem* [*A* + *a*] [complemento relativo] *de teu pai* [adjunto adnominal de *ordem*].

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Atente-se a que ambos estes verbos sempre requerem complemento indireto de alguma espécie, como em *Obedecer às* [*A* + *a*] *leis* [lat. *Parere legibus*]. A diferença entre o latim e o português, neste caso, é que *legibus* está no

caso dativo, enquanto *às leis* é complemento relativo. E sabe-se que é assim porque *às leis* não pode comutar-se por *lhes*, mas tão somente por *a elas*: *Obedecer a elas*.

Observação 3. Discrepamos dos gramáticos para os quais certos verbos transitivos indiretos, como precisamente *responder* e *obedecer*, aceitam pôr-se na voz passiva. Esta é uma maneira de poupar-se ao esforço de explicar um ponto complexo. Quando se diz *A carta foi respondida*, mantém-se a *antiga* regência destes verbos: "Respondeu a carta", etc. Ou seja, trata-se de sobrevivência de outra fase da língua (até ao XVII), e que não constitui a maneira mais afim ao padrão culto atual. A "A carta foi respondida", prefira-se *Respondeu-se à carta*; a "A carta foi respondida por ele", prefira-se pura e simplesmente *Ele respondeu à carta*; etc.

Observação 4. Discrepamos também dos gramáticos, especialmente Rocha Lima, segundo os quais não é possível ao objeto indireto apresentar-se em forma de oração. Estudá-lo-emos mais adiante.

Observação 5. Discrepamos, por fim, dos poucos gramáticos que, seguindo o latim, afirmam que são dativos os complementos de certos adjetivos de destinação, como *apto* [para algo], *acomodado* [a algo], *idôneo* [para algo], etc. Em latim, sem dúvida o eram: ali, com efeito, *aptus*, *accommodatus*, *idoneus* têm complemento no caso dativo. Mas em português não podem comutar-se por *lhe*; logo, não são complementos verbais dativos. São puros complementos nominais.

Observação 6. Mas de fato, como anunciado, há casos de fronteira muito turva. Com efeito, em *A sentença foi favorável ao réu*, pode entender-se *ao réu* ou como complemento nominal de *favorável*, ou como dativo de *foi*, já que *ao réu* pode comutar-se por *lhe*: *A sentença foi-lhe favorável*. – Dá-se algo análogo em, por exemplo, *Tem grande* AMOR *ao pai*, em que *ao pai* pode entender-se ou como complemento nominal de *amor* (núcleo do objeto direto), ou como dativo de *Tem* (= *Tem-lhe grande amor*). – A diferença entre os dois casos é que, no primeiro, se trataria de "dativo de verbo de cópula", enquanto, no segundo, de verbo normalmente bitrasitivo. Não há razão, porém, para negar a possibilidade de "dativo de verbo de cópula".

Observação 7. Alguns complementos da segunda classe de dativos podem comutar-se por complemento direto. Exemplo:

✓ *Isto não lhe interessa > Isto não o interessa.*

São casos de dupla transitividade, como se verá mais detidamente na Sétima Parte.

Observação 8. Costumam os gramáticos incluir entre os dativos chamados *livres* (de que já falaremos) o também chamado "dativo de posse". Não

podemos dar nosso acordo a tal inclusão. Uma coisa é que expresse posse ou pertença; outra que seja "livre", isto é, independente do verbo. Vejamos alguns exemplos, a que se seguirão algumas considerações.

✓ "(...) mandou cortar a cabeça A Adonias" (PE. ANTÔNIO VIEIRA);

✓ "Ouço um grito: o Dr. Soero acabou de extrair um dente A uma senhora" (ANÍBAL A. MACHADO);

✓ "Beijou a mão A el-rei e saiu" (ALEXANDRE HERCULANO);

✓ *Tremiam-LHE as pernas.*

▫ Em todos os exemplos, o que é dativo pode substituir-se por alguma maneira de indicação de posse:

✓ (...) *mandou cortar a cabeça DE Adonias*;

✓ *Ouço um grito: o Dr. Soero acabou de extrair um dente DE uma senhora*;

✓ *Beijou a mão DE el-rei e saiu*;

✓ *Tremiam SUAS pernas.*

▫ Mas que tal possa dar-se apenas indica a contiguidade semântica das construções, não que naqueles exemplos com dativo este não seja efetivo complemento do verbo: *quem manda cortar uma cabeça, manda cortá-la A alguém*; *quem extrai um dente, extrai-o A alguém*; *quem beija uma mão, beija-a A alguém*; *se as pernas tremem, tremem A alguém*.

• Há porém verdadeiros DATIVOS LIVRES: o *dativo de interesse* e o *dativo ético*, de distinção não raro árdua.

◆ O DATIVO DE INTERESSE (*dativus commodi et incommodi*) indica a quem beneficia ou prejudica determinada ação:

✓ *Acendeu-ME a luz da sala*;

✓ *Bloqueou-NOS a passagem.*

◆ O DATIVO ÉTICO pode reduzir-se ao *de interesse*, e enfatiza que o sujeito da oração espera de seu interlocutor ou de outrem determinada ação, ou ainda que algo lhe interessa vivamente:

✓ *Não ME vás desobedecer à tua tia!*;

✓ *Que não NOS façam outra reforma ortográfica!*;

✓ *Tu saíste-ME muito inteligente*;

✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** O *dativo ético* é antes coloquial. Mais que isto, porém, importa observar que também não raro os dativos livres estão em fronteira por demais turva: com efeito, conquanto se possam representar pelos

pronomes dativos, nem sempre são, todavia, verdadeiros complementos verbais: porque não os exige nenhum verbo. Fique pois o nome *dativo ético* como termo acomodatício.

⇗ OBSERVAÇÃO 2. Por outro lado, nem sequer são dativos livres alguns casos tradicionalmente chamados "de interesse" (por exemplo, *Nascido não para ti, mas para a pátria* [lat. *Non tibi sed patriae natus*]), nem o mal chamado "dativo de opinião" (por exemplo, *Para mim esta obra é superficial*). Não o são pelo simples motivo de que não podem comutar-se por pronomes dativos; mais adiante veremos o que são.

⇗ OBSERVAÇÃO 3. Tampouco são dativos em português outros dativos latinos:

- ✓ o dativo de obrigação: *Tibi cavendum censeo* (Penso que deves acautelar-te);
- ✓ certo dativo de destinação: ... *qui auxilio a Gallis arcessiti dicebantur* (... os quais se diziam chamados pelos gauleses em seu auxílio);
- ✓ etc.

• Mas é *verdadeiro* DATIVO o que integra alguns poucos verbos que requerem, ademais, *complemento relativo*:

- ✓ *Falou A Paulo* [dativo: *LHE*] *de seu projeto* [relativo];
- ✓ *Discursou sobre as causas* [relativo] *PARA um público entendido* [dativo: *LHE*];
- ✓ etc.

• É-o igualmente o complemento (introduzido por *a*) dos verbos causativos (*mandar, deixar, fazer*) e dos sensitivos (*ver, ouvir, sentir*), os quais neste caso são bitransitivos cujo objeto direto é uma oração reduzida de infinitivo.[63] Exemplos:

- ✓ "Este A mais nobres [dativo] faz fazer vilezas [acusativo]..." (CAMÕES);
- ✓ "Três cousas acho que fazem AO doudo [dativo] ser sandeu [acusativo]..." (GIL VICENTE);
- ✓ *Ouviu-LHES* [dativo] *discutir o assunto* [acusativo];
- ✓ etc.

Analisemos os dois últimos exemplos.

• Em *Ouviu-lhes discutir o assunto*, *Ouviu* tem por sujeito *ele* implícito, e é verbo sensitivo; *lhe* é seu complemento dativo; *discutir o assunto* é seu objeto direto oracional; e *o assunto* é objeto direto de *discutir*. A frase constrói-se como *quem ouve, ouve algo* [acusativo] *a alguém* [dativo].

---

[63] Desde que tal infinitivo o seja de algum verbo transitivo ou de algum verbo de cópula.

- Dá-se algo análogo em "Três cousas acho que fazem ao doudo ser sandeu...", em que o sujeito de *acho* é *eu* implícito; *que três cousas fazem ao doudo ser sandeu* é objeto direto oracional de *acho*; *três cousas* é o sujeito do causativo *fazem*; *ao doudo* é dativo de *fazem*; *ser sandeu* é objeto direto oracional de *fazem*; *ser* é verbo de cópula no infinitivo, enquanto *sandeu* é predicativo. A oração *fazem ao doudo ser sandeu* constrói-se como *quem faz, faz algo* [acusativo] *a alguém* [dativo].

⇗ **Observação.** Os três exemplos aduzidos, como quaisquer outros semelhantes a estes, podem construir-se também com o já tão referido "sujeito acusativo" (que, relembre-se, se estudará na seção sobre infinitivo):

✓ *Três cousas acho que* FAZEM *o doudo* [objeto direto de *fazem* e sujeito de] *SER SANDEU*;

✓ *OUVIU-os* [objeto direto de *Ouviu* e sujeito de] *DISCUTIR o assunto.*

¶ O complemento indireto relativo[64] distingue-se do complemento indireto dativo por duas razões principais:

- Não significa pessoa ou coisa a que se destina a ação, nem, como os dativos livres, pessoa em cujo proveito ou prejuízo a ação se realiza, etc. Aparenta-se antes ao objeto direto que significa ente sobre o qual recai a ação.
- Não se comuta, na terceira pessoa, pelos pronomes oblíquos átonos *lhe*, *lhes*, mas pelos tônicos *ele, ela, eles, elas* precedidos, como devido, de preposição:

✓ *assistir a um concerto > assistir a ele*;

✓ *obedecer às leis > obedecer a elas*;

✓ *anuir ou assentir a uma proposta > anuir ou assentir a ela*;

✓ *proceder à contagem > proceder a ela*;

✓ *concordar com uma tese > concordar com ela*;

✓ *falar com o filho > falar com ele*;

✓ *carecer do básico > carecer dele*;

✓ *compor-se de artigos > compor-se deles*;

✓ *depender de estudo > depender dele*;

✓ *discordar ou discrepar de uma opinião > discordar ou discrepar dela*;

✓ *duvidar de uma informação > duvidar dela*;

✓ *esquecer-se ou olvidar-se de uma tristeza > esquecer-se ou olvidar-se dela*;

[64] Como assinala Rocha Lima, "a denominação 'complemento relativo' inspira-se na generalização do conceito de *regime relatif*, proposto por Meyer Lübke para regências fronteiriças dessa nossa (*Grammaire des langues romanes* (3 vols). Tradução francesa. 2. ed. Viena, Stechert, 1923, vol. 3, p. 349.)" (*op. cit.*, p. 311, nota).

✓ *esquivar-se <u>de um golpe</u> > esquivar-se <u>dele</u>;*
✓ *fugir <u>de um perigo</u> > fugir <u>dele</u>;*
✓ *gostar <u>de obras profundas</u> > gostar <u>delas</u>;*
✓ *lembrar-se ou recordar-se <u>de um acontecimento</u> > lembrar-se ou recordar-se <u>dele</u>;*
✓ *necessitar ou precisar <u>de conselhos</u> > precisar <u>deles</u>;*
✓ *queixar-se <u>de uma dor</u> > queixar-se <u>dela</u>;*
✓ *acreditar ou crer <u>numa afirmação</u> > acreditar ou crer <u>nela</u>;*
✓ *consentir <u>numa ação</u> > consentir <u>nela</u>;*
✓ *insistir <u>num ponto de vista</u> > insistir <u>nele</u>;*
✓ *reparar <u>num detalhe</u> > reparar <u>nele</u>;*
✓ *discorrer ou discursar <u>sobre um tema</u> > discorrer ou discursar <u>sobre ele</u>;*
✓ etc.

⇗ **Observação 1.** Parte dos verbos postos nos exemplos é de antigos transitivos diretos, que por complexas razões históricas passaram a indiretos de relativo. Alguns deles, no entanto, seguem admitindo a antiga regência, às vezes com leve distinção semântica. Mas esta nem sequer se dá, por exemplo, entre *necessitar de dinheiro* e *necessitar dinheiro*; ou entre *duvida disso* e *duvida-o*; ou entre *fugir de um perigo* e *fugi-lo*; etc. Note-se, todavia, que em todos estes casos a forma acusativa é menos ou muito menos usada. Como dito, porém, por vezes há leve distinção semântica entre a forma relativa e a acusativa: uma coisa, por exemplo, é *Acreditar ou crer <u>em</u> Deus* (complemento necessariamente relativo) e outra é *Não <u>o</u> acreditei* (= não acreditei [n]o que disse). Basta contudo que usemos, neste caso, de complemento oracional para que ambos os sentidos dispensem a preposição: *Acredito <u>que Deus existe</u>* e *Creio <u>que ele disse a verdade</u>*: ou seja, em ambos os casos temos oração subordinada substantiva objetiva direta.

⇗ **Observação 2.** Como dito mais acima, alguns poucos complementos relativos se comutam por complemento dativo, não raro com leve alteração semântica. Por exemplo:

✓ *falar <u>com alguém</u> sobre a notícia > falar <u>com ele</u> sobre a notícia*

x

✓ *falar <u>A ALGUÉM</u> da notícia > falar-<u>LHE</u> da notícia.*

⇗ **Observação 3.** Alguns verbos pronominais podem deixar de sê-lo, e passam a requerer objeto direto em vez de complemento relativo:

✓ *lembrar-se ou recordar-se <u>de um acontecimento</u> > lembrar-se ou recordar-se <u>dele</u>*

x

✓ *lembrar ou recordar um acontecimento > lembrá-lo ou recordá-lo;*

✓ *esquecer-se ou olvidar-se de uma tristeza > esquecer-se ou olvidar-se dela*

x

✓ *esquecer ou olvidar uma tristeza > esquecê-la ou olvidá-la;*

✓ *esquivar-se de um golpe > esquivar-se dele*

x

✓ *esquivar um golpe > esquivá-lo.*

§ O que não é adequado segundo o padrão culto atual (malgrado o coloquial brasileiro) é fazer o verbo deixar de ser pronominal e manter a preposição. Assim, "Esqueceram de mim" dever-se-ia dizer ou *Esqueceram-se de mim* ou *Esqueceram--me*. E com o que vamos dizendo aqui já algo se antecipa da Sétima Parte.

⇗ **Observação 4.** Boa parte dos complementos relativos corresponde, em latim, ou ao genitivo ou ao ablativo.

γ. O complemento circunstancial é de natureza adverbial, razão por que as gramáticas mais antigas, fundadas no prejuízo de que o advérbio é termo "acessório" e pois "dispensável", não o consideravam complemento, mas adjunto adverbial. Erro de perspectiva: trata-se de advérbio ou grupo adverbial em função complementar ou integrante, ou seja: *tem caráter necessário.* É tão indispensável ao inteiro sentido do verbo como o são os demais complementos verbais. Foi Celso Cunha o que, com tanto acerto, introduziu entre nós esta noção ou conceito; e, conquanto não nos convença perfeitamente o adjetivo "circunstancial", adotamo-lo em prol, ainda, da tradição gramatical.

• Com efeito, se se comparam as seguintes orações: *Iremos à Hungria* e *Almoçaremos na Hungria*, constatamos quase de imediato que o *na Hungria* da segunda oração não completa ou integra o sentido de *Almoçaremos*, ao contrário do que se dá com *à Hungria* com respeito a *Iremos*: sem aquele, este não significa perfeitamente. Com efeito, *Almoçaremos* significa cabalmente por si, mas não assim *Iremos*: se digo *Almoçaremos*, não nos vem automaticamente a pergunta "Onde?"; se todavia digo *Iremos*, automaticamente nos vem a pergunta *Aonde?*. Posso dizer simplesmente: *Almoçaremos* (ou *Almoçaremos tarde*, ou *Almoçaremos na Hungria*, etc.) Não me basta, no entanto, dizer simplesmente: *Iremos* (a não ser como resposta em que o restante da oração esteja elíptico: – *Irão à Hungria?* – *Iremos* [*à Hungria*]). Pois bem, nos exemplos dados, *à Hungria* é complemento circunstancial, e *na Hungria* é adjunto adverbial – ainda que ambos sejam grupos adverbiais.

• Por vezes não é fácil distingui-los. Assim, *muito* em *Viveu muito* é adjunto adverbial, enquanto *em Portugal* em *Vive em Portugal* é complemento circunstancial. Mas isto só é assim porque o *Vive* de *Vive em Portugal* não se usa aqui na acepção primeira do verbo, mas com o sentido de *morar*: e *morar* requer complemento relativo: *quem mora, mora em algum lugar*.

• Pode parecer a princípio que o complemento circunstancial também necessariamente se introduz de preposição, razão por que poderia incluir-se entre os complementos indiretos. Antes porém de tratá-lo, vejamos exemplos de complementos circunstanciais introduzidos de preposição, assinalando-lhes o que expressam:

✓ "E o meu suplício durará por meses" (Alexandre Herculano) [tempo, com reforço do sentido do verbo pela preposição *por*];

✓ *Vive* [ou *Mora*] *em Portugal* [lugar, com indicação de estância pela preposição *em*];

✓ *Iremos à Hungria* [lugar, com indicação de direção pela preposição *a*].

• Por vezes, podem comutar-se entre si preposições de complemento circunstancial com alguma alteração semântica:

✓ *Estar à* [*a* + *a*] *janela* ou *na* [*em* + *a*] *janela*;

✓ *Ter alguém ao* [*a* + *o*] *colo* ou *no* [*em* + *o*] *colo*;

✓ etc.

Na janela ou *no colo* expressam pura estância no lugar significado (*janela* e *colo*), ao passo que *à janela* ou *ao colo* expressam estância em lugar elevado ou a que se tem de assomar de algum modo.

☞ **Observação.** É bem verdade que não são estranhas ao português construções como *às folhas tantas*, que não se distingue significativamente de *na folha tal*. Mas são construções especializadas, de jargão de ofício. – Não se diga nunca, todavia, "sito ou situado à Rua Tal", mas *sito ou situado na Rua Tal*.

• Poder-se-ia brandir o caso de *ali* e de *lá* para negar que o complemento circunstancial se introduza necessariamente de preposição: *Foi ali*; *Iremos lá*; etc. Há que lembrar, porém, que em ambos estes advérbios está suposta a preposição *ad* latina (o étimo de nossa *a*):

✓ *ali* < at. *ad illīc* ['ali, lá, acolá'];

✓ *lá* < lat. *ad* + adv. *īllāc* ['naquele lugar'], através do arc. *alá*, donde o espanhol *allá*.

Apenas porém fazemos tal constatação, no-la vem contrariar o caso de *aqui* e de *acolá*, que não têm *ad* suposta:

✓ *aqui* < lat. vulg. **accuhic*, de *accu-*, partícula enfática (< *ecce* + *hunc*, ac. masc. sing. de *hic*, *haec*, *hoc* com infl. de *atque*) + adv. *hīc* ['aqui, neste lugar'];

✓ *acolá* < lat. vulg. *eccu(m) illāc* ['eis ali, eis lá']; *eccum*, que era usado como f. de reforço, evoluiu prov. para um lat. vulg. **accu-* sob infl. de *atque* ou de *ac*].

Pois é por isso mesmo, e por outros casos, que o complemento circunstancial não pode incluir-se entre os complementos indiretos.

• Há, ademais, segundo a maioria dos gramáticos, vários casos de complemento circunstancial não introduzido por preposição:

✓ *A guerra durou* <u>*cem anos*</u> [em vez de *por cem anos*] [ESPAÇO DE TEMPO];

✓ *Trabalharam* <u>*a vida toda*</u> [em vez de *durante a vida toda*] [ESPAÇO DE TEMPO];

✓ *Pesa* <u>*oitenta quilos*</u> [PESO];

✓ *Vale* <u>*uma fortuna*</u> [VALOR];

✓ *Custam* <u>*dois mil reais*</u> [PREÇO];

✓ *Dista* <u>*duzentos quilômetros*</u> *daqui* [DISTÂNCIA NO ESPAÇO];

✓ *Envelheceu* <u>*dez anos*</u> [TEMPO TRANSLATO];

✓ "andar <u>longes terras</u>" [em vez de *por longes terras*] (GONÇALVES DIAS) [PERCURSO];

✓ etc.

▫ Sucede todavia que para outros gramáticos não se trata de complemento circunstancial, mas de complemento direto (ou seja, de acusativo), assim como em latim se dizia no acusativo: *Triginta annos vixit* (Viveu trinta anos). Com efeito, pode dizer-se que *quem anda, anda longes terras*, ou *dez quilômetros*, etc., e esta parece construção própria de objeto direto.

▫ Mas replicariam os defensores de que estamos diante de verdadeiros complementos circunstanciais: também em latim o complemento circunstancial de direção se punha no acusativo (precisamente chamado *de direção*): <u>*Romam*</u> *proficisci* (ir <u>a Roma</u>), <u>*Lesbum*</u> *se conferre* (trasladar-se <u>para Lesbos</u>), etc.

▫ É discussão tendente ao infinito, razão por que concluímos nós: estamos, uma vez mais, em fronteira turva.

• Dissemos mais acima que nem sequer são dativos livres alguns casos tradicionalmente chamados "de interesse" (por exemplo, *Nascido não* <u>*para ti*</u>, *mas* <u>*para a pátria*</u> [lat. *Non* <u>*tibi*</u> *sed* <u>*patriae*</u> *natus*]), nem o mal chamado "dativo de

opinião" (por exemplo, *Para mim esta obra é superficial*); e que não o são pelo simples motivo de que não podem comutar-se por pronomes dativos. Pois bem, o *para ti* e o *para a pátria* de *Nascido não para ti, mas para a pátria* são COMPLEMENTOS CIRCUNSTANCIAIS [de DESTINAÇÃO] do particípio *Nascido*. Já o *Para mim* de *Para mim esta obra é superficial* está em fronteira tão turva como os advérbios que determinam orações. Já dissemos, com efeito, que quanto aos advérbios que determinam orações estamos em fronteira turbidíssima, porque, quando dizemos *Infelizmente não virão*, a palavra *Infelizmente* não expressa modo da oração nem de nenhuma parte sua, senão que expressa sentimento de quem a diz. É pois antes um modo de sentimento do falante, posto porém em forma perfeitamente adverbial (*infeliz* + *-mente*). Ora, *analogamente*, tampouco tal *para mim* expressa modo ou circunstância do verbo de cópula nem do predicativo, nem do conjunto dos dois. É-lhes tão radicalmente extrínseco como o é da oração aquele *Infelizmente*; e, como este, expressa algo apenas do ângulo de quem fala ou escreve. Mas, assim como *Infelizmente* tem figura perfeitamente adverbial, assim também *para mim* (ou, mais precisamente, figura de grupo adverbial).Quanto pois a qual seja a função sintática de para mim, não pode ser senão a mesma daquele *Infelizmente*: a de um como: ADJUNTO ADVERBIAL, função que estudaremos mais adiante.

δ. A última espécie de complemento verbal é o AGENTE DA PASSIVA, ou seja, o complemento de verbo (ou antes, locução verbal) na voz passiva. Sempre significa o praticante da ação verbal padecida pelo sujeito paciente:

- ✓ *O LEÃO* [sujeito paciente] *foi morto pelo caçador* [agente da passiva];
- ✓ *O CAÇADOR* [sujeito paciente] *foi morto pelo leão* [agente da passiva];
- ✓ *TAIS PALAVRAS* [sujeito paciente] *foram ditas pelo escritor* [agente da passiva];
- ✓ *ESTE PALÁCIO* [sujeito paciente] *foi projetado pelo famoso arquiteto* [agente da passiva];
- ✓ etc.

→ Como se vê pelos exemplos, o AGENTE DA PASSIVA sempre se introduz por preposição, mais correntemente *por/per*. Mas também pode introduzir-se por *de*:

- ✓ *Era estimado DE* [= *POR*] *todos*;
- ✓ *Roma foi invadida DE* [= *POR*] *multidão de povos germânicos*;
- ✓ etc.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Porque sempre se introduz de preposição, o AGENTE DA PASSIVA pareceria poder incluir-se entre os complementos indiretos.

Não obstante, incluí-lo entre estes não só implicaria radical ruptura com a tradição gramatical, mas não corresponderia perfeitamente à realidade. O complemento indireto é-o porque a preposição que o introduz é requerida pelo verbo transitivo de que aquele é complemento. Ora, um verbo (ou antes, locução verbal) na voz passiva não é transitivo, e tanto não o é, que pode calar-se, em certas situações, o mesmo agente da passiva. Com efeito, em, por exemplo, *Este castelo foi construído na Idade Média*, não se dá o agente da passiva (ou seja, aquele por quem foi construído tal castelo), e no entanto a oração significa cabalmente; não lhe falta nada.

É que em verdade o agente da passiva não é perfeito complemento verbal, e não deixam de ter sua parte de razão os gramáticos e os linguistas que o consideram adjunto adverbial de agente. Em resumo: fronteira turva, ainda.[65]

➢ A CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

§ Já temos perfeitas condições para classificar os verbos segundo requeiram ou não requeiram complemento, e segundo o que seja(m) o(s) mesmo(s) complemento(s) que requeiram.[66]

- VERBO DE CÓPULA:
  - ✓ *João é carpinteiro*;
  - ✓ *Márcia está bem*;
  - ✓ etc.;
- VERBO INTRANSITIVO, ou seja, o que não necessita de complemento ou termo integrante:
  - ✓ *O animal morreu*;
  - ✓ *O bebê nasceu às 8 horas*;
  - ✓ etc.;

[65] Como se vai vendo, a tão presente *fronteira turva* não é algo excepcional na linguagem, senão que resulta da impossibilidade desta de significar com estrita precisão filosófica, por um corpo de signos necessariamente limitado e paradigmaticamente cingido, o potencialmente infinito tecido da realidade. Mas uma língua sem corpo de signos limitado e cingido por paradigmas, justamente, não é nenhuma língua, como vimos vendo desde a primeira página desta *Suma*; isso mesmo, todavia, é o que a faz turvar-se em certas zonas limítrofes para, assim, significar como possível a complexidade do real. Logo, não deve o gramático tentar reduzir a língua, *more geometrico*, a uma espécie de tabuleiro de xadrez, em que cada casa é tal e inamovivelmente tal. Já o tentaram, entre outras, as oficinas racionalistas de Port-Royal, infrutífera e prejudicialmente.

[66] Relembre-se apenas que muitos verbos se encontram, segundo o que signifiquem e segundo o contexto oracional, em diversas destas classes.

- VERBO TRANSITIVO DIRETO, ou seja, o que necessita de complemento ou termo integrante não necessariamente regido de preposição:
  - ✓ *Compremos livros*;
  - ✓ *Viu-me a mim*;
  - ✓ *Ama a todos*;
  - ✓ etc.;
- VERBO TRANSITIVO INDIRETO, ou seja, o que necessita de complemento ou termo integrante regido necessariamente de preposição; divide-se em:
- ♦ TRANSITIVO INDIRETO A (COMPLEMENTO) DATIVO:
  - ✓ *Disse-lhe a verdade*;
  - ✓ *Obedeceu ao pai*;
  - ✓ etc.

  (OBSERVAÇÃO: os verbos *dandi*, *dicendi* e *rogandi*, além de outros, são antes BITRANSITIVOS: requerem tanto complemento direto como complemento indireto dativo);
- ♦ TRANSITIVO INDIRETO A (COMPLEMENTO) RELATIVO:
  - ✓ *Gosta de viajar*;
  - ✓ *Responde à carta*;
  - ✓ etc.;
- VERBO TRANSITIVO A COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL (OU A CIRCUNSTÂNCIA):
  - ✓ *Já não iremos à Bahia*;
  - ✓ *Vive em Campo Grande*;
  - ✓ etc.

  (OBSERVAÇÃO: alguns verbos requerem tanto complemento relativo como complemento circunstancial: *FALOU com o amigo* [relativo] *sobre o assunto* [circunstancial], etc.).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1**. Deixamos sem resposta, anteriormente, a questão de como se devem classificar os verbos chamados "auxiliares aspectuais" pelas gramáticas modernas. Pois bem, são TRANSITIVOS DIRETOS, o que provavelmente provoque muitas objeções. Mas parece que o podemos provar.

▫ Se se pergunta *Queres estudar arquitetura?*, pode responder-se: *Quero-o*. Ora, este *o* é pronome objetivo direto. Logo...

- Diga-se algo semelhante com respeito a *Podes ao menos terminar este trabalho?*: *Isso eu posso.*
- Naturalmente, temos aí dois objetos diretos: *terminar este trabalho* é-o de *Podes*, e *este trabalho* é-o de *terminar*. Isto porém não obsta ao afirmado.

→ Antes de tudo, porque se dá o mesmo em, por exemplo, *Diz que quer que ele venha*, em que ambas as orações sublinhadas são objetivas diretas.

→ Depois, porque, se em *Podes ao menos terminar este trabalho?* o objeto oracional infinitivo *terminar este trabalho* não pode desenvolver-se (ou seja, mudar-se em oração desenvolvida iniciada por *que*), tal se deve a um nó de razões etimológicas, semânticas, morfossintáticas. Diga-se o mesmo com respeito a todos os outros mal chamados "auxiliares aspectuais". Mas não constituem caso isolado. Por exemplo, há em português uma oração subordinada adverbial modal que não pode dar-se senão como reduzida de gerúndio, ou seja, tampouco pode desenvolver-se: *Entrou em casa claudicando*, etc. Ora, se pode haver uma adverbial reduzida de gerúndio que não pode desenvolver-se, não há razão por que não possa haver orações substantivas reduzidas de infinitivo que não possam desenvolver-se.[67]

- Ademais, já é tradicional entre os melhores gramáticos admitir estas duas formas: *Podem-se ler muitos livros* e *Pode-se ler muitos livros* (*vide*, por exemplo, o que diz sobre isto Mário Barreto em *Através do Dicionário e da Gramática*). Mas, se a primeira corresponde à ativa *Muitos livros podem ser lidos*, a segunda não pode corresponder senão a uma *Alguém pode isso*, com *isso* em substitução a *ler muitos livros*. Ora, isto implica dar a *ler muito livros* o caráter de *oração substantiva objetiva direta*. Se assim é, então não se pode deixar de considerar *Pode* como transitivo direto.
- Há casos ainda mais complexos, como o de *começar*: com efeito, em *Começar a escrever* está presente uma preposição. Nada impedinte, porém: trata-se de oração objetiva direta reduzida de

[67] Ademais, ao menos um de tais "auxiliares aspectuais" já se usou em português na forma desenvolvida: *Pode que seja* (em vez de *Pode ser*) *algo grave*. Segue usando-se em espanhol: *Puede que sea...*

infinitivo *preposicionada*. Se todavia *quem começa, começa algo* (por exemplo, *Começar o trabalho* ou *Começar a escrita*), não há razão para não considerar que *Começar a escrever* segue o mesmo modo.

- Mas não afirmamos que historicamente primeiro se deu, em todos estes casos, oração desenvolvida, e depois sua cristalização na forma infinitiva atual. Pode ser que na maioria dos casos nunca se tenha dado tal evolução. Entenda-se pois que aqui não fazemos senão proceder, como em muitos outros casos, a uma redução, a saber: os verbos ditos "auxiliares aspectuais" reduzem-se quase sempre a transitivos diretos.

Observação 2. Com esta classificação dos verbos, antecipamos toda a seção teórica da Sétima Parte, a qual será, assim, quase exclusivamente normativa.

2.7.5. Há três espécies de TERMOS ADJUNTOS:

a. ADJUNTO ADNOMINAL;

b. APOSTO;

c. ADJUNTO ADVERBIAL.

O primeiro tem caráter adjetivo; o segundo, substantivo; e o terceiro, adverbial.

Observação. Relembre-se que a estes termos a quase totalidade dos gramáticos chama "acessórios", o que é inconveniente. Antes de tudo, o adjetivo *acessório* tem duplo sentido: o primeiro, *suplementar, adicional, anexo*; o segundo, *dispensável*. Ora, já vimos que os termos adjuntos não são integrantes ou partes análogas do termo a que estão adjuntos; mas são partes intrínsecas e pois indispensáveis das orações em que estão presentes. Portanto, se se consideram com respeito ao termo a que estão adjuntos, podem dizer-se *suplementares*, mas não dispensáveis; e, se se consideram com respeito à oração em que estão presentes, não só não são dispensáveis, mas tampouco são suplementares. Daí que *adjunto* seja o melhor nome que se lhe pode dar.

2.7.5.a. Chama-se **ADJUNTO ADNOMINAL** a todo e qualquer adjetivo (qualificativo ou determinativo) em sua função sintática de determinar qualquer substantivo.[68] Seja a oração *Uma moça morena que se chama Maria procurou-te*; há nela três adjuntos adnominais:

✓ *Uma* (artigo indefinidor);

[68] Relembre-se: adjetivo ou correlato, e substantivo ou correlato.

✓ *morena* (adjetivo qualificativo);
✓ *que se chama Maria* (oração subordinada adjetiva).[69]

→ Podem pois exercer a função de ADJUNTO ADNOMINAL:

• qualquer adjetivo qualificativo ou qualquer locução adjetiva qualificativa:
✓ *homens felizes*;
✓ *verdes mares bravios*;
✓ *mesa de madeira*;

• qualquer adjetivo determinativo (ou seja, qualquer pronome adjetivo ou qualquer numeral adjetivo):
✓ *teus livros*;
✓ *palavras quaisquer*;
✓ *Que quadro preferes?*;
✓ *quatro casas*;

• qualquer artigo (definidor ou indefinidor):
✓ *o cais*;
✓ *uma embarcação*;

• qualquer grupo adjetivo:
✓ *chão coberto de relva*;
✓ *pessoa sem nenhum ressentimento*;

• qualquer oração subordinada adjetiva "restritiva":
✓ *O menino que vem ali é José*;
✓ *Digamo-lo aos que necessitam ouvi-lo*.

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** As chamadas "orações subordinadas adjetivas 'explicativas'" exercem antes a função de PREDICATIVO. Não as trataremos agora senão a título de antecipação; mas é já o momento de dizer que há dois modos de ser predicativo.

▫ O primeiro já o vimos: o que se atribui ao sujeito mediante um verbo de cópula: *Esta moça é inteligente*.

▫ O segundo vê-se por estes exemplos:
✓ *Esta moça, inteligente, por certo o conseguirá*;
✓ *Inteligente, esta moça por certo o conseguirá*.

◆ Note-se que, neste modo de ser PREDICATIVO, este se separa por vírgula do substantivo a que se refere, ao contrário do que se dá com os adjuntos adnominais, que não admitem separação do substantivo que determinam:
✓ *Esta moça inteligente por certo o conseguirá*.

---

[69] As orações começarão a estudar-se mais adiante.

- Temos assim:
  - ✓ *Esta moça inteligente por certo o conseguirá* (adjunto adnominal);
  - ✓ *Esta moça é inteligente* (predicativo);
  - ✓ *Esta moça, inteligente, por certo o conseguirá* (predicativo).
- Em verdade, todavia, este segundo modo de ser predicativo reduz-se *de certa maneira* ao primeiro. Com efeito, quando digo *Esta moça, inteligente, por certo o conseguirá*, o que vem entre vírgulas traz implícita toda uma oração: *Esta moça, que é inteligente, por certo o conseguirá*. Diga-se o mesmo com respeito a *Inteligente, esta moça por certo o conseguirá*: *Inteligente que é, esta moça por certo o conseguirá*. Estes dois casos, porém, são dois modos de ser "oração subordinada adjetiva 'explicativa'". A conclusão impõe-se; mas voltaremos a tratá-lo, mais adiante.
- Apenas constatamos, porém, que tal *inteligente* traz implícita uma "oração adjetiva explicativa", assalta-nos outra possibilidade: que traga implícita uma *oração causal*: *Esta moça, como/porque é inteligente, por certo o conseguirá*; *Como/Porque é inteligente, esta moça por certo o conseguirá*. É a sempre possível contiguidade não só entre classes gramaticais, mas entre funções.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Já é o momento, também, de tratar a referida distinção – nada simples – entre ADJUNTO ADNOMINAL e COMPLEMENTO NOMINAL. Mas aqui não podemos senão dar a palavra, *in extenso*, a um impecável Rocha Lima:

> «Para facilitar-lhe a identificação [do COMPLEMENTO NOMINAL], convém ter presentes as seguintes regras práticas:
>
> 1) Tratando-se de *adjetivo*, ou *advérbio*, não há a menor dúvida: o termo que a eles se liga por preposição é, SEMPRE, complemento nominal:
>
> a) Ofensivo *à honra*, prejudicial *à saúde*, útil *à coletividade*, igual *a mim*; responsável *pelo desastre*; confiante *no futuro*; desejoso *de glória*; tolerante *com os amigos*, etc.
>
> b) Independentemente *de minha vontade*; desfavoravelmente *a nós*; contrariamente *aos nossos desejos*, etc.»

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Relembre-se apenas que não raro, quando se trata de adjetivo, podemos estar em fronteira turva: com efeito, em *É útil à coletividade*, pode entender-se *à coletividade* tanto como complemento nominal quanto como dativo (*É-lhe útil*).

> «2) Tratando-se, porém, de *substantivo*, é preciso cuidado para não confundir o complemento nominal com o "adjunto adnominal", que,

quando expresso por locução adjetiva [ou por grupo adjetivo, acrescente-se de nosso ângulo], se apresenta com a mesma forma daquele: preposição + substantivo.

Comparem-se:

copo *de vinho* (adjunto)	invasão *da cidade* (complemento)
rosa *com espinhos* (adjunto)	conversa *com o pai* (complemento)

Como, pois, fazer a distinção?

A diferença consiste em que os substantivos do primeiro grupo (*copo, rosa*) são *intransitivos*; ao passo que os do segundo (*invasão, conversa*) admitem emprego como *transitivos* – o que somente pode acontecer:

a) Com o *substantivo abstrato de ação*, correspondente a verbo da mesma família que exija objeto (direto ou indireto), ou complemento circunstancial:

inversão *da ordem* (cf. inverter *a ordem* – objeto direto);
obediência *aos pais* (cf. obedecer *aos pais* – objeto indireto);
ida *a Roma* (cf. ir *a Roma* – complemento circunstancial).

b) Com o *substantivo abstrato de qualidade*, derivado de adjetivo que possa usar-se transitivamente:

certeza *da vitória* (cf. certo *da vitória*);
fidelidade *aos amigos* (cf. fiel *aos amigos*).

Observação

Esta tentativa de sistematização didática parece-me satisfatória para orientar os estudantes.

Se bem que, do ponto de vista do ensino elementar, a distinção entre "complemento nominal" e "adjunto adnominal" se afigure algo perturbadora e, até, supérflua – o certo é que esteia em conceitos linguísticos que não podem deixar de levar-se em conta numa descrição fiel da estrutura da frase [*sic*; dir-se-ia melhor: *oração*].

O cerne da questão mergulha raízes no conceito (por excelência complexo) de transitividade e intransitividade; e ainda se prende, em certa medida, ao problema (não menos complexo) de emprego concreto ou abstrato do substantivo.

Ora, apenas substantivos abstratos de ação, relacionados a verbos transitivos ou amarrados a complemento circunstancial por preposição determinada, podem, por definição, ser "transitivos"; o mesmo passa

com substantivos abstratos de qualidade, derivados de adjetivos transitivos. Desde que se concretizem, ou a ação ou a qualidade por eles expressa não transborde para um "objeto" – tornar-se-ão intransitivos.

Eis por que, muita vez, ao mesmo núcleo substantivo se junta variavelmente complemento nominal ou adjunto adnominal, conforme o termo preposicionado represente, ou não, o "objeto" da ação. Acrescente-se que esses casos à primeira vista ambíguos ocorrem tão só com a preposição *de*, em razão, porventura, de ser ela a mais *vazia* das preposições.

Cotejem-se os seguintes exemplos:

a) A invenção de *palavras* caracteriza o estilo de Guimarães Rosa. (Complemento nominal: "palavras" é o objeto, a coisa inventada, o paciente da ação contida no substantivo "invenção" – aqui usado, portanto, transitivamente).

b) A invenção de *Santos Dumont* abriu caminho à era interplanetária. (Adjunto adnominal: "Santos Dumont" não é o objeto da ação, o paciente, a coisa inventada; e sim o seu agente. A ação expressa pelo substantivo não vai além dele – o que lhe dá o caráter de palavra intransitiva).

Basta que o substantivo, ainda que abstrato de ação, venha empregado como concreto, para que desaceite complemento nominal. Ponham-se lado a lado estas frases:

a) A plantação de *cana* enriqueceu, outrora, a economia do país. (Complemento nominal: "plantação" tem, aqui, valor abstrato – a ação de plantar, cujo objeto é "cana").

b) Em poucas horas, o fogo destruiu toda a plantação de cana. (Adjunto adnominal: já agora, "plantação" é nome concreto, e, portanto, intransitivo).

De tudo decorre, por outro lado, que ao mesmo núcleo substantivo se possam subordinar, ao mesmo tempo, adjuntos e complementos nominais – a exemplo de construções como estas:

a) O amor de Jesus às criancinhas...

(Adjunto adnominal: "de Jesus"; compl. nominal: "às criancinhas"),

b) A derrota de Napoleão em Waterloo...

(Ambos são complementos nominais: "de Napoleão" e "em Waterloo")."[70]

[70] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 296-98.

☞ **Observação 1.** Evanildo Bechara, em sua última gramática, rejeita tal distinção – sem razão, se se leva em conta a justeza das palavras de Rocha Lima.

☞ **Observação 2.** Em latim, nossos complementos nominais e parte de nossos adjuntos adnominais punham-se igualmente no genitivo, donde a distinção entre *genitivo objetivo* e *genitivo subjetivo*. Outra língua, outros modos.

☞ **Observação 3.** Mas há um problema real: os adjuntos adnominais introduzidos por *de* não são os únicos que admitem redução a adjetivo simples:

✓ *os sonetos de Camões* > *os sonetos camonianos*;

✓ *o descobrimento de Cabral* > *o descobrimento cabralino*;

✓ etc.

Também a admitem *alguns* complementos nominais, como *a derrota de Napoleão* (> *a derrota napoleônica*). E tal se dá porque os adjetivos podem ter caráter não só ativo, mas passivo: por isso pode dizer-se tanto *sua vitória* como *sua derrota*. Mas, se assim é, então é forçoso concluir que os adjetivos simples, ao contrário do que dizem todas as gramáticas e do que de início dissemos nós mesmo *a modo dialético*, podem exercer tanto a função de *adjunto adnominal* como, por vezes, a de *complemento nominal*.

Estamos pois nos antípodas de Evanildo Bechara, e concluímos o que Rocha Lima não pôde concluir.

2.7.5.b. Quanto ao APOSTO, que é a segunda espécie de *termos adjuntos*, há que dizer o seguinte.

• Hoje, muitos (como o Dicionário Houaiss) pensam que o APOSTO não é função sintática. Mas todas as palavras se agrupam em classes gramaticais e exercem ou função sintática propriamente dita, ou função sintática relacional, como as preposições e as conjunções. Pois bem, se o aposto não é classe gramatical – e ninguém o afirma –, resta que seja função exercida por determinada classe gramatical, ou seja, o substantivo, porque, se não é classe nem função sintática, não se sabe o que possa ser.

• Note-se porém que, se a função sintática de APOSTO é exercida por substantivos, estes não a exercem senão em referência a outro substantivo. Mas a determinação dos substantivos é o próprio dos adjetivos, e em princípio repugna que um substantivo determine a outro. Antes de tentar compreendê-lo, todavia, vejamos de que modo a maioria das gramáticas compreende APOSTO e, talvez por influência principal do *Manual de Análise* de José Oiticica, em quantas e em que espécies o divide.

• Assim, segundo a maioria das gramáticas, APOSTO é o termo substantivo que especifica, enumera, resume, distribui, compara ou explica outro termo substantivo, com o que já se dariam suas mesmas espécies. Acompanhemos passo a passo tal classificação, dando sempre porém nosso mesmo parecer.

◆ APOSTO ESPECIFICATIVO:

✓ *o poeta Olavo Bilac*;

✓ *o gramático Sousa da Silveira*;

✓ *o historiador Tucídides*; *a professora Joana*;

✓ *O rio Tejo*;

✓ etc.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** O termo "especificativo" é altamente impróprio, porque, com efeito, não se trata de especificação, mas DE INDIVIDUALIZAÇÃO: *Olavo Bilac*, *Sousa da Silveira*, *Tucídides* e *Joana* são indivíduos da mesma espécie, a humana, e não são senão indivíduos o que tais substantivos nomeiam aqui. Por isso, doravante o chamaremos APOSTO INDIVIDUALIZADOR OU DE INDIVIDUALIZAÇÃO.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Em *a cidade de Lisboa*, *Lisboa* é em verdade aposto de *cidade*, ainda que entre eles medeie a preposição *de*. Este *de* é tardio na língua e está aí em razão de certa analogia popular com, por exemplo, *o Colégio de Pedro II* (em que *de Pedro II* é adjunto adnominal de *colégio*). Sucede, todavia, que por analogia inversa é agora *o Colégio de Pedro II* que perde o *de*, para cristalizar-se em *Colégio Pedro II* (em que *Pedro II* passa a aposto de individualização).[71]

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Como anota Rocha Lima, "A *Grammaire Larousse du XXe siècle* [...] e Maurice Grevisse, *Le bon usage* [...], ensinam que, em construções que tais, o aposto vem antecipado. De tal sorte que, em *maître Corbeau, le maréchal Foch, le philosophe Platon*, os substantivos apostos seriam, respectivamente, *maître*, *maréchal* e *philosophe*. Não entendemos assim".[72] Nós tampouco.

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** Não medeia nenhum sinal de pontuação entre esta espécie de aposto e o substantivo a que se refere.

⇗ **OBSERVAÇÃO 5.** Reduz-se a aposto individualizador o que chamamos APOSTO DE EPÍTETO (OU DE ALCUNHA):

✓ *Felipe, o Belo, foi rei da França de 1285 até a morte*;

✓ *Ivã, o Terrível, reinou por 35 anos*;

---

[71] Em *o mês de agosto*, em *o ano de 1983* e em tantos outros casos que tais, dá-se o mesmo que em *a cidade de Lisboa*.

[72] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 316, nota 14.

✓ *Joana, a Louca, foi rainha de Castela e Leão e de Aragão*;

✓ etc.

¶ Note-se porém a vírgula **obrigatória** em português, e, salvo engano, só em português; nem sequer o galego a adota: *Iván o Terrible*. Em espanhol: *Iván el Terrible*; em francês: *Ivan le Terrible*; em italiano: *Ivan il Terribile*; em inglês: *Ivan the Terrible*; em alemão: *Iwan der Schreckliche*; etc.; em russo: Иван Грозный, *Ivan Grozny*.

⇗ Observação 6. Não se reduz a aposto individualizador o que não propriamente individualiza, senão que nomeia o indivíduo já significado por algum pronome:

✓ "Eu, Brás Cubas, escrevi este romance com a pena da galhofa e a tinta da melancolia" (Machado de Assis).

- Aposto enumerativo:[73]

✓ *O Império Romano possuía numerosas províncias: Hispânia, Gália, Itália, Dácia, etc.*;

✓ *Eis três mulheres bíblicas: Sara, Rebeca e Lia*;

✓ *Falam-se várias línguas – francês, italiano, alemão e rético – na Suíça.*

⇗ Observação 1. Como se vê pelos exemplos, entre o substantivo e seu aposto enumerativo medeia sempre algum sinal de pontuação.

⇗ Observação 2. Ademais, entre o substantivo e seu aposto enumerativo aparece, por vezes, uma das locuções *isto é*, *a saber*, *ou seja* e outras que tais:

✓ *Perderam todos os* BENS, *a saber*: DOIS APARTAMENTOS, UMA FAZENDA E UM AUTOMÓVEL.

⇗ Observação 3. Nos seguintes exemplos, Rocha Lima e a maioria dos gramáticos consideram que as palavras sublinhadas exercem a função de aposto sintetizador ou resumitivo:[74]

✓ *As cidades, os campos, os vales, os montes, tudo era mar*;

✓ *Os colegas de trabalho, os velhos amigos de infância e até os parentes mais chegados, ninguém lhe trouxe uma palavra de conforto*;

✓ *Filhos, netos, bisnetos, quem o socorrerá na velhice?*;

✓ *Sobrevivente do naufrágio, ele conseguiu salvar algum dinheiro; porém joias, roupas, documentos, o mais submergiu com o navio.*

[73] Os seguintes exemplos de aposto enumerativo, extraímo-los de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 316-17.

[74] Exemplos também extraídos de Rocha Lima, *ibidem*.

Diz com acerto Rocha Lima que, "se a ordem dos termos da oração fosse esta: '... *porém o mais – joias, roupas, documentos – submergiu com o navio*' –, os três substantivos passariam a funcionar como apostos a 'o mais', que, então, seria o sujeito. O mesmo cabe dizer a respeito dos outros exemplos acima citados".[75] Sucede porém que, se se considera, como fazem Rocha Lima e a maioria dos gramáticos, que as palavras sublinhadas naquele rol de exemplos exercem a função de aposto, sucederia que aquilo que elas resumiriam constituiria certo ANACOLUTO.[76] Por isso mesmo, parece-nos mais apropriado considerar que tal "aposto resumitivo"[77] é antes o verdadeiro *sujeito* da oração, e que o que se enumera é antes o *aposto* (enumerativo), ainda que antecipado:

✓ *As cidades, os campos, os vales, os montes* [aposto enumerativo antecipado], *TUDO* [sujeito de] *era mar*;

✓ *Os colegas de trabalho, os velhos amigos de infância e até os parentes mais chegados* [aposto enumerativo antecipado], *NINGUÉM* [sujeito de] *lhe trouxe uma palavra de conforto*;

✓ *Filhos, netos, bisnetos* [aposto enumerativo antecipado], *QUEM* [sujeito de] *o socorrerá na velhice?*;

✓ *Sobrevivente do naufrágio, ele conseguiu salvar algum dinheiro; porém joias, roupas, documentos* [aposto enumerativo antecipado], *O MAIS* [sujeito de] *submergiu com o navio*.

¶ Como quer que seja, tal inversão é outro *modo cristalizado*, razão por que, segundo a figura, não constitui absurdo considerá-lo como o faz a maioria da tradição gramatical.

• APOSTO RESUMITIVO:

§ Acabamos de dizer que nisso a que as gramáticas chamam aposto resumitivo pode ver-se antes o sujeito da oração. Mas inequivocamente exerce a função de aposto o substantivo (ou o pronome substantivo) que, de fato, resume toda uma oração anterior:

✓ *Foram imprecisas suas explicações, fato que nos desgostou a todos*;

---

[75] *Ibidem*, p. 317

[76] Diz-se *anacoluto* qualquer ruptura sintática da oração que deixe sem função um dos termos. Celso Cunha dá o seguinte exemplo: "Umas carabinas que guardava atrás do guarda-roupa, a gente brincava com elas, de tão imprestáveis" (JOSÉ LINS DO REGO). – Sem que impugnemos o uso de anacolutos especialmente para reproduzir a fala (quase sempre prenhe deles), ou ainda em poesia, é normalmente de evitar em outros registros. (*Anacoluto* também se diz, menos cientificamente, *frase quebrada*.)

[77] O adjetivo *resumitivo* não se encontra dicionarizado; mas é hoje de largo uso no âmbito gramatical.

✓ *Foram imprecisas suas explicações, coisa que nos desgostou a todos;*

✓ *Foram imprecisas suas explicações, o que nos desgostou a todos;*

✓ etc.

Este, pois, é o que mais propriamente nos parece ser APOSTO RESUMITIVO.

- APOSTO DISTRIBUTIVO:

✓ *Marta e Sônia são ótimas alunas;(:)(–) esta em Gramática, aquela em Matemática;*

✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Atente-se, antes de tudo, à múltipla possibilidade de pontuação.

OBSERVAÇÃO 2. Mas aqui já começa a delinear-se mais claramente o fundo mesmo do problema que o aposto implica. Não é preciso muito esforço para perceber que em *esta em Gramática, aquela em Matemática* há duas orações implícitas: *esta* [*É ÓTIMA ALUNA*] *em Gramática, aquela* [*É ÓTIMA ALUNA*] *em Matemática.* Deixemo-lo consignado.

- APOSTO COMPARATIVO:

✓ *Impressionaram-me seus olhos, abismos de tristeza;*

✓ *Os olhos do felino, faróis na escuridão, vasculhavam a selva;*

✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Atente-se, ainda antes de tudo, à vírgula obrigatória entre o substantivo e seu aposto comparativo.

OBSERVAÇÃO 2. Tampouco, ademais, requer muito esforço constatar que também aqui há orações implícitas: *Os olhos do felino,* [*COMO SE FOSSEM*] *faróis na escuridão, vasculhavam a selva; Impressionaram-me seus olhos,* [*QUE ERAM COMO*] *abismos de tristeza.* Prossigamos.

- APOSTO EXPLICATIVO:

✓ *Cervantes, o primeiro ROMANCISTA, era homem das armas e das letras;*

✓ *Encontramo-nos com Virgínia, MUSICISTA promissora;*

✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Entre o substantivo e esta espécie de aposto, como se vê pelos exemplos, sempre medeia vírgula.

OBERVAÇÃO 2. Neste caso de aposto, mais – parece-nos – que em qualquer outro, evidencia-se o fundo da questão que nos ocupa. Como vimos, há uma segunda espécie de predicativo (e Rocha Lima, por exemplo, não discrepa disto): *Esta moça, INTELIGENTE, por certo o conseguirá.* Por óbvio, *inteligente* é adjetivo. Já vimos, porém, que o predicativo pode ser exercido também por substantivo:

por exemplo, *O cisne é um ANIMAL*. Se assim é, não se vê então por que *o primeiro ROMANCISTA* ou *MUSICISTA promissora* não se classificariam também como predicativo. Se não se classificassem assim, tampouco então se classificaria assim *musicista* em *Esta moça, grande MUSICISTA, por certo o conseguirá*. Mas parece arbitrário.

☞ **Observação 3.** Não se trata, porém, de mera elipse de oração; mas de CRISTALIZAÇÃO deste mesmo modo de elipse.[78] Estamos diante, uma vez mais, de tensão entre significado e figura, e isso de algum modo em quase todas as espécies de aposto. Com respeito a algumas delas, já o vimos. Vejamos agora as demais em que se dá tal cristalização:

- ✓ *o poeta Olavo Bilac < o poeta chamado Olavo Bilac < o poeta que se chama Olavo Bilac*;
- ✓ *O Império Romano possuía numerosas províncias: Hispânia, Gália, Itália, Dácia, etc. < O Império Romano possuía numerosas províncias: ou seja, Hispânia, Gália, Itália, Dácia, etc.*

(OBSERVAÇÃO: em português [como em espanhol], escrevia-se outrora *ou sejam* [*o sean*, em espanhol] sem vírgula subsequente [*O Império Romano possuía numerosas províncias, OU SEJAM Hispânia, Gália, Itália, Dácia, etc.*], com o que melhor se entende o que dizemos);

- ✓ *... porém o mais – joias, roupas, documentos – submergiu com o navio < ... porém o mais – ISTO É, joias, roupas, documentos – submergiu com o navio <... porém o mais – ISTO É joias, roupas, documentos – submergiu com o navio*

(OBSERVAÇÃO: note-se que com *isto é* sem vírgula subsequente – ou seja, a antiga maneira de escrevê-lo –, temos algo análogo ao que se passa com *ou seja*[*m*], com a particularidade de que, contrariamente ao uso moderno, o verbo de cópula concorda com o sujeito singular [*isto*] e não com o predicativo plural [*joias, roupas, documentos*]).

☞ **Observação 4.** Caso mais complexo é o do APOSTO RESUMITIVO (o que resume toda uma oração). Complexo, mas perfeitamente inteligível, e explicável. Em todos estes exemplos:

- ✓ *Foram imprecisas suas explicações, fato que nos desgostou a todos*;
- ✓ *Foram imprecisas suas explicações, coisa que nos desgostou a todos*;
- ✓ *Foram imprecisas suas explicações, o que nos desgostou a todos*,

[78] E isso, uma vez mais, ainda que historicamente nunca se tenham explicitado tais orações. Repita-se que se trata sempre de encontrar um fundo significativo.

o que hoje é aposto resumitivo não se usava na língua arcaica, em que o relativo *que* o era de toda a oração anterior:

✓ *Foram imprecisas suas explicações, que nos desgostou a todos.*

Muitos gramáticos, já se disse, assinalam que o antecedente do relativo pode ser uma oração inteira. Sem o negarmos, dizemos porém que se trata de recurso antes literário, não usável pois em outro âmbito, justamente porque sempre traz consigo algum grau de ambiguidade ou ao menos de dificuldade de compreensão imediata. Para mostrá-lo, basta que se reproduza o exemplo dado por Celso Cunha e Lindley Cintra:

✓ "E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas, / E negro como a capa das viúvas... / (À maneira o trará das virgens de Belém / *Que* a Nossa Senhora ficava tão bem!)" (António Nobre).

Pois bem, foi justamente para evitar tal ambiguidade ou tal dificuldade de compreensão imediata que os lusófonos (como os hispanófonos) passaram a intercalar, entre a vírgula e o relativo *que*, o substantivo *coisa*, ou o substantivo *fato*, ou o pronome *o*, etc. Em outras palavras, trata-se de *remédio* cristalizado; mas o fundo da construção segue sendo oração + vírgula + que (relativo da oração) que introduz "oração adjetiva explicativa".

Observação final. Encontrado o diverso fundo das várias espécies de aposto, tem-se tripla e benéfica compreensão:

- a de que, segundo a significação, nenhum substantivo pode *enquanto tal* determinar outro substantivo, o que não compete senão ao adjetivo;[79]
- a de que, todavia, segundo a figura, um substantivo pode aparecer na função sintática de aposto e, portanto, pode referir-se a outro substantivo;
- a de que, enfim, feitos os devidos ajustes (como, cremos, fizemos acima), aqui tampouco necessitamos romper com a tradição gramatical, e podemos seguir usando o conceito de aposto em ordem às regras de concordância, às de pontuação, etc.

2.7.5.c. O **adjunto adverbial** é a última das funções adjuntas, e pode exercê-la qualquer advérbio (ou qualquer grupo adverbial), sempre em referência a verbo, a adjetivo, a advérbio, a algum substantivo ou, ainda, a alguma oração:

---

[79] Salvo engano, o único gramático que insistiu nisto, ainda que algo inabilmente, foi Carlos Góis. – Uma coisa é determinar o substantivo, o que é próprio do adjetivo na função de adjunto adnominal; outra é atribuir-se como predicativo a um substantivo, o que, como vimos, pode dar-se tanto com o adjetivo como com o substantivo (*O cisne é branco* [adjetivo]; *O cisne é um animal* [substantivo]).

✓ *Vê-a diariamente*;
✓ *Conheci-o ali*;
✓ *obra pouco convincente.*
✓ *um poema bem composto*;
✓ *Pensou-o muito detidamente*;
✓ *É quase major*;
✓ *Cometeu-o de modo premeditado*;
✓ *Partiremos de madrugada*;
✓ *Lerei a correspondência no fim de semana*;
✓ *Infelizmente, não tiveram êxito*;
✓ *Para mim, seu argumento é frágil*;
✓ etc.

Observação. Também as *orações subordinadas adverbiais* exercem a função de adjunto adverbial com respeito à oração subordinante. Voltaremos a tratá-lo.

→ O adjunto adverbial não se divide senão segundo o que o advérbio que o exerce significa. Nem sempre é fácil classificar este ou aquele adjunto adverbial, em especial quando exercido por grupo de *preposição + substantivo*, e isso é assim porque, como visto, uma só preposição pode fundar diferentes relações. Tomemos exemplos de adjunto adverbial exercido por grupo iniciado por *de*:

✓ *Falamos DE vários problemas* [ADJUNTO ADVERBIAL DE ASSUNTO];
✓ *O animal morreu DE sede* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CAUSA];
✓ *Aquela senhora vive DO aluguel de dois apartamentos* [ADJUNTO ADVERBIAL DE MEIO];
✓ *Olhou-nos DE soslaio* [ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO].

¶ Outros exemplos:

✓ *Falou-se de/sobre/acerca de/a respeito de pintura* [ADJUNTO ADVERBIAL DE ASSUNTO];
✓ *A plantação arruinou-se com as intensas chuvas*; *Desistiu do projeto por desânimo* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CAUSA];
✓ *Viajou com os filhos* [ADJUNTO ADVERBIAL DE COMPANHIA];
✓ *Apesar da/malgrado a descrença geral, insistiu em seu intento* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CONCESSÃO];
✓ *Só com leitura é possível escrever bem* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CONDIÇÃO];
✓ *Criou-o à sua imagem e semelhança* [ADJUNTO ADVERBIAL DE CONFORMIDADE];

✓ *Morrer pelo rei*; *Agir em benefício dos outros*; *Fazemo-lo em prol da brevidade*; etc. [ADJUNTO ADVERBIAL DE FAVOR OU BENEFÍCIO];

✓ *Esforçou-se por isso*; *Trabalha pelo sustento da família* [ADJUNTO ADVERBIAL DE FIM];

✓ *Escreve-o a lápis*; *Os bombeiros arrombaram a porta a machadadas* [ADJUNTO ADVERBIAL DE INSTRUMENTO];

✓ *Onde moras?/Moro no Sul*; *Aonde ides?/Vamos ao Centro*; *O trem já partiu da Inglaterra* [ADJUNTO ADVERBIAL DE LUGAR];

✓ *Viajam a cavalo/em carruagem/de trem* [ADJUNTO ADVERBIAL DE MEIO];

✓ *Gritava a plenos pulmões*; *Pisou em falso*; *Trabalhavam rapidamente* [ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO];

✓ *Para nós, não foi convincente* [ADJUNTO ADVERBIAL DE OPINIÃO];

✓ *Remar contra a maré*; *Agiu ao arrepio da lei*; *Afirma-o a contrapelo da corrente majoritária* [ADJUNTO ADVERBIAL DE OPOSIÇÃO];

✓ *George Simenon escreveu livros às centenas* [ADJUNTO ADVERBIAL DE QUANTIDADE];

✓ *Atende aos reclamos às terças-feiras*; *Entristeceu-se à partida do navio*; *Cinzelou por anos sua obra-mestra*; *De noite, recolhe-se à biblioteca* [ADJUNTO ADVERBIAL DE TEMPO].

2.7.6. O VOCATIVO é a função sintática exercida por nome (ou grupo nominal) *apelativo*, ou seja, o que se usa para chamar, interpelar, dirigir-se ou a alguém, ou a animal, ou ainda a qualquer coisa personificada. Conquanto seja função sintática – e, com efeito, conta com desinência própria em muitos sistemas casuais –, não é parte intrínseca da oração, senão que participa extrinsecamente dela. Exemplos:

✓ *Senhor, dê-me uma esmola...*;

✓ *Escute o que te direi, menina*;

✓ "Ó seu Pilar! – bradou o mestre com voz de trovão" (MACHADO DE ASSIS).

OBSERVAÇÃO 1. Como se vê, o vocativo pode ter ou não ter caráter exclamativo.

OBSERVAÇÃO 2. Não se confunda a interjeição *oh!*, que exprime surpresa, tristeza, dor, etc., e sempre se segue de sinal de exclamação, com a interjeição *ó*, que não faz senão anteceder e reforçar vocativo, e nunca se segue, ela mesma, de

sinal de exclamação (conquanto este possa vir em seguida ao vocativo, como no exemplo de Machado):[80]

✓ **Ó** *Maria, ajude-me* (ou **Ó** *Maria! Ajude-me*, ou ainda **Ó** *Maria! ajude-me*);

✓ "E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido"
(CAMÕES)

✓ "**Ó** paços reais encantados
Dos meus sentidos doirados [...]"
(MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO).

¶ *Note-se que, no segundo exemplo, o vocativo é constituído pelos dois versos inteiros.*

OBSERVAÇÃO 3. Em parte do Brasil, a interjeição de vocativo, *ó*, diz-se *ô*. Mas na escrita, se não se busca reproduzir tal falar, deve usar-se *ó*.

OBSERVAÇÃO 4. *De regra*, o vocativo, quando no início ou no fim da oração, separa-se obrigatoriamente desta por vírgula, ou, quando intercalado, vem necessariamente entre vírgulas:

✓ *Filho, aonde vais?*

✓ *Escuta-me, José*;

✓ "Presta atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo,
Quando notares estás à beira do abismo,
Abismo que cavastes com teus pés"
(CARTOLA).

OBSERVAÇÃO 5. A palavra *senhor* que se segue a *sim* ou a *não* (*Sim, senhor*; *Não, senhor*) separa-se por vírgula justo por exercer a função de vocativo (que, como visto, sempre se separa da oração por vírgula ou por sinal de exclamação).[81] Ordinariamente, não equivale a pausa na fala, com o que já se antecipa algo da Décima Parte: nem sempre os sinais de pontuação correspondem a alguma pausa oral.

---

[80] *Ó* tem por étimo o lat. *ō*, às vezes *ŏ* antes de vogal breve, interjeição empregada justamente para chamar ou invocar. (Em latim, por vezes também exprime admiração, perturbação, dor, etc.)

[81] E *sim*, quando responde a pergunta, é certo vocábulo vicário: faz as vezes de alguma oração afirmativa (– *Estudaste?* – *Sim* [= *Estudei*]). *Não*, por seu lado, quando responde a pergunta, traz sempre implícito o restante de alguma oração negativa: (– *Estudaste?* – *Não* [= *Não estudei*]).

III
AS ESPÉCIES DE ORAÇÕES

3.1. É quanto a este ponto, ou melhor, quanto a parte deste ponto, que mais discrepamos da tradição gramatical. Para o mostrarmos, dêmos uma vez mais *in extenso* a palavra a Rocha Lima (que junto com Cunha e Cintra é quem mais claramente expõe os pontos de vista da tradição gramatical com respeito às orações).[82]

> «PERÍODO é a frase», começa Rocha Lima, «formada de duas ou mais orações. De acordo com o modo como se dispõem e relacionam nele, apresenta o período duas estruturas típicas:
>
> - *Coordenação*
> - *Subordinação.*»

3.1.1. O que Rocha Lima chama "período" chamamos nós ou *oração* ou *frase*, a depender do ângulo por que se tome. Quanto à divisão da oração ou frase em coordenação e em subordinação, é o que estudaremos agora.

> «COORDENAÇÃO
>
> A comunicação», prossegue Rocha Lima, «de um pensamento em sua integridade, pela sucessão de orações *gramaticalmente* independentes – eis o que constitui o período composto por coordenação.
>
> Exemplo:
>
> *As senhoras casadas eram bonitas; porém Sofia primava entre todas.*
>
> Se eu quisesse transmitir a alguém este meu juízo, e lhe dissesse apenas:
>
> *As senhoras casadas eram bonitas* –,
>
> ou tão somente:
>
> *Sofia primava entre todas.* –,
>
> não teria, decerto, comunicado o que pretendia: minha declaração, num caso e noutro, estaria truncada, ou incompleta.
>
> É que, para transmitir aquele pensamento, necessito das duas orações em conjunto – não obstante poder cada qual delas existir por si só.
>
> Outro exemplo:

[82] Tudo o que se citar de Rocha Lima neste e nos próximos pontos se tomou de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 321-23.

Cheguei, vi, venci.

Neste período, as orações se sucedem naturalmente, apenas realçadas na pronúncia por leve pausa, que se marcou pelo sinal gráfico *vírgula.*

Poderia, porém, haver entre elas, principalmente entre as duas últimas, uma *conjunção coordenativa.*

Quando não há esta partícula [*sic*; trata-se de palavra, como vimos dizendo ao longo desta *Suma*], a coordenação diz-se ASSINDÉTICA; em caso contrário, SINDÉTICA.

As orações coordenadas sindéticas recebem o nome das conjunções que as iniciam, classificando-se, portanto, em: *aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.*»

3.1.2. "Sucessão de orações gramaticalmente independentes", diz Lima e com ele toda a tradição gramatical. Não se vê porém como pode ser independente qualquer das espécies de orações "coordenadas" arroladas pelo nosso gramático:

✓ *Chegou a casa E foi descansar* [aditiva];

✓ *As senhoras casadas eram bonitas; PORÉM Sofia primava entre todas* [adversativa];

✓ "Ser OU não ser, eis a questão" (SHAKESPEARE) [alternativa];

✓ "Penso; LOGO, sou" (DESCARTES) [conclusiva];

✓ *Apressemo-nos, QUE já estamos atrasados* [explicativa].

Com efeito, 1) *e foi descansar*, 2) *porém Sofia primava entre todas*, 3) *ou não ser*, 4) *logo, sou* e 5) *que já estamos atrasados* não são *de modo algum* independentes – a não ser que se lhes tire a conjunção (*e, porém, ou, logo, que*, sucessivamente). Mas também podemos tirar o conectivo a algumas espécies de orações subordinadas. Exemplos:

✓ *QUANDO cessou a chuva, partimos* (temporal) > *Cessou a chuva, partimos*;

✓ *SE canto, acalmo-me* (condicional) > *Canto, acalmo-me.*

Mas o principal é que é de todo arbitrário dizer que as "coordenadas" o são por independentes: porque é princípio aceito por toda a tradição gramatical, incluído Rocha Lima, que o conectivo subordinativo é parte da oração subordinada, e não se vê por que não o seria da oração "coordenada" a conjunção "coordenativa".

3.1.3. Por outro lado, "comunicar o que se pretende" pode requerer uma de duas coisas: ou complemento ou adjunto, como vimos com respeito às funções sintáticas. Ora, vimos também que as orações exercem as mesmas funções

sintáticas que os termos não oracionais. Logo, HÁ DUAS ESPÉCIES DE ORAÇÕES SUBORDINADAS: as completivas ou integrantes (por exemplo, *Disse que viria*) e as adjuntivas (*Disse que viria, mas não veio* ou *Conquanto tivesse dito que viria, não veio*). Relembre-se que adjunto não é sinônimo de "dispensável", e que o é de "suplementar" apenas em um sentido. Mas, insista-se, em nenhum dos exemplos de oração "coordenada" a segunda delas "pode existir por si só", como quer Lima.

3.1.4. Diz Lima que se chama *sindética* a oração "coordenada" introduzida por conjunção, e *assindética* a não introduzida por conjunção: *Cheguei, vi, venci.* Neste exemplo, há portanto três *assindéticas*. Já veremos o que isto implica.

⇗ OBSERVAÇÃO 1. Note-se a ruptura a que procedemos acima com respeito à tradição gramatical: antes de tudo, ao menos as chamadas "orações coordenadas sindéticas" chamamo-las nós "adjuntivas de certa espécie". Resta-nos dizer de que espécie, o que faremos mais adiante.

⇗ OBSERVAÇÃO 2. Todavia, não podemos senão concordar com Lima quanto a que as *assindéticas* poderiam tornar-se *sindéticas*. Com efeito, *Cheguei, vi, venci* poderia dizer-se *Cheguei e vi e venci.* Se o poderia, não seria senão porque a modalidade *adição*, expressa pela conjunção *e*, já estava em potência nas *assindéticas*. Atente-se porém a que em uma mesma *assindética* podem estar em potência diferentes modalidades. Assim, em *Estuda, trabalha* podemos ter: *Estuda e trabalha* (adição); *Estuda mas trabalha* (adversão); *Ou estuda, ou trabalha* (disjunção); *Estuda porque trabalha* (causa); etc. Ou em *Cessou a chuva, partimos*: *Quando cessou a chuva, partimos* (tempo); *Assim que cessou a chuva, partimos* (tempo imediato); *Porque cessou a chuva, partimos* (causa); *Cessou a chuva, e partimos* (adição); etc. Por aí se vê a necessidade das conjunções e a razão de sua mesma criação: por seu uso, eliminam-se anfibologias. – Pois bem, as orações assindéticas – como *vi* e *venci* em *Cheguei, vi, venci* – são SEGUNDO A SIGNIFICAÇÃO subordinadas à primeira, ainda que SEGUNDO A FIGURA estejam coordenadas a ela, pela ausência de conjunção. Mas de que *Cheguei, vi, venci* possa dizer-se *Cheguei* E *vi* E *venci* não é possível senão concluir como se acaba de fazer.

> «ORDEM DAS ORAÇÕES COORDENADAS
>
> Conquanto», diz ainda Lima, «tenham o mesmo valor sintático, nem sempre é indiferente a *ordem* das orações no período composto por coordenação. Elas se hão de dispor conforme o sentido e a sucessão lógica dos fatos. Por isso, à oração que vem em primeiro lugar – ponto de partida do pensamento – é costume chamar *coordenada culminante*.

Atentemos para esta observação de João Ribeiro, um dos mais inteligentes dos nossos gramáticos:

"– *Deus fez a luz; depois criou a natureza; e finalmente formou o homem. Entrou em combate, lutou heroicamente e morreu.*

A ideia obriga a colocação em circunstâncias como estas, de sorte que seria impossível dizer: *morreu, entrou em combate e lutou heroicamente.* Não menos absurdo seria inverter a ordem do primeiro exemplo, dizendo: *Deus finalmente formou o homem, depois criou a natureza*, etc. Assim, todas as vezes que os fatos têm ordem histórica, a narração deve também seguir em lugares sucessivos os momentos sucessivos do tempo. A conclusão de uma premissa deve ir também em último lugar. *Penso; logo, existo* – é a frase que não se pode inverter. A inversão tem, todavia, lugar, quando, sem ofensa da ordem verídica e histórica dos fatos, a coordenação é feita por conjunções disjuntivas (alternativas):

Quer venha, quer não venha...

Quer não venha, quer venha...

Neste caso existe exclusão de um dos dois fatos, e a ordem histórica não sofre injúria alguma".»

3.1.5. A noção de "coordenada culminante" é, esta sim, vazia de sentido, e está aí apenas para camuflar a incoerência da tese: a "oração que vem em primeiro lugar" não é senão a única oração independente de uma frase como *Estuda e trabalha*. Como todavia se quer crer que a segunda (*e trabalha*) seja coordenada à primeira (apesar de iniciar-se por conjunção...), então, naturalmente, a primeira há de estar "coordenada" à segunda: e será "culminante" porque... não se introduz por conjunção. Mas por que não introduzir-se por conjunção implica ser "culminante" é o que não se explica. Tem todavia uma explicação: é "culminante" porque, em verdade, é subordinante da segunda, que será, portanto, subordinada da primeira, tão subordinada como o é a segunda com respeito à primeira nesta frase: *Estuda porque trabalha*. A diferença *essencial* está em que no primeiro caso a segunda oração (*e trabalha*) expressa a ideia de ADIÇÃO com respeito à primeira oração, enquanto no segundo caso a segunda oração (*porque trabalha*) expressa a ideia de CAUSA com respeito à primeira. Trata-se pois tão somente, insista-se, de distinção de ideias, de modalidades, ou, se se quiser, de circunstâncias.

⇗ **Observação.** Othon M. Garcia, em sua já referida *Comunicação em Prosa Moderna*, é o único que, num magnífico e estimulante capítulo, aponta para o que se acaba de dizer. Mas não conclui como nós – porque ainda se sente, digamos, inseguro para romper tão radicalmente nisto com a tradição gramatical –, e recorre a distinção semelhante à que fazemos entre *significado* e *figura* (para ele, entre "conteúdo" e "ordem sintática"). Sucede apenas que aqui não se dá tensão alguma entre figura e significado. Apesar disto, recomendamos efusivamente sua leitura.

3.1.6. Quanto à ordem "histórica" das orações, têm toda a razão Lima e Ribeiro. Mas há que fazer-lhes precisões.

- Antes de tudo, insista-se em que primeira oração pode ter anterioridade não só "histórica", mas de outra classe. Em *Engano-me, logo sou*,[83] por exemplo, o fato de enganar-se não é cronologicamente anterior ao fato de ser, mas cronologicamente simultâneo ou posterior a ele.

- Muitos gramáticos recorrem à ordem "histórica" das "coordenadas" para afirmar a distinção entre estas e as subordinadas: com efeito, posso dizer indiferentemente *Quando cessou a chuva, partimos* ou *Partimos(,) quando cessou a chuva*; *Porque cessou a chuva, partimos* ou *Partimos porque cessou a chuva*; etc. No entanto, não só, como dito por João Ribeiro, algumas "coordenadas" podem dizer-se em ordem indiferente, senão que algumas subordinadas não podem vir senão depois da subordinante (ou, como é chamada pela tradição gramatical, "principal"): *Estudou tanto(,) que alcançou o que queria* (consecutiva), por exemplo. Dá-se aqui dupla ordem de anterioridade e de posterioridade: a primeira oração é anterior tanto cronologicamente como causalmente à segunda, porque, com efeito, para alcançar o que queria, teve antes de estudar muito, e o ter estudado muito foi a causa de ter alcançado o que queria – e vice-versa: o ter alcançado o que queria deu-se depois de ter estudado muito, e foi efeito disto mesmo. Já só por isso, portanto, é possível ver que tampouco a ordem das orações é suficiente para fundar a distinção entre "coordenadas" e subordinadas. Mas há mais: em *Porque cessou a chuva, partimos* ou *Partimos porque cessou a chuva*, temos a mesma dupla ordem que em *Estudou tanto(,) que alcançou o que queria* (o ter cessado a chuva é anterior cronologicamente e causalmente ao ter-se partido, e vice-versa), e no entanto suas orações podem pôr-se em ordem *sintática* indiferente. Insista-se, pois, em que a ordem é insuficiente para fundar aquela distinção.

---

83 O raciocínio completa o seguinte antecedente: *Para enganar-me, necessito ser* [*existir*].

• A presença mesma da conjunção é indicativa de que se trata de oração subordinada, porque, com efeito, assim como as preposições, as conjunções servem para subordinar uma ideia a outra. A diferença entre preposições e conjunções é que as primeiras subordinam antes palavras (e secundariamente orações reduzidas), enquanto as segundas subordinam antes orações (e secundariamente palavras). Mas a afirmação de que as conjunções subordinam também palavras vai contra o que dizem algumas gramáticas, razão por que é preciso explicá-la.

◆ Em *É inteligente mas preguiçoso*, obviamente se trata de duas orações, com o verbo da segunda elíptico: *É inteligente / mas [é] preguiçoso.*

◆ Podem considerar-se analogamente *Comprou livros / e [comprou] canetas* ou *Falou brevemente / mas [falou] profundamente.*

◆ Mais ainda, *Pedro e João chegaram a Budapeste* pode desdobrar-se em *Pedro chegou a Budapeste, / e João também chegou a Budapeste* – mas note-se que, neste caso, Pedro e João chegaram separadamente a tal cidade.

◆ Se porém tiverem chegado juntos, já diminui tal possibilidade de desdobramento. Mas tal possibilidade se torna francamente impossível em *Não participamos da conversa entre Maria e João.*

◆ Logo, ainda que secundariamente, ao menos a conjunção *e* também subordina palavras, de modo absoluto.

• Já no âmbito da mesma tradição gramatical, é difícil distinguir a *oração "coordenada" explicativa* e a *oração subordinada causal.* Quem melhor e mais claramente o faz é ainda Rocha Lima, razão por que lhe daremos uma vez mais *in extenso* a palavra.

> «As conjunções *que* e *porque* ora têm valor coordenativo [*sic*; para nós, explicativo] (conjunções explicativas), ora valor subordinativo (conjunções causais). Em certas línguas, distinguem-se estes dois papéis pela diversidade de partícula [*sic*]: no primeiro caso, equiparam-se ao francês *car*, ao inglês *for* e ao alemão *denn*; no outro, valem, respectivamente, por *parce que*, *because* e *weil.* [Perfeito. Isto, porém, pelas mesmas razões dadas acima, tampouco funda distinção entre "coordenação" e subordinação, conquanto funde, sim, a distinção entre explicativa e causal.]
>
> Nem sempre é fácil, por sem dúvida, diferençá-las com nitidez. Todavia, atente-se para os seguintes traços caracterizados de uma e outra:
>
> a) Valor coordenativo [*sic*; para nós, *explicativo*]:

A oração coordenada [*sic*; para nós, *explicativa*] de *que* e *porque*, como, aliás, qualquer oração coordenada [*sic*], é feita para introduzir uma ideia nova, dentro de uma sequência do tipo A + A. Por encerrar a justificação do que se disse na oração anterior, tem, forçosamente, de seguir-se a esta [já vimos quanto de impróprio se encerra neste argumento de ordem]. Por outro lado, separa-a da oração antecedente uma pausa de certa duração – pausa que, com frequência, se assinala por ponto e vírgula e, até, por ponto simples, além de se marcar, naturalmente, por vírgula:

"Não é oração aceitável a do ocioso; *porque* a ociosidade o dessagra."

"Os 'maus' só lhe inspiram tristeza e piedade. Só o 'mal' é o que o inflama em ódio. *Porque o* ódio ao mal é o amor do bem, e a ira contra o mal, entusiasmo divino."
(ambos os exemplos são de Rui Barbosa, na célebre *Oração aos moços*).

b) Valor subordinativo [causal]:

A oração subordinada [causal] de *que* e *porque* é parte de outra oração,[84] na qual funciona como adjunto adverbial – dentro de um esquema do tipo *determinado* + *determinante*, ou por outras palavras: *principal* + *dependente* [ou melhor, *subordinante* + *subordinada adjuntiva*]. E entre elas existe, necessariamente, uma relação de "causa" e "consequência".

Eis aí a verdadeira pedra de toque: a oração principal [ou melhor, subordinante] encerra sempre a consequência do que se declarou na subordinada, e nesta, por sua vez, se apresenta a razão sem a qual não haveria aquela consequência. Em suma: são partes correlativas do mesmo todo.

Além disso, a subordinada causal pode antepor-se à principal [ou melhor, subordinante], caso em que dela se separa por pausa menor, marcada por vírgula; pospondo-se-lhe, pode também isolar-se por vírgula, ou, até, dispensar sinal de pontuação.

Comparem-se os exemplos:

Espere-me um instante, que (porque) não demorarei.

---

[84] *Sic*; é parte extrínseca, adjunta, tal qual o é a oração explicativa. Parte intrínseca – ou seja, complementar ou integrante – não são propriamente, como veremos, senão as orações substantivas e as orações adjetivas "restritivas".

(Evidentemente, não existe, aí, nenhuma relação de causa e consequência; com a segunda oração, faz-se tão só uma justificação do que se recomendara na primeira.)

Já na frase:

O *capitalista se matou / porque estava arruinado.* –,

a oração "porque estava arruinado" nos informa sobre a condição determinante, a razão eficiente da morte do capitalista. Se ele não estivesse arruinado, não se teria matado; portanto, o estar arruinado (causa) foi o que acarretou o ter-se matado (consequência).»[85]

- Pois bem, note-se que a única efetiva distinção entre *explicativas* e *causais* que se dá aí se funda sobretudo na distinção de ideias ou de modalidades que elas expressam. E, efetivamente, o serem "partes correlativas do mesmo todo" não se dá entre a maioria das orações "coordenadas", ao passo que se dá entre muitas orações subordinadas e sua subordinante:
  - ✓ *Fê-lo / porque o considerou justo* (de efeito ou consequência para causa);
  - ✓ *Estudou tanto*(,) / *que alcançou o que queria* (de causa para efeito ou consequência);
  - ✓ *Se tivesse estudado, / teria alcançado o que queria* (de hipótese ou condição para efeito ou consequência);
  - ✓ etc.
- Mas não assim entre outras subordinadas e sua subordinante:
  - ✓ *Despertamos / quando a manhã já ia avançada*;
  - ✓ *Luta / como* [*luta*] *um leão*;
  - ✓ etc.[86]
- Ademais, tal correlação também se dá entre ao menos as orações "coordenadas" conclusivas e sua "culminante":
  - ✓ *Estudou muito*; / *por isso*(,) *alcançou o que queria* [de causa para efeito ou consequência];
  - ✓ etc.
- Por conseguinte, tampouco a distinção entre explicativas e causais pode estender-se a fundamento da distinção geral entre "coordenadas" e subordinadas.

---

[85] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 342-43.

[86] Algumas subordinadas encerram, digamos, "em germe" tal correlação. Com efeito, na subordinada de *Quando cessou a chuva, partimos* pode ver-se algo de causal.

⇗ OBSERVAÇÃO. Apesar da magnífica explicação de Lima, não deixa de ter sua parte de razão Bechara ao falar de "orações causais-explicativas": de fato, não raro a fronteira entre explicativas e causais se turva invencivelmente. Mas isto não é razão para negar, como faz Bechara, sua distinção, que se comprova, muito especialmente, pela distinção entre *car*, *for* e *denn*, por um lado, e *parce que*, *because* e *weil*, por outro.

3.1.7. Parece estar estabelecido, portanto, que nenhuma oração introduzida por conectivo é coordenada, senão que é subordinada. Ainda, é verdade, não se disse a que espécie de subordinadas pertencem as comumente ditas "coordenadas". Mas para fins didáticos[87] convém arrolar agora as espécies destas, as quais se denominam segundo sua mesma conjunção.

- As ADITIVAS, como diz seu mesmo nome, expressam a ideia (ou modalidade) de ADIÇÃO à oração subordinante, e sua conjunção paradigmática é *e*:

  ✓ *Chegou a casa* *E foi imediatamente para a biblioteca*;

  ✓ etc.

⇗ OBSERVAÇÃO 1. O advérbio *mais*, a preposição *com* e alguns pares também podem expressar adição:

✓ *Dois mais dois são quatro*;

✓ *Marcos com seus primos começaram o trabalho*;

✓ *Ricardo estuda não só de dia mas de noite*;

✓ *Não só* [ou *somente*] *trabalha de dia, mas* [ou *mas ainda*, *mas também*, *senão também*, *senão que*] *estuda à noite.*

⇗ OBSERVAÇÃO 2. Por outro lado, *e* pode expressar adversão:

✓ *Disse que viria, e* [*mas*] *não veio.*

⇗ OBSERVAÇÃO 3. Acabamos de ver que *e* pode expressar adversão. Nem por isso, todavia, deixa de ser aí aditiva: porque, ainda expressando adversão, não deixa de expressar adição. É polifuncional, mas basicamente *aditiva*, e deve dizer-se tal.

⇗ OBSERVAÇÃO 4. *E* pode expressar ideia aditiva não só entre orações (ou palavras) dentro de uma frase, mas ainda entre frases, como a indicar que estas se adicionam umas às outras para expressar uma ideia que as engloba a todas. É modo muito expressivo, chamado *polissindético*, e largamente usado na Bíblia:

✓ "A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. **E** Deus disse: Faça-se a luz. **E** a luz se fez. **E** Deus viu que a luz era boa; e separou a luz

---

[87] Ou seja, para seguirmos a ordem mesma em que a tradição gramatical trata as orações.

das trevas. E chamou à luz dia, e às trevas noite. E fez-se tarde e manhã, e foi o primeiro dia".

→ Neste modo, com efeito, potencializa-se muito tanto o sentido de unidade do texto como o de unidade da ação mesma. Mais que isso, porém, pode começar-se por *E* o próprio texto:

✓ *E o vento levou...*

É como se a conjunção conectasse o texto ao conjunto do ser.

• As ALTERNATIVAS ou DISJUNTIVAS, como diz seu próprio nome, expressam a ideia de ALTERNÂNCIA ou de DISJUNÇÃO: se se cumpre o expresso em uma das orações, não se cumpre ou não se cumprirá o expresso na outra. A conjunção disjuntiva paradigmática é *ou*:

✓ *Ser OU não ser, eis a questão*;

✓ *OU estudas, OU serás reprovado na escola*;

✓ etc.

OBSERVAÇÃO 1. Note-se a curiosa e sempre possível repetição de *ou*, posta no rosto de ambas as orações. Tal possibilidade é única: não se dá em nenhuma outra espécie de orações.

OBSERVAÇÃO 2. No entanto, no exemplo posto (*OU estudas, OU serás reprovado na escola*) não é indiferente a ordem sintática das orações, justamente porque, sob a ideia de disjunção, estão presentes aí outras ideias (condição e causa-efeito).

OBSERVAÇÃO 3. Mas é de todo indiferente a ordem sintática em *Ou brincas / ou estudas*, que poderia dizer-se, sem alteração de sentido: *Ou estudas / ou brincas.* E dá-se o mesmo com os demais pares disjuntivos:

✓ *Nem brinca(,) / nem estuda*;

✓ *Ora brinca(,) / ora estuda*;

✓ *Já brinca(,) / já estuda*;

✓ *Quer chova(,) / quer faça sol, irão*;

✓ *Seja difícil(,) / seja fácil, empreendê-lo-emos*;

✓ etc.[88]

---

[88] Atente-se a que, conquanto todos estes sejam pares disjuntivos, subjazem outras ideias à sua ideia principal: em *ora ... ora* e em *já ... já*, a de tempo; em *nem ... nem*, a de negação; etc. – Se porém no primeiro membro já se expressou a negação, não se repita *nem*: *Não tem vontade de brincar nem de estudar* (e não "Não tem vontade 'nem' de brincar nem de estudar"). Diga-se o mesmo com respeito ao uso de *nem* antes de palavras isoladas: *Não tem dinheiro nem vontade para tal* (e não "Não tem 'nem' dinheiro nem vontade para tal"). Repetir o *nem* nestes casos constitui uma sorte de pleonasmo vicioso.

⇗ **Observação 4.** Quando *nestes casos* é indiferente a ordem das orações, então, sim, pode falar-se de uma sorte de coordenação. Ou poderia dizer-se, talvez melhor, que ambas as orações se subordinam a uma e mesma ideia de disjunção. Caso único e de difícil definição.

- As **adversativas**, como diz seu nome mesmo, expressam a ideia de adversão ou oposição à oração subordinante. A conjunção adversativa paradigmática é *mas*:
  - ✓ *Disse que viria, MAS não veio*;
  - ✓ *Não o conseguiu agora, MAS certamente acabará por consegui-lo*;
  - ✓ etc.

⇗ **Observação 1.** Muitas vezes a ideia expressa pela oração adversativa não é de pura e simples oposição, mas de oposição, digamos, corretiva, ou replicativa, etc.:

- ✓ *Isso é interessante, MAS vamos ao assunto principal*;
- ✓ *Desculpe-me a franqueza, MAS sua opinião não procede*;
- ✓ etc.

⇗ **Observação 2.** Há outras conjunções adversativas, todas as quais, como *mas*, têm origem adverbial:[89] *porém* (lat. *proinde*, pelo arc. *por ende*); *todavia* (justaposição de *toda via*, que tinha originalmente o significado de "em todo o caminho, constantemente");[90] *contudo*; *não obstante*;[91] *no entanto*; *entretanto*.[92]

⇗ **Observação 3.** À exceção de *mas*, todas as outras adversativas podem deslocar-se do rosto para o meio da oração. Quando o fazem, porém, deixam de ser conjunções e voltam à origem adverbial. É uma contradição de termos considerar que qualquer conjunção possa não estar no rosto da oração. Mas nesta contradição incorre, infelizmente, quase toda a tradição gramatical.

⇗ **Observação 4.** Insista-se em que *e* pode expressar adversão:

- ✓ *Disse que viria, e [mas] não veio.*

⇗ **Observação 5.** *Mas* pode expressar continuação, como se verá mais adiante.

---

[89] *Mas* provém do port. arc. *mais*, e este do lat. *magis*, e sua carga semântica adversativa decorre do fato de a ideia adversativa estar subjacente em muitos contextos oracionais em que se usava a palavra.

[90] Daí que o espanhol *todavía* siga sendo advérbio e signifique "ainda".

[91] *Não obstante* pode usar-se não só como conjunção adversativa (*Estava esgotado*; *não obstante*, *prosseguiu*), mas como preposição (*Não obstante estar esgotado, prosseguiu*).

[92] *Entretanto* pode ser advérbio, com o sentido de *nesse ínterim*, *entrementes*, *enquanto isso* (*Entretanto, estudava*), ou locução adversativa (*Estava esgotado*; *entretanto*, *prosseguiu*). Em Portugal só se usa como advérbio, e no Brasil só como conjunção. Pois exatamente por isso é que nós mesmo nunca usamos *entretanto*.

⇗ **Observação 6.** Quanto à complexa maneira de pontuar em torno das conjunções adversativas, deixamo-lo justamente para a Décima Parte. Há porém que dizer já: não estaria destituído de razão quem afirmasse que, estando no rosto da oração mas separando-se desta por vírgula, a adversativa deixa de ser conjunção e passa a advérbio, porque, com efeito, tal separação como que suprime de algum modo o caráter conectivo. Poderia todavia arguir-se em contrário que, se a vírgula suprime o caráter conectivo, então tampouco poderia usar-se nenhum sinal de pontuação *antes* de nenhuma conjunção; mas isto nos deixaria praticamente sem conjunções. Logo, parece conveniente considerar que tais sinais de pontuação, postos quer antes quer depois das conjunções, se originam em pausas da fala e, ademais, adquiriram caráter convencional na escrita. Mas considerá-lo deste modo não implica negar que, separadas por vírgula de sua oração, tais conjunções participam mais do caráter adverbial do que se não estivessem separadas assim. É a contiguidade semântica entre conjunção e advérbio.

- As **explicativas**, a respeito das quais já se disse o essencial, têm *porque* por conjunção paradigmática. Há outras três: *que*, *pois* e *pois que*:

✓ *Apressemo-nos, porque [que, pois, pois que] podemos atrasar-nos.*

⇗ **Observação 1.** Estão equivocados Said Ali, Rocha Lima e outros em incluir *pois* entre as causais hodiernas. Se fosse causal, a oração introduzida por *pois* poderia usar-se antes da oração subordinante; mas só o pôde em outras épocas do português (e do espanhol [*pues*]). Confirma-o a explicação das explicativas dada pelo mesmo Rocha Lima (*vide supra*). É (quase) sempre **explicativa**.

⇗ **Observação 2.** *Dado que, já que, uma vez que, visto que* podem usar-se aqui e ali como explicativas. Mas são antes de tudo causais, até porque, ao contrário das explicativas, as orações que elas introduzem podem vir antes da subordinante. Estamos em fronteira não raro turva.

⇗ **Observação 3.** Mas *pois*, como *e*, pode usar-se como elo de continuação entre frases, e então se lhe atenua o caráter de explicativa:

✓ *Estás intranquilo? Pois nós não*;

✓ etc.

⇗ **Observação 4.** *Pois* pode assumir, ainda, outros sentidos:

✓ *Se gosto desta obra? Pois* (= *Sim, Sem dúvida*);[93]

✓ *Convenceu-se da justeza do projeto. Pois nós não* (= *Mas*);

✓ etc.

---

[93] Modo muito usado coloquialmente em Portugal.

⇗ **Observação 5.** Evanildo Bechara, em sua última gramática, não inclui as explicativas e as conclusivas entre as orações "coordenadas". Já mostramos nossa posição a respeito das "coordenadas". Mas seria então de esperar que o nosso gramático pussesse as explicativas e suas conjunções entre as causais. Não o faz, todavia, e explica-o: "... a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfásicas, já que ultrapassam os limites de fronteira de orações".[94] Custa-nos entendê-lo.

• As **conclusivas ou ilativas**, como diz seu mesmo nome, expressam a ideia de conclusão, ilação, inferência, ou de consequência; e sua conjunção paradigmática é *portanto*. Outras conjunções conclusivas: *logo*, *assim*, *então*, *por conseguinte*, *por consequência*, *por isso*, etc.:

✓ *Penso*; LOGO [PORTANTO, POR CONSEGUINTE, etc.], *sou*;

✓ etc.

⇗ **Observação 1.** Uma das razões de Bechara para negar existência às orações conclusivas é o fato de que, à exceção – dizemo-lo nós – de *logo*, todas as demais conjunções conclusivas podem deslocar-se do rosto para o meio da oração:

✓ *Estas são as premissas*; PORTANTO [POR CONSEGUINTE, ASSIM, ENTÃO, etc.], *há que concluir como fazemos*;

✓ *Estas são as premissas*; *há que concluir*(,) PORTANTO [POR CONSEGUINTE, ASSIM, ENTÃO, etc.](,) *como fazemos*.

Quando assim se deslocam, porém, deixam de ser conjunções e voltam à origem adverbial. Repita-se: é uma contradição de termos considerar que qualquer conjunção possa não estar no rosto da oração.

⇗ **Observação 2.** *Pois* nunca se usa no rosto de oração para expressar conclusão ou ilação. Logo, quando o expressa, fá-lo sempre no meio da oração, ou seja, jamais como conjunção – sempre como advérbio.

⇗ **Observação 3.** Quanto à maneira também complexa de pontuar em torno das conjunções conclusivas, deixamo-lo ainda para a Décima Parte. No entanto, vale também para as conclusivas o dito acima a respeito das adversativas.

• Podem acrescentar-se ao rol das orações tradicionalmente ditas "coordenadas" as **continuativas**, cuja conjunção paradigmática é *ora*. Outras conjunções

---

[94] Evanildo Bechara, *op. cit.*, p. 478.

continuativas: *pois bem, com efeito, de fato*, etc.; e outras conjunções que também podem expressar continuação: *mas, pois*, etc.:

✓ *O cão é um animal; ORA [MAS, POIS BEM], todo e qualquer animal é mortal; logo, o cão é mortal;*

✓ etc.

⇗ **Observação 1.** *Com efeito, de fato* e outras também podem deslocar-se para o meio da oração. Deixam então de ser conjunções e retornam à origem adverbial.

⇗ **Observação 2.** Correntemente, a maioria de tais conjunções se separa por vírgula da oração que introduz. Vale também para estas, portanto, o dito acima com respeito às adversativas. Mas, mais que nos outros casos, estamos aqui em fronteira turva: não é absurdo afirmar que quase todas as que dizemos conjunções continuativas são puros advérbios.

3.1.8. É o momento de concluir e dizer que espécie de orações adjuntivas são as tradicionalmente ditas "coordenadas". Pois bem, assentado, segundo nossas mesmas premissas, que as orações não só são como expansões de palavras mas não podem ser senão substantivas, adjetivas ou adverbiais, só nos resta dizer que tais orações subordinadas adjuntivas são de CARÁTER ADVERBIAL e exercem, pois, a função sintática de ADJUNTO ADVERBIAL. Com efeito, expressam circunstância ou modalidade (adição, disjunção, adversão, explicação, conclusão e continuação), assim como o fazem as tradicionalmente ditas subordinadas adverbiais (condição, causa, consequência, concessão, comparação, tempo, etc.). Como cremos já se demonstrou aqui, as razões que levaram a tradição gramatical a julgá-las "coordenadas" são falhas. Quanto a por que, todavia, não podem dizer-se adjuntivas adnominais, tal se deve a dois motivos principais:

3.1.8.a. a função de adjunto adnominal é exercida por adjetivos, e a estes não pertence expressar circunstância ou modalidade;

3.1.8.b. nenhum adjunto adnominal pode separar-se por sinal de pontuação do termo que ele determina, e já vimos que em numerosos casos as orações tradicionalmente ditas "coordenadas" se separam por vírgula (ou por ponto e vírgula, por dois-pontos, por ponto, etc.) da oração subordinante.

→ Há ainda duas objeções à tese que brandimos.

α. A primeira é que, se tais orações adjuntivas são adverbiais, então haveriam de converter-se em advérbios. – Mas tampouco as tradicionalmente ditas subordinadas adverbiais se convertem em advérbios, como se verá.

β. A segunda é que as orações tradicionalmente chamadas subordinadas adverbiais se reduzem a orações nominais, ao passo que não o fazem as tradicionalmente chamadas coordenadas. – Mas não é fato que as tradicionalmente chamadas "coordenadas", e que dizemos subordinadas adjuntivas adverbais, não se reduzem nunca a orações nominais.

◆ Antes de tudo, ainda que subordinadas em conjunto a uma subordinante, podem "coordenar-se" reduzidas de infinitivo, de gerúndio ou de particípio:

✓ *Ser* OU *não ser, eis a questão*;

✓ *Leva a vida meditando* E *estudando*;

✓ *Encontrada* E *explicada a solução, passamos a outro tema.*

◆ Como dito no estudo dos verbos, tanto o infinitivo como o gerúndio podem usar-se em lugar do imperativo. Se assim é, como podem "coordenar-se" dois ou mais imperativos, podem fazê-lo também em forma reduzida ou nominal:

✓ *Volver* E *marchar*;

✓ etc.

◆ Recorde-se, por fim, que podem reduzir-se a gerúndio as orações aditivas, especialmente as que também expressam consequência:

✓ *Caiu da escada quebrando a perna*;

✓ *Entrou em casa batendo a porta*;

✓ etc.

→ À questão, por fim, de se as orações tradicionalmente ditas "coordenadas" compõem uma espécie das subordinadas adverbiais, deve responder-se que sim,

◆ porque *todas*, se se lhes tira a conjunção, podem mudar-se em orações independentes;

◆ porque não se reduzem tão facilmente nem tão amplamente como as da outra espécie – as desde sempre chamadas subordinadas adverbiais – a orações de caráter nominal.

3.1.9. As outras espécies de subordinadas.

§ Relembre-se que, *pelo dito até agora*, as orações subordinadas podem ser *completivas* (ou *integrantes*) ou *adjuntivas*, e têm cunho ou substantivo, ou adjetivo, ou adverbial. Vimos já uma parte das adjuntivas adverbais (as comumente ditas "coordenadas"). Continuaremos a seguir, todavia, em ordem ao didático, a ordem mesma em que a tradição gramatical expõe as orações.

Observação 1. Quanto à FIGURA, as subordinadas podem ser, antes de tudo, OU DESENVOLVIDAS OU REDUZIDAS, e sempre se subordinam a uma subordinante (a tradicionalmente chamada ou "principal" ou "culminante").

▫ As orações DESENVOLVIDAS têm o verbo em forma finita e são introduzidas ou por conjunção, ou por pronome interrogativo ou por advérbio interrogativo, ou por pronome relativo, ou ainda por outro advérbio.

▫ As orações REDUZIDAS têm o verbo em uma das formas verbais infinitas ou nominais: *infinitivo*, *gerúndio* ou *particípio*. Tal redução é possível em muitos casos, não sempre. Por outro lado, certas orações não se dão senão em forma reduzida: com efeito, não é possível desenvolver *Coube-nos REPARTIR os pães*, *Vive para ESTUDAR* ou *Entrou em casa claudicando*.

Observação 2. Que algumas orações se não se introduzam por conectivo não as faz deixar de exercer as mesmas funções sintáticas que as desenvolvidas ou que as reduzidas, e as mesmas funções sintáticas com respeito a uma subordinante. Assim, em *Cheguei, vi, venci*, temos uma subordinante (*Cheguei*) e duas aditivas ([*e*] *vi* [e] *venci*), estas duas coordenadas ou justapostas apenas SEGUNDO A FIGURA. Voltaremos a tratá-lo.

3.1.9.a. As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS são as únicas completivas ou integrantes. Se se diz: *João tem*, obviamente se diz algo intrinsecamente incompleto, porque a forma verbal *tem* não é capaz de significar por si: precisa, justamente, de complemento. Se agora se diz: *João tem necessidade*, a forma verbal *tem* completou-se, integrou-se, mas com um complemento substantivo que, por sua vez, também precisa de complemento. E, se por fim se diz: *João tem necessidade de um livro*, agora, sim, não só o complemento verbal *necessidade* se completou cabalmente, senão que também o fez a oração como um todo: tem sentido cabal. Mas ambos estes complementos, o verbal e o nominal, têm caráter substantivo. Pois bem, ponha-se outro exemplo de verbo que necessite de complemento: *João diz*, e complete-se agora com uma oração: *João diz que gosta*. Obviamente, agora é o complemento da forma verbal que requer, por sua vez, complemento: por exemplo, *João diz que gosta de ler*. Têm-se agora completos a forma verbal, seu complemento, e a frase inteira. Mais ainda: ambas as orações completivas têm caráter substantivo: assim como *necessidade* no primeiro exemplo, *que gosta* é de caráter substantivo e exerce a função de objeto direto. Mas ambos esses objetos diretos requerem por sua vez complemento, o primeiro – *de um livro* – complemento nominal, e o segundo – *de ler* – complemento relativo. Vê-se pois que as orações completivas exercem as mesmas funções sintáticas que as palavras completivas, e, como estas têm sempre caráter substantivo, também o terão aquelas.

⇗ **Observação 1.** O objeto direto de *João tem é necessidade de um livro*, assim como *que gosta de ler* é objeto direto oracional de *João diz.* Que o núcleo de tais objetos requeira por sua vez complemento não autoriza que se diga que o primeiro seja apenas *necessidade* e o segundo apenas *que gosta.* – E isso é assim porque, como vimos dizendo ao longo das seções de Sintaxe Geral, o próprio objeto direto, como todo e qualquer complemento verbal, é antes PARTE ANÁLOGA do mesmo verbo. Tem-se assim redução às duas partes essenciais da oração (*sujeito* e *predicado*), ou a suas três partes essenciais, se se considera a redução do predicado a verbo de cópula e *predicativo.*

⇗ **Observação 2.** As orações substantivas desenvolvidas podem introduzir-se ou pela conjunção integrante (*que*), ou pela conjunção condicional *se*, ou ainda por pronome ou por advérbio interrogativos. – A conjunção integrante (*que*), como conectivo absoluto, não exerce função sintática; mas, contrariamente ao que diz a tradição, não é propriamente "vazia de sentido" (até porque, se o fosse, não seria palavra, mas partícula, ou seja, não teria autonomia). Como, *mutatis mutandis*, sucede com as preposições, sua carga semântica é de elo relacional, e não se atualiza senão na relação de que participa e que de certo modo instaura: expressa justamente que a oração que ela inicia é substantiva completiva de oração subordinante. A diferença com respeito às preposições, e semelhantemente ao *se* da "passiva sintética", é que sua carga semântica é, ela mesma, atinente a figura. – Mas a por vezes pesada conjunção integrante pode elidir-se: com efeito, a oração *Rogo a V Ex.ª [que] considere que nossa petição não é injustificada* fica efetivamente mais elegante sem a primeira conjunção. Tal elisão pode dar-se especialmente com os verbos *rogandi*; mas também com outros, a depender de complexa multidão de fatores.

• Pois bem, a **ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA** divide-se em tantas espécies quantas são as funções sintáticas que exerce.

a. Se exerce a função de *sujeito*, diz-se SUBJETIVA:

✓ *Convém que compareças à celebração* [desenvolvida];

✓ *Convém compareceres à celebração* [reduzida de infinitivo].

Observação de Rocha Lima. «Costuma haver certa vacilação no pronto reconhecimento das orações substantivas *subjetivas.* Atente-se, pois, para os principais esquemas de construção em que elas figuram – observando-se particularmente os verbos da oração subordinante.

"São os seguintes, quando em terceira pessoa e seguidos de *que*, ou *se*:

a) De conveniência: *convém, cumpre, importa, releva, urge*, etc.

b) De dúvida: *consta, corre, parece*, etc.

c) De ocorrência: *acontece, ocorre, sucede*, etc.

d) De efeito moral: *agrada, apraz, admira, dói, espanta, punge, satisfaz*, etc.

e) Na passiva: *conta-se, sabe-se, dir-se-ia, é sabido, foi anunciado, ficou provado*, etc.

f) Nas expressões dos verbos *ser, estar, ficar*, com substantivo, ou adjetivo: *é bom, é verdade, está patente, ficou claro*, etc." [José Oiticica].

Exemplos:

Convém / que não faltes a essa reunião.

Sucedeu / que todos se retiraram ao mesmo tempo.

Parece / que choverá logo mais.

Dói-me / que o maltratem tanto.

Conta-se / que ele já esteve preso.

Está claro / que ninguém acreditará nessa história.

Não se sabe / se haverá aula amanhã.»[95]

β. Se exerce a função de *predicativo*, diz-se PREDICATIVA:

✓ "O terrível é <u>que esta moléstia destrói a vontade</u>..." (CYRO DOS ANJOS) [desenvolvida].

✓ *O terrível é <u>esta moléstia destruir a vontade</u>* [reduzida de infinitivo].

γ. Se exerce a função de *complemento ou objeto direto*, diz-se OBJETIVA DIRETA:

✓ *Disse <u>que lhe agradou a película</u>* [desenvolvida];

✓ *Não disse <u>se lhe agradou a película</u>* [desenvolvida];[96]

✓ *Disse <u>ter-lhe agradado a película</u>* [reduzida de infinitivo].[97]

OBSERVAÇÃO. É OBJETIVA DIRETA a maioria das orações substantivas introduzidas por pronome interrogativo (*que* [= *que coisa?*]; *quem* [= *que pessoa?*]; *qual*/

---

[95] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 241.

[96] A classificação do *se* que introduz ORAÇÃO OBJETIVA DIRETA (*Não disse <u>se lhe agradou a película</u>*, por exemplo) é em verdade controversa. Com efeito, pode perfeitamente dizer-se conjunção condicional. Se assim é, todavia, então a mesma oração é polifuncional: objetiva direta, enquanto *se* introduz como conjunção integrante a oração substantiva, e adverbial condicional, enquanto *se* de algum modo não deixa de ter sua carga semântica de conjunção condicional.

[97] Veja-se uma objetiva direta em figura justaposta: *Disse: <u>"Agradou-me a película"</u>.*

quais?) ou por advérbio interrogativo (*quanto/quanta/quantos/quantas?*; *onde?*; *quando?*; *como?*; *por quê?* [no Brasil] ou *porquê?* [em Portugal]). Exemplos:

✓ *Não sabemos (o) QUE pensas a este respeito*;[98]

✓ *Perguntam QUEM os ajudará*;

✓ *Diga-lhes ONDE se encontra essa obra*;

✓ *Ainda não dissestes POR QUE/PORQUE o preferis*;

✓ *Ignoramos* **de** *QUEM sejam estes versos*;

✓ *Não nos informaram* **de** *ONDE provêm estes versos*.

◆ Como se vê pelos dois últimos exemplos, a ORAÇÃO OBJETIVA DIRETA pode vir iniciada por preposição – mas esta rege a oração substantiva.

◆ Algumas vezes, no entanto, a oração introduzida por pronome interrogativo ou por advérbio interrogativo não é objetiva direta, mas ou SUBJETIVA ou APOSITIVA:

✓ *Não se sabe quem escreveu estes versos* [subjetiva];

✓ *Perguntei-lhe o seguinte: de onde provêm estes versos* [apositiva].[99]

δ. Se exerce a função de *complemento relativo*, diz-se COMPLETIVA RELATIVA:

✓ *Lembrei-me de que o conhecera num museu* [desenvolvida];

✓ *Gosta de lembrar-se da infância* [reduzida de infinitivo].

ε. Se exerce a função de *complemento nominal*, diz-se COMPLETIVA NOMINAL:

✓ *Tivemos certeza de que estava ali a verdade* [desenvolvida];

✓ *Agora temos necessidade de descansar* [reduzida de infinitivo].

ζ. Se exerce a função de *aposto*, diz-se APOSITIVA:

✓ "Um temor o perseguia: que a velhice lhe enfraquecesse a fibra de guerreiro" (ÉRICO VERÍSSIMO) [desenvolvida];

✓ *Só não admitia isto: conviver com a mentira* [reduzida de infinitivo].

☞ **OBSERVAÇÃO.** Em princípio, valem para as ORAÇÕES APOSITIVAS as observações feitas com respeito ao APOSTO. Quando porém a oração é APOSITIVA de pronome demonstrativo ou semelhante (como no segundo exemplo), então pode dizer-se que é perfeitamente justaposta. É aqui que em verdade se dá aposto de forma mais pura e simples.

η. O pronome *quem* reduz-se a *que pessoa*. Por isso mesmo, Rocha Lima e outros gramáticos não admitem que haja ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA. Se se tem *Dissemo-lo a quem interessar pudesse*, interpretam-no

---

[98] Recorde-se que esse *o* posto antes de *que* está aí em função diacrítica.

[99] Para as SUBSTANTIVAS APOSITIVAS, *vide infra*.

segundo aquela redução: *Dissemo-lo às pessoas* (ou *àqueles*) *a quem interessar pudesse*, onde *a quem interessar pudesse* é ORAÇÃO ADJETIVA "RESTRITIVA" de *pessoas*. Said Ali e outros, por seu lado, julgam abusiva tal redução, e consideram que, em *Dissemo-lo a quem interessar pudesse*, a oração sublinhada é de fato OBJETIVA INDIRETA (quem diz, diz algo a alguém, no caso *a quem interessar pudesse*). Nossa posição é intermédia: *segundo a figura*, temos ORAÇÃO OBJETIVA INDIRETA; *segundo a significação*, ORAÇÃO ADJETIVA "RESTRITIVA".

3.1.9.b. Assim como em *A moça inteligente alcançou-o* o adjetivo *inteligente* exerce a função de ADJUNTO ADNOMINAL e em *A moça, inteligente, alcançou-o* o mesmo adjetivo exerce a função de PREDICATIVO, assim também em *Chegou a mulher de Ricardo que se chama Sônia* a oração *que se chama Sônia* é ADJUNTIVA ADNOMINAL, e em *Chegou a mulher de Ricardo, que se chama Sônia* a mesma oração é PREDICATIVA. No primeiro caso, é **ADJETIVA**; no segundo, é ou de caráter adjetivo ou de caráter substantivo, justo porque tanto o adjetivo como o substantivo podem exercer a função de *predicativo*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** A tradição gramatical chama adjetiva "restritiva" àquela a que chamamos pura e simplesmente ADJETIVA. Diga-se, aliás, que quase todo e qualquer adjetivo na função de adjunto adnominal é, precipuamente, restritivo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Quanto a que nome dar à outra, cingimo-nos a **PREDICATIVA EXPLICATIVA**, para distingui-la da *substantiva predicativa*.[100]

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Quanto a saber se é adjetiva ou substantiva, não raro é praticamente impossível. Mas pode dizer-se que a de *A moça, que é inteligente, alcançou-o* é adjetiva; e que a de *O cão, que é um animal, quase sempre é dócil ao homem* é substantiva. Ademais, o pronome relativo ou algum correlato seu que introduzem PREDICATIVA EXPLICATIVA sempre se podem comutar de algum modo por *o qual* e variantes. Não assim os que introduzem ORAÇÃO ADJETIVA.

⇗ **OBSERVAÇÃO 4.** Note-se que a PREDICATIVA EXPLICATIVA sempre se separa por vírgula (ou ainda por travessão), enquanto a ADJETIVA não admite se separe de modo algum do substantivo que ela determina. Isso é assim por seu mesmo duplo caráter: o adjunto adnominal não admite se separe de modo algum do substantivo que ele determina, ao passo que o segundo modo de predicativo sempre se separa dele de algum modo. – Mais que isso, todavia, tal distinção de pontuação é, digamos, diacrítica. Com efeito, em *Chegou a mulher de Ricardo que se chama*

---

[100] Algumas línguas empregam relativo próprio para cada um dos casos. O inglês, por exemplo, tem *that* para a ADJETIVA e *who* (*whom*) para a PREDICATIVA EXPLICATIVA.

Sônia está suposto que Ricardo é poligâmico, ao passo que em *Chegou a mulher de Ricardo, que se chama Sônia* está suposto que ele seja monogâmico.[101]

- Exemplos das duas classes de orações:

◆ ADJETIVA:

✓ "Dizei-me, águas mansas do rio,
Para onde levais essa flor
Que no vosso espelho caiu?"
(RIBEIRO COUTO) [desenvolvida];

✓ "Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem que era ateu" (RACHEL DE QUEIROZ) [desenvolvida];

✓ *Eram navios levando* [= que levavam] *escravos* [reduzida de gerúndio];

✓ "Vede Jesus despejando os vendilhões do templo..." (RUI BARBOSA) [reduzida de gerúndio de outra espécie: nela, *despejando* não pode desenvolver-se e equivale à reduzida de infinitivo *despejar os vendilhões do templo*, ou à reduzida, também de infinitivo, *a despejar os vendilhões do templo*];[102]

✓ *Estiveram em nossa casa de campo amigos vindos* [= que haviam vindo] *da cidade* [reduzida de particípio];

✓ "Ali o rio corrente [= que corre]
De meus olhos foi manado"
(CAMÕES) [reduzida de particípio modal];

◆ PREDICATIVA EXPLICATIVA:

✓ "'Vozes d'África', que é um poemeto épico, representa um alto momento da poesia brasileira" (ROCHA LIMA);

✓ "Deus, por quem foste criada!..." (CECÍLIA MEIRELES).

☞ **OBSERVAÇÃO.** As PREDICATIVAS EXPLICATIVAS não se reduzem a nenhuma forma nominal.

- Tanto a ORAÇÃO ADJETIVA DESENVOLVIDA como a PREDICATIVA EXPLICATIVA DESENVOLVIDA se introduzem por algum RELATIVO, que, referindo-se a um nome antecedente, o *repete* ou *representa* de algum modo na oração seguinte – é como um traço de continuidade entre as duas orações. Por isso, diferentemente dos conectivos absolutos (preposições e conjunções), *os relativos exercem função sintática*:

---

[101] Naturalmente, como dito, convém pôr nesta predicativa *a qual* (*se chama Sônia*). Aqui, porém, preocupamo-nos tão somente com assinalar a implicação significativa deste duplo modo de construir (ou seja, com pontuação ou sem ela).

[102] Destas três maneiras de reduzida adjetiva, apenas a de infinitivo não antecedida de *a* é sempre isenta de anfibologia.

podem ser sujeito, objeto, etc. Nem por isso, porém, os relativos deixam de funcionar sempre como uma juntura, um engaste, uma "dobradiça" de duas orações – o que os faz identificar-se com todo e qualquer conectivo.

- São os seguintes os relativos:
- QUE, QUEM (pronomes);
- O QUAL, OS QUAIS; A QUAL, AS QUAIS (locuções pronominais);
- CUJO, CUJOS; CUJA, CUJAS (pronomes);
- QUANTO, QUANTOS; –, QUANTAS (pronomes);
- ONDE, QUANDO, COMO (advérbios).
- O substantivo (ou correlato) representado pelo RELATIVO chama-se seu *antecedente*.
- Os relativos, como dito, exercem *função sintática* no corpo da oração que introduzem. Leiam-se, antes de tudo, as seguintes e acertadas palavras de Rocha Lima:

> «Examinemos este período de Rachel de Queiroz:
>
> "Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem que era ateu".
>
> O sujeito da oração adjetiva "que era ateu" está representado nela pelo pronome relativo *que*, cujo antecedente é – *um homem*.
>
> Cumpre assinalar que a função sintática do relativo nada tem que ver com a função sintática do seu antecedente. Embora o relativo, como sabemos, *reproduza a significação do antecedente*, o que importa é o papel que ele, relativo, exerce na oração em que figura.
>
> No período [*sic*] citado, esta verdade se nos mostra de maneira claríssima: na oração principal, o termo *um homem* serve de objeto direto a "havia"; contudo, o pronome relativo (que, na oração adjetiva, está posto em lugar de *um homem*) funciona como sujeito de "era".»[103]

Vejamos pois os relativos em seu variado exercício sintático:[104]

- como SUJEITO:
  - ✓ "Ele fitava a noite QUE cobria o cais" (JORGE AMADO) [QUE: sujeito de *cobria*);
  - ✓ "Sou tudo QUANTO te convém" (MANUEL BANDEIRA) (QUANTO: sujeito de *convém*);

[103] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 334.
[104] Todos os exemplos literários postos abaixo se extraíram de ROCHA LIMA, *op. cit.*, p. 334-35.

- como OBJETO DIRETO:
  - ✓ "As ideias, QUE tanto amavas, já não são tuas companheiras de toda hora?" (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE) [QUE: objeto direto de *amavas*];
  - ✓ "... trair, como eu, a pessoa A QUEM amamos é miserável fraqueza" (CYRO DOS ANJOS) [A QUEM: objeto direto preposicionado de *amamos*];
- como OBJETO INDIRETO:
  - ✓ "Pálidas crianças
    A QUEM ninguém diz:
    – Anjos, debandai!..."
    (MANUEL BANDEIRA) [A QUEM: objeto indireto de *diz*];
- como COMPLEMENTO RELATIVO:
  - ✓ "E as buscas A QUE eu procedia, sempre – baldadas..." (GODOFREDO RANGEL) [A QUE: complemento relativo de *procedia*];
- como PREDICATIVO:
  - ✓ "Vai pioneiro e solitário o Arcebispo, como santo e desacompanhado QUE ele é, neste mundo vazio..." (AUGUSTO MEYER) [QUE: predicativo];
- como ADJUNTO ADNOMINAL:
  - ✓ "As terras DE QUE era dono
    valiam mais que um ducado"
    (CECÍLIA MEIRELES) [DE QUE: adjunto adnominal de *dono*];
- como AGENTE DA PASSIVA:
  - ✓ "Bendito e louvado seja
    Deus, por quem foste criada!..."
    (CECÍLIA MEIRELES) [POR QUEM: agente da passiva);
- como ADJUNTO ADVERBIAL:
  - ✓ *Esses eram momentos* EM *que descansávamos* [EM QUE: adjunto adverbial de *descansávamos*].

☞ **OBSERVAÇÃO 1.** *Cujo* e flexões, *onde*, *quando* e *como* exercem função sintática privativa:

- CUJO, sempre ***adjunto adnominal***;
- ONDE, QUANDO e COMO, sempre ***adjunto adverbial***, respectivamente de *lugar*, de *tempo* e de *modo*.

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Como vislumbrado mais acima (quando falamos da ORAÇÃO SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA), os relativos *quem*, *que*, *quanto*, *onde* e *como* podem usar-se, segundo a figura, sem antecedente, condensando em si um termo

da oração subordinante e um termo ou de oração adjetiva ou de oração predicativa explicativa. Ponha-se um exemplo: *Não há QUEM dele se queixe*, em que *quem* encerra *ninguém* e *que*. *Ninguém* é objeto direto implícito da oração subordinante, enquanto *que* é o sujeito implícito da oração adjetiva: *Não há ninguém / que dele se queixe*. Outros exemplos:

✓ *Márcio não teve QUE dizer* (QUE = *nada* e *que*);

✓ *Buscam precisamente A QUEM buscas* (A QUEM = *aquele* e *a quem*);

✓ *Perdeu QUANTO tinha* (QUANTO = *tudo* e *quanto*);

✓ *Vivem ONDE Judas perdeu as botas* (ONDE: *no lugar* e *em que*);

✓ *Vede como fala?* (COMO = *o modo* e *como* ou *por que*).[105]

▫ Para efeito de análise e contrariamente a Said Ali, Rocha Lima propugna que nestes casos e em outros que tais se restaure o antecedente omitido. Assim, "Quem tem boca vai a Roma" analisa-se segundo o modelo *Aquele / que tem boca / vai a Roma*, onde *Aquele vai a Roma* é a oração subordinante e *que tem boca* é a subordinada adjetiva.

▫ Continuamos nós na posição intermédia: por um lado se trata de *figura*, por outro de *significado*.

3.1.9.c. Podemos, por fim, tratar a segunda espécie de **SUBORDINADAS (ADJUNTIVAS) ADVERBIAIS**, as únicas tradicionalmente ditas tais. Quando *desenvolvidas*, introduzem-se ou por conjunção,[106] ou por advérbio, como *quando* e *como*;[107] quando *reduzidas* (e a maioria pode sê-lo), podem assumir a forma infinitiva,

---

[105] Rocha Lima põe esta excelente nota: «"Puede faltar, [en latín], lo mismo que en griego, el antecedente, y el relativo basta para indicar la relación: Pl. Epid, 594: *Quod credidisti reddo* por *tibi reddo id, quod...*; también puede esto suceder aun cuando el antecedente fuera en caso oblicuo diferente del relativo. Cic. Tusc. V, 20: *Xerxes praemium proposuit, qui inuenisset nouam uoluptatem*, esto es: *praemium proposuit ei, qui...*" (Antonio Tovar, *Gramática histórica latina*, Madri, 1946, p. 228). Ernout-Thomas, que dão este último exemplo, comentam: "l'absence de corrélatif souligne l'indétermination" (*Syntaxe latine*, Paris, 1951, p. 282)» (*op. cit.*, p. 338). Ademais, diz agora o mesmo Lima, «há condensações bastante complexas, como a de frases semelhantes à seguinte passagem de Camões (*Lírica*, edição de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, Coimbra, 1932, p. 232):

"Ao vento estou palavras espalhando;

A *quem* as digo, corre mais que o vento:" –,

na qual o *quem* (= *aquela / a quem*) engloba o sujeito da oração principal e o objeto indireto da oração adjetiva» (*idem*). – Mas este, dizemos nós, não é exemplo de imitar fora do poético.

[106] Não inclusas a conjunção integrante, que introduz tão somente orações substantivas, nem as que introduzem as orações da primeira espécie de adjuntivas adverbiais.

[107] Dizê-los, como atualmente faz a maioria, puras e simples conjunções implica contradição com o que esta mesma maioria diz com respeito aos pronomes interrogativos que introduzem ORAÇÃO SUBSTANTIVA: se estes se mantêm como pronomes, não se vê por que aqueles não se manteriam como advérbios. Em verdade, uns e outros são polifuncionais: além de serem advérbios ou pronomes, cumprem o papel de conjunção.

e/ou a gerundial, e/ou a participial. – As ADJUNTIVAS ADVERBIAIS DESTA ESPÉCIE não se dividem senão segundo o que expressam.

• As **CAUSAIS**, como o indica seu mesmo nome, expressam a causa do que se diz na subordinante.

→ Quando *desenvolvidas*, têm por conjunção paradigmática *porque*, a que equivalem, com determinados matizes, *como, porquanto, dado que, já que, uma vez que, visto que, visto como, desde que.*[108]

◆ À exceção das introduzidas por *porquanto* ou por *como*, as outras CAUSAIS põem-se tanto antes como depois da subordinante:

✓ *Fá-lo-ei(,) PORQUE [DADO QUE, JÁ QUE, UMA VEZ QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, DESDE QUE] és tu quem mo pede;*

✓ *PORQUE [DADO QUE, JÁ QUE, UMA VEZ QUE, VISTO QUE, VISTO COMO, DESDE QUE] és tu quem mo pede, fá-lo-ei.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Atente-se a que, quando pospostas à subordinante, as causais podem separar-se ou não separar-se por vírgula da subordinante;[109] quanto antepostas, porém, obrigatoriamente se separam desta.

◆ As introduzidas por *como* põem-se sempre antes da subordinante, e sempre vão separadas desta por vírgula.

✓ *COMO és tu quem mo pede, fá-lo-ei.*

◆ As introduzidas por *porquanto* não se põem senão depois da subordinante, e podem separar-se desta por vírgula:

✓ *Fá-lo-ei(,) PORQUANTO és tu quem mo pede.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** *Pois* e *pois que*, que são antes explicativas, podem aqui e ali usar-se como causais:

✓ *Fá-lo-ei, POIS QUE és tu quem mo pede.*

→ Quando *reduzidas*, as CAUSAIS podem sê-lo:

▫ a GERÚNDIO:

✓ *SENDO tu quem mo pede, fá-lo-ei.*

▫ ou a INFINITIVO regido de *por* ou de *visto*, ou de *em razão de*, de *em virtude de*, de *em vista de*, etc.:

✓ *Por [Visto, Em razão de, Em virtude de, Em vista de] SERES tu quem mo pede, fá-lo-ei. / Fá-lo-ei(,) por [visto, em razão de, em virtude de, em vista de] SERES tu quem mo pede.*

---

[108] Vimos já a distinção (nem sempre fácil ou possível) entre explicativas e causais.

[109] Mas o mais das vezes preferimos não separá-la, nesta posição.

• As chamadas CONCESSIVAS expressam um dado ou um fato que poderiam alterar o cumprimento do dado ou do fato expressos na subordinante, mas não o fazem. Exemplo:

✓ *Ainda que mo pedisses tu*, *não o faria.*

→ Quando *desenvolvidas*, as concessivas podem introduzir-se:

▫ por uma das seguintes conjunções: *embora*, *ainda que* [as duas paradigmáticas], *conquanto*, *ainda quando*, *apesar de que*, *mesmo que*, *posto que*, *se bem que*, *sem que* – sempre com verbo no subjuntivo:

✓ *AINDA QUE [AINDA QUANDO, MESMO QUE] mo pedisses tu, não o faria. / Não o faria(,) AINDA QUE [AINDA QUANDO, MESMO QUE] mo pedisses tu.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Como se vê, as demais conjunções concessivas não se aplicariam a este exemplo. É assunto delicado, sutil, que, desprezado pela tradição gramatical, reclama aprofundamento futuro.

✓ *EMBORA [CONQUANTO, AINDA QUE, APESAR DE QUE, MESMO QUE, POSTO QUE, SE BEM QUE] seja obra bem construída, falta-lhe força. / Falta força à obra(,) EMBORA [CONQUANTO, AINDA QUE, APESAR DE QUE, MESMO QUE, POSTO QUE, SE BEM QUE] seja obra bem construída*;

✓ *SEM QUE se esforçasse muito, compreendeu-o perfeitamente. / Compreendeu-o perfeitamente SEM QUE se esforçasse muito.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Note-se que, com a CONCESSIVA introduzida por *sem que* posposta à subordinante, o preferível é nunca separar-se desta por vírgula.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Sempre pode pôr-se na subordinante um reforço do expresso na CONCESSIVA:

✓ *EMBORA seja obra bem construída*, (ou *ainda assim*, *mesmo assim*, etc.) *falta-lhe* (ou *todavia*, *contudo*, etc.) *força.*

▫ Podem introduzir-se ainda por um destes grupos: *por mais... que*, *por muito... que*, *por menos... que*, *por pouco... que*, etc.; ou simplesmente por *por... que*. Exemplos:

✓ *POR MAIS poderosos QUE sejam, a verdade não se curvará a eles*;

✓ *Por muito depressa que andes, não o alcançarás*;

✓ *POR verdadeiras QUE sejam tuas palavras, ninguém crerá em ti.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1 (DE ROCHA LIMA).** «Estas mesmas locuções – sem interposição de adjetivos, ou advérbios – modificam diretamente o verbo que vem depois:

✓ *Por mais que* argumentes com talento, / o júri recusará tuas razões.

✓ *Por pouco que* ajudes, / sempre será precioso o teu auxílio.»[110]

---

[110] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 344.

☞ **OBSERVAÇÃO 2.** Mais ainda, por razões expressivas pode elidir-se a preposição que introduz estes grupos:

✓ *Poderosos QUE sejam, a verdade não se curvará a eles;*

✓ *Mil anos QUE eu vivesse, jamais o esqueceria.*

→ Quando *reduzidas*, as CONCESSIVAS podem sê-lo:

▫ a GERÚNDIO:

✓ *Não SENDO médico, conseguiu todavia curá-la;*

✓ *SENDO (embora) médico, não conseguiu curá-la;*

(**OBSERVAÇÃO**: o *embora* intercalado na concessiva já não é conjunção, senão que retornou à origem adverbial);

▫ a INFINITIVO regido de uma das seguintes locuções: *apesar de, não obstante, sem embargo de, a despeito de:*

✓ *APESAR DE [NÃO OBSTANTE, SEM EMBARGO DE, A DESPEITO DE] não SER médico, conseguiu todavia curá-la;*

✓ *Conseguiu curá-la(,) APESAR DE (NÃO OBSTANTE, SEM EMBARGO DE, A DESPEITO DE) não SER médico;*

• As **CONDICIONAIS** (OU **HIPOTÉTICAS**)[111] expressam a circunstância de que depende o cumprimento do expresso na subordinante. Mas o que expressam varia segundo diversos matizes:

◆ fato ou ação de cumprimento impossível (hipótese irrealizável):

✓ *SE eu tivesse vinte anos, empreendê-lo-ia. / Eu empreendê-lo-ia(,) SE tivesse vinte anos,;*

◆ fato ou ação de cumprimento possível, ou provável, ou ainda desejável:

✓ *SE um dia tiver condições para tal, empreendê-lo-ei. / Empreendê-lo-ei(,) SE um dia tiver condições para tal;*

◆ desejo, ou esperança, ou ainda pesar, mais comumente em oração ou exclamativa e/ou reticenciosa, cuja subordinante está quase sempre implícita:

✓ *Se ela soubesse!...;*

✓ *Se não envelhecêssemos...*

→ A conjunção condicional paradigmática é *se*, que em princípio requer verbo no subjuntivo (pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito ou futuro),

[111] Em certo sentido, e se se põe antes da subordinante, grande parte das adverbiais desta espécie é hipotética: se me dizem *Quando cessou a chuva*, fico com o espírito suspenso à espera de que se complete o dito: *partimos*. Em outras palavras, recebe-se a subordinada na hipótese de que se complete.

conquanto seja lícito pô-lo no indicativo se expressa fato ou ação reais (ou admitidos como tais):

✓ *SE não te **esforças**, como queres progredir? / Como queres progredir(,) SE não te **esforças**?*

▫ Ainda em forma *desenvolvida*, porém, a ORAÇÃO CONDICIONAL pode introduzir-se por *caso* ou por uma destas locuções: *contanto que, dado que, desde que, sem que, uma vez que, a menos que*, etc.:[112]

✓ *CASO (DADO QUE, DESDE QUE, UMA VEZ QUE) desapareça a causa, cessará o efeito. / Cessará o efeito(,) CASO (DADO QUE, DESDE QUE, UMA VEZ QUE) desapareça a causa;*

✓ *SEM QUE (A MENOS QUE) desapareça a causa, não desaparecerá o efeito. / Não desaparecerá o efeito(,) SEM QUE (A MENOS QUE) desapareça a causa;*

✓ *Emprestar-te-ei a coleção(,) CONTANTO QUE (DESDE QUE) ma devolvas na semana que vem;*

✓ *Não te emprestarei a coleção SEM QUE (A MENOS QUE, A NÃO SER QUE, etc.) ma devolvas na semana que vem.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1**. Nos dois últimos exemplos, não se usa antepor à subordinante a condicional, e expressa-se, cumulativamente, matiz imperativo ou impositivo.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2**. De notar é a correlação entre modos e tempos verbais requerida pelas diversas conjunções condicionais.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3**. A oração condicional pode prescindir de conjunção, caso em que pode antepor-se (mais comumente) ou pospor-se à subordinante, além de ter o verbo anteposto ao sujeito:

✓ *Não ESTIVESSE ELE ausente do país, teria comparecido à solenidade.*

→ Quando *reduzidas*, as CONDICIONAIS podem sê-lo:

▫ a GERÚNDIO:

✓ *DESAPARECENDO (ou **Em** DESAPARECENDO) a causa, cessará o efeito;*

▫ a PARTICÍPIO:

✓ *DESAPARECIDA a causa, cessará o efeito;*

▫ a INFINITIVO:

✓ ***A** DESAPARECER a causa, cessará o efeito.*

---

[112] Note-se a plasticidade de algumas destas conjunções: podem ser ora causais, ora condicionais, etc.

Observação de Rocha Lima. «Na última dessas construções, de teor por excelência literário, o infinitivo vem regido pela preposição *a* e equivale à oração desenvolvida de verbo no pretérito ou no futuro do subjuntivo:

"(...) mas tudo tão caro que, *a não haver inconveniência*, ousarei dizer que a comedela foi a maior fraude que se tem feito com santos em Braga" (Camilo Castelo Branco);

"Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que, *a não sermos nós*, já teria voltado para lá..." (Machado de Assis).»[113]

• As **conformativas**, como indica seu próprio nome, expressam a conformidade ou acordo do que significam com o significado pela subordinante. Introduz-se por *como*, por *conforme*, por *consoante*, ou ainda por *segundo*, e não se reduz a nenhuma forma nominal:

✓ *Tudo se passou* COMO (ou CONFORME, ou CONSOANTE) *Marcos o previra*;

✓ *Segundo os pressupostos, a conclusão não pode ser senão esta.*

⇨ **Observação.** Também podem considerar-se CONFORMATIVAS orações como as do seguinte exemplo:

✓ "Cristo, ENQUANTO (é) Deus...; Cristo, ENQUANTO (é) homem..." (Pe. Antônio Vieira).

→ Ainda porém que não se suponha a elipse do verbo *ser*, *enquanto* comuta-se perfeitamente por *como* ou por *na qualidade de*:

✓ "Cristo, ENQUANTO (ou COMO, ou NA QUALIDADE DE) Deus...; Cristo, ENQUANTO (ou COMO, ou NA QUALIDADE DE) homem..."

→ E com isto se mostra infundado também o "rumor" de que este uso de *enquanto* é condenável.

• As **comparativas** estão para a subordinante assim como o comparante está para o comparado. Não se usam senão em forma desenvolvida. Há dois tipos básicos de comparativas.

→ Antes de tudo, as ASSIMILATIVAS, que se introduzem por *como* (= do mesmo modo que):

✓ "Como uma cascavel que se enroscava,
A cidade dos lázaros dormia..."
(Augusto dos Anjos);

✓ *A cidade dos lázaros dormia* COMO *uma cascavel que se enroscava*.

---

[113] Rocha Lima, *op. cit.*, p. 348.

Observação. *Como* pode ser reforçado por *assim*, e/ou por *assim* ou *assim também* na subordinante:

- ✓ *COMO paralelas, que nunca se encontram,* ASSIM *caminham agora aqueles amigos de juventude*;
- ✓ "ASSIM COMO as demonstrações se obtêm a partir das causas, ASSIM [ou ASSIM TAMBÉM] se obtêm as definições" (ARISTÓTELES).

→ Depois, as QUANTITATIVAS, pelas quais se confrontam fatos, estados ou ações semelhantes (*comparação de igualdade*), ou fatos, estados ou ações dessemelhantes (*comparação de superioridade* ou *de inferioridade*). Usam-se para isso determinadas fórmulas correlativas:

- *que* ou *do que* (em relação a *mais, menos, maior, menor, melhor, pior*, na subordinante);
- *qual* (em relação a *tal* ou *como*, na subordinante);
- *quanto* (em relação a *tanto*, na subordinante);
- *como* (em relação a *tal, tão* ou *tanto*, na subordinante).

Exemplos:[114]

- ✓ *O silêncio é* MAIS *precioso QUE (DO QUE) [o é] o ouro*;
- ✓ *Você procedeu* TAL *QUAL (COMO) eu esperava*;
- ✓ *O cirurgião fez* TANTO *QUANTO seria possível*;
- ✓ *Nada o pungia* TANTO *QUANTO (COMO) [o pungia] o sorriso triste daquela criança*.

Observação 1. Amiúde, como visto pelos exemplos, dá-se nas COMPARATIVAS elipse de termos:

- ✓ *Não posso pensar como tu [pensas]*;
- ✓ *Esta peça é mais bela do que a outra [é bela]*.

Observação 2. Quando a conjunção é *como*, não raro se *omite* o mesmo correlativo:

- ✓ *A rua estava (*TÃO*) vazia COMO [o é] um deserto*;
- ✓ *Trabalha (*TANTO*) COMO [trabalha] um condenado*.

Observação 3. Quando se trata de comparação com fato, com estado ou com ação inexistentes, emprega-se o grupo comparativo-hipotético *como se*, com o verbo no imperfeito do subjuntivo:

---

[114] Extraídos de Rocha Lima, *op. cit.*, p. 349.

✓ "O velho fidalgo estremeceu COMO SE **acordasse** sobressaltado..." (REBELO DA SILVA).

- As **CONSECUTIVAS** expressam consequência do dito na subordinante.

→ Em forma dessenvolvida, introduzem-se por *que* e sempre se pospõem à subordinante, em que se acha algum intensificador (*tão, tal, tanto* ou *tamanho*). Exemplos:

✓ *É* **TÃO** *generoso*(,) *QUE impressiona a todos*;

✓ *Deram-se* **TAIS** *provas*(,) *QUE não hesitei em assentir*;

✓ *O balão encheu-se* **TANTO**(,) *QUE estourou*;

✓ *Foram* **TAMANHAS** *suas mentiras, QUE todos se afastaram dele.*

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Por vezes o intensificador fica implícito. Vejam-se os exemplos postos por Rocha Lima:[115]

✓ "Deus! ó Deus! onde estás QUE não respondes?" (CASTRO ALVES) [ou seja: *em que lugar TAL estás QUE*];

✓ "Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
QUE, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao céu"
(ALMEIDA GARRETT) [ou seja: *asas TAIS, QUE*];

✓ "São as afeições como as vidas, *que* não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito" (ANTÔNIO VIEIRA) [ou seja: *São as afeições como as vidas, TAIS QUE...*].

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Também é de certo modo CONSECUTIVA a oração introduzida por *que* seguido de *não*, se a subordinante também é negativa. Exemplo:

✓ *Não abre a boca nenhuma vez*(,) *QUE NÃO diga alguma verdade*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 3.** Por ênfase, empregam-se os grupos *de* (*tal*) *modo que, de* (*tal*) *sorte que, de* (*tal*) *maneira que*, etc.:

✓ "Ao filósofo natural pertence o estudo de todas as coisas que movem **DE MODO** (**TAL**) QUE, por sua vez, sejam movidas" (ARISTÓTELES).

¶ Note-se, porém, que nestes grupos só *que* é parte da CONSECUTIVA; *de modo* (*tal*), locução adverbial, é parte da subordinante. Omitida, porém, a palavra *tal*, estes grupos podem passar a locução (*de modo que, de maneira que, de sorte que*, etc.) e a pertencer, em conjunto, à CONSECUTIVA: em outras palavras, tornam-se *locuções consecutivas*:

[115] *Ibidem*, p. 351.

✓ *Deu-lhes todas as explicações necessárias,(;)* DE SORTE QUE *já não há razão para desconfianças*.

→ As consecutivas podem reduzir-se a INFINITIVO regido de *de* ou de *sem*, ou ainda da locução *a* (ou *ao*) *ponto de*:

✓ *O acidente era grave* **de** INSPIRAR *terror*;

✓ *Não abre a boca nenhuma vez* **sem** DIZER *alguma verdade*;

✓ *Teve de trabalhar* **a ponto de** ESGOTAR-SE.

- As **FINAIS** expressam, precisamente, a finalidade do que se diz na subordinante.

→ Em forma *desenvolvida*, introduzem-se de *para que* ou de *a fim de que*, ou ainda de *porque*, e têm o verbo no subjuntivo:

✓ *Recorreu a todos os meios a seu alcance* PARA QUE *o levassem a sério*. / PARA QUE *o levassem a sério, recorreu a todos os meios a seu alcance*;

✓ *Trabalha sem trégua* A FIM DE *que nada falte à família*. / A FIM DE QUE *nada falte à família, trabalha sem trégua*;

✓ *Todos necessitamos de muita força de vontade* PORQUE *vençamos o orgulho*. / PORQUE *vençamos o orgulho, todos necessitamos de muita força de vontade*.

→ As FINAIS reduzem-se a INFINITIVO introduzido por *por*, por *para* ou por *a fim de*:

✓ *Esforça-te* POR (PARA ou A FIM DE) *compreender o que ele escreve*.

- Se tal se pode dizer, as **MODAIS** são das orações mais propriamente adverbiais, justamente porque o *modo* constitui, com o *tempo* e o *lugar*, o mais propriamente adverbial. Mas, assim como não temos em português orações locativas de espécie alguma, assim tampouco temos orações modais desenvolvidas, tão só GERUNDIAIS.

✓ "A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
SONHANDO, IMAGINANDO, OU ESTUDANDO,
Senão VENDO, TRATANDO e PELEJANDO"
(CAMÕES).

- As **PROPORCIONAIS**, como diz Said Ali, expressam "aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou em sentido contrário a outro aumento ou diminuição".[116] Para tal, empregam-se os seguintes pares correlativos: *quanto mais... (tanto) mais*; *quanto menos... (tanto) menos*; *quanto mais... (tanto)*

---

[116] Said Ali, *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1964, p. 146.

menos; *quanto menos... (tanto) mais*; *quanto maior... (tanto) maior*; *quanto melhor... (tanto) pior*; *quanto maior... (tanto) menor*; e outros que tais. O primeiro membro do par vem sempre na PROPORCIONAL, ao passo que o segundo vem sempre na subordinante. Exemplos:

✓ *QUANTO mais a escuto, (TANTO) MAIS a aprecio*;

✓ *QUANTO MAIOR a altura, (TANTO) MAIOR é o tombo.*

➭ **OBSERVAÇÃO 1.** Também se dizem **PROPORCIONAIS** as orações introduzidas por *à medida que*, por *à proporção que* ou ainda por *ao passo que*:

✓ *Crescemos em sabedoria À PROPORÇÃO QUE* (ou *À MEDIDA QUE*, *AO PASSO QUE*) *envelhecemos*.

➭ **OBSERVAÇÃO 2.** Não se confunda a locução *ao passo que* como equivalente de *à proporção que* com seu uso como equivalente de *enquanto*, como neste exemplo:

✓ *ENQUANTO* (ou *AO PASSO QUE*) *uns se decepcionaram, outros se deleitaram.*

Poderíamos chamar *opositiva* a esta oração.

• As **TEMPORAIS** podem dar-se em forma *desenvolvida* ou *reduzida*.

→ Em forma *desenvolvida*, a TEMPORAL tem *quando* por advérbio-conectivo paradigmático:

✓ *QUANDO a morte chegou, encontrou-o em paz. / A morte encontrou-o em paz(,) QUANDO chegou*;

✓ *QUANDO a morte chega, havemos de encontrar-nos em paz. / A morte há de encontrar-nos em paz(,) QUANDO chega*;

✓ *QUANDO a morte chegar, haverá de encontrar-nos em paz. / A morte haverá de encontrar-nos em paz(,) QUANDO chegar.*

▫ Se porém se há de assinalar *fato ou ação posteriores* a outro (expresso na subordinante), introduz-se a TEMPORAL por *antes que* ou *primeiro que*:

✓ *ANTES QUE* (ou *PRIMEIRO QUE*) *comeces a ensinar, deves preparar-te um pouco mais. / Deves preparar-te um pouco mais(,) ANTES QUE* (ou *PRIMEIRO QUE*) *comeces a ensinar.*

▫ Se se há de assinalar fato *imediatamente anterior* a outro (expresso na subordinante), introduz-se a TEMPORAL por uma das seguintes conjunções: *apenas*, *mal*, *nem bem*, *assim que*, *logo que*, etc.:

✓ *APENAS (MAL, NEM BEM, ASSIM QUE) entrou, todos a aplaudiram. > Todos a aplaudiram(,) APENAS (MAL, NEM BEM, ASSIM QUE) entrou.*

▫ Se se há de assinalar a duração de um fato ou a de uma ação, ou ainda sua simultaneidade a outro fato ou a outra ação, a TEMPORAL introduz-se por *enquanto*:

✓ *ENQUANTO viveram ali, desfrutaram certa tranquilidade. / Desfrutaram certa tranquilidade ENQUANTO viveram ali;*

✓ *Malha-se o ferro ENQUANTO está quente.*

▫ Se se há de assinalar a iteração periódica, a TEMPORAL introduz-se por *sempre que*, de *cada vez que*, de *todas as vezes que*, etc.:

✓ *SEMPRE QUE (CADA VEZ QUE, TODAS AS VEZES QUE) vejo esta gravura, não posso deixar de admirá-la. / Não posso deixar de admirar esta gravura SEMPRE QUE (CADA VEZ QUE, TODAS AS VEZES QUE) a vejo.*

▫ Se se há de assinalar o momento a partir do qual algo se dá, a TEMPORAL introduz-se por *desde que*; e, se se há de assinalar o termo em que algo termina, introduz-se por *até que*. Naturalmente, as duas TEMPORAIS podem dar-se sucessivamente:

✓ *Temos de lutar / DESDE QUE nascemos / ATÉ QUE morremos.*

→ Quando *reduzidas*, as TEMPORAIS podem sê-lo:

▫ a GERÚNDIO:

✓ *CHEGANDO (**Em** CHEGANDO) o inverno, teremos já lenha suficiente;*

✓ *TENDO CHEGADO* (ou *SENDO CHEGADO*) *o inverno, já tínhamos lenha suficiente;*

▫ a INFINITIVO regido de *ao*, *até*, *antes de*, *depois de*, etc.:

✓ ***Ao** AMANHECER, cantam os galos. / Cantam os galos(,) **ao** AMANHECER;*

✓ *Siga por este caminho(,) **até** ENCONTRAR uma cruz de pedra;*

✓ ***Antes de** PASSARMOS a outra lição, estuda detidamente esta. / Estuda detidamente esta lição(,) **antes de** PASSARMOS a outra.*

▫ ou a PARTICÍPIO:

✓ *TERMINADA a tradução, foi caminhar com os filhos;*

✓ *TERMINADA **que** foi* (ou *estava*) *a tradução, foi caminhar com os filhos.*

☞ **OBSERVAÇÃO.** A circunstância ou modalidade *tempo* pode expressar-se ainda mediante oração **JUSTAPOSTA** à subordinante:

✓ *Não nos encontrávamos havia (fazia) semanas.*

¶ Ambas estas formas estão corretas:

✓ *Faz (Há) quase meio século, deixou a terra natal;*

✓ *Faz (Há) quase meio século que deixou a terra natal.*

☞ **NOTA FINAL.** Pode ver-se agora com mais clareza que, se se juntam duas orações, assindeticamente ou sindeticamente, há sempre – *segundo a significação* – uma subordinante e outra subordinada. Se assim é, repita-se, coordenação entre orações não pode dizer-se senão do mesmo modo que se diz justaposição: ou seja, no plano da *figura*.

SÉTIMA PARTE

REGÊNCIA VERBAL E CRASE

I
DEFINIÇÃO DE REGÊNCIA

1.1. Chama-se **REGÊNCIA** a *qualquer relação sintática entre um termo regente – o que requer – e um termo regido – o que é requerido*. Assim, todo e qualquer complemento é termo regido, quer de um nome – quando se diz complemento nominal – quer de um verbo – quando se diz complemento verbal. Mas, se é assim, então o estudo da regência é duplo (nominal ou verbal) e se faz do ângulo do termo regente: diz-se *a regência de tal nome ou de tal verbo.*[1]

OBSERVAÇÃO 1. Não estudaremos aqui a regência nominal, em que o termo regido não se especifica ou se divide senão pelo que significa. Já a vimos suficientemente ao longo desta *Suma.*[2] Tampouco estudaremos aqui as espécies de complementos verbais, as quais, aliás, já estudamos não só suficientemente, mas cabalmente. Aqui estudaremos apenas, por um lado, os verbos de regência mais duvidosa e, por outro lado, a crase, que é um como subcapítulo da Regência Verbal.

OBSERVAÇÃO 2. A preposição não só é o que liga o termo regido ao regente, mas faz parte daquele: assim, em *Viajou a Recife*, a preposição *a* não só liga *Recife* a *Viajou*, mas é parte do mesmo termo regido, *a Recife*. No entanto, também se diz que a preposição rege o complemento do nome ou do verbo, ou, o que é o mesmo, que este é regido desta ou daquela preposição.

OBSERVAÇÃO 3. Por complexa, porém, que seja a noção de regência, e por mais que possa haver variantes quanto à sua definição, algumas destas não se podem aceitar. É o caso do que dizem Cunha e Cintra:

> «A REGÊNCIA é o movimento lógico [*sic*] irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro. [Até aqui, não há muito de que discrepar.] Por exemplo: a conjunção *embora* pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no subjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção *embora*; logo a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo

---

[1] Esta parte poderia chamar-se Sintaxe de Regência Verbal, à Carlos Góis.

[2] Mas convém ter sempre à mão o *Dicionário Prático de Regência Nominal*, de Celso Pedro Luft, e o *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos*, de Francisco Fernandes.

regido. Sobre o conceito de REGÊNCIA e suas relações com o de CONCORDÂNCIA, veja-se Louis Hjelmslev. La notion de rection. *Acta Linguística, I:* 10-23,1939.»[3]

Se assim fosse, no português anterior ao do século XX teríamos um caso de não regência: porque então, com efeito, *embora* não requeria o verbo no subjuntivo nem no indicativo, senão que o modo verbal lhe era indiferente. Como porém o verbo não requeria, necessariamente, a conjunção *embora*, ter-se-ia então um caso sem regente nem regido.

1.2. Como dito, boa parte dos verbos admite mais de uma regência.

1.2.1. Na maior parte dos casos, a diversidade de regência corresponde a alguma variação significativa. Exemplo:

✓ *ASPIRAR* [= inspirar, respirar, sorver] *o ar do litoral* [transitivo direto];

✓ *ASPIRAR* [= ansiar, anelar] ***a** um alto posto* [transitivo indireto a relativo introduzido por *a*].

1.2.2. Alguns verbos, todavia, podem empregar-se com mais de uma regência mas sem variação significativa. Exemplo:

✓ *NECESSITA* ***de** ajuda* [transitivo indireto a relativo introduzido por *de*];

✓ *NECESSITA* *que o ajudemos* [transitivo direto de complemento oracional].

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Nada impede, contudo, que se diga *NECESSITA* *de que o ajudemos*, ou até, ainda que menos propriamente no padrão culto atual, *NECESSITA* *ajuda*.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Por vezes, por outro lado, não varia senão a preposição:

✓ *PENSAR* ***num** assunto*;

✓ *PENSAR* ***a respeito** de um assunto*.

1.2.3. Outros, por fim, variam de significação sem variar, todavia, de regência. Exemplo:

✓ *CARECER* [= *não ter*] ***de** ajuda* [transitivo indireto a relativo introduzido por *de*];

✓ *CARECER* [= *necessitar*] ***de** ajuda* [transitivo indireto a relativo introduzido por *de*].

OBSERVAÇÃO DE CUNHA E CINTRA. «Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (OBJETO INDIRETO [E COMPLEMENTO

[3] Celso Cunha & Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 531.

RELATIVO]) ou a um nome (COMPLEMENTO NOMINAL) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las, com clareza, das que encabeçam ADJUNTOS ADVERBIAIS OU ADJUNTOS ADNOMINAIS.»[4]

OBSERVAÇÃO. Há que acrescentar apenas que, conquanto menos propriamente, ou antes, *analogamente*, também os adjuntos estão para o que determinam assim como o regido está para o regente.

OBSERVAÇÃO AINDA DE CUNHA E CINTRA. «Muitas vezes, a regência de um verbo estende-se aos substantivos e aos adjetivos cognatos:

Obedecer **ao chefe**	Contentar-se **com a sorte.**
Obediência **ao chefe**	Contentamento **com a sorte.**
Obediente **ao chefe**	Contente **com a sorte.**»[5]

OBSERVAÇÃO. Por razões óbvias, não se dá relação de regência com verbo intransitivo; mas devemos estudar a intransitividade no capítulo mesmo de regência verbal, assim como, *mutatis mutandis*, se estuda a cegueira no tratado da visão.

II
REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS.[6]

2.1. ACREDITAR, CRER.

§ Hoje se usa correntemente como TRANSITIVO INDIRETO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *EM*, quando o complemento não é oracional, e como TRANSITIVO DIRETO, quando o complemento é oracional.

✓ *ACREDITAMOS / CREMOS em suas palavras*;

✓ *Não CREIO / Não ACREDITO que venha*.

OBSERVAÇÃO 1. Não obstante ser construção antes clássica, ainda se pode usar, em certos contextos, OBJETO DIRETO NÃO ORACIONAL: *Não o creio / Não o acredito.* Veja-se exemplo do *novo* Caldas Aulete: "Os apóstolos criam a Jesus" (objeto direto preposicionado).

---

[4] *Ibidem*, p. 532.
[5] *Idem*.
[6] Sempre segundo o padrão culto atual. – Não discriminaremos necessariamente aqui se o complemento é oracional ou não o é.

⇗ **Observação 2.** Quando porém *crer/acreditar* têm o significado de "julgar, supor", constroem-se como TRANSITIVOS DIRETOS COM PREDICATIVO DO OBJETO: *Eu* CRIA-*o* / ACREDITAVA-*o* *mais inteligente*.

⇗ **Observação 3.** *Acreditar* ainda pode ter o sentido de "credenciar", e é então BITRANSITIVO DIRETO E A RELATIVO INTRODUZIDO SOBRETUDO POR JUNTO A: ACREDITAR *um diplomata* ***junto a*** *governo estrangeiro*, etc.

2.2. Agradar.

É sempre transitivo indireto a dativo:

✓ *Agradou-**lhe** o novo poema.*

⇗ **Observação.** Conquanto em tempos remotos este verbo aceitasse a regência direta ("Agradou-o"), hoje esta constitui puro e simples erro.

2.3. Aspirar.

2.3.1. Com o sentido de "inspirar", "respirar", "sorver (ar, etc.)", é TRANSITIVO DIRETO:

✓ "Como o febricitante em dia ardente de estio [= verão], que [= o qual] ASPIRA a brisa da tarde" (Torres);

✓ "Em algumas línguas ASPIRA-se o *h*" (Caldas Aulete [o original, como doravante]).

2.3.2. Com o sentido de "ansiar", "anelar", "pretender", é TRANSITIVO INDIRETO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *A*:

✓ "Que **a** tão altas empresas ASPIRAVA" (Camões);

✓ "Aspiro **a** livrar-me dessa fraqueza" (L. Bittencourt).

⇗ **Observação.** Não se use de abonação os deslizes de grandes escritores quanto a esta regência (e quanto a todas as demais), como neste passo de Cruz e Souza: "Ele sente, ele ASPIRA, ele deseja / A grande zona da imortal bonança". Note-se que aqui se usa *aspirar* como se tivesse a mesma regência (direta) que *desejar*.

2.4. Assistir.

2.4.1. Com o sentido de "comparecer", de "presenciar" ou de "ver (espetáculo)", é TRANSITIVO INDIRETO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *A*:

✓ *Assistimos ontem **a** um funeral*;

✓ "É como se o povo ASSISTISSE **a** um ofício divino" (Herculano);

✓ ASSISTIU ***a** um belo filme*.

2.4.2. Com o sentido de "caber (direito ou razão)", é TRANSITIVO INDIRETO A DATIVO:

✓ *Nenhuma razão **lhe** ASSISTE nesse pleito.*

2.4.3. Com o sentido de "acompanhar", ou com o de "ajudar", "prestar assistência", "socorrer", usa-se indiferentemente como TRANSITIVO DIRETO ou como TRANSITIVO INDIRETO A DATIVO:

✓ "Deus bom, que ASSISTE os coitados" (CYRO DOS ANJOS);

✓ "Continuarei a ASSISTI-la com a discrição requerida pela sua sensibilidade" (J. PAÇO D'ARCOS);

✓ "ASSISTIR **ao moribundo**, agonizante" (CONSTÂNCIO);

✓ "O sacerdote que **lhe** ASSISTIA, na hora do trespasse" (RUI BARBOSA).

2.4.4. Com o sentido de "morar", "residir", "habitar", é TRANSITIVO A COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL INTRODUZIDO POR *EM* OU POR *AQUI*, *ALI*, ETC.:

✓ "Ainda que no céu tenha a minha corte, tanto ASSISTO **na** terra como **no** céu" (PE. ANTÔNIO VIEIRA);

✓ "Você então está ASSISTINDO **por aqui**, neste começo de Gerais?" (GUIMARÃES ROSA).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Nesta acepção, é próprio antes dos clássicos.

2.5. AVISAR, CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR e OUTROS QUE TAIS.

§ Todos estes verbos são BITRANSITIVOS, mas podem construir-se duplamente: ou com o OBJETO DIRETO DESIGNANDO COISA, ou com o OBJETO DIRETO DESIGNANDO PESSOA. No primeiro caso, serão BITRANSITIVOS DIRETOS E A DATIVO; no segundo, BITRANSITIVOS DIRETOS E A RELATIVO INTRODUZIDO POR *DE*:

✓ ou *AVISAR, CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR algo **a** alguém* (= *lho*);

✓ ou *AVISAR, CERTIFICAR, INFORMAR, NOTIFICAR alguém **de** algo*.

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Constitui erro, portanto, empregá-los como duplos transitivos diretos ou como duplos transitivos indiretos: "Avisei-a que devia vir" ou "Informei-lhe de que devia vir".

2.6. CHAMAR.

2.6.1. Com o sentido de "dizer em voz alta o nome de", ou com o de "fazer vir", "convocar", é ou TRANSITIVO DIRETO OU BITRANSITIVO DIRETO E A RELATIVO INTRODUZIDO POR *A*:

✓ *CHAMA o menino, já é hora do jantar*;

✓ "Manda CHAMAR os deuses do mar" (CAMÕES);

✓ "CHAMOU Paulo **a** exercer aquela função" (CALDAS AULETE).

2.6.2. Com o sentido de "dar sinal com a voz ou com algum gesto", é TRANSITIVO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *POR/PER*:

✓ *Ficou CHAMANDO à porta (POR alguém)*.

☞ **OBSERVAÇÃO.** Note-se que aqui se trata de falso intransitivo: o complemento está sempre presente, ainda que implicitamente.

2.6.3. Com o sentido de "invocar", é TRANSITIVO INDIRETO A RELATIVO INTRODUZIDO POR *PER/POR:*

✓ "O Negrinho CHAMOU **pel**a Virgem sua madrinha e Senhora Nossa" (SIMÕES LOPES NETO).

2.6.4. Com o sentido de "dar nome", com o de "apelidar" ou com o de "qualificar", constrói-se multiplamente:

- com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO:
  ✓ *Os pais CHAMARAM-no Pedro;*
  ✓ *Todos o CHAMAM mestre;*
- com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO introduzido por *de:*
  ✓ "CHAMOU **de** 'esperdiçado' o idioma" (RUI BARBOSA);
- com DATIVO + PREDICATIVO:
  ✓ *Todos **lhe** chamam mestre;*
- com DATIVO + PREDICATIVO INTRODUZIDO POR *DE:*
  ✓ "No norte do Brasil CHAMAM **ao** diabo **de**: cão, o cão do inferno" (JOÃO RIBEIRO).

☞ **OBSERVAÇÃO.** A segunda e a última destas possibilidades são antes de evitar.

2.7. CHEGAR e IR.

§ São TRANSITIVOS A COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL INTRODUZIDO POR *A* (nunca por "em"):

✓ *CHEGOU **a** casa às 8 horas;*
✓ *Já CHEGARAM **a** Budapeste;*
✓ *CHEGOU **a** ser* (= *Veio a ser*) *grande compositor;*[7]
✓ *FOI **a** um concerto de música barroca;*
✓ *FORAM **à** escola e já voltam.*

☞ **OBSERVAÇÃO.** Quando *ir* implica certa permanência, então seu complemento se introduz por *para*, razão por que se distinguem *Foi a casa e já volta* e *Depois do trabalho, foi para casa.*

2.8. CUSTAR.

§ Quando usado com o sentido de "ser difícil ou custoso", tem por SUJEITO o que é difícil ou custoso e por OBJETO INDIRETO A DATIVO a pessoa a quem é difícil ou custoso:

✓ *CUSTA-**lhe** crer no que disseram.*

---

[7] Neste caso, requer-se PREDICATIVO: *grande compositor.*

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Constitui erro, portanto, dizer ou escrever "Custei a entender". Diga-se ou escreva-se: *CUSTOU-**me** entender.*

2.9. ENSINAR.

2.9.1. É BITRANSITIVO DIRETO E A DATIVO:

✓ "ENSINOU-**te** a dança, a música, o desenho" (CONSTÂNCIO);

✓ *ENSINOU-**lhes** a arte da tradução.*

2.9.2. Quando o que se ensina é expresso por infinitivo, constrói-se como BITRANSITIVO DIRETO E A RELATIVO INTRODUZIDO POR *A*:

✓ "ENSINA-o **a** CONVERTER cada espinho em flor" (CAMILO CASTELO BRANCO);

✓ "ENSINEI o João **a** TRAÇAR figuras geométricas" (NÓBREGA).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Pode construir-se também com DATIVO + RELATIVO INTRODUZIDO POR *A*: "Esparta ENSINAVA ao adolescente **a** morrer pela glória" (LATINO COELHO).

2.9.3. Quando se cala o que se ensina, é TRANSITIVO DIRETO:

✓ *ENSINOU as meninas até o curso secundário.*

2.9.4. Com o sentido de "corrigir", ou com o de "adestrar ou amestrar", é OU TRANSITIVO DIRETO OU BITRANSITIVO DIRETO E A RELATIVO (INFINITIVO) INTRODUZIDO POR *A*:

✓ *A vida a ENSINOU;*

✓ "ENSINAR um cão **a** FAZER habilidades" (MORAIS).

⇗ **OBSERVAÇÃO.** Todas as demais possibilidades são variações destas e sempre trazem implícito algum termo.

2.10. ESQUECER e OLVIDAR.

§ Com o sentido de "cair da lembrança", constroem-se triplamente:

- como TRANSITIVOS DIRETOS:

  ✓ *ESQUECI/OLVIDEI a lição;*

- como TRANSITIVOS A RELATIVO INTRODUZIDO POR *DE*, quando pronominais:

  ✓ *ESQUECI-ME/OLVIDEI-ME **da** lição;*

- ou como TRANSITIVOS A DATIVO:

  ✓ "ESQUECERAM-**me** [OLVIDARAM-**me**] todas as mágoas, e comecei a gostar desse Belmiro que olhava para o salão como se estivesse contemplando o mar" (CYRO DOS ANJOS).

⇗ **OBSERVAÇÃO 1.** Nesta última possibilidade, o SUJEITO da oração é o que, na primeira possibilidade, era OBJETO DIRETO.

⇗ **OBSERVAÇÃO 2.** Não é da língua culta usar este verbo como não pronominal e, a uma só vez, como transitivo a relativo introduzido por *de*:

"Esqueceu da lição". Evite-se *absolutamente* na escrita em que não se busque reproduzir o coloquial.

⇗ **Observação 3.** Tampouco é de imitar a construção que se acha neste passo: "Não lhes esqueça 'de' regarem o passeio adiante da porta" (Almeida Garrett).

2.11. Implicar.

§ Com o sentido de "supor" ou com o de "acarretar", é sempre transitivo direto:

✓ *Tal conclusão* implica *tais premissas*;

✓ *Isso* implicará *graves consequências*.

⇗ **Observação.** Constitui erro, portanto, usá-lo como transitivo indireto a relativo introduzido por *em*: "Isso implicará 'em' graves consequências".

2.12. Interessar.

2.12.1. Com o sentido de "ser do interesse de", com o de "ser proveitoso a", com o de "importar" ou com o de "dizer respeito a", emprega-se, indiferentemente, como transitivo direto ou como transitivo indireto a dativo:

✓ "Interessavam-no as miudezas daquela metamorfose" (Camilo Castelo Branco);

✓ *Isto* interessa *às pessoas de todas as idades*;

✓ "Estas circunstâncias interessam à questão, respeitam à questão..." (Rui Barbosa).

2.12.2. É transitivo direto quando tem:

- o sentido de "captar ou prender a atenção, a curiosidade", ou o de "excitar a":

  ✓ "Nada os interessa" (Euclides da Cunha);

- ou o de "atingir", "ofender", "ferir":

  ✓ "O ferimento interessou a aorta" (Antenor Nascentes).

2.12.3. É bitransitivo direto e a relativo introduzido por *em*:

- com o sentido de "dar parte num negócio ou nos ganhos de":

  ✓ Interessamo-*los* **neste** *empreendimento comercial*;

- ou com o de "atrair ou provocar o interesse, a curiosidade por":

  ✓ "O bispo de São João d'Acre faz uma digressão para interessar **nesta** empresa alguns príncipes da cristandade" (Pe. Teod. Almeida);

  ✓ "Como quem o queria interessar **no** perdão e [**na**] conservação de coisa sua" (Pe. Antônio Vieira).

2.13. Lembrar, recordar.

§ Constroem-se exatamente como seus antônimos (*esquecer* e *olvidar*):

✓ *LEMBREI/RECORDEI a lição*;

✓ *LEMBREI-ME/RECORDEI-ME **da lição***;

✓ *LEMBROU-**me**/RECORDOU-**me** a lição.*

OBSERVAÇÃO. Tampouco pois são corretos "Lembrei 'da' lição" e "Lembrou-me 'da' lição".

2.14. OBEDECER/DESOBEDECER e RESPONDER.

§ Valha para estes três verbos algo que já se disse: a segunda classe de DATIVO compõem-na os complementos de verbos que requerem objeto indireto (ou seja, comutável por *lhe* e demais pronomes dativos), mas não requerem (ao menos necessariamente) objeto direto:

[...]

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *tua mãe?* [= *Já LHE respondeste?*];

✓ *Obedece A teu pai* [= *Obedece-LHE*].

OBSERVAÇÃO 1. Ambos os verbos *responder* e *obedecer* admitem também objeto direto:

✓ *Já respondeste a carta* [acusativo] *à tua mãe?* [= *Já LHa respondeste?*];

✓ *Obedece a ordem* [acusativo] *A teu pai* [= *Obedece-LHa*].

O mais comum no Brasil, porém, é dar outro torneio a estas orações:

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *carta* [complemento relativo] *de tua mãe?* [adjunto adnominal de *carta*];

✓ *Obedece à ordem* [*A* + *a*] [complemento relativo] *de teu pai* [adjunto adnominal de *ordem*].

OBSERVAÇÃO 2. Atente-se a que ambos estes verbos sempre requerem complemento indireto de alguma espécie, como em *Obedecer às* [*A* + *a*] *leis* [lat. *Parere legibus*]. A diferença entre o latim e o português, neste caso, é que *legibus* está no caso dativo, enquanto *às leis* é complemento relativo. E sabe-se que é assim porque *às leis* não pode comutar-se por *lhes*, mas tão somente por *a elas*: *Obedecer a elas*.

OBSERVAÇÃO 3. Discrepamos dos gramáticos para os quais certos verbos transitivos indiretos, como precisamente *responder* e *obedecer*, aceitam pôr-se na voz passiva. Esta é uma maneira de poupar-se ao esforço de explicar um ponto complexo. Quando se diz *A carta foi respondida*, mantém-se a *antiga* regência destes verbos: "Respondeu a carta", etc. Ou seja, trata-se de sobrevivência de outra fase da língua (especialmente do século XVI e do XVII), e que não constitui a maneira mais afim ao padrão culto atual. A "A carta foi respondida", prefira-se

✓ *LEMBREI/RECORDEI* *a lição*;

✓ *LEMBREI-ME/RECORDEI-ME* ***da** lição*;

✓ *LEMBROU-**me**/RECORDOU-**me** a lição.*

⇨ **OBSERVAÇÃO.** Tampouco pois são corretos "Lembrei 'da' lição" e "Lembrou-me 'da' lição".

2.14. OBEDECER/DESOBEDECER e RESPONDER.

§ Valha para estes três verbos algo que já se disse: a segunda classe de DATIVO compõem-na os complementos de verbos que requerem objeto indireto (ou seja, comutável por *lhe* e demais pronomes dativos), mas não requerem (ao menos necessariamente) objeto direto:

[...]

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *tua mãe?* [= *Já LHE respondeste?*];

✓ *Obedece A teu pai* [= *Obedece-LHE*].

⇨ **OBSERVAÇÃO 1.** Ambos os verbos *responder* e *obedecer* admitem também objeto direto:

✓ *Já respondeste a carta* [acusativo] *à tua mãe?* [= *Já LHa respondeste?*];

✓ *Obedece a ordem* [acusativo] *A teu pai* [= *Obedece-LHa*].

O mais comum no Brasil, porém, é dar outro torneio a estas orações:

✓ *Já respondeste à* [*A* + *a*] *carta* [complemento relativo] *de tua mãe?* [adjunto adnominal de *carta*];

✓ *Obedece à ordem* [*A* + *a*] [complemento relativo] *de teu pai* [adjunto adnominal de *ordem*].

⇨ **OBSERVAÇÃO 2.** Atente-se a que ambos estes verbos sempre requerem complemento indireto de alguma espécie, como em *Obedecer às* [*A* + *a*] *leis* [lat. *Parere legibus*]. A diferença entre o latim e o português, neste caso, é que *legibus* está no caso dativo, enquanto *às leis* é complemento relativo. E sabe-se que é assim porque *às leis* não pode comutar-se por *lhes*, mas tão somente por *a elas*: *Obedecer a elas*.

⇨ **OBSERVAÇÃO 3.** Discrepamos dos gramáticos para os quais certos verbos transitivos indiretos, como precisamente *responder* e *obedecer*, aceitam pôr-se na voz passiva. Esta é uma maneira de poupar-se ao esforço de explicar um ponto complexo. Quando se diz *A carta foi respondida*, mantém-se a *antiga* regência destes verbos: "Respondeu a carta", etc. Ou seja, trata-se de sobrevivência de outra fase da língua (especialmente do século XVI e do XVII), e que não constitui a maneira mais afim ao padrão culto atual. A "A carta foi respondida", prefira-se

Respondeu-se à carta; a "A carta foi respondida por ele", prefira-se pura e simplesmente *Ele respondeu à carta*; etc.

☞ **Observação 4.** *Responder* também se usa com outros sentidos:

- o de "corresponder", ou o de "atender":
  - ✓ *Esta decisão* RESPONDE ***a** anseios gerais*;
- ou o de "falar ou assumir por":
  - ✓ "Um dia será o conjunto / e não o pormenor e a parcela / [o] que RESPONDERÁ **por** nós" (Odorico Mendes).

2.15. Pagar e perdoar.

§ No padrão culto atual, são ou TRANSITIVOS DIRETOS (quando o objeto direto expressa coisa), ou TRANSITIVOS INDIRETOS A DATIVO (quando o dativo expressa pessoa), ou ainda BITRANSITIVOS DIRETOS E A DATIVO:

✓ *Perdoa as injúrias de todos*;

✓ *Perdoa-**lhes**, porque não sabem o que fazem*;

✓ *Perdoa-**lhes** as injúrias*;

✓ *Pagarei a entrada de todos*;

✓ *Pague-se justamente **aos** empregados* (= *Pague-se-**lhes***);

✓ *Pagar-**te**-ei o jantar*.

☞ **Observação.** Constitui erro, portanto, dizer ou escrever "Perdoa seu irmão" ou "Pague os empregados".

2.16. Pedir.

2.16.1. Quando seu OBJETO DIRETO (ou seja, o que se pede) é "licença, ou permissão, autorização", então é BITRANSITIVO DIRETO E A COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL DE FIM (INTRODUZIDO POR *PARA*). Note-se porém que tal OBJETO DIRETO pode vir implícito:

✓ *Pediu* (*licença*) ***para** sair mais cedo*.

2.16.2. Quando porém seu OBJETO DIRETO não for tal, então será BITRANSITIVO DIRETO E A DATIVO:

✓ *Pediu-**lhe** que saísse*;

✓ *Pedimos-**lhe** que nos dissesse a inteira verdade*.

☞ **Observação 1.** Constitui erro, portanto, dizer ou escrever "Pedimos para ele nos dizer a verdade", "Pedi-lhe /a ele para trazer-me uma lembrança" e outras que tais.

☞ **Observação 2.** Diga-se o mesmo, aliás, com respeito a todos os verbos *rogandi*:

✓ *Rogou-**lhe** / Implorou-**lhe** / Suplicou-**lhe** que saísse*;

✓ *Pedimos-**lhe** / Implorou-**lhe** / Suplicamos-**lhe** que nos dissesse a verdade*,